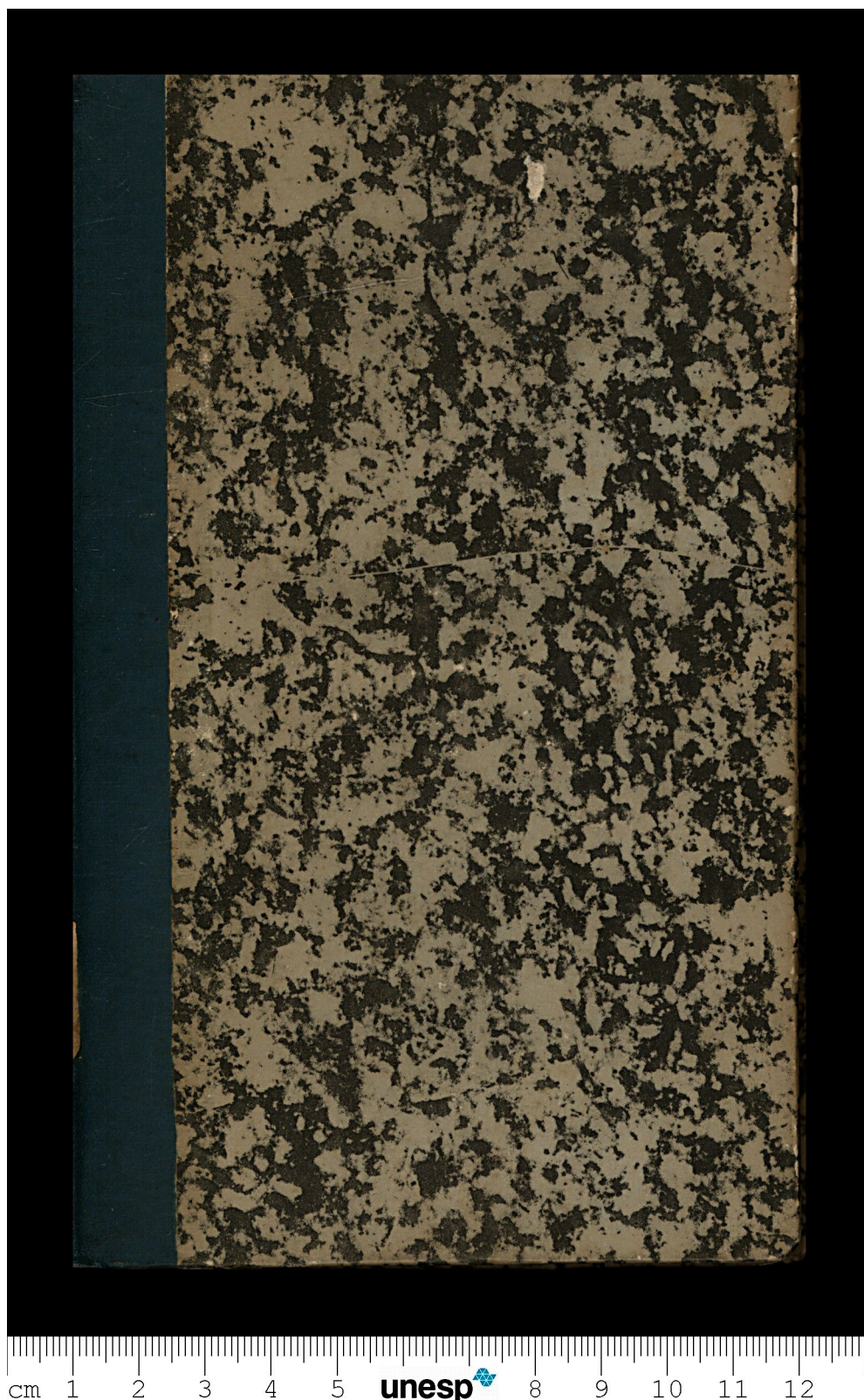
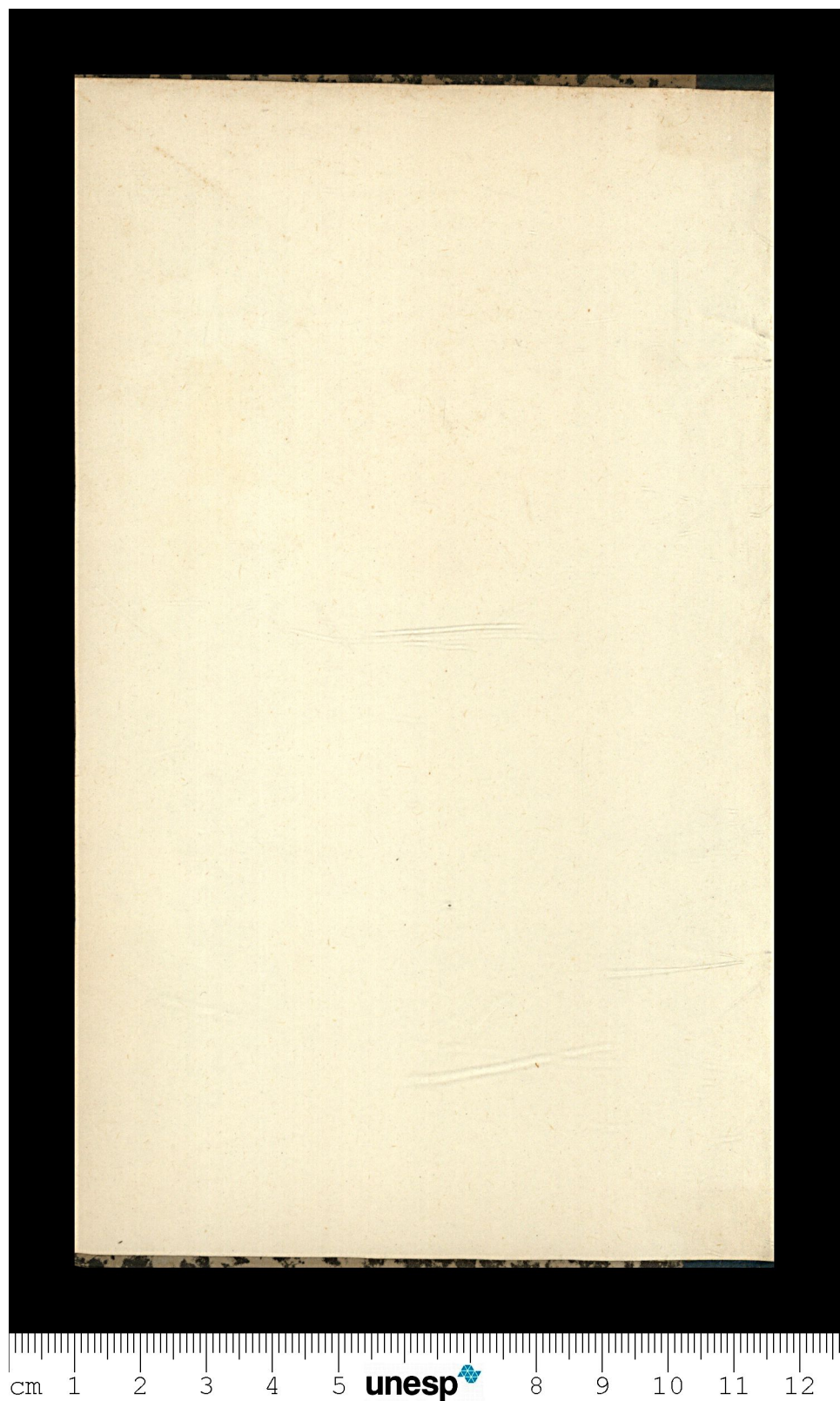
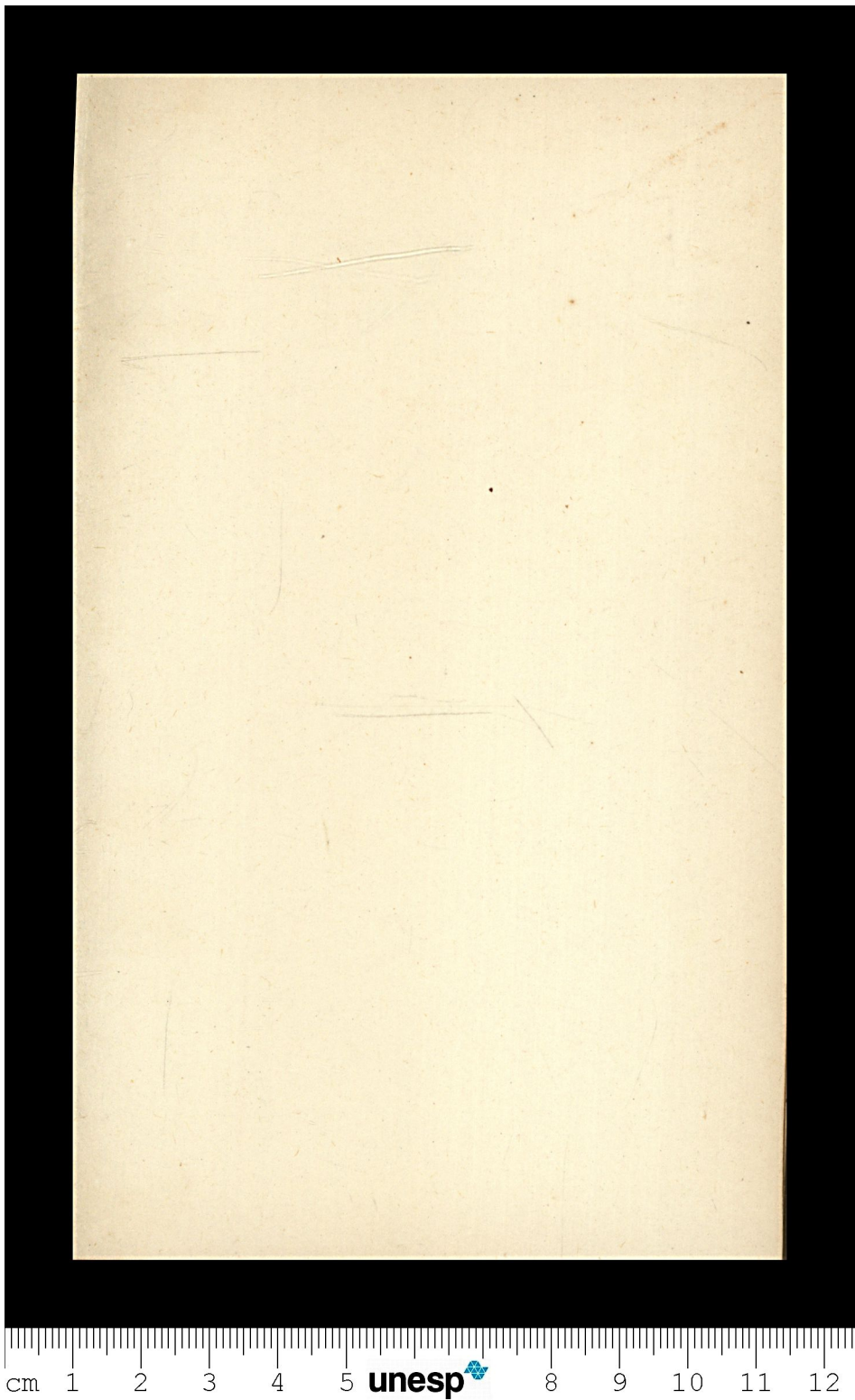
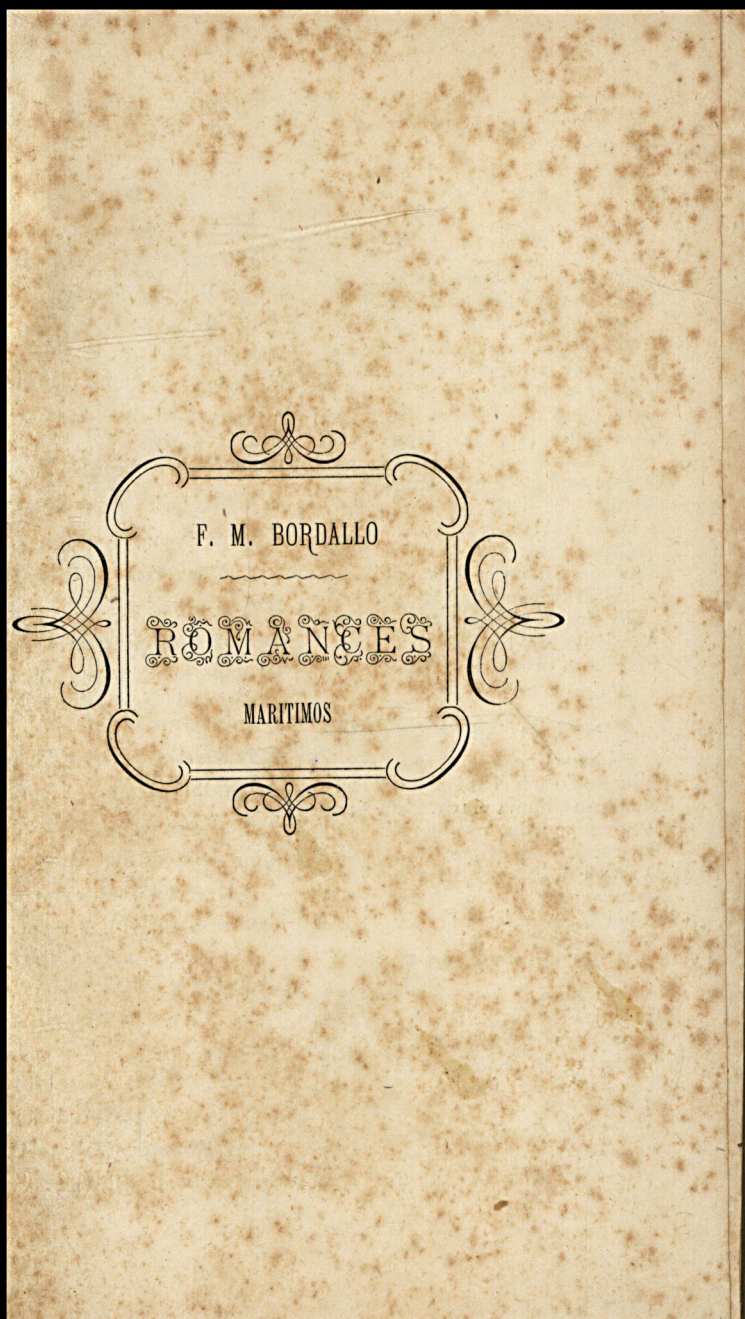












cm 1 2 3 4 unesp 7 8 9 10 11

ERNESTO CHARLTON, EDITOR

C. C. Branco

(ORIGINAES, TRADUÇÕES E REIMPRESSÕES)

A freira no subterraneo.....	500
Memorias de frei João de S. Joseph Queiroz.....	500
Amores do Diabo.....	500
Vida de D. Affonso vi.....	400
Cancioneiro alegre.....	1\$200
Os criticos do Cancioneiro...	200
Compendio da vida e feitos de José Balsamo.....	400
O carrasco de Victor Hugo...	500
Mosaico e silva de curiosidades historicas.....	500
Noites d'insomnia. 12 vol..	2\$400
Sentimentalismo e Historia. Eusebio Macario. D. Antonio, Prior do Crato. 2. ^a edição.....	800
A espada d'Alexandre.....	240
Poesias e prosas ineditas de Soropita.....	500

Ponson du Terrail

O rei dos bohemios. 2 vol..	1\$000
Ajustiça dos bohemios. 2 v.	1\$000
Memorias d'uma viuva. 2 v.	1\$000
A vingança da baroneza..	500
O armeiro de Milão.....	500
O ferreiro da abbadia. 2 v.	1\$000
Os amores d'Aurora. 2 vol.	1\$000
A corda do enforcado. 2 v.	1\$000

Peres Escrich

A calumnia. 5 vol.....	2\$500
Os anjos da terra. 5 vol...	2\$500
A promessa sagrada. 4 vol.	1\$600
O violino do Diabo.....	400
Tal arvore tal fructo.....	400
Um filho do povo.....	300
Quem tudo quer tudo perde.	400
Por bem fazer, mal haver.	500
As culpas dos paes.....	300

F. X. de Novaes

Poesias. 2 vol.....	2\$000
---------------------	--------

Francisco Manoel

Carta de guia de casados...	360
-----------------------------	-----

Romeo Junior

Recordações litterarias.....	500
D. João II, romance historico.	300

João de Lemos

Serões d'aldêa.....	600
Impressões e recordações...	600

Anthero de Quental

Odes modernas.....	400
--------------------	-----

Cunha Vianna

lampagos.....	400
---------------	-----

J. Machado e Chagas

Fóra da terra. Caldas da Rainha, Festas da Nazareth, Leiria, Marinha Grande, etc.....	500
---	-----

Visconde de Castilho

Sonho d'uma noite.....	600
------------------------	-----

Augusto Luso

Impressões da natureza.....	500
-----------------------------	-----

Gomes d'Amorim

Cantos matutinos.....	800
-----------------------	-----

David de Castro

Vislumbres.....	500
-----------------	-----

Lord Byron

Os amores de D. João.....	400
---------------------------	-----

Eça de Queiroz

O primo Bazilio. 2. ^a edição.	1\$000
--	--------

Octavio Feuillet

Os amores de Philippe.....	500
----------------------------	-----

Francisco Maria Bordallo

ROMANCES MARITIMOS

A NAU DE VIAGEM

O GALEÃO ENXOBREGAS



Livraria Internacional

DE

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

PORTO E BRAGA

1880

7.002 2



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS			
Data	8/6/31		
Classif.	B. 12.71		
Numero	2002		

67.8
727a
V. L. P.
12/50

v. 1

Porto : 1880 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancellia Velha, 62

A Nau de Viagem





I

O LARGA-VÉLA

QUEM tivesse madrugado em Lisboa no dia 5 de maio de 183..., que sahisse a gozar o fresco da manhã e que por acaso se encaminhasse na direcção do Terreiro do Paço, teria visto, atracado ao caes das Columnas, um velho e pesado escaler de doze remos, em cuja pôpa estava reclinado um joven guarda-marinha, fumando preguiçosamente o seu charuto... O que, porém, não adivinharia o madrugador, é que n'esse lugar, entre as caducas táboas do batel e com aquelle mancebo por actor, ia começar a primeira scena d'um vasto drama cujo desenvolvimento levaria muitos mezes, e que teria por theatro mui disparatados climas. Nada d'isto imaginava por certo o passeante do Terreiro do Paço na manhã do mencionado dia — mas aqui estou eu



para lhe contar como tudo se passou, se tiver curiosidade de saber a historia, e paciencia para a ouvir com attenção.

Transportemo-nos, pois, a essa época, e encetemos a narração sem invocar mesmo o auxilio das potestades maritimas, para o bom andamento d'esta nossa odyssêa.

Era o sol nado. Apenas interrompiam a uniformidade azul do céu algumas nuvens de pouca densidade que orlavam o horisonte para o poente, e a faixa d'ouro e carmim que, no lado opposto, servia como de throno ao astro que se elevava. O Tejo rolava mansamente as suas aguas, em que a cidade, os navios ancorados e o proprio sol pareciam rever-se. O ar estava tepido e embalsamado pelas flôres da primavera — emfim, era uma manhã de maio em Portugal.

Entre os navios fundeados nas proximidades do Arsenal — ancoradouro das embarcações de guerra — via-se um casco alteroso e pouco aceado, que elevava para o céu tres mastros de pesado apparelho, no tópo d'um dos quaes fluctuava a flammula azul e branca — distinctivo dos navios do Estado — e no tópo do outro a bandeira das mesmas côres, que é o signal de partida. Este navio, de aspecto sinistro, balouçava-se agrilhado á amarra, e deixava vêr a agitação que ia no seu bôjo por um movimento continuo de sombras, que passavam e repassavam pelo claro das portinholas, que se debruçavam da borda, que marinhavam pelos mastros ou que se abysma-



vam nas escotilhas. Tambem soavam ao longe os apitos dos officiaes-marinheiros.

Era a charrua ADAMASTOR que se preparava a largar as aguas do Tejo e seguir viagem para as possessões portuguezas da Africa Oriental e da Asia. E como a partida d'uma *nau de viagem* é sempre um grande acontecimento para nós, estava a ponte do Arsenal de Marinha povoada de curiosos, fallando e *gesticulando* muito ácerca da charrua — não referirei ao leitor o succo d'estes insignificantes commentarios para lhe poupar uma pagina tediosa.

O guarda-marinha do escaler tambem olhava algumas vezes para o que se passava n'aquelle navio, a cuja guarnição pertencia; via os marinheiros trepados pelas enxarcias ageitarem as vergas de *sobrejoanetes*, que outros acabavam de içar para os respectivos lugares; alguns, cavalgados nas vergas de *gaveas* e de *papafigos*, que se preparavam a soltar as vélas; e, finalmente, um som rouco, que a briza da manhã lhe trazia aos ouvidos, annunciava que já a bordo da charrua se virava com força ao cabrestante, mettendo a amarra dentro, e diligenciando arrancar do fundo a pesada ancora.

— Custa-lhes bem a largar a terra, os taes passageiros! — murmurou um marinheiro da prôa da lancha.

— Estão nas despedidas — respondeu outro em voz baixa — uma viagem da India parece-lhes a elles uma bicha de sete cabeças.

O marinheiro não fallára tanto em segredo que o



guarda-marinha o não ouvisse e não estremecesse. Talvez houvesse sido bem dolorosa a sua despedida, mas não o mostrava no rosto a qualquer observador inexperto.

Depois d'este breve dialogo tudo voltou ao primitivo silencio, apenas interrompido pelo susurro que fazem os beijos dos fumantes de profissão, puxando com ancia o cigarro; pois que todos os marujos da lancha estavam fumando com prévia licença do seu official.

Aproveitarei este momento para esboçar a figura do nosso heroe.

O guarda-marinha Fernando d'Athaide teria, quando muito, vinte e dous annos de idade; seus grandes olhos de côr vacillante entre o verde e o azul — d'estes que denunciavam sempre um character melancolico — separavam uma fronte ampla e muito alva, de faces pallidas, sim, mas requeimadas pelo sol dos tropicos; um nariz aquilino, de proporções um pouco maiores do que o ordinario, assombrava um rosto oval e quasi imberbe, moldurado em longas madeixas de cabello louro-castanho. Tinha as mãos alvas e os pés pequenos, e o corpo airoso e de mediana estatura.

Vestia uma fardeta de pano azul cujos canhões eram orlados na parte superior por um estreito galão d'ouro, distinctivo do seu posto; calças brancas, apertadas na cintura pelo telim da espada; e um boné d'uniforme, cahido para traz ao acaso, completava este vestuario elegante em sua mesma simplicidade.



O relógio da Sé começou a dar pausadamente sete horas. Em seguida ouviu-se a detonação d'um tiro de peça: era a *nau de viagem* (como é d'antigo uso chamar-se á charrua da Índia) que avisava o escalér de que era tempo de voltar a bordo, porque ia emfim trocar as águas do Tejo pelas do oceano.

— Quantos irão que não voltarão! — disse com ar risonho o *proeiro*, preparando o croque para afastar a lancha do caes.

— Lá o estão dizendo os sinos das Chagas — acrescentou o *patrão* — e não é dos melhores signaes... aquelles sinos dobrando á sahida da *nau de viagem*... É como no tempo em que tantos galções se perdiam.

— Larga! — interrompeu o guarda-marinha com voz costumada a mandar.

— Larga! — repetiu o *patrão* do escalér continuando mentalmente o seu agourento discurso.

— Larga! — susurrou ainda machinalmente o *proeiro*, empurrando para fóra do caes a prôa da lancha.

Outro marinheiro, porém, que desenrolava a flamula, enxergou duas senhoras e alguns homens proximos da estatua equestre que caminhavam a largos passos para a praia, e apressou-se a dizer:

— Serão aquelles os passageiros, senhor guarda-marinha?

— São elles — respondeu o mancebo com um gesto de impaciencia — esperam pela ultima hora... Atraca lá outra vez.



Já a esse tempo faziam signaes de terra ao escaler para que esperasse.

O homem da prôa tornou a engatar o croque n'um arganéu do caes, e a embarcação ficou segura para receber os passageiros.

— Eu sou o secretario geral do governo da India — disse um homem de amplo abdomen, que se adiantou d'entre o rancho — e estas senhoras a familia que me acompanha na ADAMASTOR. Vossa senhoria é d'aquelle navio?

— Sim, senhor; e só esperava por vossa excellencia — respondeu o mancebo a quem o recém-chegado se dirigira.

E offerecendo a mão direita com galanteria a cada uma das senhoras, procurou collocar-as com commodidade na pôpa da lancha, deixando aos marinheiros o cuidado de ajudarem a embarcar o secretario geral.

Este ainda se demorou um momento em pesado *shakehands* com dous ou tres amigos que lhe vinham fazer as ultimas despedidas, e depois embarcou tambem.

— Dão licença, minhas senhoras? — disse o guarda-marinha, fazendo uma graciosa cortezia, a que ellas responderam com uma leve inclinação de cabeça; — e, elevando a voz, continuou:

— Larga!

— Boa viagem! — bradaram de terra os cavalheiros, agitando os lenços na direcção do escaler que já ia de voga arrancada.



As senhoras não pareciam sentir muito aquella despedida; os seus rostos mostravam tranquillidade.

— Não sentem commoção alguma! — disse consigo mesmo o mancebo — pois esta é joven e bella — acrescentou, lançando um rapido olhar á mais interessante das passageiras; — nada deixa na terra... não lhe fica alli a alma!

E suspirou.

Todos iam silenciosos no escaler. O guarda-marinha aproveitou essa calma para examinar com curiosidade as duas senhoras, e nós faremos o mesmo.

Uma d'ellas, a mais velha, era a digna consorte do snr. Militão d'Azevedo, secretario geral, nomeado para o governo da India. Como já roçava pelos *cincoenta*, não vale a pena de entreter o leitor com a minuciosa descripção da sua figura; parecia mesmo nunca haver sido formosa, porém estava bem conservada — como costuma dizer-se. Trajava um vestido simples de lã e sêda de escuro matiz, e tinha na cabeça um chapéo de velludo rôxo, ornado d'um avultado ramo de flôres — tão variadas as como poderia apresentar um esmaltado jardim. — Quanto á mais joven das passageiras, que apenas mostrava ter dezoito ou dezenove annos, o caso varia muito. É mister delinear os seus contornos com mais precisão. Não podia chamar-se-lhe uma belleza — não, de certo; mas tinha uma graça natural, uma certa distincção de gestos e maneiras, um *não sei quê*... que revelavam n'ella a mulher de espirito — a mulher que arrebatava, mesmo quando se consideram miudamente as suas



feições pouco regulares — uma d'essas filhas d'Eva que inspiram paixões ardentes, que obrigam a fazer loucuras! — Tinha a pelle fina e clara, mas d'uma alvura glacial; os olhos, d'um verde-escuro como mar de tempestade; cabello castanho, quasi negro, enrolado em caracoes longos e estreitos, que se lhe escapavam do chapelinho de palha arrendado e de enfeites brancos. Mal lhe encobria o delicado da cintura uma manta de velludo preto — e o lindo roupão de merino azul-loio deixava vêr a delicada ponta de um lindo pé andaluz, calçado n'um sapatinho envernizado. Quem quizesse notar-lhe defeitos acharia que a donzella tinha as sobrancelhas pouco arqueadas e mais claras do que o cabello; escacez de pestanas, nariz arrebitadinho, estatura pequena... emfim, não era a Venus Aphrodita, nem a Diana Caçadora das estatuas gregas, nem uma madona de Raphael, nem uma virgem de Corregio... mas era encantadora!

Quando o guarda-marinha acabou de fazer as mesmas observações que deixamos registradas, lançou distrahidamente um olhar sobre o secretario geral: não viu no alto funcçionario mais do que uma cara de vender saude — como é vulgar dizer-se; e no seu vestuario todo negro apenas notou um pequeno remendo no lado esquerdo da casaca, o que lhe deu a conhecer que o homem era commendador. — Ora, nada d'isto era bastante para caracterisar uma creatura, e o mancebo persuadiu-se que estava em frente d'uma nullidade.

Entretanto atracára o escaler ao costado da ADA-



MASTOR, e os passageiros foram subindo, como puderam, por aquelles difficeis degraus do portaló. As senhoras, chegando á tolda, ficaram admiradissimas do movimento que encontraram, d'aquelle viver exotico de que a mais joven não tinha a menor idéa. O surro ainda cresceu por alguns minutos. O ferro estava em cima; soltaram-se as vélas, mareou-se o pano á feição do vento, e a charrua começou a deslizar mansamente pelo rio, deixando atraz de si um rasto de escuma que bem depressa havia de perder-se nas aguas — talvez como a lembrança dos que ficavam em terra, promettendo aos que partiam uma perenne recordação!





II

UMA APPARIÇÃO

JÁ vai fóra dos cachopos da barra a ronceira *nau de viagem*, e com todo o seu pano^o largo, voga aproando ao sul.

Em quanto o *enjóo* — essa terrível doença de mar que accomette os novatos — não visita os passageiros, e que ainda elles se conservam na tolda, passemos revista a esta parte da população do microcosmo ADAMASTOR: mais tarde fallaremos da sua tripolação.

Além do secretario geral, sua esposa e sua irmã, pairava no tombadilho com ar espantado uma outra familia, composta tambem de duas senhoras e um homem: era um major que ia governar Quelimane, a sua cara metade e a mãe d'esta menina — verdadeira sogra, um implacável dragão! — O major Barros era homem de cinquenta annos, alto, secco, macilento, de



vasto nariz e longos bigodes grisalhos e retorcidos; a sua consorte mostrava aproximar-se das fronteiras dos *trinta*; não era formosa nem feia, desairosa nem elegante, porém tinha nos olhos uma singular expressão de velhacaria; todo o resto das feições era comum. A sogra, que não devia ser mais moça que o seu querido genro, tinha todavia pretensões a agradar — apesar de feia, desdentada, e possuidora d'um genio de tigre. Já se vê que era uma familia curiosa a do snr. Barros.

Os outros passageiros eram — um juiz da relação de Gôa, alguns sargentos despachados officiaes para o ultramar, e cem *degredados* que, n'esta occasião de largar o porto, iam todos aferrolhados na prisão — lugar escuro e infecto, na coberta do navio.

Dissemos que a charrua já navegava em pleno oceano; é, pois, tempo de apresentar aos leitores o primeiro personagem da ADAMASTOR — o seu commandante: o homem a quem ia confiado aquelle navio e aquella gente — o senhor absoluto entre aquellas táboas.

Havia quinze annos que o senhor Epiphanio de Sousa não embarcava; e, se não estava já muito presente na pratica da navegação, nem por isso se havia esquecido das formalidades prescriptas pelo *Regimento provisional da armada*, para as sahidas dos portos; esperava, pois, com impaciencia que lhe dessem parte de estar *safo* o navio, para mostrar como sabia cumprir as funcções de commandante, seguindo á risca o *Regimento provisional*.



O homem adorava este caduco e inexequível regulamento, feito pelos almirantes do seu tempo — typos do verdadeiro homem do mar, segundo a sua intelligencia. «Estes amigos do rabicho, dizia elle, é que sabiam fazer o serviço... agora qualquer guarda-marinha de primeira viagem já pensa que sabe mais do que o Rodrigo Lobo ou o marquez de Niza».

Explicuemos como ao cabo de quinze annos de descanso o senhor Epiphanio de Sousa tornou a embarcar. Facilmente se perceberá por meio da seguinte deducção.

Nos outros paizes, quando o serviço publico exige a partida d'um navio de guerra para qualquer parte do mundo, procura-se a embarcação propria para a commissão, e escolhe-se depois o official adequado para bem a desempenhar. Nós seguimos a regra inversa... é um systema como outro qualquer.

Quer-se dar o commando d'uma embarcação a um afilhado? — Procura-se d'entre os cascos velhos ancorados tristemente no Tejo, algum que corresponda á patente do protegido, e só depois se cuida no destino que se ha-de dar ao navio.

Applicando esta regra ao nosso caso, temos que o ministro da marinha, que era amigo do senhor Epiphanio, queria, antes de largar a pasta, dar uma boa *posta* ao seu velho amigo; considerando que elle era capitão de fragata, procurou-lhe um navio de tres mastros — e d'esse genero só achou a charrua ADAMASTOR, já duas vezes condemnada e sempre apellando da sentença; depois, como era necessario fazel-o sa-



hir a barra antes que viesse novo ministro e desmanchasse esta boa obra, aconselhou-se convenientemente e viu que só tinha um destino a dar-lhe — mandal-o trilhar a estrada dos nossos immortaes navegadores do seculo XVI... Eis-aqui o simplicissimo motivo por que ia este anno uma embarcação á India. Ninguém pense que foi por consideração com o triste estado d'aquellas nossas ricas possessões, e que iam a bordo da charrua acertadas providencias governativas para acudir aos seus males... nada! — apenas levava ordem para se fazerem as eleições de deputados, e os nomes dos candidatos recommendados pelo governo. Porém, voltando ao nosso Epiphanio de Sousa — era elle um homem de sessenta a setenta annos, cabellos todos brancos, faces muito vermelhas, e o nariz de uma pasmosa semelhança com o bico d'um papagaio. Gostava de bons bocados e não rejeitava o seu copo de vinho generoso. Naturalmente indolente, queria comtudo apparentar uma actividade incompativel com os seus annos, e que mesmo em rapaz não tivera.

Dissemos, pois, que o commandante da ADAMASTOR adorava o *Regimento provisional*, e que não havia esquecido as formalidades da sahida dos portos: assim, logo que foi possível, mandou *apitar á mostra*, tomar os nomes dos passageiros, e carregar com bala e metralha as vinte peças que tinha a bordo.

Obedecendo aos silvos do apito do mestre, a marinhagem e soldados começaram a alinhar-se pelos bordos do navio; os officiaes rodearam o cabrestante; e os passageiros e passageiras, segurando-se ás caro-



nadas e aos varões de metal da *meia-laranja* olhavam estupidamente para todos os movimentos da tripolação.

A mulher do secretario geral estava muito proxima do commandante, exhortando a familia do major a que não tivesse medo, e contando-lhe como já havia feito mais de uma longa viagem e nenhum mal lhe succedera. O senhor Sousa, influido com a presença das senhoras, ainda redobrou de actividade.

— Onde está o fiel da artilheria? — bradou elle.

— Prompto! — respondeu um velho de faces enrugadas e aspecto carregado, que trajava uma japona alvadia, outr'ora capote de soldado.

A voz d'este homem fez dar um pulo á esposa do secretario, e tornou-se pallida como cera quando deu de rosto com o velho.

Mas o fiel da artilheria não reparou n'essa mudança, nem percebeu um pequeno suspiro que soltára a senhora, todo attento a escutar as ordens do seu superior.

N'esse momento chegou o escrevente da charrua a perguntar os nomes dos passageiros, e começou pela mulher do secretario. Ella, abaixando muito a voz, respondeu:

— Dona Candida Angelica Rosa... — E não pôde acrescentar — *d'Azevedo* — porque a lingua se lhe collou ao céu da bocca, encontrando o olhar espantado do soldado, a quem este nome, posto que proferido quasi em segredo, distrahiu como por encanto dos objectos do serviço.

Agora foi o velho que se tornou vermelho.



— Entendes o que te estou dizendo? — gritou o commandante que já lhe havia dado diversas ordens a respeito da artilheria — ou estás pensando na morte da bezerra?

O soldado tornou-se mais vermelho ainda, e os seus olhos abaixaram-se rapidamente.

— Entendi perfeitamente, senhor commandante — respondeu elle — vossa senhoria não determina mais nada?

— Nada — retrucou o senhor Sousa com ar de satisfação — mais nada; porém, o que mandei, que se execute com presteza.

E esfregou as mãos uma contra a outra, como um homem contente de si.

O fiel da artilheria fez a costumada continencia, rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a prôa.

A senhora Dona Candida havia-se restabelecido a custo d'aquella estranha emoção; porém, logo que viu longe o phantasma, apressou-se a perguntar ao commandante quem era aquelle homem.

— É um pobre diabo — respondeu o senhor Epiphapio com o seu mais doce sorriso — que foi soldado em Moçambique n'outro tempo, e que dando baixa veio sentar praça no *meu navio*, apertado pela fome; como tive dó d'elle empreguei-o no arranjo da artilheria.

— É certamente elle — disse consigo mesmo a senhora — já o julgava morto! — E acrescentou em voz alta: — Sabe o nome d'esse homem?

— Parece-me que se chama Ezequiel.



E, tendo satisfeito assim á exigencia de Dona Candida, virou-se com ar distraído para outro lado, sem notar a extrema perturbação em que ficava a senhora.

— Oh! é elle! — murmurou amargamente Dona Candida — é elle! não me enganei. Que fatalidade!

O escrevente continuava a assentar os nomes dos passageiros.

— Gabriella d'Azevedo — respondeu a irmã do senhor Militão ao escriba que a interrogava.

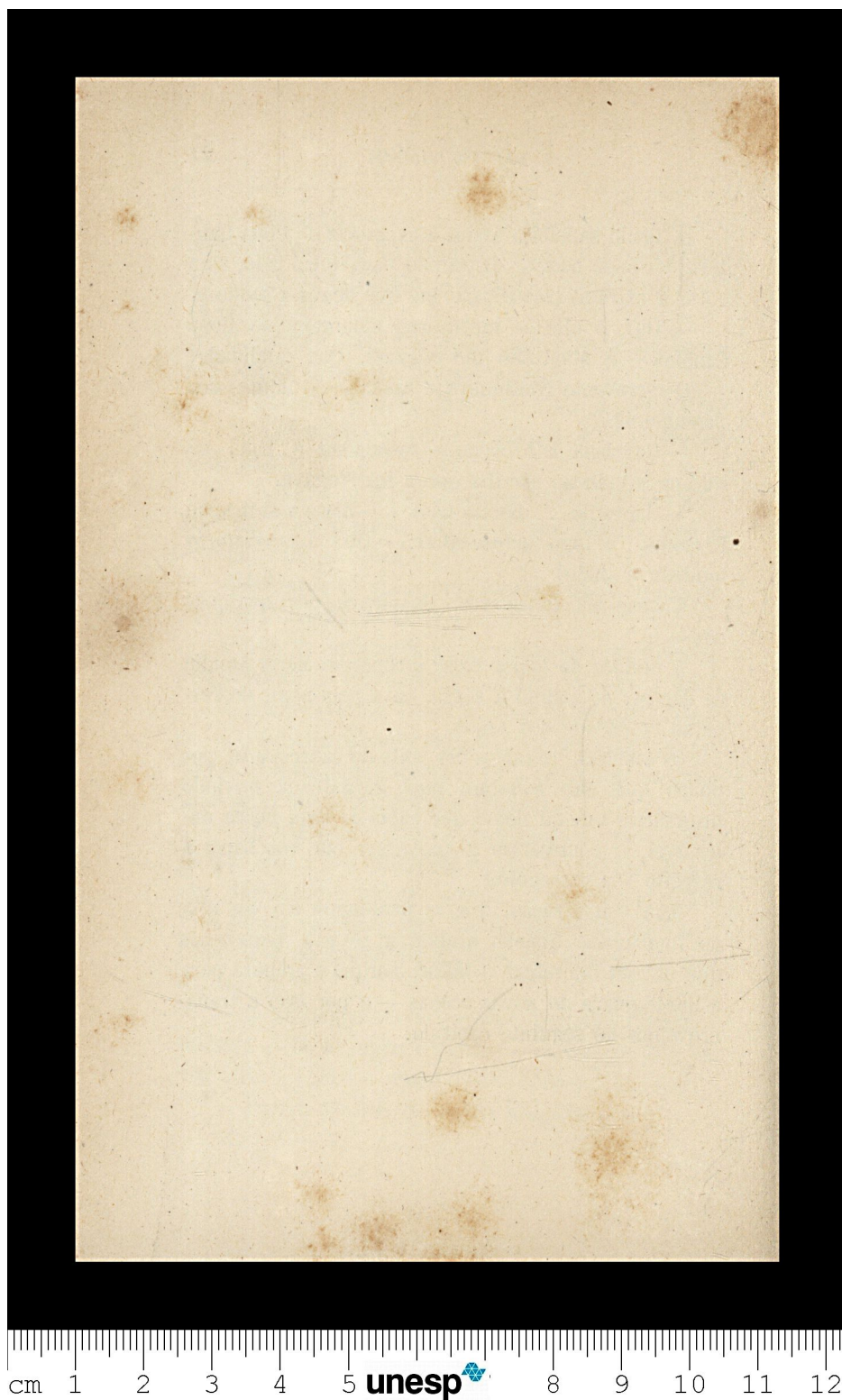
— Gabriella... bonito nome! — disse a si mesmo Fernando; e logo acrescentou: — Oh! mas *Victoria* também é lindo!

E suspirou outra vez. Suspirava por qualquer cousa...

A mulher do major disse chamar-se Maria Amalia de Barros; e, quanto á sogra, dava pelo nome de Perpetua Felicidade dos Anjos.

Os officiaes, reunidos em volta do cabrestante, por pouco que não soltaram uma gargalhada ouvindo pronunciar um tal nome que sahia de uma bocca detestavel, e começaram a conversar em voz baixa a respeito dos passageiros.

Esta conversação, que se prolongou em voz alta no tombadilho quando acabou a revista, parece-nos que deverá interessar o leitor, porque o prepara para a intelligencia de novas scenas — e por isso a transcrevemos no seguinte capitulo.



III

DISTRIBUIÇÃO DE PAPEIS PARA A REPRESENTAÇÃO D'UMA COMEDIA

ENTRE o grupo dos officiaes de marinha que subiram para o tombadilho, destacava uma figura alta e corpulenta, de rosto folgazão e maneiras attrahentes, que logo se dava a conhecer por chefe d'aquella assembléa; era o *pai da rapaziada*, como é costume chamar-se áquelle dos officiaes que predomina entre os seus collegas e que é como centro d'aquella circulo d'onde partem as ordens de *bambochata* ou *troça* para varios pontos da circumferencia. Foi este que tomou a palavra, logo que a sucia se installou no tombadilho.

— Chega para mim, rapaziada! — disse elle estendendo os braços aos seus camaradas com muita vivacidade — chega, rapazes, e vamos a distribuir os papeis para os namoros d'esta longa viagem. Temos



quatro mulheres a ré... só conto com estas — faço abstracção das femeas dos degredados, que cheiram muito á *Cova da Moura*... temos, pois, quatro mulheres...

— E nós somos cinco — atalhou outro tenente — cinco, presentes; que ainda nos falta aqui o velho commissario, o manhoso capellão, o estúpido commandante e o comilão do immediato.

— Esses não nos fazem sombra — replicou o chefe — e, visto que um de nós ha-de ficar desemparelhado, cedo o meu lugar.

— Não, meus amigos — apressou-se a dizer o guarda-marinha Athaide — serei eu que desistirei. O nosso Ribeiro não ha-de ficar sem amante.

— Ah! estás tu com a mania de apaixonado, meu Fernando! — respondeu o tenente Ribeiro, o folgazão, soltando uma gargalhada — não se te aceita a escusa, has-de escolher par.

— Pois então dispensem-me a mim — acudiu o escrivão.

— A ti ainda menos, Frederico; era o que faltava! pôr fóra de combate o melhor atirador! Tu és o mais bonito rapaz que leva a charrua — indigna de te possuir!

Estas palavras foram acolhidas com grande hilaridade.

— Vamos — continuou o Ribeiro — eu sou o director e ensaiador da companhia, e vou distribuir os papeis. Attenção.

— Vê que parte me dás a mim — disse com voz



fanhosa outro tenente que estivera calado até este ponto, homem de quarenta annos, meio calvo, e com cara aparvalhada.

— A ti, Gonçalo o *Enamorado*, cabe de direito um papel de galã; descança na minha imparcialidade.

— Cuidado commigo — disse ainda o tenente, que fôra o segundo a fallar n'esta scena que tentamos esboçar — olha que eu sou para empresas grandes.

— Não me deixam pensar, com as suas intempestivas reflexões! Has-de ter uma amante, Jacintho, boa ou má, velha ou moça, feia ou bonita. Eu principio.

E, depois de tossir e assoar-se ruidosamente como um prégador após o exordio, começou assim:

— A excellentissima senhora Dona Gabriella d'Azevedo, premio grande d'esta loteria, é adjudicada ao illustissimo senhor guarda-marinha Fernando d'Athaide.

O orador lançou a vista pela assembléa a observar o effeito que produzia a primeira parte da sua distribuição. Um silencio approvador respondeu ao seu mudo interrogatorio.

— Dona Maria Amalia de Barros, que tambem não é velha, posto que casada com um respeitavel veterano, fica a cargo do senhor Frederico da Cunha, dignissimo escrivão da ADAMASTOR.

— Decididamente, meu bom Ribeiro — interrompeu o mancebo — não posso encarregar-me d'um papel n'esta comedia.

— As explicações são na ultima hora da sessão — respondeu gravemente o *pai da rapaziada* — não interrompa a ordem do dia.



— Mas é que...

— Á ordem! á ordem! — clamaram algumas vozes; e o tenente Jacintho acrescentou:

— Ó presidente, queres que te vá buscar uma campainha?

— Não é preciso; estes padres conscriptos são subordinados. — Prosegue a distribuição: — Madama Angelica... Candida... ou o quer que é, senhora casada e ainda não pertencente á terceira secção, fica em partilha a Jacintho Carlos da Costa.

— Ora muito obrigado, senhor ensaiador, pelo bom papel...

— Á ordem! á ordem! — tornaram a bradar varios socios.

— Finalmente — continuou o Ribeiro impassivel — Dona Perpetua Felicidade dos Anjos será a Dulcinêa do senhor Gonçalo Mathias.

— Nada, nada! — exclamou o *Enamorado* de quarenta annos — essa é muito velha e não tem os dentes todos...

— E vossê tem todos os cabellos que pertencem a uma cabeça?

Gargalhadas sonoras interromperam por alguns minutos a sessão.

— Vamos, não admitto reflexões — concluiu magestosamente o chefe — os papeis estão distribuidos com justiça — *quod dixi, dixi*.

— Uma jarra da India! — murmurou com voz lacrimosa o Gonçalo.

— Consola-te commigo — acrescentou aquelle a



quem coubera em partilha a mulher do secretario — que não fiquei de melhor partido.

— Queres tu trocar?

— Nada, nada; é necessario obedecer ao nosso chefe.

— E agora, senhores — disse o joven escrivão — quem quer encarregar-se da minha bella?

— Eu — respondeu uma voz que se elevava da tolda.

E immediatamente appareceu nas escadas do tombadilho o vulto d'um homem alto, descórado e trigueiro.

— O doutor! — exclamaram os cinco.

— O doutor, sim — respondeu o recém-chegado — que haviéis esquecido na partilha do bello sexo; o doutor, que vem reclamar os seus direitos e que já vos previne que começou a entabolar negociações com uma das passageiras...

— Bravo! — clamou o escrivão — então renuncio em ti a conquista de Dona Maria Amalia.

— Aceito, porque é a ella mesmo que comecei a fazer fogo: notavel coincidencia! E a rapariga parece-me docil.

— Mas em tudo isto ha um pequeno obstaculo — resolveu-se a dizer Fernando — e se ellas não aceitarem os nossos obsequios?

— Ora adeus! — disse Jacintho — as mulheres a bordo todas namoram.

— Isso é uma exaggeração de maritimo.

— Eu explico a questão — atalhou o Ribeiro —



ellas tanto namoram no mar como em terra, mas é porque a bordo é mais facil observal-as do que n'uma grande cidade.

— Apoiado! apoiado! — clamaram ruidosamente os mancebos.

E separaram-se em diversas direcções.

— Está fechada a sessão — disse o presidente.

Só ficaram no tombadilho o doutor e o Ribeiro.

— Com que então, meu doutor Rosado, arreastaste a mulher do major n'este leilão!

— É verdade; eu mettido n'estas fôfas, com os meus trinta e dous annos!

— Que repugnancia será esta do escrivão?... um rapaz...

— A razão eu t'a digo, mas não convém que todos ouçam.

E, chegando-se ao ouvido do tenente, disse-lhe em segredo algumas palavras que provocaram o riso do que recebia a confidencia.

— É serio, affirmo-t'o eu — disse ainda o doutor Rosado — e demais, a viagem é larga, veremos se me engano.

— Póde ser, póde ser — replicou o tenente — o tempo aclarará esse negocio; n'uma viagem da India descortinam-se todos os mysterios.

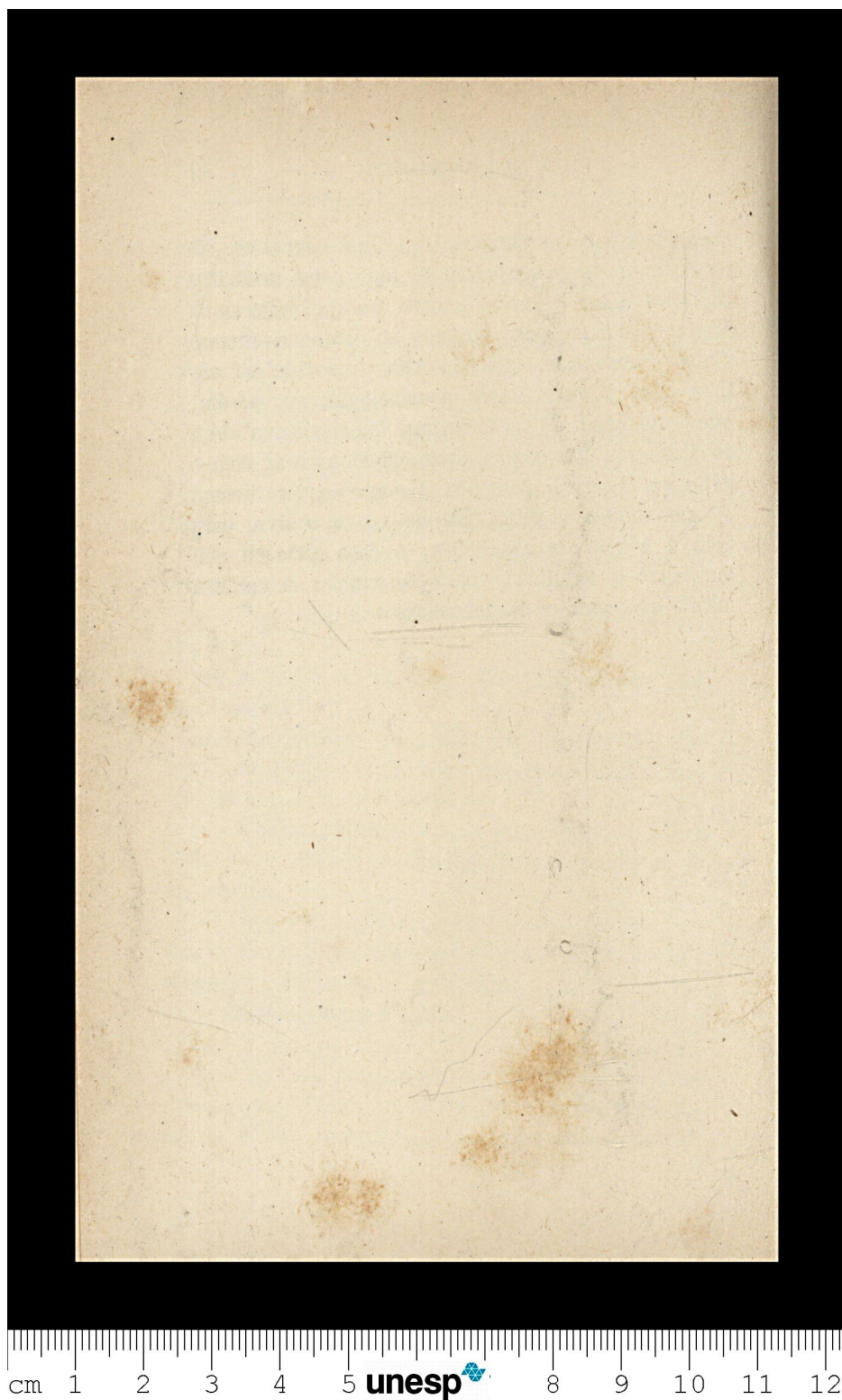
E desceram para a tolda.

.....
Temos, pois, apresentado ao leitor os principaes personagens d'este drama, e ainda no capitulo seguinte lhe mostraremos outros, não menos interes-



santes nos papeis secundarios que lhes couberam. No romance maritimo conhecem-se logo pelos primeiros capitulos quasi todos os actores, porque o lugar da scena é muitas vezes limitado ao pequeno recinto d'uma embarcação, que não deixa liberdade ao author para admittir novos personagens; eu, porém, que emprehendi n'este livro uma longa viagem além do Cabo das Tormentas, que hei-de ancorar com o leitor em Moçambique e Gôa e emprehender mesmo a torna-viagem ao reino, fica-me o campo livre para todo o genero de apparições; o caso está em não me faltar a habilidade para desenredar a confusa meada que assentei na dobadoura.





IV

À PRÔA

PROMETTEMOS ao leitor mostrar-lhe n'este capitulo algumas personagens, secundarias para a historia que nos propuzemos contar, mas não menos interessantes; acrescentaremos agora que as reputamos mais poeticas ainda, consideradas individualmente, embora não tenham de figurar na primeira luz do nosso tosco quadro — que a isso se oppõe o plano d'este livro.

É á prôa que nos dirigimos; e, posto que eu seja official de marinha — como alguns dos leitores já sabem e o resto fica sabendo agora — conformo-me com a opinião de um dos nossos folhetinistas, que acha mais poesia a vante do mastro grande do que a ré do mesmo mastro, lugar privilegiado do navio.

Alli — vive-se no mar por gosto; aqui — deseja-se chegar com brevidade ao porto; lá — toma-se a terra



como apenas necessaria para fornecer mantimentos e aguada; cá — reputa-se o mar apenas util por servir de caminho para as terras além do oceano; á prôa — falla-se em viagens longas, em temporaes, em naufragios; á pôpa — discutem-se os bailes, os cafés, os passeios... O homem do mar, typo, está a vante; a ré está uma d'essas degenerações que opéra a civilisação — um monstro de cabeça humana ligada á cauda de um peixe.

Estamos, pois, na prôa. Em roda do fogão conversam e fumam esses homens de peito tostado que a camisa não encobre; em seus rostos não se nota differença de quando os vimos em terra; a mór parte d'elles não levam nem deixam saudades. Mas cá estão dous conversando com ar mysterioso: estes já o leitor conhece — o velho soldado, fiel d'artilheria, e o patrão da lancha — o homem dos agouros — a quem trataremos pelo nome de *Agoureiro* no decurso d'este livro — visto ser o nome de baptismo e o appellido de familia, cousas inteiramente superfluas a bordo. O marinheiro só é conhecido pela alcunha — e eu quero dar *côr local* a esta novella... Todos sabem que a *côr local* é uma côr muito usada pelos poetas.

— Aquelles sinos das Chagas a dobrarem por defuntos! — dizia suspirando o *Agoureiro* — é signal que não falha, a charrua não chega a salvamento!

— Pouco me importa a mim com o dobrar dos sinos — respondia o velho Ezequiel, profundamente preocupado — agora uma cousa que eu vi... isso sim...



— Simi? outro signal?... diga lá o que foi, camarada!

— Não posso dizel-o, homem; mas Deus queira que não venha a saber-se com estrondo... Ella é capaz de tudo!...

— Ella!... a charrua?... Lá isso não tenha cuidado; andar bem, não digo que ande... mas segura é ella. Já com esta são seis vezes que vou á India na ADAMASTOR, e tenho razão de conhecê-la. Não dá a borda nem pelo diabo!

— Trata-se bem da charrua...

— Ah! então de que é?... Ella! Será alguma passageira?

— Silêncio! — murmurou o soldado pulando como um rapaz sobre o marinheiro, e tapando-lhe a bocca com a mão callosa. — Peço-lhe que não falle a ninguém n'estes meus receios.

— A cousa ainda não ha-de ficar ahi!... Os sinos... uma mulher... Ah! — acrescentou o marinheiro mudando de côr — esquecia-me o peor... sahimos do porto á sexta-feira!

— Desgraça! desgraça!... Se tocássemos na Madeira ou em Cabo-Verde eu desertava.

— Tambem eu; mas é que vamos direitos a Moçambique... Havemos passar o *Cabo* antes de avistar terra; já nos espera o *parcel das Agulhas*! É o mesmo; será o que Deus quizer... tambem eu não tenho a vida por contracto, em se acabando, acabou-se... importa-me tanto d'ella como de dous caracões!

— Olá, patrão! — gritou-lhe aos ouvidos um novo

*



interlocutor — não vem ao feijão? olhe que está tocando ao rancho, e os *balharotes* estão *fazenda*!

— Vai tu comer, moço, que eu não tenho vontade.

— Já eu não sou assim, tenho *larica* como bicho! — respondeu o recém-chegado, rapaz novo e robusto, de cara vermelha e alegre — o peor é que o *bríol* foi-se todo ao almoço...

— Vai á *jarra* que lá tens agua.

— Vossê parece que nunca foi á India e mais tem lá ido tantas vezes! a *ancia* só se *pia* quando ha ordem, e é pela *chupeta*... Já queria agua a *granel*!

E foi-se cantando uma cantiga do *Fado* e pulando n'um pé só, contentíssimo, quando ia apenas comer um pouco de legume mal temperado, sem ter mesmo agua para lhe beber em cima, porque havia de esperar pela sua vez de metter na bocca a *chupeta* commum, quer tivesse sede ou não n'esse momento. Quasi sem roupa, com muitos mezes de divida, sem esperanza de recompensa alguma, e votado ao penoso trabalho do navio! E estava alegre; cantava, saltava... ¿Não lhe chamariam feliz?

O que é, pois, a felicidade?...

Como este, iam oitenta homens a bordo, satisfeitos do seu viver, sempre praguejando, não por zangados, mas por habito — só incommodados por algum cachação do official, alguma chicotada do mestre, ou as degradantes chibatas dos guardiões n'um castigo em fôrma.

Oh! os açoutes!... os açoutes!... Quando acaba-



rá esse infame castigo que escravisa tantos homens brancos — os militares de terra e mar — depois de abolida a escravatura preta?

O dialogo dos dous ainda continuava, quando um *taifeiro* (criado d'official) veio dizer ao fiel d'artilheria se podia dar-lhe uma palavra em particular.

Surprehendido ficou o velho d'este mysterio, mas resolveu-se a seguir o rapaz até ao castello da prôa; estacou, porém, horrorisado quando elle lhe apresentou, com todas as cautelas, uma carta de Dona Candida; acrescentando que a senhora lhe recommendára muita discrição, que a não mostrasse nem fallasse d'ella a mais ninguem, acompanhado tudo isto de dous cruzados-novos.

Em quanto o velho abria a carta, muito tremulo, o moço transpunha d'um salto a altura do castello, e descia para o pavimento inferior.

O pobre Ezequiel ficou como pregado nas táboas, meditando sobre o que lêra n'esse papel, e soltando a espaços a palavra — *Impossivel!* — Alli ficaria largas horas, se o não acordasse d'aquelle lethargo a voz d'um marinheiro, que bradava:

— Guarde-se lá, camarada... não vê que vai cambar a *bojarrona*?... É para que servem os soldados a bordo — para *empacharem a gente!*

O fiel d'artilheria desceu silencioso para o rancho.

Ainda lançaremos um rapido olhar sobre esse grupo que pousa dentro da lancha, a *meia-nau*; não que elle tenha a poesia que attribuimos á gente da prôa, essa referencia é aos marinheiros, e nós temos



diante um grupo de degredados, accessorio maritimo só inherente ás embarcações de transporte, mas é que tambem estes miseraveis tem de entrar em scena a seu tempo, que assim o pede a execução do nosso plano.

Estavam em cima cincoenta homens cadavericos, semi-nús, d'aspecto sinistro; era metade do numero total dos degredados que vinham a bordo, e que a seu turno respiravam o ar livre, a vista do céu e do mar, em quanto a outra metade jazia encerrada n'um calabouço que, além de humido e escuro, apenas poderia alojar razoavelmente vinte pessoas!... Esses homens eram sem duvida criminosos — muito criminosos — ladrões, assassinos, falsarios; mas este castigo, que talvez durasse seis mezes, não lhes havia sido imposto pelos juizes em nome da lei — era uma ampliação do poder executivo!

No decurso d'esta historia teremos occasião de observar os inconvenientes de tão despotica barbaridade; para lá guardamos o resto das reflexões que nos estão occorrendo ácerca do assumpto. Por agora contentar-nos-hemos d'extremar d'entre os degredados esse grupo que dissemos pousar na lancha, e que se compõe de quatro homens e uma mulher.

A lancha é o alojamento commum das mulheres dos degredados e das degredadas; mas as poucas que iam a bordo estavam n'esta occasião fóra do ninho empregadas em varios labores, deixando vazia a lancha para se installar aquelle sinistro grupo.

Dous dos homens mostram ter mais de quarenta



annos pelas profundas rugas que lhes sulcam as faces e pelo alvorecer das cans; lê-se-lhes nas caras que teem o crime arraigado no coração. Outro é ainda imberbe, mas seus olhos vesgos e injectados de sangue dão-lhe ao rosto um terrível colorido. Porém, sobre todos, avulta o quarto, conhecido pelo nome de *Tiçãõ*. Tem uma figura muscular, o olhar feroz e resoluto d'um malvado, mas ao mesmo tempo um ar de cavalheirismo, como o poderia ter um burgrave na idade-média; no meio dos degredados o *Tiçãõ* parece um chefe á testa da sua tribu, um general á frente do seu exercito, ou — menos metaphoricamente — um capitão de bandidos no centro da sua guerrilha.

Os nomes por que os dous velhos são conhecidos teem desconhecida origem como o de *Tiçãõ*; chamam-lhes o *Aguas-Santas* e o *Fórnos*; e ao rapaz o *Pé de dança*, pelas optimas piruetas que executava para palmar um relógio ou um lenço nos seus tempos d'apprendizagem.

A quinta personagem do grupo é uma d'essas mulheres em completa abnegação de si, que acompanham a toda a parte os facinorosos a quem a Igreja ou o amor as ligou; esta era extraordinariamente alta, tinha a tez morena das ciganas, olhos negros e penetrantes, sobrancelhas cerradas. Encarava fixamente o *Tiçãõ* (de quem era, ha muitos annos, companheira inseparavel) como uma féra, a quem o olhar da cobra fascina — que por isso permanece immovel e submissa, mas que, perdido o encanto, se lançará,



ainda mais furiosa do que antes, sobre o primeiro vivente que encontrar! Era biscainha, mas filha d'essas tribus errantes, cujos membros renegam a patria para formarem uma só familia cosmopolita. Jogava as armas como um homem; tinha mais valor e decisão do que muitos, e só temia o *Tição*.

Cousa rara! esta mulher de estrada e de enxovias não era designada por nenhuma alcunha, mas sim pelo seu verdadeiro nome: — era a *Dolores*.

Dêmos os primeiros traços para contornar estas hediondas figuras que mais tarde teremos de avivar; basta por agora do contacto d'estes miseraveis; e, pois que outras necessidades d'esta verdadeira historia nos chamam á pôpa, forçoso é largar por agora a companhia da boa maruja, abandonar este lugar onde se respira tão livre, onde se vê a prôa cortar a agua que murmura ressaltando pelos bordos do navio, e volver á aristocratica tolda — e á bateria e á coberta — andares inferiores d'esta habitação vagabunda.



SCENAS DRAMATICAS E COMICAS

ERAM passados vinte dias de mar. Se ainda para a ADAMASTOR se não tinham as *Ursas* abysmado no oceano, já via comtudo campear no opposto pólo o *Cruzeiro do Sul*.

Durante estes vinte dias tinham as damas aceitado a côrte que lhes faziam os cavalheiros detalhados para esse serviço pelo *pai da rapaziada*. O *Enamorado* já não achava desdentada a sua Perpetua Felicidade; Jacintho derretia-se pela mulher do secretario geral; o doutor não abandonava um momento a sua doente fingida; e, quanto ao guarda-marinha, esse conversava sentimentalmente com a encantadora Gabriella, negando, comtudo, ter-lhe amor... o seu coração dizia elle que lhe ficára em Lisboa, e que só estimava a passageira com o frio amor de irmão!

Ora eu nunca acreditei n'este amor de irmãos entre um rapaz elegante e uma rapariga formosa, e julgo que muitos dos leitores e das leitoras tambem hão-de combinar commigo!... Verão a seu tempo como, no presente caso, eu tinha razão.

Vou occupar-me mais particularmente d'este meu heroe predilecto e depois volverei aos outros tres namorados; baste, por agora, saber-se que faziam como a maior parte dos homens em taes casos: diziam banalidades ás suas queridas, muita lisonja e poucas palavras com senso-commum.

Fernando seguiu caminho muito differente. Eu não sei se o meu guarda-marinha tinha decorado este preceito da *Arte de amar* do gentil Bernard:

Deviens l'ami, le confident, l'intime...

L'amant suivra.....

ou se tencionava ser fiel ao primeiro objecto dos seus amores; o facto é que ao vigesimo dia de viagem — época a que transportámos o leitor — já elle tinha confessado a Gabriella a sua paixão por uma joven ingleza, residente em Lisboa; e havia recebido igualmente da donzella a confidencia do seu amor por um filho da Gran-Bretanha, addido á legação em Portugal. Fernando contou minuciosamente como encontrára Miss Victoria Smith em um baile do *Club*, como a amára perdidamente desde esse momento, e como fôra repellido pela orgulhosa familia ingleza quando manifestou as suas pretensões á mão da joven Victoria. O que elle, sobretudo, pintava com



côres as mais patheticas, era o momento da despedida! E suspirava — como o ouvimos suspirar no escaler, quando se proferiu aquella fatal palavra! — Gabriella tambem poetisava lindamente a sua affeição pelo *attaché* Mr. Adam Peel; e rebentavam-lhe as lagrimas quando recordava a fatalidade que os desunira, talvez para sempre, obrigando-a a partir para a India antes que regressasse de Londres o seu amante, a quem o serviço chamára á côrte por alguns mezes.

Estabeleceu-se entre os jovens uma tal confiança, uma tal intimidade — fraternidade, se quereis — que deu nas vistas de todos, e que todos baptisaram com o nome de amor. Talvez o proprio coração dissesse isto mesmo a cada um d'elles — mas não o queriam escutar... É uma das cegueiras da juventude o acreditar na propria fidelidade, quando a inconstancia é o seu caracteristico!

Oh! mocidade! mocidade! Como se é feliz com os teus sonhos dourados, com tuas louras esperanças de ambição, de gloria — e, sobretudo, de amor! — Porque ha-de passar tão ligeiro esse tempo do paraíso, e cahir-se logo de chofre no prosaismo da vida real, n'esse lodaçal de torpezas que repelle de si toda a poesia? Vêr desfolhar-se, uma a uma, as flôres tão viçosas da juventude, tocadas pela varinha fatal d'essa fada maldita a que chamam *Razão*..., vêr crescerem abrolhos n'esse jardim encantado... e sentir-se desfallecer, agonisar... amarrado ao seu proprio phantasma, o egoismo da velhice!... Oh!



mocidade! mocidade! Quem te pudera alcançar de novo!... mas como? se cada passo que damos nos afasta para mais longe de ti! ?.....

.....
Asseguro-te, leitor, que os jovens se amavam, embora seus labios o não houvessem proferido; amavam-se...

Os labios mentem...
Os olhos não!

E os olhos revelavam o seu reciproco amor ás vistas menos perspicazes.

Era amor, era; ia devagar, mas nunca retrocedia.

Primeiro notaram os jovens a coincidência de ambos se haverem apaixonado por filhos d'Albion — d'ahi nada se concluia, é verdade, mas era um passo para entrar na analyse d'aquella raça; depois começaram a desdenhar — em geral — da alvura glacial e dos louros cabellos da gente do norte; e acabaram por concordar em que as *Misses* eram demasiadamente compridas e frias, e os *Misters* grosseiros e orgulhosos. Chegados a este ponto, a conclusão era facil de tirar-se: — o antigo affecto ia em decadencia. Como acontece á estrella d'alva, que descóra e perde o brilho apenas apparece um novo astro mais luminoso, assim Victoria e Adam iam escurecendo na imaginação das inconstantes crianças — que se julgavam modélos de firmeza!

¿E não era razoavel que se entendessem perfei-



tamente no amor, dous entes que em tudo o mais combinavam á maravilha?

Devo poupar o leitor á minuciosa descripção d'esta metamorphose gradual — e se lhe não desagrada vamos encontrar os dous amantes (assim lhes chamarei) que conversam, como duas rôlas, na extremidade do tombadilho, quasi occultos aos passeantes da tolda.

O sol vai a mergulhar-se. Ouçamos o que dizem estes dous felizes mortaes, n'essa hora tão predilecta de poetas e namorados.

— Apesar da sua ingratiidão, nunca o poderá esquecer — esse homem! não é verdade, Gabriella?

— Oh! não! ainda que reconheço o seu desleal procedimento. Tres mezes me demorei em Lisboa depois da sua partida para Londres — e em tanto tempo, nem uma carta... uma noticia sua... Devia aborrecel-o, desprezal-o... não é verdade, Fernando?

Estes — Fernando e Gabriella — desacompanhados assim de impertinentes cumprimentos, mostram bem o grau de intimidadê d'aquelles dous *irmãos*.

Continuemos a escutar.

— Raro é encontrarem-se, dizia o mancebo, dous entes que se compreendam mutuamente; e acrescentava lá de si para si: — como nós; — parece que Satanaz afasta para longe do homem a mulher unica que poderia fazer a sua felicidade, quando, trasbordando-lhe o coração d'amor, precisa completar a existencia na reciprocidade dos mais ardentes



affectos d'alma... Ah! minha irmã, porque não nos conhecemos mais cedo?

— É verdade, meu irmão, talvez pudéssemos ser muito felizes... felizes como ninguém na terra!... Mas assim...

— Agora...

E o mancebo attrahiu dôcemente a si a donzella, e deu-lhe um beijo... na mão.

Ella, tambem, suspirou, e deu-lhe um beijo... na testa.

Entre irmãos — que admirava isto? Um mero signal de fraternidade!

Continuaram a conversar no mesmo sitio até depois de noite; alguns acontecimentos posteriores e que mais tarde relataremos, lhes fizeram perder o encanto d'aquella deliciosa solidão; — viremos encontrar-os quando fôr sua vez, pois que outros personagens nos chamam agora a attenção.

Em quanto escutavamos no tombadilho aquelle singular colloquio, passeava na tolda o major Barros com a sua cara metade. Tambem conversavam — porém conversa de marido e mulher casados ha dez annos! — De mais a mais o doutor pairava por alli fumando no seu cachimbo turco, e pareceu a Dona Amalia que elle lhe acenava surrateiramente com um bilhetinho côr de rosa; resolveu-se, pois, a chamal-o para junto de si.

— Doutor, dá-me uma palavra? — disse ella.

O marido largou-lhe logo o braço; o amante chegou immediatamente á falla.



— Doutor — continuou ella em tom assucarado — então não me receita nada para estas palpitações que me não deixam dormir ?

— Vou mandar preparar-lhe um remedio, e respondendo pela sua efficacia — mas é necessario que vossa excellencia se recolha ao seu camarote e repouse por duas horas.

Dizendo isto o doutor Rosado foi-lhe introduzindo na mão o bilhetinho que ella recebeu sem hesitar e sem que o marido percebesse tal.

O major apressou-se a acrescentar :

— Vai, minha riquinha, vai descansar e tomar o elixir do nosso bom doutor, que eu fico por aqui ainda algum tempo... Está um fresco tão agradável!

— Pois sim, vou, por te fazer a vontade; até logo — disse Dona Amalia.

E desceu para o seu alojamento.

O doutor já havia desaparecido pela prôa.

O bilhetinho *rose* dizia assim :

« Minha querida. — Teu marido demora-se na tolda até alta noite; logo que estejas só irei encontrar-te. Não te assustes que hei-de entrar pela portinhola, para não ser visto dos criados. Teu etc. »

Dona Amalia, apenas entrou no camarote, leu a mensagem e fechou a porta á chave. Depois rasgou o bilhete e lançou os fragmentos pela portinhola fóra.

Mas o camarote da senhora Barros era do lado de barlavento; alguns pedaços do papel rasgado voaram



para a tolda, e tres d'elles foram cahir aos pés do senhor Militão que meditava proximo do leme.

A dizer a verdade, eu não sei se o homem meditava... sósinho estava elle.

Porém o caso é que o senhor secretario geral apanhou os tres papelinhos — e n'elles achou estas tres palavras: *marido... tolda... encontrar-te...* as quaes não assustaram menos o pobre homem do que o *Mané, Thécel, Pharès* aos convivas de Balthasar.

E com a mania ciumenta de todos os maridos que suppõem dirigidas a suas mulheres quantas cartas amorosas encontram, concluiu logo que esta fôra enviada á sua Eva; e, visto ella estar no camarote, partiu como raio pela escada da *meia-laranja* abaixo, resolvido a matar a perfida e o seductor.

Talvez que o homem andasse com a pedra no sapato, e que a senhora Dona Candida não fosse das mais fortes... mas d'esta vez não tinha razão.

Poucos momentos antes do senhor Militão apanhar os papelinhos e lêr as terriveis palavras, atravessava o doutor a tolda, subia ao tombadilho, debruçava-se do lado de barlavento e marcava o camarote de Dona Amalia para se não enganar na descida. Devia entrar pela quarta portinhola aberta. Retirou-se da borda e preparou um *cabo* para se *arriar*.

Já era noite — noite sem estrellas — e ainda não tinha nascido a lua.

O doutor lançou as suas longas pernas fôra da trincheira e começou uma perigosa descida.

Porém a fatalidade lhe preparára um terrivel laço.



Ninguém o vira descer — nem mesmo Gabriella e Fernando, que ainda conversavam no tombadi-lho... tão alheios estavam a tudo que os cercava, concentrados em seu egoísmo sentimental!... porém, em quanto o doutor preparava a corda que o devia ajudar na empresa, fechou-se, sem estrondo, a primeira portinhola de ré — a do camarote de Dona Candida (logo diremos por que motivo); e o pobre Esculapio, enfiando pela — então — quarta portinhola aberta, errava o alvo e entrava em diferente camarote do que suppunha: na alcova de Dona Perpetua!

Era n'esse mesmo instante que o senhor Azevedo chegava ao alojamento dos passageiros e encontrava a luz apagada e trevas em roda de si.

Pouco depois ouviram-se em baixo duas vozes que bradavam unisonas:

— Seductor!... seductor!... Acudam!... acudam!... Tragam luzes!

Todos correram á bateria: commandante, officiaes, passageiros e maruja. Duas lanternas, que logo appareceram, alumiam sufficientemente o lugar da acção.

¿ E que viram?

A scena mais comica do mundo!

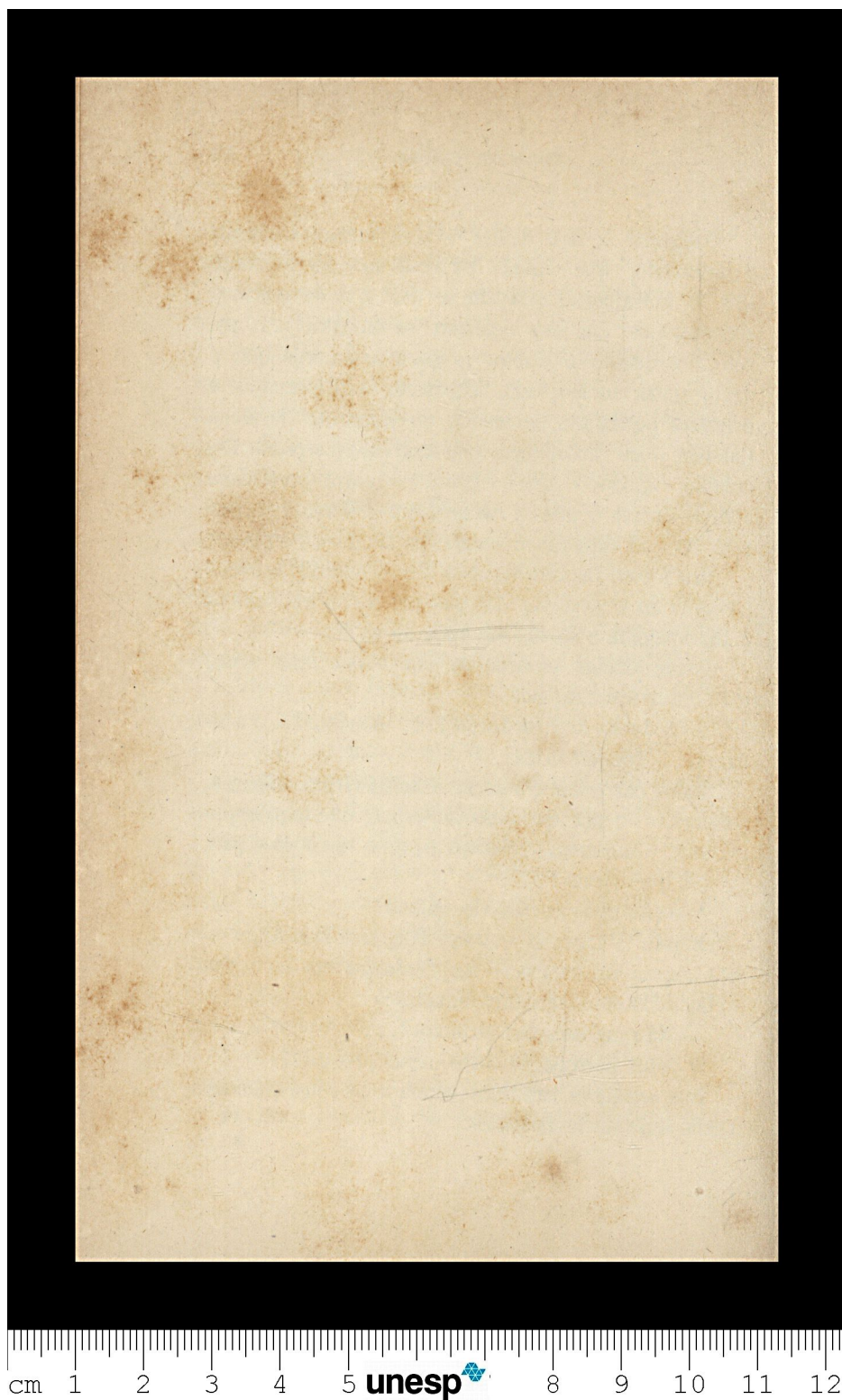
Militão d'Azevedo e Dona Perpetua dos Anjos — esta apenas em camisa — engalfinhados um no outro, e clamando como endemoninhados:

— Não me escapas, seductor!...

O leitor percebe de certo o *qui pro quo*?

Nos seguintes capitulos veremos as consequencias d'esta serie de leviandades.





VI

PERIPECIAS DE MELODRAMA

ANTES de proseguir n'esta narração parece-nos conveniente habilitar o leitor com a topographia dos diversos alojamentos da ré, sem cujos dados lhe será difficil entender o que se vai contar. Sobre a tolda, e servindo de tecto o tombadilho, era a camara do commandante — que elle occupava exclusivamente, e da qual só teria cedido parte a um governador geral que fosse de passagem. Secretarios de governo, desembargadores, etc., não julgava o senhor Sousa dignos de penetrarem n'aquelle santuario. A camara estava mobilada toscamente, á custa do commandante, com um canapé e oito cadeiras de nogueira; um catre, uma mesa redonda, dous pequenos tapetes, um espelho e cortinas de cassa branca e de paninho vermelho nas janellas. Assim mesmo occu-

*



pava, elle só, um espaço igual ao dormitorio dos cem degredados !

Correspondente a esta camara, no pavimento immediatamente inferior, chamado *convés* ou *bateria*, era a sala dos officiaes, que servia de casa de jantar commun ; adornava-a, singelamente uma comprida banca, algumas cadeiras ordinarias, um aparador e dous armarios com vidraças ; e tambem alli se viam, presas ás anteparas, algumas espadas antigas, espingardas quasi inuteis e bacamartes simplesmente de vista. É em consequencia d'estes ultimos ornamentos que se chama vulgarmente a esta camara a *praça d'armas*, denominação que nós adoptaremos, quasi sempre, no decurso d'esta historia.

D'alli para vante havia duas ordens de camarotes, ás amuradas, feitos de lona, e a cada um dos quaes correspondia uma portinhola da artilheria, que servia perfeitamente de janella, porque a ADAMASTOR só levava peças na tolda.

Os camarotes eram cinco de cada banda, e estavam assim distribuidos pelos passageiros de mais consideração. Começando da pôpa, pelo lado d'estibordo, o primeiro pertencia ao secretario geral e sua esposa, o segundo a Dona Gabriella, o terceiro a um velho juiz da relação de Gôa, o quarto aos conjuges Barros, e o quinto á tia Perpetua. Os cinco de bombordo estavam occupados por outros tantos officiaes do ultramar. Á noite uma suja lanterna alumiava escassamente este recinto, que é onde se passou a ultima scena do capitulo antecedente.



Por baixo da escada que conduzia da tolda a este lugar, descia outra para os aposentos da officialidade do navio; mais escuro era ainda este alojamento, mesmo de dia. Alli habitavam em camarotes separados — o primeiro-tenente, immediato ao commandante, homem só conhecido por comer muito; o capellão, ex-frade de Jesus, hypocrita e curioso como um agente de policia secreta; o doutor Rosado (o cirurgião de bordo tem sempre as honras de doutor, conferidas pela guarnição); os tenentes Ribeiro, Gonçalo Mathias, e Costa — já conhecidos do leitor; o joven escrivão; e o velho commissario, que já contava oitenta janeiros, mas que ainda arreganhava — não os dentes, que já não possuia nenhum — porém os queixos — para todas as meninas, quanto mais moças, melhor.

Fernando e um pequenito aspirante viviam mais a ré d'este lugar, no chamado alojamento dos guardas-marinhas, precisamente por baixo das camaras dos officiaes e do commandante.

Agora que pintámos, não como Rambois e Cinatti, mas como humilde narrador, estas vistas do nosso drama — vamos continuar a mover os actores na comica scena que principiámos, e que veremos acabar em tragedia — como tantos outros espectaculos d'este mundo, que começam desafiando o riso e terminam provocando as lagrimas.

Quando as luzes deram de chapa nos rostos dos dous campeões e que se elles conheceram reciprocamente, ao som das gargalhadas dos circumstantes — estiveram ambos a ponto de cahirem fulminados pelo



ridículo da situação. Dona Perpetua, olhando para si e vendo o *fresco* do seu vestuário, não pôde articular uma só palavra e fugiu para o camarote. Quanto a Militão, esse tomou um ar grave e disse solenemente estas palavras:

— Meus senhores, eu confesso que acabam d'assistir a uma scena ridicula, mas teve ella uma origem muito séria. Estes pedaços de um bilhete amoroso que voavam pela tolda e que eu apanhei, tratam de um *rendez-vous*; e como minha mulher estava no camarote, persuadi-me — e ainda me persuado — que era dirigido a ella. Voei logo para o meu posto — queria surprehender o seductor e vingar-me dos culpados. A luz do alojamento havia-se apagado; eu caminhava ás apalpadellas, quando sinto abrir-se com violencia a porta de um camarote, alguém que foge precipitadamente, e uma voz que brada: — «Seductor!» — Lanço-me n'essa direcção, encontro um vulto nas trevas, agarro-me a elle, e grito tambem: — «Seductor, não me fugirás! acudam... tragam luzes!»

O senhor Azevedo parou fatigado. Aos ouvintes custou-lhes muito a suster uma nova gargalhada.

A acção tornava-se cada vez mais comica. Eram dous escandalos em vez d'um!

— O resto sabem os senhores — proferiu a custo o senhor Militão.

— Não sabem! — bradou Dona Perpetua, sahindo do camarote já mais composta — não sabem! — repetiu com uma entonação tragica — este navio é um fóco



d'immoralidade; a virtude não tem aqui garantias! uma pessoa da minha qualidade ia sendo victima do desenfreado appetite d'um seductor.

N'este ponto ainda foi mais valente o esforço do auditorio para suster o riso.

— Queira explicar-se, minha senhora — atalhou o commandante que não queria augmentar o escandalo — e fique certa que o criminoso ou criminosos hão-de ser punidos.

Em quanto Dona Perpetua tomava animo para começar o seu depoimento, o senhor Militão batia debalde á porta do seu camarote — ninguem lhe respondia de dentro.

— Pois saberá, senhor commandante — disse finalmente a tarasca — que estando eu a dormir socegradamente no meu beliche com a porta fechada por dentro — como uso, por cautela — senti que mão pesada me segurava o braço esquerdo. Acordo sobresaltada, e faltando-me a voz para gritar, pergunto muito de mansinho: — « Quem está ahi? » — O seductor, porém, conheceu de certo a minha indignação, através mesmo da mansidão das palavras; lançou a mão á chave da porta, e fugiu sem dizer nada. Eu então creei animo: — « Seductor! malvado! » — bradei precipitadamente fóra do camarote, sem attender ao desarranjo da minha *toilette*... o perigo faz esquecer todas as conveniencias!... e encontrando um vulto na escuridão, agárrei-me a elle para o reconhecer... era o senhor secretario geral; mas eu não sei se...

— Não fui eu de certo, minha senhora — respon-



deu o senhor Militão, voltando de bater em vão á sua porta — que entrei no seu camarote, fechado á chave, como diz que o tinha; fôra mister entrar pela portinhola, e eu tenho pouco geito para arlequim.

Um sorriso forçado contrahia os labios do senhor Azevedo. A velha apressou-se a dizer-lhe :

— Sem duvida, senhor, não podia ser um homem serio como vossa excellencia... queira perdoar...

E fez uma mesura ridicula, a que o secretario respondeu com uma protectora inclinação de cabeça.

— Agora — continuou o senhor Militão — visto que minha mulher não quer abrir a porta, como vossas senhorias tem presencado, é porque o infame está ainda alli, e será necessario que se arrombe a porta. Espero que o senhor commandante dará as suas ordens n'este sentido.

A procissão dirigiu-se para o ultimo camarote de ré. O senhor Epiphanio de Sousa bateu com força na porta.

No mesmo instante girou a chave na fechadura, a porta abriu-se, e o interior do camarote ficou patente á avidez de tantos olhos.

Estavam duas pessoas lá dentro — Dona Candida e Ezequiel.

Era uma entrevista que a mulher do secretario geral pedia ao soldado, n'aquella carta que tanto o surpreendeu.

— O fiel d'artilheria ! — exclamaram algumas pessoas simultaneamente.

— Um velho ! — acrescentou o senhor Militão —



e é por uma figura d'estas que eu sou atraído!... Senhor commandante, requeiro um castigo exemplar...

— Senhor Militão — atalhou Dona Candida com a maior presença de espirito e o mais dóce metal de voz — meu esposo... este senhor é o nosso antigo amigo de Moçambique — o soldado Ezequiel; e, porque a nossa posição mudou, não devemos desprezar os antigos conhecimentos.

A indignação do secretario geral, que parecia correr como uma locomotiva da força de quinhentos cavallos, parou mais instantaneamente a estas palavras de sua mulher, do que a machina de vapor quando lhe interrompem a comunicação entre a caldeira e o cylindro.

Houve um momento de silencio e de anciedade.

Como acabará este episodio? perguntava cada um a si mesmo, ou ao seu visinho, em voz baixinha.

Foi o secretario que fallou primeiro:

— Perdôe, senhor Ezequiel — disse elle — que o não conheci, nem sabia que estava n'este navio. Senhor commandante, peço igualmente desculpa a vossa senhoria — e a estes senhores tambem — de os haver incommodado.

E entrou para o camarote, onde estavam ainda a esposa e o seu amigo.

A historia complicava-se, e os curiosos mordiam-se por não poderem decifrar nenhum d'estes enigmas. O capellão, mais do que ninguem, estava desesperado com tanto mysterio.



Porém a farça não estava acabada. D. Perpetua avançou para o pobre Epiphanio de Sousa, e disse:

— Senhor commandante! Se o secretario geral é facil de contentar, não o sou eu; exijo uma reparação... quero o castigo do insolente que tentou macular o meu decoro.

Os curiosos esfregaram as mãos satisfeitos... ainda havia que debulhar. O padre estendeu as orelhas quanto pôde para não perder uma palavra.

Terrivel era a posição do commandante; obrigado a tomar a serio, por decencia, estas ridiculas scenas. Depois de pensar um pouco respondeu:

— Diga-me vossa excellencia como hei-de eu saber quem foi o atrevido...

— Quem quer que foi, deve ter fugido por essa escada para o pavimento inferior, porque da tolda vinha o senhor Militão, e ter-se-hiam encontrado. Os senhores officiaes tambem vieram todos de cima... logo o seductor está lá em baixo.

— Pois vamos vêr se se descobre — respondeu placidamente o senhor Sousa; aceite vossa excellencia o meu braço e acompanhe-me.

E desceram para o alojamento dos officiaes.

.....

Apenas haviam desaparecido, assomou na escada, vindo da tolda, o doutor Rosado; ainda não estava bem curado do susto, e dizia comsigo:

— Que tal! Se não fujo tão ligeiro para a prôa, era agarrado pelas duas serpentes, e não sei que explicação havia dar ao commandante!



Terminando este breve monologo, foi bater á porta do camarote de Dona Amalia, e ouviu ainda estas palavras que ella dirigia a seu marido :

— Vês tu o que vale ser casado com uma mulher de juizo?... Olha lá se alguém boquejou em mim! Não que a verdade é como o azeite — sobrenada.

O doutor sorriu e tornou a bater.

— Quem é? — bradou o major abrindo simultaneamente a porta. — Ah! é o nosso bom doutor! Entre, caro amigo, veja se a Amaliasinha terá febre; passaram-se ahi umas cousas... não presenciou?

— Nada, não sei de nada. Estava na botica preparando este calmante para a senhora Dona Maria. Conte-me isso.

— Minha mulher lhe vai contar, que viu tudo desde o principio. Se me dispensa vou acima tomar um pouco d'ar... está aqui um calor insupportavel, e eu padeço de affrontamentos.

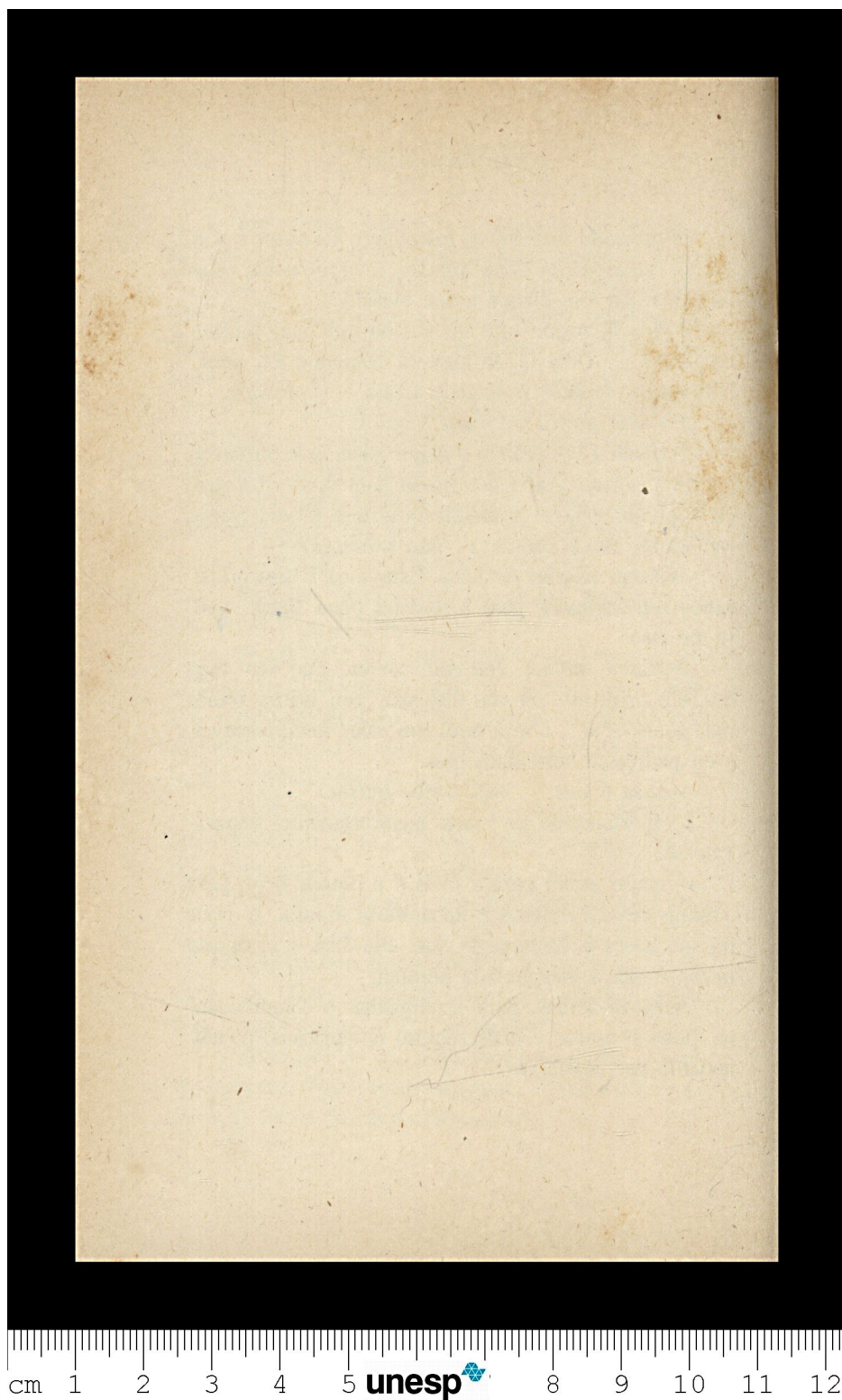
— Essa é boa... faça o que quizer.

E, apertando-se as mãos reciprocamente, separaram-se.

O major subiu para a tolda e o doutor ficou para administrar o calmante a Dona Maria Amalia, e ouvir da sua bocca a historia de que elle fôra o incognito heroe e ella a dissimulada heroína.

Deixal-os-hemos, para acompanhar o commandante, Dona Perpetua e mais sequito de curiosos, ao alojamento dos officiaes.





VII

TRAGEDIA

CHEGADA a comitiva a baixo viu abertas as portas de todos os camarotes — menos uma, a do escrivão.

O commandante examinou todos os cantos escrupulosamente e não encontrou ninguém. A sahida para a *coberta* estava interceptada por alguns objectos da carga, logo não fugira por alli o aggressor e devia estar ainda no alojamento.

Como não apparecia em nenhum dos lugares abertos, seguia-se logicamente que estava atraz da unica porta fechada. A essa foi bater o senhor Epiphanio.

Não obteve resposta.

— Onde está o escrivão? — perguntou o commandante.

— Lá em cima não está elle — respondeu o com-



missario — tenho-o procurado por toda a parte debalde; agora vinha eu vêr se estava no camarote.

— Vejam lá se tem a chave por dentro.

Um moço aproximou a luz da fechadura e respondeu affirmativamente.

— Então está elle morto — replicou o commandante em tom severo.

— Tme o somno muito pesado — disse o tenente Ribeiro com um sorriso malicioso.

E tornaram a bater á porta.

— Arrombe-se! — bradou o commandante.

A ordem foi immediatamente executada; mas, longe de se aclararem os primeiros mysterios, vieram novos eventos acrescentar a confusão.

Quando a fraca porta saltou fóra dos gonzos e o camarote ficou patente, viu-se sahir uma sombra, atravessar, rapida como um phantasma, pelo meio dos circumstantes, subir a quatro e quatro os degraus da escotilha e o som dos seus passos perdeu-se na tolda.

Em quanto uns, estupefactos, procuravam distinguir a visão á fraca luz da lanterna embaciada, outros enxergavam dentro do camarote a bella figura de um pequeno pagem, criado do escrivão, trémulo, com os olhos fixos e a bocca espumando. Mas não houve tempo para muitas reflexões, porque em seguida echoou no navio aquelle doloroso brado, que faz tremer o mais valente marinheiro:

— Homem ao mar! homem ao mar!

E de repente aquella especie de cadaver do pagem,



como galvanizado por esse grito de angustia, arremessou-se também às escadas e subiu com precipitação os degraus; porém, seguido de perto, foi agarrado no momento em que ia precipitar-se nas ondas.

Fôra o escrivão quem dera causa áquelle grito, porque de facto se havia lançado ao mar; e o seu fiel criado, que adivinhára aquella desgraça, debatendo-se entre os marinheiros que o seguravam, bradava com desesperação:

— Deixem-me seguil-o... deixem-me morrer, que não me resta mais ninguém no mundo!

Mal pôde a nossa pobre linguagem acompanhar a rapidez e simultaneidade dos successos. Procuraremos, comtudo, encadeal-os de maneira que fiquem perceptíveis para o leitor. Recuaremos, pois, a narração alguns instantes.

Frederico, subindo com estrondo da tolda para o tombadilho, distrahiu com este ruido os dous amantes que ainda alli se conservavam em sentimental colloquio; por consequencia, logo que se lançou ao mar, teve quem lhe ministrasse promptos soccorros. Elle, porém, não os queria aceitar; estava resolvido a morrer; não tinha coragem para resistir ao ridiculo da sua equivocada posição. E, posto que joven, possuia uma vontade tão forte que aquelle grande choque no meio das vagas não foi capaz de lhe abalar a resolução.

Fernando arremessou ao mar, immediatamente, tudo que encontrou á mão e que podia servir para se agarrar o naufrago; e deu o primeiro grito de — *Ho-*



mem ao mar! — que foi depois repetido por toda a gente do *quarto*.

Jacintho, que estava de serviço, fez *atravessar* a charrua rapidamente; os marinheiros saltaram, qual mais ligeiro, ao tombadilho e deitaram cabos ao desgraçado; arriou-se um escaler ao mar em menos de um credo, mas tudo baldado! Só tiveram ocasião de presenciar um acto de suprema coragem — o heroísmo do suicidio!

O mancebo, que sabia nadar perfeitamente, pôz a mão direita sobre um madeiro, segurou com a esquerda um dos cabos como a mostrar que podia salvar-se se quizesse, sacudiu com força ambos os objectos para longe e mergulhou para não tornar a apparecer. A lua, despontando no horisonte, alumiaava com pallidos raios este melancolico quadro.

Carlos, o pagem fiel, ainda chegou a entrever a funebre scena e quiz seguil-o nas ondas; porém mãos de ferro o seguravam.

Perdida a esperança de salvar o escrivão, recolhidos os escaleres que o procuraram por duas largas horas, a ADAMASTOR tornou novamente a approar ao sul em demanda do Cabo Tormentoso.

— Não o dizia eu? exclamava com as mãos na cabeça o *Agoureiro* — quantos irão que não tornarão!... Este não volta de certo... e os mais?... Oh! isto não acaba bem!

— Vou-me apparelhar para a morte — acrescentou com ar sinistro o seu amigo Ezequiel, que estava perto d'alli; e, dirigindo-se ao capellão, disse-lhe :

— Vossa reverendissima pôde ouvir-me de confissão?

— A esta hora? — atalhou o egresso surprezo.

— Toda a hora é hora para se confessarem grandes peccados.

— Quem sabe se eu acharei aqui a chave de todos estes enigmas? — disse de si para si pouco christãmente o ex-frade; e acrescentou em voz alta: — Pois vamos, irmão.

E desapareceram da tolda.

O pobre Carlos estava desmaiado; parecia um anjo que queimára as azas roçando-as pelo sol, precipitado por essa falta, mas não réprobo.

Ribeiro e Rosado olhavam para o infeliz e continuavam em voz baixa a conversa que haviam encetado no tombadilho vinte dias antes.

Ao estúpido do commandante passou-lhe pela cabeça uma idéa que achou optima. Era o peor dos defeitos d'este homem, achar maravilhosas todas as asneiras que lhe cruzavam o cerebro; tratou logo de a pôr em execução.

— Então — disse elle — ainda não voltou a si o taifeiro?

— Já respira; não ha-de ser nada — respondeu o doutor, interrompendo a conversa, e indo tactear o pulso de Carlos.

— Pois eu acabo de o curar, doutor — replicou o senhor Epiphanio, aventando mesmo um sorriso no meio da consternação geral — chamem lá o capitão dos pagens que traga a palmatoria.



— Que vai fazer, commandante? — atreveu-se a dizer o doutor.

— O que entendo — respondeu aquelle com o ar da mais pedantesca sufficiencia — se não bastar a palmatoria para o curar, ainda tenho remedio mais heroico: ólá, guardiões, contramestre, as chibatas!

Todos julgaram que o homem tinha enlouquecido; e, contudo, não era a primeira vez que se davam d'estes casos a bordo dos navios de guerra, sob o gracioso systema que felizmente os rege.

Estava sobre a tolda a maior parte dos habitantes d'aquelle mundo ambulante, aos quaes parecia augmentar a pallidez a lua que sobre elles reflectia. Todos adivinharam a intenção do commandante e todos procuraram conjurar a tempestade que estava imminente sobre o pobre pagem; as supplicas, porém, foram baldadas; o commandante tornou-se inexoravel.

— Levantem esse menino — disse o senhor Epiphanyo brutalmente — dous moços que lhe segurem nos pulsos e toca com a palmatoria... de rijo! senão... vossês bem sabem como eu mordo!

Carlos já estava em pé, mas olhando machinalmente em roda de si; não percebia o que se ia passar: sentindo, porém, o contacto da grosseira mão do capitão dos pagens que lhe segurava n'um dos braços com força, comprehendeu toda a extensão da sua desdita; deu um pulo como se fôra mordido por uma vibora, pôde soltar-se das mãos dos grumetes que o seguravam e que estavam descuidados, lançar-se aos



joelhos de Gabriella, e segurar-se aos seus vestidos, bradando com a maior anciedade:

— Salve-me! salve-me! Eu tambem sou mulher. Esse infeliz que morreu era o meu amante!

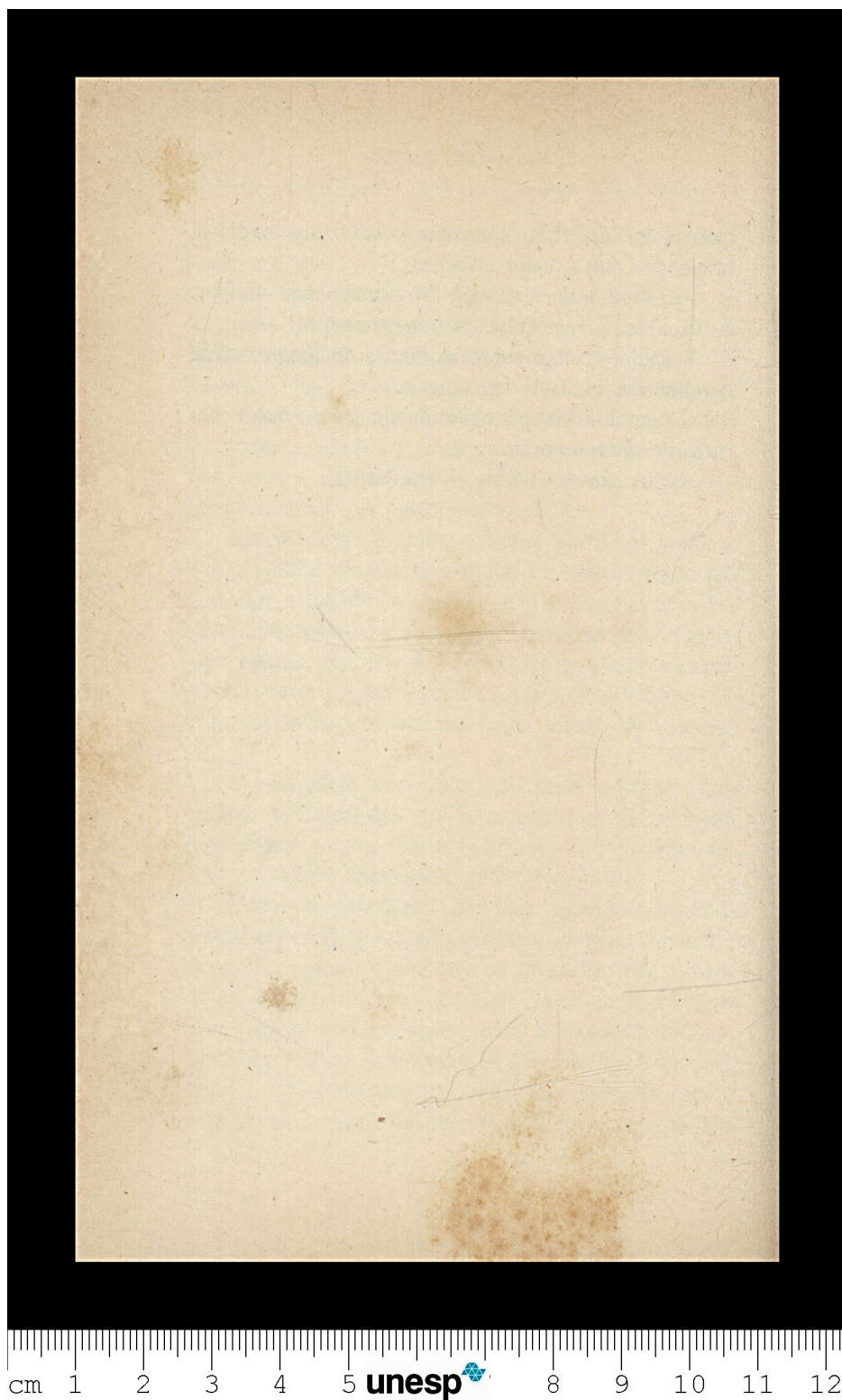
— E cahiu de face sobre as táboas do navio — fria, desanimada, banhada em sangue.

O doutor e Ribeiro olharam um para o outro com caras de *desapontados*.

Carlos não era Carlos — era Carlota.

*





VIII

HISTORIA DO PAGEM-FEMEA

Ps successos complicavam-se d'uma maneira tão extraordinaria, que já ninguém duvidava da possibilidade de encontrar objecto para um romance na sequencia dos acontecimentos da viagem. Foi, pois, com decidida curiosidade que os passageiros e officiaes do navio se gruparam em torno da bella Carlota, para ouvirem a sua historia, logo que ella se apresentou, já vestida com o trajo proprio do seu sexo, na câmara do commandante.

A pobre menina não podia negar-se a uma explicação categorica d'aquelle seu estranho disfarce. Teve, pois, de narrar, entre soluços e lagrimas, a sua original historia, pouco mais ou menos n'estes termos:

— Devo corresponder á vossa generosidade contando o que sei da minha vida; são, porém, tão in-



completas as noções que tenho da minha propria historia, que por ventura não acreditareis que vos conto toda a verdade. Todavia, Deus o sabe, nada vos pretendo occultar.

«Não sei onde nasci. Não conheci meus paes ou, pelo menos, não me lembro d'elles. Não sei ao certo que idade tenho, nem o meu verdadeiro nome, nem se recebi o baptismo; porém recordo-me de me chamar Carlota a boa mulher que me educou. As minhas mais vivas reminiscencias datam d'um triste acontecimento: é d'ahi que começarei uma narração seguida.

«Teria eu quatro annos de idade ou talvez menos ainda quando isso se passou. Vivia em Lisboa, na casa d'uma pobre mulher a quem chamava mãe, porém que muitas vezes me disse não ser parenta minha, assegurando-me que algum dia eu conheceria meus paes. Lembro-me perfeitamente d'ella me dizer que eu havia nascido muito longe, em uma ilha, milhares de leguas distante de Lisboa, onde meus paes viviam ainda e d'onde haviam de voltar muito ricos, mas não posso recordar-me do nome d'essa terra! Emfim, eu vivia com a boa mulher em serena paz, na esperança de saber os nomes dos meus progenitores logo que completasse dez annos, se antes d'esse prazo elles não tivessem vindo reclamar-me; porém um dia, vendo que já era tarde e que a boa mulher não acordava, comecei a chamal-a devagariinho, depois em voz alta, a sacudil-a com força, mas ella nada respondia: o seu corpo estava gelado!



«Eu nada comprehendia d'aquella grande desgraça; chorava instinctivamente. As minhas lagrimas attrahiram a visinhança; entraram em nossa casa algumas pessoas, foram examinar o leito onde jazia a minha protectora e viram-n'a morta. Pobre Joanna!»

Quando este nome sahiu dos labios de Carlota escutou-se um suspiro abafado, mas profundo, n'aquelle auditorio. Algumas pessoas procuraram com a vista reconhecer quem o tinha soltado, porém foi debalde; em todos os rostos se debuxava um gesto de terror; a pallidez cobria todas as faces.

Carlota, que derramára abundantes lagrimas n'este ponto da sua narração, proseguiu assim ao cabo de alguns minutos:

«Estava eu, pois, desamparada aos quatro annos, sem parentes, sem nenhum protector! porém Deus não permittiu por então o total abandono da pobre creaturinha. Uma senhora do Alemtejo que viera a banhos a Lisboa e que morava ao nosso lado, sabendo que eu ficava só no mundo, quiz generosamente incumbir-se de mim e levou-me còmsigo para Evora.

«Dez annos vivi na companhia d'esta virtuosa senhora até que me faltou o seu amparo; morreu também, e eu fiquei novamente abandonada! A viuva Cunha—a minha ultima protectora—tinha um filho: era esse infeliz que acaba de suicidar-se!... Como escrivão d'armada estava sempre distante de sua mãe, porém a perda que acabava de soffrer obrigou-o a passar o Tejo e vir a Evora tomar conta da sua herança; era bem pouco o que sua mãe lhe deixára: a



caritativa senhora havia repartido com os pobres quasi tudo que possuira. Não podendo, pois, abandonar a carreira maritima em que estava, regressou para Lisboa e trouxe-me comsigo.

«Acho-me muito formosa — acrescentou Carlota fazendo-se vermelha — fallava-me todos os dias da minha belleza e do seu amor; dizia que casaria comigo logo que tivesse indicios do meu nascimento, o que incessantemente procuraria; e tinha-me sempre occulta a todas as vistas, porque — dizia Frederico — eu era um thesouro e receava que lh'o roubassem».

Carlota tornou-se ainda mais vermelha e continuou:

«Eu nunca tinha amado outro homem; correspondi, pois, ao seu amor com verdadeiro amor misturado de gratidão. Esperava ser sua mulher diante de Deus e do mundo, e sê-lo-hia de certo — porque Frederico era um cavalheiro — logo que descobrisse o meu nascimento; o que esperava conseguir n'esta viagem por certos indicios que tinha, mas que nunca me communicou. Emfim, nomeado para esta viagem da India e não podendo esquivar-se a ella — apesar de todos os esforços que fez e de tantos amigos que se empenharam por elle, forçado a deixar Lisboa por largo tempo e não tendo a quem confiar-me, propoz-me o acompanhá-lo sob o disfarce com o qual me conhecestes. Eu bem comprehendí que este passo era desacertado, mas não tinha recurso algum; temia perdê-lo, porque o amava muito; para que o hei-de occultar? — acrescentou ella abaixando pidi-



bundamente os olhos — abracei finalmente o expediente que me propunha, resolvida a arrostar todos os obstaculos para não ficar só no mundo. E vim... O resto sabeis vós. Agora nada me resta a esperar senão a morte!»

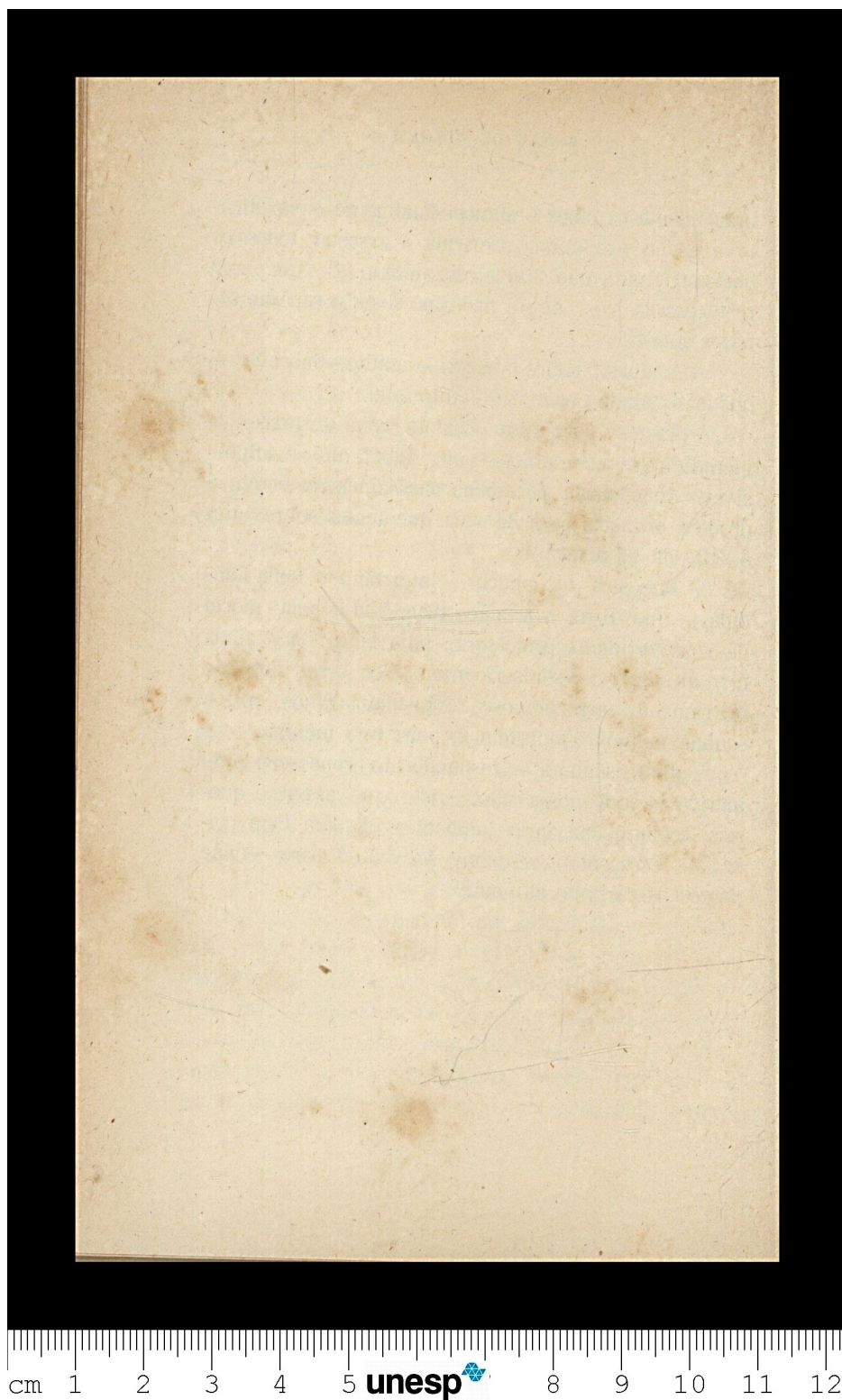
— A morte! pobre criança! — atalhou Gabriella — oh! não; ainda podeis ser muito feliz.

— Eu? — perguntou Carlota com o sorriso da incredulidade nos labios — eu, feliz? oh! é impossivel! Abandonada por meus paes ainda no berço, é desde a primeira hora da vida que tenho sobre mim o sello da reprobção!

— Dissestes ha pouco — interrompeu Dona Candida — que Deus vos não abandonára pela morte da vossa primeira protectora; pois bem, Deus ainda é o mesmo pai de misericordia, e eu o seu humilde instrumento para comvosco. Não temos filhos, eu e o senhor Militão; adoptaremos, pois, esta menina.

— Sim, senhora — respondeu o condescendente marido — será nossa filha, visto que assim o que-reis, e muito me apraz tambem. — É bem bom peixe! — acrescentou o senhor Azevedo á parte — não parece pescaria do alto-mar!





IX

UMA PONTA DE CIGARRO!

PUNICO dos officiaes da ADAMASTOR que não ouviu a historia que acabamos de referir foi o mais curioso de todos — o padre capellão, que estava ouvindo de confissão o fiel d'artihieria.

Violaremos o segredo da confissão para fazer conhecer ao leitor a chronica peccaminosa do senhor Ezequiel. Deus nos perdoará, como talvez perdoasse ao capellão que o não guardou como devia, o que mais tarde observará o leitor.

A praça d'armas estava solitaria e apenas alumada pela fraca luz de uma lanterna, quando o padre, seguido do penitente, entrou n'aquelle recinto. Frei Mauricio (era o nome do capellão que nos havia esquecido de revelar ao leitor) sentou-se n'uma velha poltrona que havia salvado do seu antigo con-



vento na ocasião da pilhagem, e Ezequiel ajoelhou diante d'elle, benzeu-se e começou a confissão.

Mauricio estava impaciente por conhecer o segredo do pobre soldado — com um desejo mundano e muito mundano! — tratou, pois, de abreviar os preliminares d'aquelle acto para dirigir a mira ao ponto capital.

— Irmão — apressou-se elle a dizer — estou prompto a ouvir a confissão dos seus peccados e a absolvê-lo se fôr possível.

— Meu padre — respondeu Ezequiel — eu sinto que a minha hora está chegada e preciso fazer uma confissão geral. Sou um grande peccador!

— Ainda ha-de viver muitos annos, não pense n'isso; mas vá-se accusando a Deus dos seus peccados, sempre é bom.

— Confesso-me, padre, de haver gostado muito d'uma mulher que foi causa de todos os meus crimes.

— E essa mulher?...

— Partiu de Lisboa para Moçambique com um degredado na mesma charrua em que eu ia de passagem como soldado para servir n'aquella terra; não eram casados, mas havia muitos mezes que tratavam amizade. Tinham-se conhecido no Limoeiro: elle esteve alli preso dez annos, e ella era filha de uma pobre taberneira visinha da cadêa: ajudava a assar as sardinhas á porta da bodega e ia vendel-as aos presos — mas era linda! Logo que a vi a bordo senti-me transtornado, e depois em Moçambique seguia-a incessantemente. O tal degredado desconfiou...



— Como se chamava elle?

— O seu nome?... oh! o seu nome!... queima-me os labios o proferil-o!... Chamava-se Pedro Garcia.

— Meu irmão! — exclamou o padre levantando-se — meu irmão foi assassinado em Moçambique, nunca se soube por quem... Talvez fosses tu?

— Ó meu padre, não é obrigado a guardar o segredo da confissão?

— Inviolavelmente! E depois, elle era um salteador, um assassino... foi melhor assim; antes que commettesse novos crimes e acabasse na forca. Confessa a verdade ao sacerdote, dize...

— Fui eu, padre, que o matei em uma luta igual — ambos armados de facas... por causa d'ella!

— E quem era essa mulher?

— Oh! não! o seu nome occultarei eu... ainda a temo!...

— Então é apenas meia confissão que fazes?

— Senhor...

— Pois não é mais importante o que acabas de dizer-me? Se eu pudesse revelar o que ouço na cadeia da penitencia, não vês que estavas perdido, assassino de meu irmão? Hesitas, pois, em declarar o nome d'uma mulher?

— Ó meu padre, não sei se é um novo crime que vou commetter, declarando esse nome. É verdade que ella me quiz envenenar, mas hoje é casada... tem uma posição...

— Vive ainda... ora vamos, confessa o seu nome!



— Vós a conheceis, senhor... está aqui, a bordo...

— É Dona Candida — atalhou o padre dando um salto na cadeira com a satisfação do caçador que acerta n'uma lebre ou n'um coelho.

— Sim, senhor, é ella... o meu anjo mau, o phantasma que por toda a parte me apparece a fazer reviver a memoria dos meus crimes, quando mais distrahido estou d'essas fataes idéas.

— Como homem já te perdoei a morte de meu irmão; como sacerdote não deixarei de absolver-te se acaso novos peccados se não seguiram a esse.

— Oh senhor! não param ahi os meus crimes!

— Ainda mais? — replicou o padre com menos horror que curiosidade.

O bom do clérigo já sabia bastante mas ainda queria saber mais.

— Peor talvez! — acrescentou o penitente aterrado.

— Ora ouçamos isso — tornou o padre sacando da algibeira a caixa do tabaco e sorvendo com delicia uma formidavel pitada.

— Toda a gente de Moçambique desconfiou que era eu o matador de Pedro Garcia, mas por aquellas terras ficam impunes muitos crimes. Eu liguei-me estreitamente com a *viuva do degredado* — assim chamavam lá á formosa Candida... e era formosa, na verdade; ninguém hoje dirá o que ella foi ha dezeses annos! mas falsa e má como se fosse irmã de Judas. Ella tinha um filho da minha victima, e eu



confesso, padre, que o detestava; todavia ia-o sofrendo em casa. Logo, porém, que aquella mulher me declarou que ia ser outra vez mãe, não pude supportar a idéa de vêr o amor de Candida repartido por seus dous filhos; parecia-me um roubo feito ao meu, para quem eu queria todo inteiro o affecto maternal... e... foi uma tentação de Satanaz, meu padre! O pequeno Pedro contava apenas dous ou tres annos de idade, mas eu já via n'elle todas as feições do pai; tinha ciumes da criança! Louco! Poucos dias depois de nascer a minha Angelica peguei n'elle, e cego, com a cabeça em desordem, quasi em delirio...

— Que fizeste de meu sobrinho?

— É verdade! vosso sobrinho! lancei-o ao mar!

O soldado escondeu o rosto entre as mãos, curvou a cabeça sobre os joelhos do padre e desatou a chorar.

— És o assassino de toda a minha familia! — disse o capellão suffocado e trémulo — quem sabe se não queres concluir a obra, matar-me a mim tambem? E não vejo ninguem que possa acudir-me!

Ezequiel, chamado novamente á vida por estas pungentes expressões, segurou levemente as mãos do padre e disse-lhe, chorando :

— Porque lhe quereria eu mal, meu padre? oh! pela cruz do Redemptor ouça o resto da minha confissão e imponha-me a mais rigorosa penitencia. Salve uma alma contrita e arrependida!

— Pois sim, sim — replicou o capellão desassocegado e tossindo muito alto — faça o acto de contrição.



— Ainda mais duas palavras, padre!

— Acabe com isso, homem!

— Dona Candida começou a odiar-me desde que lhe desapareceu o filho; adivinhou logo quem lhe dera descaminho, embora eu jurasse o contrario. Jurava o santo nome de Deus em vão, meu padre... oh! sou muito peccador!

— É mau isso, mas continue.

— A pequenina Angelica não a consolava da perda do seu Pedro e projectou vingar-se de mim. Propinou-me veneno na comida; porém eu descobri o crime, acautelei-me, mas disfarcei... se eu bebia os ares por ella!

— Com effeito já é paixão!

— Porém uma pequena circumstancia, um momento de reflexão fez-me quebrar para sempre a cadêa que me ligava a essa mulher do inferno!... Comecei a desconfiar que ella gostava d'um caixeiro recém-chegado do Brazil, e o ciume ralava-me. Eu podia fazer-lhe o mesmo que ao outro, mas já me repugnava o cheiro do sangue; ia vivendo muito descontente. Porém um dia entrando em casa encontrei um objecto — bem insignificante era elle — que decidiu para sempre da minha sorte: separou-me até hoje de Candida...

— Que objecto tão repugnante era esse?

— Oh! para outro qualquer não tinha significação; mas para mim era uma prova decisiva da sua infidelidade: era uma ponta de cigarro cahida junto ao meu leito; e eu nunca fumei!

O padre ia dando uma gargalhada, apesar do susto que pouco antes tivera e dos horrores que acabava de ouvir.

— Com effeito—disse elle—uma ponta de cigarro é muito significativa em certas circumstancias e para determinadas pessoas. E então que fez? temos novo attentado?

— Desgraçadamente é verdade: mais um crime!

— Homem, vossê está a arder no inferno!

— Piedade, padre capellão! Misericordia, meu Deus!

— Vamos, conclua...

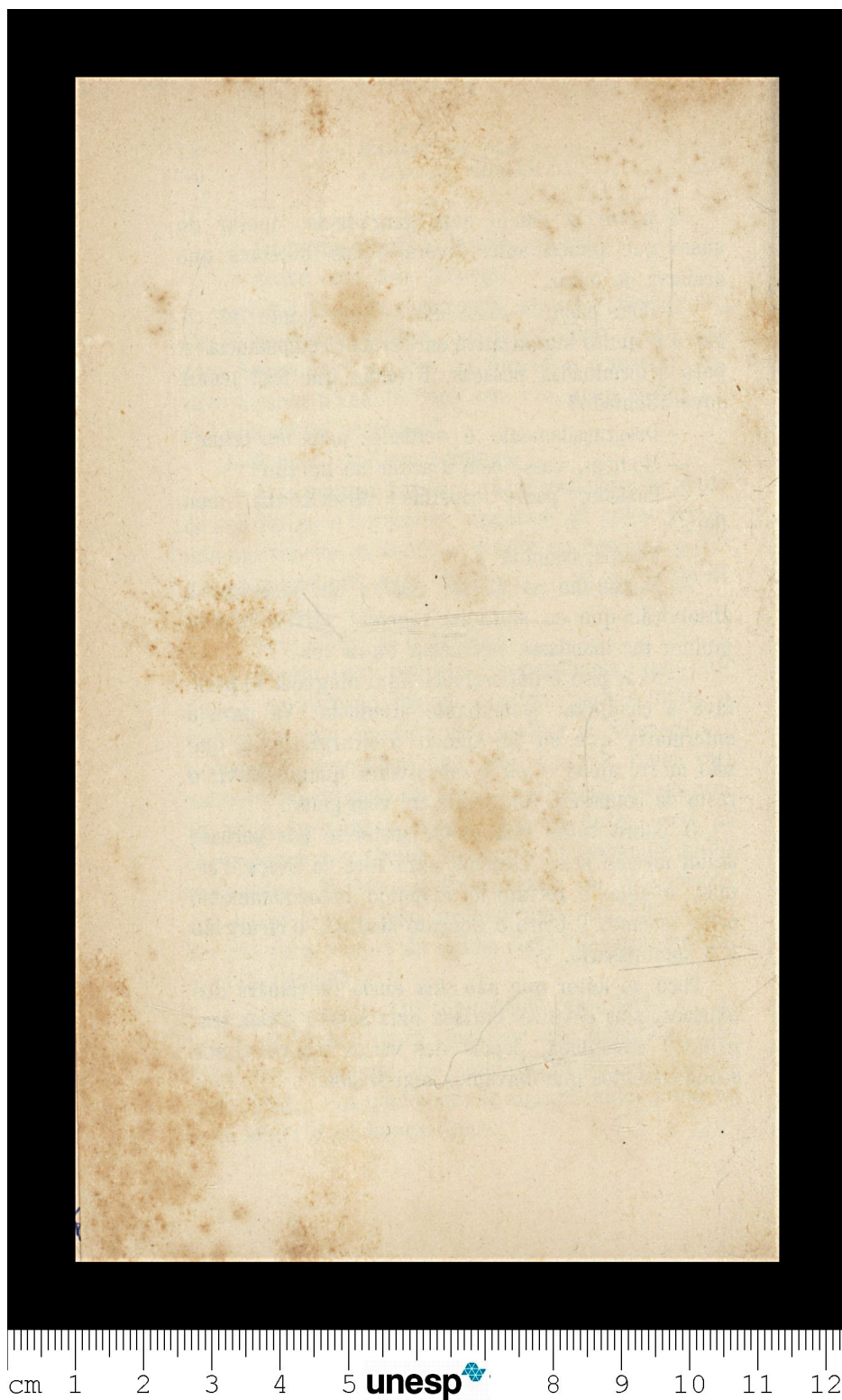
— Faltam-me as forças, padre; oh! lance-me a absolvição que eu sinto-me morrer! talvez aquella mulher me mandasse envenenar outra vez!

— Não, isso é impossivel! Aqui ninguem se prestava a coadjuvar semelhante attentado. Vá para a enfermaria que eu lhe mando o cirurgião; vá, que não morre ainda e eu o absolverei quando ouvir o resto da confissão. Ande, que ahí vem gente.

O pobre velho mal podia suster-se nas pernas; assim mesmo lá se arrastou para fóra da praça d'armas, e aquelle recinto foi invadido immediatamente pelos tenentes Ribeiro e Gonçalo Mathias, o cirurgião e o commissario.

Pego ao leitor que não sáia ainda da camara dos officiaes, pois deve ser curiosa uma sessão d'esta respeitavel assembléa, depois dos varios e mysteriosos acontecimentos que deixamos registrados.





X

COMMENTARIOS

Está aberta a sessão — disse o Ribeiro sentando-se e batendo um forte murro sobre a mesa.

— Devemos começar pelo elogio funebre do nosso socio que acaba de suicidar-se — acrescentou o commissario.

— E depois — continuou o cirurgião — passaremos aos louvores do pequeno taifeiro, transformado em formosa passageira.

— Senhores — atalhou o capellão — não brinqueis n'esta hora solemne em que um dos nossos irmãos acaba de sacrificar o corpo e tambem a alma!

— Nada de hypocrisias, reverendo; mal sabe o que perdeu em ter vindo para baixo! passaram-se cousas na tolda!...

*



— Depois da morte do escrivão?... Ora conte-me isso, amigo Ribeiro!

— Ó Gonçalo, conte lá a historia da pequena ao padre capellão, em quanto eu trato d'um negocio sério aqui com o doutor.

— Peço a palavra para uma explicação — interrompeu o doutor Rosado — direi antes, para uma declaração.

— Tem a palavra.

— Pois meus amigos, eu sou *commodista*, como sabeis, e assim como não gosto que ninguém me incommode, também não desejo incommodar ninguém.

— Santa doutrina! Continue.

— Feliz do mundo se todos os homens fossem como eu!

— Isso é modestia.

— Então se me interrompem a cada passo não acabarei nunca d'explicar-me.

— Ordem, ordem! Falle, falle!

— Fiel aos meus principios e convencido de que fui o primeiro motor das desordens nocturnas que vimos de presenciar, pois que se eu não tentasse ir visitar Dona Amalia ao seu camarote não teria ido, por engano, perturbar o repouso da velha e desafiar os ciumes do senhor Militão, resultando d'ahi descobrirem-se as relações secretas de Dona Candida com o fiel d'artilheria e do escrivão com o seu criado-femea, tendo por ultima e mais fatal consequencia a morte do bom Frederico; convencido, digo, dos males que involuntariamente causei pela minha dedicação á mulher



do major: declaro solemnemente que renuncio á senhora Dona Amalia, quaesquer que possam ser os seus attractivos, e que não perturbarei mais a paz a bordo, nem o repouso do marido. Disse.

— É aceita a sua demissão de namorado, mas conservam-se-lhe as honras em attenção ao bem que desempenhou o seu lugar.

— Eis-ahi porque os ministros nunca prestam! Quer sirvam bem ou sirvam mal, sempre lhes ficam as honras!

— Não te mettas a politico, doutor, que ficas um semsaborão como qualquer deputado ou redactor de periodico... Ai o que eu fui dizer! para redactor, collaborador, correspondente ou cousa semelhante te queremos nós — e era esse o negocio que eu tinha a tratar contigo — pois debes saber que vou redigir uma folha semanal, não politica, mas litteraria e analytica, com o titulo de *Chronica da Adamastor*.

— Vê lá no que te mettes! olha que estes inimigos da letra redonda tambem não engraçam muito com os manuscriptos.

— O periodico não vai á mão do commandante; é só para distracção nossa. Promettes collaborar?

— Prometto.

— Então vamos entrar na ordem do dia. Sentem-se, rapazes; o senhor padre aqui á minha direita.

— Ora que historia me contou o senhor Gonçalo! Pois o rapaz é rapariga? — perguntou estupidamente o capellão.

— Elle não quer acreditar — acrescentou o Ena-



morado rindo muito, como sempre — é ratão, este padre!

— Que idéa faz vossa reverendissima de tudo isto? — perguntou o Ribeiro com fingida seriedade.

— Eu sei, homem! parece-me que a charrua tem cousa má.

— Pois é exorcismal-a, padre! saque-lhe do porão o *Tinhoso*!

— Aqui anda fradinho de mão furada!

— Deixe vêr as mãos, padre.

— Não brinque, amigo, que a cousa é séria. Quem foi então que entrou no camarote de Dona Perpetua e promoveu tanto reboliço?

— Foi este seu criado — respondeu placidamente o doutor.

— O senhor, que já não é nenhuma criança?

— Duas vezes o somos, padre capellão. Quem sabe se ainda escorregará algum pé ao reverendo!

— Sempre com a carinha na agua.

— E o Gonçalo, não é mais velho do que eu e não anda a chorar a pitanga atrás da desdentada?

— Agora começa a derriçar por mim; já me tardava!

— E que lhes pareceu a brutalidade do commandante? Pois não queria o maldito mandar dar palmatoadas nas lindas mãos da Carlotinha?

— O tal *penca d'arara* não está bom da cabeça.

— Mas digam que explicação dão vossês áquella intimidade do fiel d'artilheria com a mulher do secretario geral?

O capellão sorriu-se imperceptivelmente ao ouvir esta pergunta do Ribeiro, mas não foi ainda d'esta vez que violou o segredo da confissão.

— São amizades antigas — respondeu o commissario — Dona Candida bem o disse e o marido apoiou; eu, porém, não me lembro de os ter conhecido em Moçambique — apesar de ser com esta a decima vez que lá vou.

— Assim não fazemos nada; é necessario methodo para eu poder aproveitar alguma cousa d'esta conversação. Não tenho ainda os sufficientes dados para escrever a historia d'esta noite na minha *Chronica*.

— Prepara-te para escrever — respondeu o doutor ao seu amigo Ribeiro — que eu vou dictar um artigo para o jornal, singelo mas verdadeiro; põe-lhe por titulo: *Acontecimentos burlescos e tragicos da noite de 25 para 26 de maio de 183...*

— Attenção, meus senhores — disse o folgazão puxando para si uma folha de papel e empunhando uma penna d' aço enferrujada — ouçam a narração do nosso doutor e não a perturbem com intempestivos commentos. Vamos, está escripto o titulo.

O doutor, depois de tossir e assoar-se, fallou assim:

— Ha a bordo d'este navio uma mulher viciosa que aceitou a côrte d'um homem já de dias e combinou com elle uma estrevista escandalosa: o fructo d'esta leviandade foi a morte d'um gentil mancebo, a vergonha d'uma pobre menina, o ridiculo lançado sobre um alto funcionario e uma mulher collocada



na mais equívoca posição. Os motores de toda esta desordem, esses, passam sem novidade em sua importante saúde; elle, muito bem conceituado para com os seus collegas; ella, na posse da melhor reputação entre as senhoras.

Terminando estas palavras, o doutor ergueu-se com ar sombrio e desceu para o seu alojamento.

A ironia d'aquella narração impressionou vivamente os assistentes, mas nem por isso deixou de publicar-se a *Chronica da Adamastor* nem descontinuaram as sessões da *má-língua*.

O immediato ao commandante appareceu pouco depois na praça d'armas, rompendo o silencio que as palavras do cirurgião tinham produzido.

— Tragam o chá — disse elle — que já são mais do que horas; pão e bolachinhas, que estou com uma fome damnada: se eu tenho hoje trabalhado tanto!

Estava no seu elemento.

Os officiaes e passageiros tomaram chá, e a noite passou sem mais novidade.



XI

MILITÃO E GABRIELLA

AINDA uma vez volveremos atraz para travarmos mais intimo conhecimento entre o leitor e os personagens d'este drama. Ou eu me engano muito ou o pio leitor tem já curiosidades de saber quaes foram os principios do senhor Militão d'Azevedo, e como se explica o phenomeno de ser elle um homem asselvajado, quando sua irmã era uma menina delicada e d'espírito. Se não me enganei em minhas lisonjeiras conjecturas, vai este capitulo ser muito bem recebido das pessoas que me fazem o favor de lêr este livro — cousa que Deus lhes ha-de aceitar no outro mundo em desconto de seus peccados.

Gabriella e Militão eram filhos d'um honrado tanoeiro de Lisboa, estabelecido alli para as bandas da



Sé. Sua mãe era uma santa mulher, a melhor engommadeira do bairro — Deus lhe falle n'alma! — morreu pouco depois do nascimento de Gabriella, e precedeu só de alguns mezes o fallecimento do marido. Quando os velhos expiraram tomou conta de Gabriella a condessa de ***, sua madrinha, a mais virtuosa fidalga de Portugal; fêl-a educar com todas as prendas d'uma senhora da côrte, e teve a fortuna de encontrar na pequena afilhada um coração d'anjo e uma intelligencia superior. O Militão, esse, desgostoso com o officio do pai que o velhote lhe fizera aprender á força, apenas se viu livre da tutela vendeu a ferramenta e as aduellas e arcos que tinha armazenados, e reunindo umas trezentas moedas embarcou para o Rio de Janeiro a tentar fortuna.

Porém não era no Brazil que elle tinha de vêr realisados os seus ambiciosos sonhos! Enfeitiçado pelos *quindins* de uma mulatinha gastou com ella até ao ultimo real, e só percebeu que estava pobre quando a feiticeira o abandonou e o dono da hospedaria o despediu. Então era mister olhar sériamente para a vida, e o homem procurou immediatamente um rico negociante, para quem trouxera de Lisboa cartas de recommendação, que até ahi julgára desnecessarias.

O bom do commerciante, favorecedor dos seus conterraneos, como o são quasi todos os portuguezes estabelecidos no Brazil, arranjou-lhe logo um lugar de capitão de bandeira em um navio da escravatura;



e o nosso Militão partiu muito contente para a foz do Zaire a buscar uma carregação de quinhentos negros.

Ora n'este tempo era o senhor Azevedo um perfeito rapaz — uma d'estas caras de que as mulheres gostam muito: claro, córado, com bonito cabello e suíça farta... bigode é que ainda paizanos não usavam n'esse tempo; em conclusão, era uma cara nulla, mas formosa.

Engraçou com elle uma parente dos senhores reis do Congo — creio que prima afastada de D. Nicolau de Agua Rosada — e por tal fórma engraçou que offereceu a sua real e negra mão ao bello capitão de bandeira; este pediu tres dias de espera para pensar na proposta, e ao cabo d'elles regressou á *cubata-palacio* com o *sim* nos labios e a alegria no coração. O Militão cria piamente que tinha feito a sua fortuna!

Que grandes festas se fizeram em S. Salvador do Congo! que ricos presentes deram ao noivo, além do dote, que eram cincoenta escravos!

Completa a carregação do navio desaferraram da costa, levando o nosso Militão a sua esposa e os seus cincoenta pretinhos a bordo; e navegaram com optimo tempo e sem nenhum mau encontro até á altura de Cabo-Frio.

Uma manhã, porém, andava o senhor Militão passeando sósinho na tolda e calculando por quanto poderia vender os seus cincoenta e um negros — porque contava desfazer-se tambem da consorte, apesar



de baptisada — e já lhe parecia apurar na negociação os seus quinze contos de reis além da vantagem de ficar novamente solteiro, quando um maldito brigue inglez appareceu pela prôa intempestivamente e com todas as disposições de dar caça ao nosso negreiro. O senhor Militão viu para logo esvaecer-se a sua felicidade como o orvalho da noite que o sol acabava de seccar. Com effeito tinha razão, porque o *beef* apresou o navio passadas quatro horas sem resistencia alguma, e mandou lançar na costa mais proxima a sua tripolação.

Bem tristemente desceu para o bote o senhor Azevedo; porém mais se augmentou a sua angustia, quando o commandante inglez, chegando ao portaló, lhe disse:

— Olá, senhor capitão! (o John Bull fallava bem portuguez por ter estado ao serviço do Brazil na guerra da independencia) esta preta diz ser sua mulher — acrescentou elle mostrando a princeza do Congo — se assim é, póde vossemecê leval-a.

— Obrigado pela attenção, senhor commandante — apressou-se a responder o Militão — é melhor que ella fique com o seu dote; eu vou bem assim!

— Como queira — respondeu o outro com a fleugma de um bom inglez; e, virando-se para dentro, continuou: — Mettam lá essa negra no porão com as mais.

Entretanto dizia o contra-mestre do navio apresado ao seu capitão de bandeira:

— Porque não leva a preta, só Militão? olhe que



é ladina, e dão-lhe um conto de reis por ella aos olhos fechados.

— Nem que valesse dous — respondeu philosophicamente o tratante — isso mettia-me em complicações. Tenho cá certas idéas com as quaes se não combina esse procedimento. Não quero que a todo o tempo se diga que Militão d'Azevedo vendeu a mulher por uma bagatella! Nada! foram estes ladrões d'inglezes, estes herejes que m'a arrebataram.

Este *homem de bem* achou-se novamente no Rio de Janeiro tão pobre como alguns mezes antes. Decidiu, pois, ir tentar fortuna para além do Cabo da Boa Esperança, e effectivamente embarcou em outro navio negreiro para Moçambique. Alli offereceu-se-lhe uma boa casa para ser caixeiro com avultado ordenado; não devia recusar nem recusou, e eil-o installado n'aquella insalubre ilha.

A principio deu-se mal; teve a *ithaca* e *febres perniciosas*, mas aclimatou-se depois e ganhou bom dinheiro.

O que o ia perdendo foram os amores com uma branca — das poucas que havia na terra — que elle entabolou alguns mezes depois da chegada. Por menos perspicaz que o meu leitor pudesse ser, que não é, de certo, já terá adivinhado que foi este o terceiro amante de Dona Candida (se as contas não erram), o descuidado que deixou a accusadora ponta de cigarro junto ao leito do tio Ezequiel.

D'aqui, porém, data uma nova era tanto para o filho do tanoeiro da Sé como para a assadeira de



sardinhas á porta do Limoeiro. Não tardou que elle tivesse o tratamento de *senhoria* e ella o *dom*. A respeito de *excellencias* — isso não, que não estavam ainda vulgarisadas.

O senhor Militão obteve entrada no palacio do governador, e com facilidade pôde conseguir a remoção do soldado Ezequiel para os Estados da India. Desasombrado da presença d'aquelle espadachim, porque o senhor Militão não tinha a bôssa da valentia muito proeminente, tratou de casar-se, o que effectuou com todo o esplendor compativel com os recursos do paiz.

Moçambique viu adereçada de sêdas e diamantes e com a alva corôa das noivas, a amazia do degradado que desembarcára em chinelos nas suas praias poucos annos antes.

O governador e sua senhora foram os padrinhos do casamento. A outra testemunha foi o secretario geral, e em tão má hora compareceu elle a este acto, que se constipou, sobreveio-lhe a febre e morreu em cinco dias!

O senhor Militão não tomou por agouro um tal acontecimento; pelo contrario, achou-o precursor de mil venturas, porque logo obteve interinamente o cargo de secretario geral.

O governador tratava-o ás mil maravilhas. Até o convidou a vir morar em palacio. Por isso as más linguas — que em toda a parte as ha! — diziam que o general gostava mais de Dona Candida — que não era mau peixe então! — do que da sua serva de



Deus — uma Dona Genoveva Apolinaria das Dôres — tão feia como o seu nome, corcunda como um dromedario e desdentada como uma arraia; mas isso nada vem para o nosso caso: *o caso é* que o illustrissimo senhor Azevedo, em dous annos que lhe durou aquella chuchadeira, enriqueceu soffrivelmente; e, quando o governador se retirou para Lisboa, regressou elle tambem aos patrios lares e mais a cara porção da sua alma.

Relacionado com as summidades de todos os partidos politicos, *irmão* em todos os ritos não tardou o senhor Militão a ser olhado como homem de importancia. O seu dinheiro dava-lhe um certo ar de independencia: era grande accionista do Banco de Lisboa (que Deus haja), da Companhia das Pescarias (que Deus conserve), das Lezirias, dos Omnibus, dos Vapores, etc.; foi logo a eleitor pela sua freguezia na primeira oportunidade, e depois a deputado. No salão de S. Bento despendeu trinta e tres *apoiados* — quatro *falle! falle!* — dezeseite *a ordem!* — duzentos e dezenove *approvo*, e vinte e um *rejeito*. E nada mais consta das actas e extractos das sessões.

Chegado a esta altura o senhor Militão decidiu-se a solicitar um emprego e alcançou com facilidade o lugar de contador de fazenda n'um dos districtos do reino. Por engano de cifras... contra a fazenda... suspenderam-n'o do emprego; mas isso depois atabafou-se e elle pediu a demissão do lugar, o que lhe foi concedido, assim como uma commenda.

Dêspachado algum tempo depois secretario geral



do governo da India, embarcou, como o leitor sabe, na ADAMASTOR, já com a promessa da *carta de conselho*, e penteando-se ainda para vir a ser barão ou visconde, porque a senhora Dona Candida lhe dizia muitas vezes:

— As honras são todas para ti: secretario geral, commendador, conselheiro... e eu sou acaso *secretaria*, *commendadora* ou *conselheira*? não!... Se ao menos fosses barão — eu seria baroneza!

— *Ça ira... ça ira* — respondia sorrindo a esta interpegação o nosso Azevedo que tambem ás vezes arranhava o seu bocado de francez, e que tinha estas palavras de côr desde que soletrára a *Revolução Franceza* de Mr. Thiers — obra que elle comprou por a encontrar ricamente encadernada na livraria de Mr. Plantier.

Talvez que os meus leitores já estejam fatigados de seguir esta biographia commercial-administrativa-legislativa-financeira-aristocratica... Peço perdão se assim é, mas eu já vou concluir este capitulo. Concedam-me, porém, que ainda diga duas palavras ácerca da encantadora Gabriella: assim o prometti e o promettido é devido.

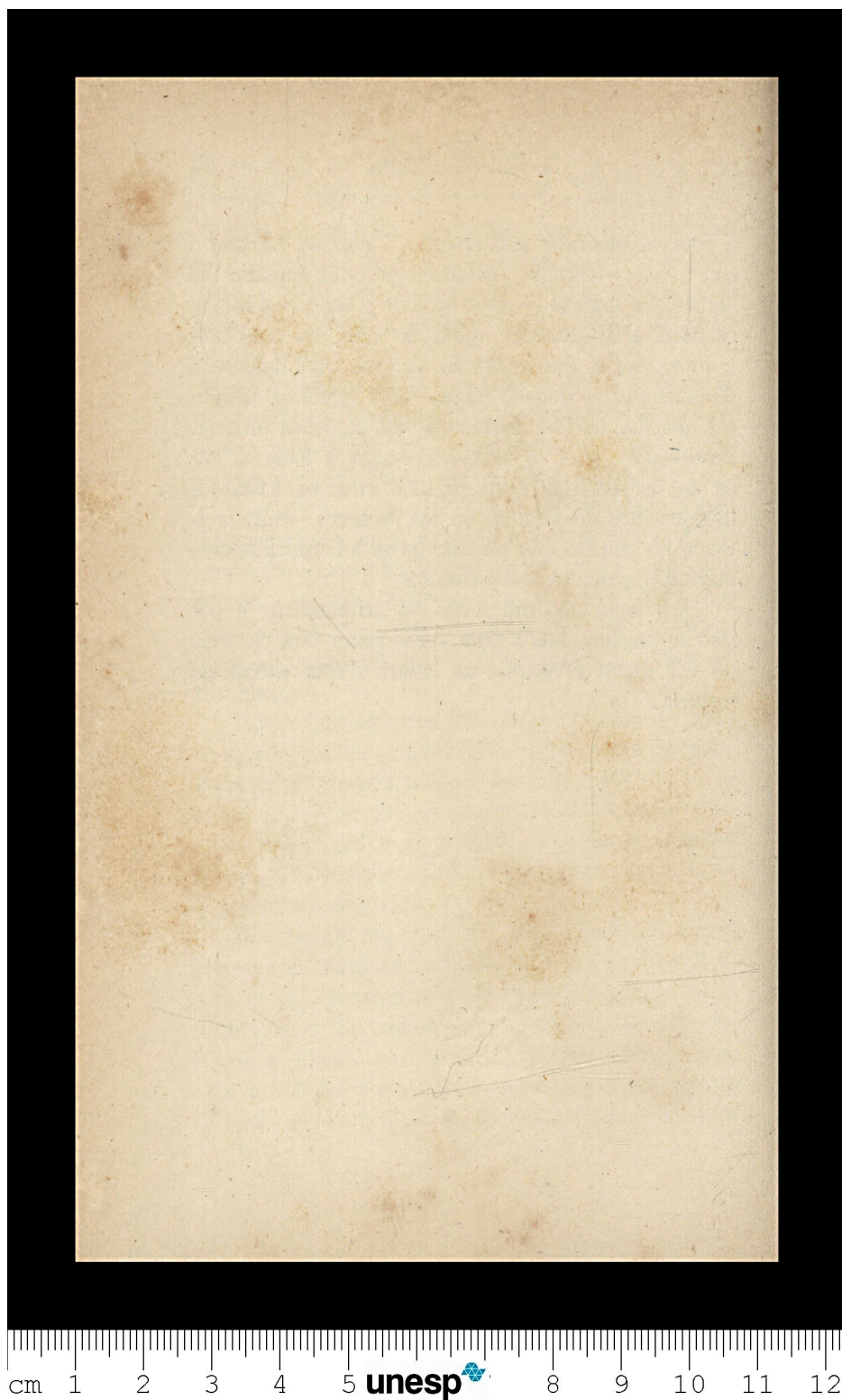
Já sabemos que Gabriella fôra educada e creada em casa da virtuosa condessa de ***, e que lá ficára quando seu irmão partiu para a America; logo, porém, que elle voltou — rico como vinha — apressou-se a chamar para junto de si a manasinha com idéa de lhe fazer um casamento vantajoso, e mesmo, se fosse possível, alliar-se, por seu intermedio, com



a velha aristocracia portugueza... mas foi baldado o seu plano. Gabriella apaixonou-se pelo rapazote da embaixada ingleza — como o leitor já sabe — e adeus, calculos aristocraticos! Além de que, era uma zanguinha para o senhor Militão vêr sua irmã namorada d'um inglez — quando eram estes malditos insulares que lhe haviam cortado a sua primeira fortuna. Resolveu-se, pois, a leval-a comsigo á India, a vêr se lhe achava um bom partido entre os bastardos descendentes dos Castros ou dos Pachecos — não mettendo no calculo que pudesse haver a bordo guardas-marinhas galantes e espirituosos.

O homem não era forte em arithmetica, e por isso se enganou ainda uma vez — como terá occasião de vêr quem proseguir na leitura d'esta succulenta historia.





XII

UM QUARTO DAS OITO Á MEIA NOITE

Por muitos dias se passou uma vida monotona a bordo da ADAMASTOR. Não havia escândalo; faltava, por consequencia, o principal combus-tível para atear a conversação. O proprio tenente Ri-beiro, redactor em chefe da *Chronica da Adamastor*, annunciou que cessava temporariamente a publicação da sua folha por falta de novidades. O doutor Rosado deixára de ser seu collaborador para se entregar todo a escrever um livro intimo — *Mysterios d'uma char-rua da India* — que elle nunca mostrou em vida a pessoa alguma, mas que nos veio parar á mão de- pois da sua morte, servindo-nos de valioso auxilio na composição d'este livro.

O navio ia-se aproximando do Cabo da Boa Es- perança, essa baliza que foi por tanto tempo o *nec*

*



plus ultra dos navegantes. Todos pensavam a bordo na temerosa passagem do Cabo das Tormentas, dando folga, por consequencia, aos mexericos de senhoras-visinhas, que fazem d'uma nau de viagem um bêcco d'Alfama ou do Bairro-Alto.

Os passageiros desejavam ardentemente chegar aos portos para onde iam despachados, não cuidando já nos varios acontecimentos de que haviam sido testemunhas a bordo; e os dous maridos, esses nem leves suspeitas tinham da fidelidade de suas esposas.

O major Barros, bom homem de seu natural, folgára de vêr como a sua Mariquinhas não fôra mettida nem achada n'aquelle embrulhada nocturna... embora o leitor saiba o contrario... porém o homem vivia feliz *n'aquelle engano d'alma ledo e cego!* O secretario geral soube da bocca de Dona Candida que fôra ella quem mandára chamar ao camarote o fiel d'artilheria para o intimidar, com ameaças de morte, se revelasse a bordo, ou nos Estados da India, o segredo que possuia; e que, para maior segurança, fechára por dentro a porta do camarote — que o senhor Militão tão imprudentemente fizera abrir — e a portinhola... causa involuntaria de se enganar o doutor, e d'aquelle funesto *qui pro quo*.

Os namorados continuavam com mais ou menos felicidade, mas sem ardôr, as suas conquistas amorosas, incluindo o guarda-marinha que repartia as suas atenções entre a *irmã mais velha* — a seductora Gabriella, e uma *nova manasinha* — a formosa Carlota.

O pagem-femea ia-se consolando da perda do seu Frederico... coitado de quem morre!... enxugando as lagrimas e recuperando a côr dos vivos. Não ha mal que se não cure; e as dôres, por mais intensas que sejam, pela perda d'um amigo, d'um parente ou d'um amante cedem sempre o lugar a uma saudosa recordação, e até, ás vezes, com o andar do tempo, a um completo olvido, principalmente se uma nova afeição, respeitosa e delicada, se chega a insinuar no coração.

Carlota não attendia a nenhum de seus numerosos adoradores que, como se pôde suppôr, eram todos os rapazes devolutos, officiaes do navio e officiaes do *outro-mundo*; porém distinguia o senhor Fernando d'Athaide que nunca lhe fallára em amor, mas que a cercava de attenções com uma *amizade sincera*... É que ella estava linda! Até o velho desembargador e o decrepito commandante paravam diante da engraçada menina embasbacados; e não faltou quem fallasse no proprio capellão, apesar do seu character religioso, assacando-lhe... más linguas!... que tambem arregalava olhos libidinosos para a pequena engeitada.

Isto, porém, são patranhas da *Chronica da Adamastor* que mentia como qualquer periodico impresso; deixemos esse frivolo objecto, e vamos consultar as memorias do doutor Rosado, para narrar um serio episodio d'esta tragica viagem.

A charrua voga indolentemente sobre as aguas encrespadas de leve pela briza; e a gente de quarto,



encostada pelas amuradas, entôa canções singelas e melancolicas, ou fuma sobre o castello vendo quebrarem-se as ondas na roda da prôa e deslisarem espumando pelos dous bordos. A maruja estava de mistura com alguns dos degredados, que tambem faziam quarto para não morrerem asphyxiados, como já succedêra a treze dos seus companheiros.

Era uma bella noite de luar. Estava de quarto das oito horas á meia noite o tenente Gonçalo que vigiava empoleirado no degrau do catavento, e era seu immediato n'este serviço o aspirante; porém esse dormia enroscado como uma pescadinha de rabo na bocca, dentro d'uma celha d'adriça, á prôa.

É um santo costume d'esta nossa terra que, apesar de muitos esforços, se não pôde extirpar ainda — o de embarcar crianças — como o aspirante em questão — de 12 annos, e menos ainda — e mandal-as fazer uma longa viagem, sem terem ninguem a bordo que olhe por ellas. Dizem que é *a ingleza*! Este methodo parece-se tanto com o systema inglez como um ouriço cacheiro com uma gaita de folles! Os inglezes teem a bordo quem ensine os aspirantes por obrigação; cá recommenda-se isso aos commandantes que apenas os aproveitam para moços de recados. Os pequenos adquirem a bordo todos os vicios — que n'aquella idade se enraizam devéras — e quando regressam a Portugal difficil é que a marinha de guerra os aproveite, porque perderam o habito de estudar, e tomaram o gosto á vida solta e licenciosa que desfrutaram. Então só os esperam os *bentinhos* ou a



banda de official do Ultramar; e a nação perdeu toda a despeza que fez com elles a bordo.

Porém isto é prégar no deserto. Voltemos para dentro da charrua.

Seriam nove horas.

Proximo da celha onde o aspirante dormia, quasi imperceptivel apesar do luar, vieram sentar-se dous degredados e entabolaram o seguinte dialogo:

— Vê lá, Tição, como tomaste as tuas medidas; se falha o plano estamos perdidos.

— Qual falhar! Vêl-o-has em dando meia noite. Eu capitaneio a gente de cima e a Dolores guiará a de baixo. Dos nossos nenhum dormirá esta noite — estaremos bem álferta e decididos em quanto a tropa e a marinhagem bocejará com somno. Os officiaes — esses estão bem seguros nos seus camarotes, dormem descuidados; só perdoaremos ao guarda-marinha Athaide, que é quem nos ha-de dar o rumo para Madagascar.

— Que pena é não termos um piloto entre os nossos para nem esse pouparmos! mas não importa, restam-nos muitos cães em que nos cevemos.

— Nada de piedade! morte a todos, menos ao guarda-marinha! depois veremos a maneira de nos desfazermos d'elle. Gente para a manobra temos nós — e para o leme tambem... Ah! senhores da marinha de guerra, temos uma larga conta que ajustar... Só uma das verbas pede muito sangue — são treze cadaveres dos nossos irmãos que demandam vingança!

N'este ponto o navio inclinou todo a estibordo,



porque uma forte rajada lhe feriu as vélas com impeto; e no mesmo momento se ouviu a voz do tenente, que interrompeu a conversa dos malfetores, dizendo assaralhopado:

— Chega para as obras de joanetes!

O contra-mestre, que estava á prôa fumando no seu cachimbo de gesso, apitou immediatamente, e a tripolação correu para os seus postos; porém o patusco acrescentou em tom de commentario:

— Ferra joanetes?... já é tarde, meu amigo! Se tivesse de succeder algum precalço, já a *chafardana* ia por sotavento fóra, ou o barco tinha feito da quilha portaló.

— Volta ás obras! — disse o tenente com voz mais clara.

— Ora graças — acrescentou o contra-mestre — já lá vai o mau tempo! — Volta, rapazes; encosta para as amuradas.

Em quanto, porém, se tratava da manobra projectada e os dous presos do dialogo se encaminhavam tambem para os seus postos, o pequeno aspirante ergueu-se de mansinho, e cosendo-se com a amurada, a cujo tópo não chegava com a cabeça, dirigiu-se para o official de quarto.

— Aspirante — bradou-lhe o Gonçalo — vá para a prôa, que é o seu lugar.

— Tenho que lhe fallar — respondeu a criança.

— Não estou agora para conversas.

— É muito importante...

— Melhor. Mais festa ao santo.



— Então vou dizer ao commandante o que lhe queria dizer ao senhor.

— Vossê faz-se tolo?

— Tolo me parece o senhor tenente!

E dizendo isto, o bréjeiro do aspirante evitou o pontapé que lhe vinha despedido d'uma enorme bota do tio Gonçalo, e sem mais preambulos lançou-se na camara do commandante, resolvido a acordar o senhor Epiphanio.

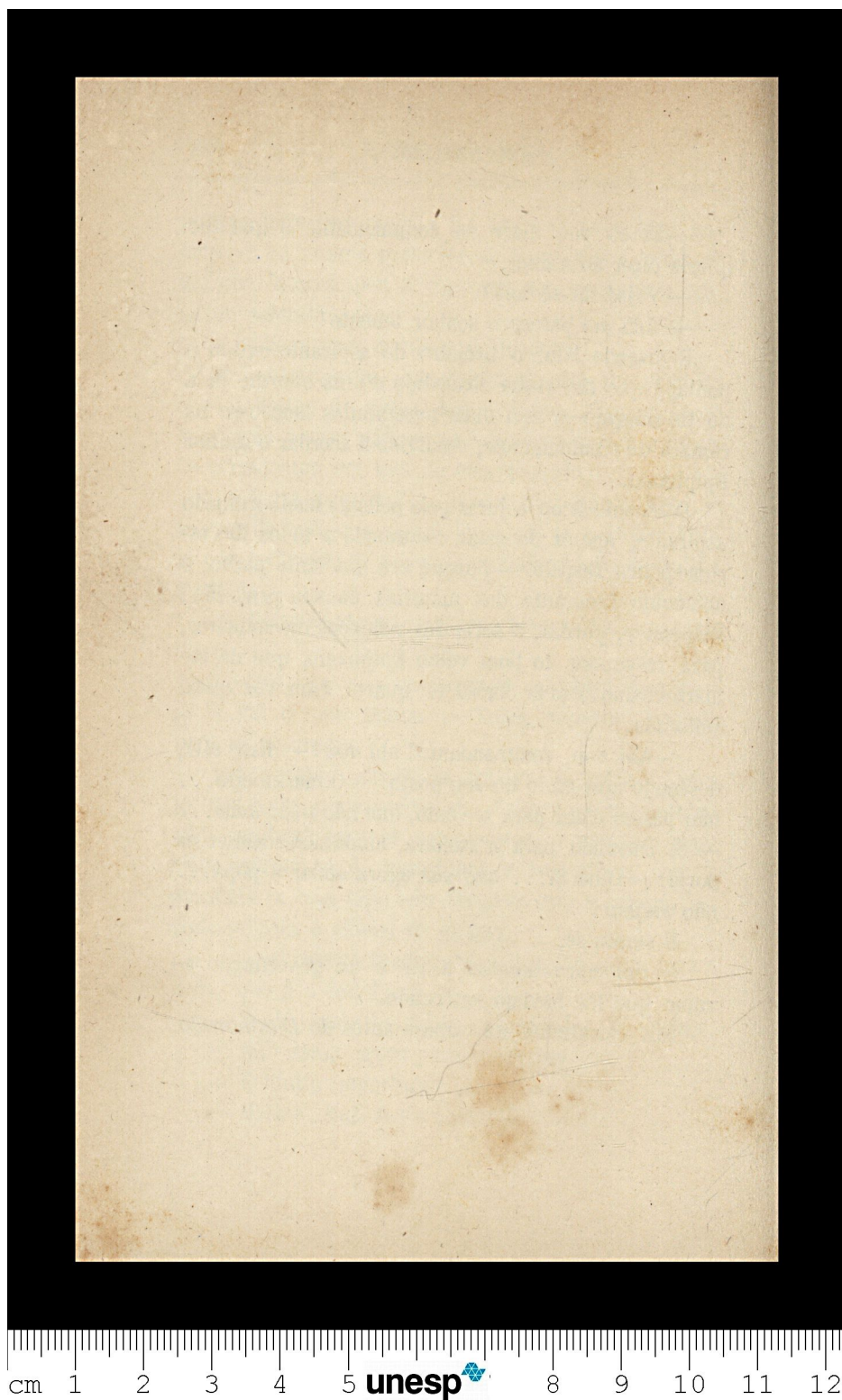
O tenente ficou a jurar pela pelle ao insubordinado aspirante, apesar de estar costumado a todos lhe terem pouco respeito — porque era um tanto parvo, e altamente ignorante das materias da sua profissão; suspendeu, porém, a serie das reflexões disciplinares, para responder ao bom velho Epiphanio, que da camara chamava pelo official de quarto, com voz quasi suffocada.

— Ahi vou, commandante! ahi vou! — disse elle, descendo apressado do seu posto. — Ó marinheiro... não passes d'ahi para o vento, que não póde mais... — e, correndo para a camara, ainda acrescentou da porta: — Olha lá... não vás agora andar á pôpa... não arribar!

E sumiu-se.

O timoneiro desatou a rir e foi governando ao rumo que lhe haviam entregado.

Nós entraremos na camara antes do *Enamorado*.



XIII

AINDA O QUARTO DAS OITO À MEIA NOITE

P SENHOR Epiphanio de Sousa roncava desafinadamente no seu catre, quando o aspirante o veio acordar sem piedade; pulava-lhe nos lábios um sorriso, porque era embalado por um sonho feliz: via-se almirante d'uma d'essas grandes frotas — que já para os portuguezes d'hoje parecem contos fabulosos. — O pequeno, porém, não attendeu a esta circumstancia, porque, criança como era, comprehendeu que não havia tempo para demoras, e sacudiu com força o braço do capitão de fragata, gritando-lhe á queima-roupa:

— Senhor commandante! senhor commandante!

O tio Epiphanio acordou sobresaltado e cahiu das alturas do almirantado na realidade do commando da charrua. Devia ficar de mau humor, e assim succedeu.



— Que é isso? que quer vossê? — perguntou elle, esquentado.

— Saberá vossa senhoria que os degredados se querem revoltar esta noite e matar toda a guarnição!

Tal foi a resposta succinta e rapida do aspirante, mas positiva e assustadora.

— Uma revolta! — exclamou o commandante saltando d'um pulo fóra do catre — e querem matar-me, esses ladrões a quem tenho tratado tão bem?

O homem, n'este momento, só se lembrava de si.

— Sim, senhor — acrescentou o pequeno — eu mesmo os ouvi combinarem o plano: é á meia noite que nos hão-de atacar.

— E que horas são?

— Nove e meia: tocaram agora tres ampulhetas.

— Ainda temos muito tempo. Eu lhes mostrarei quem é Epiphanio de Sousa.

Depois acrescentou *in petto*:

— O peor é que eu não sei por onde hei-de começar! não importa; chamo o official de quarto para me aconselhar com elle.

Effectivamente seguiu este alvitre, como observámos no capitulo anterior.

Logo, porém, que ouviu a voz de Gonçalo Mathias a responder-lhe, disse mui desanimado:

— Este é mentecapto! Vou mandar chamar algum mais geitoso... Quem ha-de ser? Ó immediato comeu hoje tanto que deve estar com alguma indigestão. O Jacintho para pouco serve. Ah! o Ribeiro! esse sim, que é esperto e desembaraça-

do... Falla muito, é o defeito que tem, mas agora não ha remedio senão atural-o. — Ó senhor aspirante, chegue lá a baixo a chamar o tenente Ribeiro; mas sem fazer barulho!

Quando Gonçalo entrava na camara sahia d'alli o aspirante em passo accelarado.

— Senhor tenente — disse o commandante a meia voz, pegando no braço do *Enamorado* — ameça-nos uma grande desgraça!

— O que é, senhor commandante? — interrompeu Gonçalo muito assustado — descobriu-se muita agua na bomba?

— É necessario muita prudencia e methodo para nos salvarmos.

— Oh meu Deus! haverá fogo no paiol?

— Cale-se ahi, homem, com essa lamuria! Logo saberá tudo. Por agora vá virar de bordo o navio; *ferre e largue* á sua vontade. Não lhe importe com o rumo nem com a velocidade da embarcação; manobre de maneira que tenha a gente bem esperta até á meia noite.

O tenente sahiu da camara sem responder nada, mas ia dizendo com os seus botões:

— Que diabo de rascada será esta? Aqui ha cou-sa! E foi o maldito aspirante que causou todo este reboção!

E empoleirando-se de novo no degrau do catavento bradou rijamente, com a ajuda do porta-voz:

— Lesto a virar!... Arriba, gente! chega para as obras!

Quando a gente estava a postos e que o tenente começava a mandar a manobra, appareceu na tolda o Ribeiro.

— Que te parece? — apressou-se a dizer-lhe Gonçalo — virar de bordo quando iamos a caminho? Haverá algum baixo pela prôa?

Ribeiro nem ouvia o que lhe dizia o seu collega, e entrou correndo na camara do commandante.

— É bem malcriado, ás vezes, este bazulaque! — continuou despeitado o senhor Gonçalo — pensa que só elle é official... pois veremos qual de nós ha-de commandar primeiro um navio!

Deixemos este pobre homem entretido com a manobra e com as suas reflexões, e a tripolação correndo d'uma para outra parte e excommungando o tenente que se lembrou de fazer exercicio a taes deshoras, para acompanharmos o Ribeiro á camara de cima.

— Que manda vossa senhoria?

— Já sabe?

— Sei tudo... contou-m'o o aspirante.

— E então?

— Eu acho que devem mandar-se prevenir os officiaes sem barulho, bem como o sargento do batalhão naval, para que tenha o destacamento em armas, tambem no maior segredo: os soldados podem vir a um e um para a praça d'armas, e carregarem ahi as espingardas. Quanto á marinhagem, essa aprompta-se á sombra da tropa; o caso é não deixar penetrar nenhum dos degredados na arrecadação do armamento,



e para isso bastam os officiaes do navio e os passageiros; fica-nos o resto da gente livre para manobrar.

— Homem, talvez fosse melhor ir agora prender os cabeças da conjuração, que estão de quarto!

— É impossivel, porque não sabemos quem elles são.

— Sabemos. O chefe é o Tição, e o seu confidente o Aguas-Santas — aquelle famigerado ladrão do Alemtejo que se entretinha horas esquecidas a vêr as caretas que faziam as suas victimas, á proporção que lhes ia cravando a faca.

— Porém não temos testemunhas, além do aspirante, que é menor, e não podemos provar-lhes o crime. Elles adiarão o projecto e talvez depois nos apanhem desapercibidos.

— Isto precisava ser pensado maduramente, porém o tempo insta...

E ficaram silenciosos um momento: Ribeiro olhando para o tecto, Epiphanio roendo as unhas.

Gonçalo tambem parára, por um instante, com a manobra. Apenas se sentia o vento que assobiava por entre a enxarcia, e o mar quebrando-se contra o costado do navio.

Não chegou a durar dous minutos esse repouso. Um grito de dôr — como de homem ferido mortalmente — partiu da prôa; e logo um susurro confuso de muitas vozes e passos se escutou para aquelle lado. Ribeiro tomou uma resolução repentina:

— Senhor commandante — disse elle — é de certo a revolta que começa! Sáia vossa senhoria para a



tolda com a sua espada, que eu corro a segurar a porta da prisão com os soldados que puder reunir, a fim de evitar a junção dos degredados.

Quando elle descia, correndo, a escada da meialaranja, chegava á porta da camara o aspirante, gritando muito assustado:

— Senhor commandante, senhor commandante! mataram o mestre calafate! ha lá facas arrancadas na prôa! vão-se esfaquear uns aos outros — marinheiros e degredados!

— Para que eu estava guardado depois dos setenta annos! — exclamou o senhor Epiphanio na maior afflicção — mas enfim é necessario morrer como commandante. Vamos a isto.

Ha momentos e situações na vida que transformam a natureza do homem, que fazem d'um *jan-fernandes* um heroe.

Epiphanio de Sousa desembainhou a espada e saltou com a ligeireza de um rapaz para cima do degrau do catavento.

— Ó gente do quarto, a mim! — bradou elle com voz segura — toca a armar, soldados, péga em espadas, marinheiros!

De feito, o bom homem viu-se n'um instante cercado de tropa armada de fuzis, e de maruja com a espada em punho.

— Senhor tenente de quarto? — continuou o commandante, cada vez mais senhor de si — senhor tenente de quarto?

Ninguem lhe respondeu.



O senhor Gonçalo, já informado pelo aspirante do que premeditavam os degredados e sentindo aquelle barulho na prôa — não abandonára o seu posto, é verdade — estava na tolda, mas tinha perdido a falla, provisoriamente. Assim mesmo chegou-se logo para o commandante.

— O senhor não me responde? — proseguia o commandante encolerizado; mas logo serenou, ouvindo uma voz que dizia:

— Aqui estou eu, commandante! veja o que determina!

— Oh! ainda bem que appareceu, senhor guarda-marinha! Vá á prôa com alguns soldados e veja se pôde prender os cabeças d'este barulho, principalmente o Tição e o Aguas-Santas.

— O Fornos é que matou o calafate — ajuntou o aspirante.

— Pois segure tambem o Fornos e quem resistir é desfechar com elle.

O guarda-marinha Fernando de Athaide marchou sem hesitar para a prôa, seguido de quinze soldados.

— Abaixo as facas! — bradou elle.

— Pois não abaixaste! — respondeu o Fornos, verdadeira incarnação do crime — eu t'o digo...

E correu para elle com a faca.

Fernando deu um pulo para o lado evitando felizmente o golpe, e atirou tão valente cutilada ao pescoço do assassino que o pôz logo fóra de combate; porém sete ou oito malfeitores correram a vingal-o, armados de machados, espeques e facas.



Athaide virou-se para os soldados com sangue-frio e deu a voz de fogo.

Quinze balas sibilaram no ar : duas empregaram-se em corpos humanos, e as outras foram cravar-se na amurada do navio.

Porém o soldado que apontára ao Tição cahiu no momento de disparar o tiro, prostrado por um golpe de machado.

Foi a Dolores, companheira do bandido, quem lhe vibrára o golpe mortal.

Immediatamente se virou para ella o guarda-marinha, apontando-lhe a espada ao peito e bradando :

— Larga o machado, furia!

— Eu ? — respondeu a virago cruzando o machado com a espada. — Eu? Dolores? Estás bem enganado, menino! Eu só tenho medo d'um homem, n'este mundo, e esse, elle alli está batendo-se como um leão.

E apontava com o dedo descarnado para o chefe dos bandidos, quando um golpe, semelhante ao que ella vibrára traiçoeiramente contra o soldado, veio lançal-a por terra, mas não morta.

Era um soldado do batalhão naval, o mais querido dos officiaes por seu porte militar e aceio, que assim vingava, em parte, a morte do seu camarada; porém o Aguas-Santas presenciára o golpe, e voou sobre o mancebo, de machado alçado.

Fernando appareceu do outro lado, de espada em punho, e travou-se entre os tres uma lucta encarniçada.



O Aguas-Santas teve de recuar, tão apertado se via pelos seus dous jovens inimigos, mas ainda se viu mais uma vez para atirar o derradeiro golpe ao guarda-marinha. Vinha puxado d'alma! mas parou-lh'o na espingarda o soldado; e Fernando, cego de raiva, levantando com ambas as mãos a espada contra o aggressor, que fugia outra vez, foi descarregar uma enorme cutilada no hombro do seu defensor.

— Ah! senhor guarda-marinha, que me matou! — disse o soldado cahindo.

— A ti, 217?... a tí, o melhor soldado de bordo! que desgraça!

Quiz erguer nos braços o corpo ensanguentado do mancebo, porém foi atropellado pelos soldados que recuavam diante dos revoltosos.

N'essa critica occasião appareceu Ribeiro á testa de um novo reforço do batalhão naval, tendo confiado a guarda da prisão aos officiaes e soldados passageiros, depois de haver lançado dez ou doze saccos de cal para dentro da masmorra, contando assim ter cegos os presos por algumas horas, e por consequencia incapazes de nenhuma tentativa.

O tenente mandou dar uma nova descarga sobre os degredados, e depois entrou com o seu reforço, á baioneta, no campo da lice, isto é, no espaço de vinte pés quadrados, onde combatiam quasi cem homens!

Os marinheiros representavam a cavallaria n'este combate extraordinario: pendurados na enxarcia ou montados na trincheira, atiravam cutiladas a todo o

*



inimigo que lhes passava ao alcance. Alguns estavam em reserva na tolda e serviam como de guarda de corpo ao commandante.

Era d'uma fealdade sublime aquelle quadro que apresentava a prôa da ADAMASTOR! Brilhavam ao luar, e corriam como centelhas, os ferros dos machados e das baionetas, das facas e das espadas que se cruzavam no ar, que se partiam com estrondo, que voavam feitas pedaços; isto ao som d'uma grita confusa, do estertor dos moribundos, de pragas e de blasphemias! Alli, sós no meio do oceano, tendo apenas o céu por testemunha, matavam-se com rancor aquelles homens que pouco antes trabalhavam juntos, que comiam do mesmo pão! Era uma scena de quasi tão horrivel colorido como uma tempestade; com a differença que aqui eram homens que combatiam com homens, e na força da tormenta é o homem a lutar com o infinito poder de Deus!

O combate terminou como era de suppôr, aprisionando-se o Tição e rendendo-se em seguida todos os revoltosos. Ficaram alguns mortos no convés e bastantes feridos; a perda da parte dos vencedores foi pequena.

É a fórmula dos boletins officiaes.

O doutor appareceu quasi no fim do combate, e disse fleugmaticamente, olhando para os feridos:

— Ora sempre julguei que me deixassem dormir socegado toda a noite; mas pelo que vejo, temos obra para muitas horas. Não podem estar quietos estes diabos!



E, chamando para junto de si o enfermeiro e o moço da botica, começou a separar os mortos dos feridos que achava banhados em sangue, e com igual apparencia. A estes mandava conduzir para a enfermaria, e áquelles tocava com o pé, dizendo: « Bota ao mar! » o que logo se executava.

Acabando esta tarefa, o senhor Rosado disse magestosamente :

— Ora bem, já se cumpriu parte da immortal sentença do marquez de Pombal; vamos concluir a obra: enterraram-se os mortos; tratemos agora de salvar os vivos!

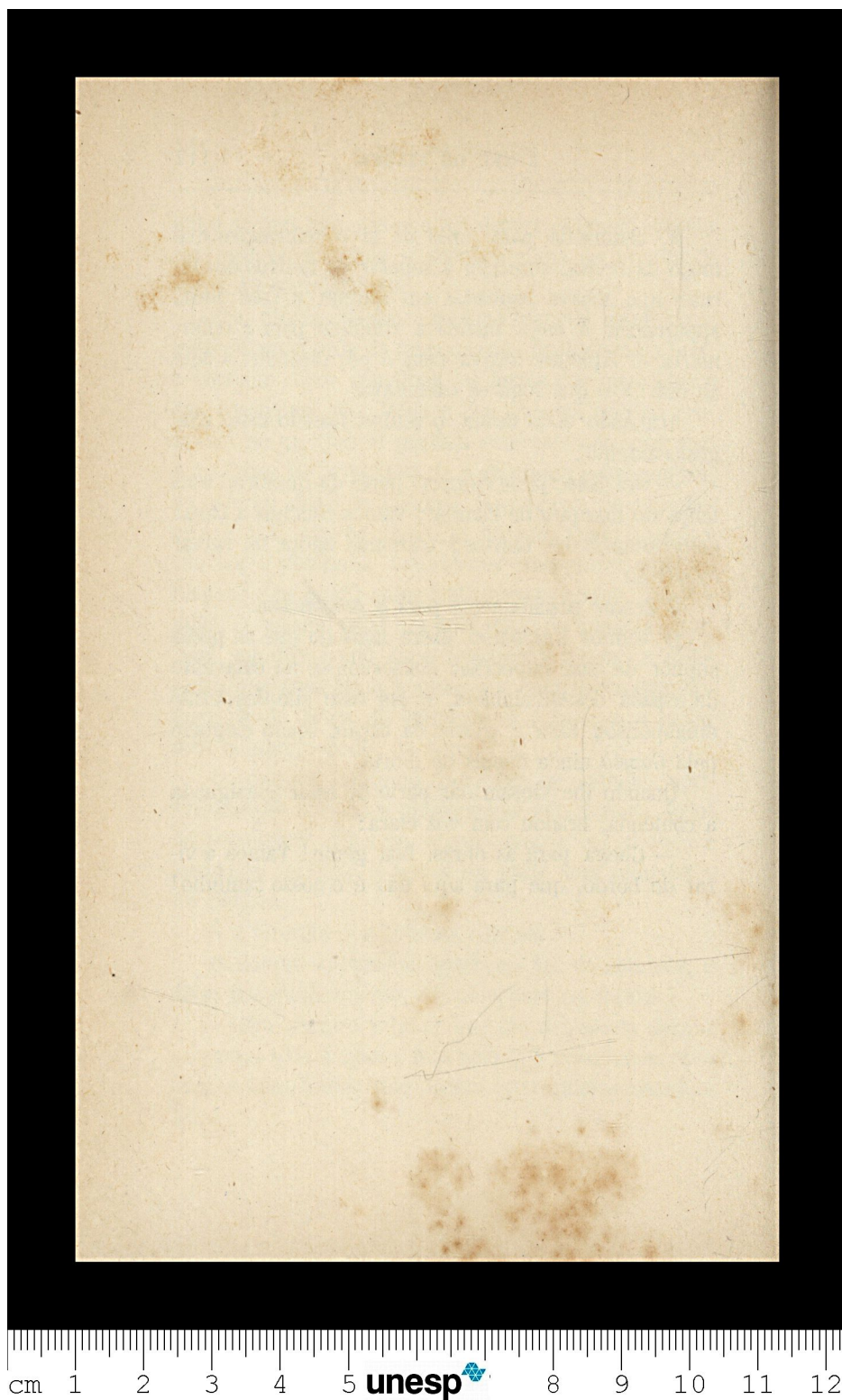
E desceu placidamente para a enfermaria.

O senhor Epiphanio fizera mais do que se podia suppôr da sua impericia; conservou-se ao catavento de espada desembainhada, e por esse simples titulo monopolizou toda a gloria da acção, sendo elogiado pela *Gazeta* ainda depois de morto.

Quando lhe vieram dar parte de estar apaziguada a contenda, bradou com voz clara:

— Chega para as obras, boa gente! Vamos a virar de bordo, que para aqui não é o nosso caminho!





XIV

CERTEZAS, SUSPEITAS E ODIOS

JENTÁMOS enfeixar n'um pequeno quadro muitas d'essas scenas excepcionaes que constituem o viver anomalo do mar: falta-nos, porém, aquelle genio de romancista que, se me dão licença, direi que não ha em Portugal; aquelle talento de ligar entre si, por laços necessarios, todos os personagens do drama, de sorte que o apparente episodio não quebre a unidade da acção, antes se abraçe ao pensamento principal por bem imaginadas peripecias onde não falte a verosimilhança. É por isso que recreamos desagrado ao leitor o esboço que vamos contornando, tanto mais que este genero de romance só por nós foi tentado em Portugal; que o leitor se queixe de que o não deixamos seguir por muito tempo o personagem, e finalmente que isolamos os



actores em diferentes grupos sem a precisa gradação de tintas. Tudo isso assim é, tem o leitor razão, mas não pudemos ou não soubemos urdir d'outra maneira a nossa téa. Promettemos todavia ir d'aqui em diante centralizando a acção até ao desfecho, que ainda nos fica longe. É quanto podemos fazer: confessar os peccados e mostrar arrependimento.

Sirva este paragrapho como de prefacio, cousa que segundo o bibliophilo Jacob ninguém lê no principio d'uma obra, porém que Frederico Soulié transportou para o meio d'um dos seus romances, obrigando d'est'arte o leitor a engulir a pilula, que lhe repugnava tomar sob outra apparencia. E agora, para não abusar da paciencia dos nossos ouvintes, vamos, correndo, tomar o fio da historia.

Tinha passado aquella noite de sangue. Apenas alvorecera o novo dia começou o commandante a trabalhar com o seu escrevente e a expedir ordens a varios officiaes; por volta das nove horas mandára chamar á camara o velho juiz da relação de Gôa. Assistiremos a este curioso dialogo.

Depois dos cumprimentos do estylo atacou o senhor Epiphanio a questão nos seguintes termos:

— Pois saberá vossa senhoria que já expedi as ordens para se formar um conselho aos chefes da agressão, mas desejava que nos assistisse um juiz letrado n'este processo. Se vossa senhoria quizesse servir de auditor...

— Não tenho duvida n'isso.



— É porque talvez tenhamos de sentenciar á morte algum d'elles.

— Á morte?... Não, senhor commandante; de certo que não sentenciaremos ninguém á morte, porque uma tal sentença careceria da confirmação regia para ser executada; ainda mesmo que o conselho fosse, que o não é, um tribunal devidamente authorisado para infligir tal pena.

— Aqui a bordo tudo se póde fazer. Para dentro dos portalós não ha constituição nem lei que não seja a vontade do commandante. Ainda é como d'antes, no nosso tempo. Ora ouça, senhor juiz: o conselho sentença o réo a um castigo corporal, duas ou tres mil chibatadas, por exemplo...

— Mas a lei só authorisa as varadas até ao numero de cinquenta...

— Isso é a lei escripta, mas eu já disse a vossa senhoria que cá a bordo é outra cousa... e lá em terra pelos quarteis da tropa vai o mesmo, apesar de estarem mais em contacto com o governo, com as côrtes e com a imprensa periodica... Deixe a cousa por minha conta. Lá que eu os hei-de ensinar, que hei-de dar um grande exemplo, isso é que é tão certo como haver narizes.

— Bem. Vossa senhoria responderá.

— Fique certo que não hei-de ter o trabalho de responder, porque não se hão-de incommodar a interrogar-me a semelhante respeito. Vossa senhoria aceita pois o cargo de relator?

— Pois não! estou ás ordens de vossa senhoria.



— Eu mesmo presidirei, e teremos por vogaes o meu immediato e os tenentes Ribeiro e Costa. Dize-me que entre os cabeças da rebellião ha um menor; dou-lhe por curador o Gonçalo ou o commissario: um é parvo, o outro não sabe lêr por cima... qualquer d'elles é bom e ha-de advogar lindamente a causa!

E soltou uma gargalhada.

— Então quando nos reunimos?

— Hoje mesmo; já. Vou dar as minhas ordens n'esse sentido.

E tocou com força por duas vezes uma campainha de prata.

Appareceu á porta da camara o aspirante.

Se tocasse uma vez só vinha o criado. Como tocou duas veio o *aspirante a guarda-marinha*.

Era a ordem!

— Que apromptem a praça d'armas para o conselho; os officiaes nomeados que compareçam... ande depressa!

O pequeno foi a *marche-marche* fazer o recado, em quanto o senhor Epiphanio tomando com familiaridade a mão do outro velho lhe dizia:

— O senhor desembargador almoça commigo, e depois vamos juntos para o conselho.

Dirigiram-se com effeito para a mesa e ao cabo de meia hora estavam na praça d'armas.

Não se assuste o leitor com a idéa de que vamos presenciar o interrogatorio de testemunhas e réos, acareações e mais detalhes de um conselho de guer-



ra, de investigação, ou de disciplina — que não sabemos como classificar esta curia da ADAMASTOR. O nosso intento é simplesmente dar em resumo o resultado de seis horas de conferencia.

Os degredados confessaram o attentado. Disseram que o seu plano era atacar a guarnição na occasião de render o quarto, porque só assim poderiam estar reunidos todos os conjurados. Que os levára a conceberem um tal projecto a vista de treze de seus companheiros mortos á falta de ar, e a doença e quebrantamento de forças de todo o resto. E que, se rompeu a revolta ás dez horas quando estava marcada para a meia noite, é porque o Fórnos se embriagára, e travando-se de razões com o calafate do navio começára por assassinar este, e continuára atacando a maruja e convidando os seus camaradas á vingança.

Ainda mais: os principaes caudilhos da revolta atreveram-se a confessar que o seu plano era matar toda a guarnição, poupando apenas um official que conduzisse o navio a Madagascar; e finalmente que o official escolhido era o guarda-marinha Athaide.

Mentiram, porém, ácerca do motivo d'esta preferencia. Asseguraram unanimes os malvados que o guarda-marinha tinha assistido ás suas conferencias, e que para se vingar dos officiaes seus superiores resolvêra associar-se a elles. Assim pagavam ao innocente Fernando o tremendo golpe que déra no Fórnos, quando a verdadeira causa d'aquella selecção era o porte grave e delicado do guarda-mari-



nha, e nunca usar de más palavras para com os subordinados, nem alçar jámais a mão para elles!

A accusação era insensata, porque fôra patente a bravura com que Fernando se arremessára ao meio da revolta, com grave risco da propria vida. Comtudo outra circumstancia veio ainda aggraval-a. O soldado n.º 217 da 8.ª companhia do batalhão naval declarou que fôra ferido pelo guarda-marinha, ignorando porém se voluntaria, se involuntariamente.

Esta coincidência assustou sobremaneira o commandante e deixou perplexo o conselho. Resolveram pois mandar prender o guarda-marinha, e interrogar-o mesmo para justificação sua se fosse calumniosa a accusação.

Foi o tenente Ribeiro o incumbido d'esta captura.

Chegando ao tombadilho encontrou o joven official cercado das senhoras e de alguns passageiros, narrando os acontecimentos da vespera como quem fôra testemunha presencial e actor. — As duas meninas — Gabriella e Carlota — extasiavam-se a ouvir as proezas do pequeno heroe! A mocidade nunca é muito modesta em contar os seus feitos; e o guarda-marinha fazia estremecer o auditorio pintando com côres vivas e poeticas ora um machado alçado sobre a propria cabeça, ora uma faca prestes a varar-lhe o coração, ora a sua espada levando a morte ao centro dos inimigos e tambem dos amigos... pobre 217! — Aquelles coraçõezinhos palpitavam apressados com a narração de taes horrores, e lá comsigo comparavam o guarda-marinha a Roldão e a Oliveiros.



Maior foi porém o seu susto, quando ouviram o tenente dar a voz de preso a Fernando, e que souberam a tremenda accusação que sobre elle pesava. Quanto ao guarda-marinha, estremeceu á idéa de que fôra posta em duvida a sua probidade, depois das provas de valor que déra contra os insurgentes; e resolveu ir ao tribunal, não justificar-se, mas lançar em rosto aos seus juizes a estupidez d'aquella suspeita. Empallideceu, todavia, ao encarar com as duas meninas desmaiadas. Olvidou até a torpe calumnia, tudo para dizer consigo mesmo:

— Oh! como estas mulheres me tem amor! e são tão lindas! Victoria, minha Victoria, perdôa-me: eu não posso deixar de as amar também!

Foi com rosto muito alterado que Fernando appareceu ante o conselho. Aquella emoção preoccupára-o de tal modo que esqueceu tudo que tinha a dizer aos juizes, e só deu respostas desconexas ás perguntas que lhe fizeram. Á vista d'isto o conselho decidiu que ficasse recluso no seu alojamento com sentinella á vista, e incommunicavel até ulterior decisão.

Quanto aos verdadeiros criminosos, o mesmo tribunal resolveu castigar só quatro d'elles, reputados *cabeças de motim*, e absolver todos os mais. Esses quatro sobre quem devia cahir o rigor, não da lei, mas do arbitrio, foram o Tição, o Aguas-Santas, o Pé-de-dança e o Fornos, sentenciados pelo conselho a levarem mil açoutes cada um em presença da guarda e dos degredados.

.....



Fernando estava só no seu alojamento; mas pensava menos em defender a sua honra militar ultrajada do que em accusar-se de desleal para com Victoria, Gabriella e Carlota!

Parece-me que os leitores, ou pelo menos as leitoras começam a zangar-se seriamente commigo pela volubidade amorosa do meu heroe e das minhas heroínas; mas eu estou escrevendo a verdade, e não é culpa minha se Deus nos fez assim — incapazes de chorar por toda a vida e de gostar sempre do mesmo objecto.

Carlota e Gabriella conheceram-se rivaes no momento da prisão de Fernando, em que tão indiscretamente desmaiaram. A datar d'esse instante, odiaram-se com toda a força do ciúme, com todo o rancor de duas irmãs amadas pelo mesmo homem! O guarda-marinha, esse bem diligencia fazia por se recordar da formosa filha d'Albion, mas esquecia-lhe — mau grado seu! E Deus sabe o que fazia n'essa hora a gentil Victoria! Sei-o eu tambem, mas não é por ora que o hei-de revelar ao leitor.



XV

ASSASSINATO MILITAR

YAMOS assistir a um dos mais repugnantes espectáculos: o castigo corporal.

É tremendo-nos a mão que vamos descrever tão lugubre scena, ante a qual recuámos já uma vez, limitando-nos a estigmatizar esse barbaro e vergonhoso castigo, sem fazer assistir o leitor a uma execução d'este genero. Hoje, porém, que se ventila em Portugal a questão de abolir as varadas, vencemos a natural repugnancia e deixaremos aqui registadas as penosas impressões recebidas na presença de um d'estes quadros sangrentos, cuja recordação ainda hoje nos causa horror!

São onze horas da manhã do dia seguinte áquelle em que o conselho votou contra homens, seus semelhantes, muito criminosos, sim, mas homens, uma punição de tal genero que a não infligiriam igual ao



cavallo que os sacudisse fóra da sella, fazendo-lhes quebrar perna ou braço, ou ao pêrro que lhês mordesse sem motivo, tal, que nem o senhor a applicou nunca assim a escravo seu, por muito mau que elle fosse! E homens livres a infligem a homens livres, á face da civilisação d'este seculo!... São onze horas da manhã, disse, e um formoso sol dos tropicos vai illuminar com todo o seu brilho um d'esses festins de canibaes.

A guarnição está alinhada pelos bordos do navio trajando o seu fardamento melhor; os officiaes e soldados em rigoroso uniforme; e os degredados que, segundo a sentença, deviam assistir á execução, estão amarrados com cordas dous a dous e alguns d'elles com ferros aos pés, mas todos cabisbaixos. Não ha musica na charrua senão estaria tambem alli, tocando valsas e contradanças, que assim se usa em taes casos, para animar os algozes e abafar os gritos das victimas. Na falta d'esta vem o tambor marcar o compasso ás chibatadas dos verdugos!

Quem nunca assistiu a uma d'estas scenas não crê de certo que ainda se repitam nos nossos dias. Pensará talvez que é uma reminiscencia dos tratos da inquisição, trazida anachronicamente para aqui, ou uma extravagante phantasia de author. Infelizmente, porém, muita gente as tem presenciado, os jornaes as denunciam todos os dias, e nas salas do parlamento ainda echôam as solemnes palavras de tantos representantes da nação, que protestaram contra estes inauditos attentados.



O commandante e os passageiros são os ultimos a chegar á tolda. Só faltam a este acto as senhoras, o guarda-marinha, que está preso, e o tenente Ribeiro, que deu parte de doente, para não assistir a um castigo illegal e torpe, contra o qual votou no conselho.

O commandante manda lêr pelo seu immediato alguns artigos de guerra escolhidos por elle d'entre a collecção, nenhum dos quaes tinha applicação no presente caso, pois não authorisam mais de cincoenta chibatadas, qualquer que seja o crime; depois o tenente Costa lê a sentença d'aquelle tribunal de primeira e ultima instancia, e em seguida o senhor Epiphanyo manda que saiam á frente os quatro condemnados, criminosos de quem pretendem fazer martyres!

O primeiro, a quem mandam despir a jaqueta e a camisa, é o Fornos; porém o doutor Rosado interpõe o seu veto medico, e declara que o réo não póde ser chibatado, porque ao menor abalo lhe rebentarão osapparelhos do pescoço e morrerá infallivelmente de uma hemorrhagia. Muito contra vontade se vê obrigado a ceder o commandante depois de larga polemica com o cirurgião; porém annuncia ao réo que nada perde com a demora, que a sua sorte ha-de ser a mesma dos seus tres companheiros, logo que se ache restabelecido.

Isto quer dizer que se livrou um homem de morrer á decima ou á vigesima chibatada, para depois o assassinar á centesima ou á millesima. Cura-se, para o flagellar mais tarde!... É, como vulgarmente se



diz, engordar a gallinha para a seu tempo a matar. É um requinte de barbaridade!

Adiado, pois, este sacrificio, é chamado o Aguas-Santas.

Este homem depravado, coberto dos mais hediondos crimes, que tem affrontado a morte tantas vezes, quasi por gosto, que tem feito soffrer dôres crueis a tantos desgraçados, recua horrorisado ante as chibatas, prostra-se de joelhos, talvez pela primeira vez depois da juventude, implora perdão, invoca a misericordia de Deus, elle, o descrido, elle, que nunca pensou senão no crime! Seus gritos de nada lhe valem: é amarrado a um xadrez e começa a maceração.

Primeiro cobrem-lhe as costas de vergões negros; depois principia o sangue a escorrer-lhe dos golpes e a salpicar o pavimento; não tardam a vir presos às chibatas pedaços de carne humana; e aos algozes forçados já lhes treme a mão, vendo sumir-se os instrumentos do supplicio no dilacerado corpo da victima.

O desgraçado pede agua e não lh'a dão! Delira com a força da febre, torturado pela dôr, e o commandante diz para os guardiões: *Mais de riço!* Passa das preces ás ameaças impotentes; depois blasphema de Deus e da Virgem Santa! até que a voz se lhe extingue, e sôam com horrivel monotonia as pancadas do açoute, acompanhadas pelo toque do tambor e pelo arfar apressado de todos os corações, mas sem um soluço sequer da victima!

Ainda faltam algumas chibatadas para prefazer o



numero de mil; porém, como o réo se não move, é mandado examinar pelo cirurgião.

O doutor apenas lhe toca; vira-se para o comandante, e diz-lhe com a sua costumada paz de espirito :

— Já não carece nem dos soccorros espirituaes do padre capellão, quanto mais dos meus !

O homem condemnado a um *castigo de correcção* era um cadaver; isto é, commetteu-se um verdadeiro assassinato á luz do dia, perante duzentas testemunhas, e o homem que o ordenou não será punido ! e ninguem resistiu a uma determinação tão illegal, além de barbara !

Dir-me-hão os defensores d'este abuso : — Esse homem que nos apresentas era um malvado, e o castigo que soffreu foi a justa retribuição dos seus crimes. Não nos enterneces, não nos commoves.

— Não, feras ! — vos respondo eu — tenho-vos visto rir na presença de taes supplicios e dizer sarcasmos aos padecentes ; sei que sois incapazes de todo o sentimento ; que não tendes coração ! Não é para vós que eu escrevo, mas para as almas generosas ; por isso colloquei no pelourinho um scelerado : se o substituisse por um desertor ou por outro qualquer, condemnado por insubordinação, por embriaguez ou por algum crime politico, que até por esses se tem açoutado gente, ninguem, de certo, leria este capitulo.

Disciplina ! deusa estúpida e cega ! quantas victimas sacrificam em teus altares o orgulho do com-

*



mando e a ferocidade militar! Não chegará o dia em que possam conciliar-se os deveres impostos por ti com a dignidade do homem? Será sempre a antiguidade, embora sem merito, ou o patronato que alcançarão os postos na milícia; e o talento, o valor, a aptidão ficarão perpetuamente condemnados a obedecer e a respeitar a ignorancia de barbas brancas ou o fructo do compadrio?.....

.....
A penna ia-nos arrastando para longe do nosso palco. Volvâmos pois á tolda da ADAMASTOR, resignados com a nossa triste sorte.

.....
Morto o Aguas-Santas, coube a vez ao Tição.

Era um homem!

Avançou com passo firme para junto do cabrestante e indicou por um gesto que não precisava ser amarrado. Elle mesmo tirou a jaqueta e lançou-a para longe: levantou a parte posterior da camisa, passou-a por cima da cabeça, enrolou-a como uma mordaca e cravou-lhe os dentes com força; ficou assim de braços e peito cobertos, porém com as costas inteiramente nuas.

Soou a primeira chibatada, a segunda, a decima, a centesima, e o Tição não tinha movido um pé, não tinha mostrado por um só gesto a intensidade das dôres que soffria; apenas uma pallidez crescente, resultado da perda de sangue, indicava n'aquelle rosto severo, que não era uma estatua que os guardiões fustigavam! Para as costas ninguem olhava: os mes-



mos verdugos se aterravam de semelhante espectáculo!.....

.....
Fraqueia-me a mão ao escrever estas linhas. Crê, leitor, que não é falso sentimentalismo, hypocrita affectação; sinto um zumbido terrível nos ouvidos e largo a penna porque me é impossível continuar.

Fique para outro capítulo o final d'esta scena.





XVI

UM HOMEM E UMA MULHER — HOMENS E MULHERES

QUANDO o tambor incumbido de contar os açoutes pronunciou o n.º 500, ouviu-se uma voz bradar em tom imperioso: — Basta!

E a Dolores avançou para junto do Tição.

— Agora a mim o resto — disse a biscainha — pertence-me metade do castigo arbitrado a esse homem, porque combinamos juntos o plano da revolta. Estou prompta a receber as outras quinhentas chibatadas.

E principiava a desacolchetar o vestido quando o Tição a repelliu de si com o pé, violentamente; e foi agarrada por alguns homens, de mandado do comandante.

A mulher resistiu varonilmente áquelles que a seguravam, mas eram muitos, teve de ceder; e foi con-



duzida á força para a coberta, debatendo-se sempre e praguejando.

Terminando este incidente, a chibata do contra-mestre recommençou a sua abominavel tarefa.

O mesmo silencio, a mesma anciedade!

Porém quando o n.º 800 sahiu da bocca do tambor, repetido pelas vaquetas e triplicado pelo pulsar dos corações, vergaram as pernas ao suppliciado; e ao cabo de mais algumas chibatadas cahiu sobre a tolda sem sentidos, escumando-lhe o sangue pelos cantos da bocca, mas sem articular um unico som, nem queixa, nem maldição!

Tão grande como Catão nas ruinas de Utica, como Cesar apunhalado no Forum, este martyr de uma causa ignobil cahia como um heroe!

Vêde que exemplo, que lição deram com este castigo aos mais degredados!

O cirurgião correu ao moribundo, tomou-lhe o pulso e disse:

— Não está morto ainda, mas um açoute mais o mataria.

Faltavam quasi duzentas varadas para a conta, mas a commoção era geral; ao proprio Epiphanio de Sousa lhe batia o coração com força. Usando do poder moderador, que o commandante exerce a bordo, cumulativamente com os outros poderes do estado, executivo, legislativo e judicial, perdoou o resto da pena ao réo, e mandou-o transportar para a enfermaria.

.....

Faltava ser flagellado o *Pé-de-dança*. Era, como



dissemos, um rapaz de dezoito annos, imberbe, porém de olhos ferozes e rugas na fronte; adolescente na idade, mas velho no crime. N'este momento as suas feições estavam transtornadas, o medo lhe alterára completamente a physionomia.

Só em braços pôde ser conduzido para junto ao xadrez, onde o queriam amarrar. Mal podia fallar, mas assim mesmo o homicida, o roubador, o falsario, não cessava de pedir perdão, de implorar soccorro a Deus e aos homens, de procurar a intercessão de todos os santos para que o não castigassem!

— Ó meus ricos senhores, vêde que eu sou uma criança! — dizia elle chegando junto ao xadrez — deixai-me viver mais algum tempo que eu já estou condemnado a degredo perpetuo para Rios de Senna... não aturarei por lá muito! nunca mais torno a incommodar-vos nem com a vista sequer!

Já todos os espectadores estavam aterrados com o que tinham presenciado, mesmo os carrascos e os juizes. Qual dos meus leitores de coração nobre o não estaria? E repetem-se d'estas scenas todos os dias!... Doze execuções presenciei eu no espaço de algumas horas consecutivas — vi dar mais de cinco mil chibatadas sem interrupção! Forçado a presenciar este supplicio, valeu-me não cahir ao lado das victimas a espada a que me apoiava. Sei que é mau costume misturar o author a sua insignificante pessoa com os personagens do seu drama, mas o leitor perdoará esta pequena digressão, como de certo já tem perdoado outras que encontrou no decurso



d'este livro. O que prometto é evital-as de futuro.

.....
Em quanto o infeliz *Pé-de-dança* tentava, sobre a tolda, enternecer os seus verdugos, passava-se na camara de baixo uma scena que esboçaremos por ter connexão com o mesmo objecto. Era uma conspiração, mas uma conspiração de senhoras; nada se parecia com a dos degredados; pelo contrario: era salvar a vida a este ultimo condemnado — tão moço ainda — que as passageiras projectavam, tanto as formosas como as feias.

— Vamos todas pedir por elle ao commandante — dizia Dona Amalia depois de larga discussão — vamos, que não ha tempo a perder.

— Sim, sim; devem juntar-se todas as senhoras para este philanthropico acto — acrescentou o Ribeiro, que desde a vespera perdêra temporariamente o character folgazão, e que vinha, qual outro duque de Richelieu, misturar-se n'esta conspiração feminil... mas por bem!

— Eu estou prompta — rosnou Dona Perpetua — ainda que as más linguas tenham que abocanhar n'esta acção.

— Fallou muito bem a senhora Dona Perpetua — continuou o Ribeiro — e virando-se para Carlota e Gabriella, que choravam... quem sabe se pelos supplicios? acrescentou diplomaticamente: — Vossas excellencias acompanham estas senhoras?

— Oh! sim! — responderam simultaneamente as meninas a soluçar.



— Pois então, mãos á obra, que a execução vai começar. A senhora Dona Amalia irá na frente e tomará a palavra, levando pelas mãos estes dous anjos; e as senhoras Dona Candida e Dona Perpetua seguil-as-hão de perto para apoiarem com a sua authoridade o pedido d'estas jovens.

Nenhuma das velhas gostou lá muito da graça, mas emfim estavam afflictas e o tempo urgia. A pro-cissão pôz-se em movimento para a tolda.

Não era demasiado cedo!

Já arrancavam a camisa ao *Pé-de-dança*, quando as senhoras cercaram o commandante, pedindo-lhe o perdão do ultimo condemnado.

— É impossivel, meninas — respondeu o senhor Epiphanio, querendo-se fazer rogado — é impossivel! (phrase banal mas muito em uso). Ao menos ha-de levar metade da conta.

— Oh! não, não! — bradou Dona Candida lançando-se aos pés do commandante e abraçando-lhe os joelhos. — Não, o senhor ha-de perdoar-lhe!

Este entusiasmo causou grave especção, porque ninguem reparára no profundo suspiro soltado por Dona Candida ao subir os ultimos degraus da escotilha. É que ella vira as costas nuas do degredado e estampado ahi um estranho signal em que ninguem ainda reparára: era uma cruz atravessada por um punhal!

— Minha senhora — respondeu o commandante — não ha-de ficar impune um dos chefes da revolta, quando dos outros tres um está morto e dous moribundos. O que posso é modificar-lhe o castigo em at-



tenção á sua pouca idade e aos rogos de vossas excellencias.

Dizendo isto fez uma grande mesura ás mais jovens, e concluiu dirigindo-se novamente á mulher do secretario geral:

— Ha-de levar ao menos duzentas chibatadas... não é nada! não se assuste vossa excellencia... Está bom, está bom; serão só cento e cincoenta.

Regateava-se o numero dos açoutes como o preço de qualquer genero no mercado! Que moralidade!

— Oh! senhor! senhor! — bradou Candida do intimo d'alma — perdoai ao pobre Pedro!

Quando ella soltou esta imprudente palavra, o padre capellão e Ezequiel olharam-se com assombro. E logo o reverendo, por motivos que o leitor adivinhará de certo, avançando ao centro da tolda, disse com ar solemne:

— Senhor commandante! Este homem tem gravado o signal da redempção no lugar em que o pretendem castigar! Consentirá vossa senhoria que se retalhe na sua presença e d'esta guarnição o emblema principal da religião de nossos paes?

Foi então que todos olharam para o signal indicado.

Porém o senhor Epiphanio era homem de recursos e agora tinha razão; isso é verdade!

— Que se retirem as senhoras — disse elle — temos lugar onde o açoutar sem offender a cruz que eu tambem venero.

E levou a mão á pala do boné hypocritamente.

— Senhor! — replicou o padre Mauricio mais hy-



pôcritamente ainda — sempre o sangue do peccador manchará a cruz de Jesus Christo.

— Oh! sim, sim! o senhor padre tem razão! — bradaram as mulheres em côro — Perdão para o condemnado!

— Não desista, padre capellão! — acrescentou a meia voz Dona Candida.

— Descance — lhe respondeu Mauricio no mesmo tom — hei-de salvar seu filho.

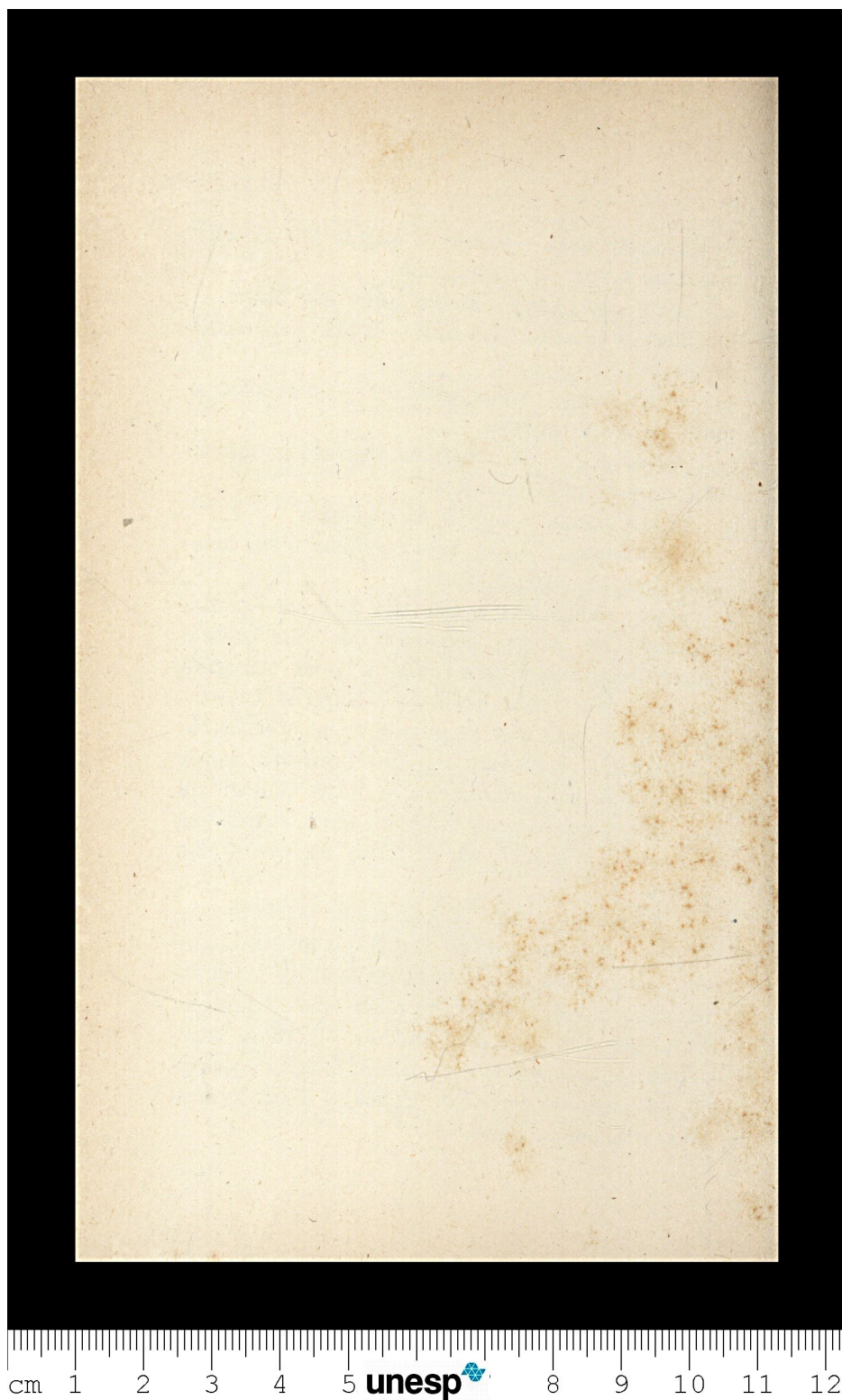
Estava violado o segredo da confissão!

E afastou-se, o padre, para continuar o seu arrazoado junto ao commandante.

Dona Candida ficou assombrada de ouvir aquellas palavras! Com effeito é necessario que fosse de forte tempera esta mulher para resistir a tantas sensações pungentes que vinham assaltal-a a bordo da ADAMASTOR, quando mais livre se julgava de maus encontros e destinada a representar um dos primeiros papeis na capital da India portugueza. A pobre mulher até não contava com o amor maternal, unica virtude que sobrenadára n'aquelle mar de vicios em que se ella perdera!

Com effeito, á força de rogos e de lagrimas conseguiu-se do commandante o inteiro perdão do degradado. Os officiaes e os passageiros tambem coadjuvaram as senhoras e o capellão n'este acto de caridade. Deu-se pois por findo o espectaculo — horrivel espectaculo! — ante o qual nem merece menção o martyrio dos primeiros christãos, mandados lançar ás feras pelos tyrannos de Roma!





XVII

ESCLARECIMENTOS

Logo que aquella reunião se desmanchou em pequenos magotes, não faltaram diversissimos commentos ao que vinha de acontecer.

Era curioso passar junto a Dona Perpetua que passeava saracoteando as ancas pelo braço do seu amavel Gonçalo, e ouvir de relance o pobre *Enamorado* dizer á sua *Venus antiga*:

— Como é caritativa a senhora Dona Candida! Póde assegurar-se que foi ella quem salvou o *Pé-de-dança*.

E a pretenciosa velha responder-lhe, fazendo tregeitos para encurtar a enorme bocca e esconder a falta de dentes:

— Sem a ajuda do padre capellão nada conseguiria Dona Candida. Nós, as senhoras, somos muito infelizes em tudo.



— Menos no amor — atalhava Gonçalo rindo-se, como quem se persuadia que *fizera espirito* — Oh! no amor é vossa excellencia muito feliz, porque eu amo-a devéras cá de dentro.

E o tolo a rir-se de novo, satisfeito da graça que dissera. E ir escutando as mais banalidades que di-riam a mumia e o seu rufião.

Não era menos curioso vêr como, sob pretexto de indagar o estado do Tição, Dona Maria Amalia se dirigia ao doutor; e, quasi á vista do marido e dos mais que tinham olhos, apertava os dedos do comprido Galeno, mostrando-lhe por um expressivo gesto que es-tranhava a sua indiferença.

Nem um curioso perderia o seu tempo observan-do a alegria do *Pé-de-dança*, a quem todos os com-panheiros abraçavam com jubilo, esquecendo um mo-mento a sorte dos seus co-réos e ao mesmo tempo a indiferença dos marinhos que voltavam aos traba-lhos ordinarios, interrompidos pela execução, com o mesmo sangue frio que d'antes — sem se lembrarem que igual sorte lhes podia caber por qualquer falta reputada grave — embora fosse involuntaria ou te-nuissima!

Sobretudo era digna de observar-se uma scena comica que se representava no tombadilho: quatro pessoas que mutuamente diligenciavam enganar-se e que espreitavam cuidadosos a occasião de estenderem a rêde.

Militão perguntava a Dona Candida o motivo d'aquella sua exaltação a favor do preso; mas *pro*



forma, porque tinha medo da mulher e sabia que ella só lhe revelaria o que não tivesse importancia. Não era este um d'aquelles supremos momentos em que o homem mais condescendente esquece tudo para só se lembrar de que é homem. Fingiu pois que ficava satisfeito.

O tenente Jacintho Carlos da Costa lançava a Dona Candida olhadellas significativas, não porque a amasse, mas porque precisava triumphar d'esta mulher para dar conta do successo aos seus collegas: porém a antiga vizinha do Limoeiro não estava agora para amores e mais gostava do tenente, voluvel como sempre fôra; olhava fixamente mas era para o capellão; o leitor sabe porque.

Este, como o mais esperto dos tres, passeava cabisbaixo, mas olhando surrateiramente para Dona Candida algumas vezes e fazendo-lhe leves signaes com a cabeça quando não era observado.

Finalmente o senhor Militão, nem que adivinhasse os desejos de sua esposa e do egresso, travou do braço do tenente Costa convidando-o para uma partida de gamão.

Jacintho Carlos não gostou da lembrança; mas não achando á mão uma desculpa plausivel, nem querendo causar suspeitas ao marido de sua amante, resolveu-se aceitar o convite e guiou o seu parceiro para a praça d'armas.

Escutemos nós, que não somos vistos pelo padre nem por Dona Candida, o dialogo que elles se apressaram a travar:



— Minha senhora...

— Senhor padre...

— Eu sei tudo, senhora Dona Candida.

— Tudo o quê?

— O segredo... o segredo da mãe de Pedro...
de Pedro que também é...

— É... acabe!

— Nada, nada. Eu pretendo ajudal-a a salvar este
pobre rapaz, se taes são os seus desejos.

O esperto frade, tão astuto como um geral dos
jesuitas n'outros tempos, ia cahindo em confessar á
mulher que aquella criança era seu sobrinho; porém
occorreu-lhe, ainda a tempo, que em nada ajudava o
mancebo com uma tal declaração e que descobria o
seu jogo, perdendo consequentemente a superioridade
que tinha sobre Dona Candida.

A pobre mãe respondeu afflicta:

— Pois eu não hei-de querer salvar meu filho?
sim, meu filho, não pretendo occultar-lh'o mais. Mas
como se ha-de fazer isso?

— Facilmente. Só é preciso dinheiro e eu não o
tenho.

— Estou prompta a vender todas as minhas joias
para esse fim.

— Bem, bem; não ha-de ser preciso tamanho sa-
crificio. Pôl-o-hei fóra de Moçambique. Agora, quanto
a tiral-o da pessima carreira em que se metteu, isso
é que será mais difficil.

— Será verdade o ter elle commettido tantos cri-
mes?

.



— Quasi tantos como seu pai!

— Seu pai!... Ainda me horroriso quando d'elle me lembro!

— Oh! Pedro Garcia era um elegante rapaz.

— Tambem sabe o seu nome?

— Não lhe disse que sabia tudo? porém não, falta-me uma circumstancia: a origem d'aquella cruz atravessada por um punhal que tem no dorso o pobre rapaz.

— Essa reminiscencia é que me faz tremer ainda hoje ao ouvir o nome de Pedro Garcia. Era uma noite de tempestade: a criança dormia, quando o degredado entrou em casa de horrivel catadura. As costas escorriam-lhe sangue das chibatadas que recebera no quartel; blasphemava como um precito! Aos seus gritos acordou o menino e começou a chorar; Garcia enfureceu-se. «Tu serás um ladrão como eu — disse o pai — se escapares da forca, espera-te o degredo, a colleira de soldado e a chibata; pois bem, has-de padecer por meia hora, mas ficarás livre d'esse affrontoso castigo que acabaram de infligir a teu pai». Dizendo isto, arremessou-se ao berço do pequeno Pedro armado com uma agulha de marinhoiro. Eu chorava, supplicava, mas elle não attendia e picava com todo o sangue frio sobre o dorso da criança a cruz indelevel que alli observastes. Depois, cerrando o punho na attitude de um demonio, exclamou: «Uma cruz! e fui eu que a gravei! eu, que ajudaria a crucificar de novo o Christo se elle resuscitasse! oh! não ha-de ficar assim! atravessal-a-hei com um punhal!» E

*



recomeçou o seu trabalho de sangue. O menino nem já tinha força para chorar e eu caí desmaiada, porque me cri em poder do proprio Satanaz. D'ahi a um mez vieram trazer-me a casa o cadaver do malvado...

— Que Ezequiel assassinára.

— Tambem sabe essa circumstancia?

— Como sei que foi elle quem deu descaminho ao pequeno e que foi um facinoroso quem o salvou das ondas.

— Ezequiel já me confessou que o lançára ao mar no excesso do ciúme, mas ignorava que elle tivesse escapado.

— Pois soube-o eu da bocca do proprio Pedro. Ha poucos minutos que lh'o perguntei. Foi um degredado, que fugia a nado para bordo de um navio negroiro, quem o encontrou sobre as vagas e o salvou. Conduziu-o comsigo ao Brazil e morrendo algum tempo depois, deixou em legado ao seu filho adoptivo as prendas de ladrão, assassino e falsario, que possuía em alto grau e que fructificaram no herdeiro.

— Oh! mas como sabe o senhor tanta cousa? quem é o senhor?

— Um pobre frade que arremessaram á força para fóra do seu convento e que veio procurar no mar a cella que lhe tiraram em terra.

— Não, padre! O senhor está muito iniciado n'estes mysterios, interessa-se muito por elles, trabalhou mais do que ninguem para a salvação de Pedro, para que possa ser mera curiosidade, ou caridade quem o



guie! Oh! tenho uma idéa!... como é o seu nome, padre?

— Frei Mauricio de Santa Genoveva.

E acrescentou de si comsigo :

— Ella pensava encontrar Ambrosio Garcia, o caléceiro; esse morreu para o mundo. Minha rica, o habito não faz o monge, mas encobre perfeitamente um tratante.

Dona Candida ficára submergida em profunda meditação, entendendo pela resposta do egresso que era sem fundamento a sua idéa, quando aliás ella mirára perfeitamente o alvo. D'esta distracção a veio arrancar um criado com o annuncio de estar o jantar na mesa.

Não havia remedio senão obedecer ás ordens do *rancheiro*, que é tambem uma das grandes potencias de bordo. Em elle dizendo: *cóma-se!* é tratar logo de empunhar o talher, haja ou não appetite, porque fóra das horas taxadas está a dispensa fechada.

Se não fossem os mil objectos a que tenho de attender para levar ao fim esta historia, e Deus sabe como ella acabará! conduzia o leitor até á praça d'armas e fazia-o assistir a essa numerosa assembléa de officiaes e passageiros, presidida pelo *rancheiro* (o *commissario*), especie de dictador n'esta região. Baste-lhe, porém, saber que todos dão conta do seu quinhão soffrivelmente, mesmo bem; excepto, já se sabe, as excellentissimas senhoras Dona Gabriela e Dona Carlota. Deixemos porém esta sociedade para irmos visitar o nosso abandonado amigo Fernando de Athai-



de, que encontraremos solitario no seu alojamento, a cuja porta se acha postada uma sentinella para o tornar incommunicavel, o que, todavia, não ha-de impedir-nos o passo, invisiveis como vamos.

Devagar, devagarinho, amigo leitor; elle cá está sentado junto a mesa, passando os olhos por um manuscrito que acabou de escrever ha pouco. Aproximemo-nos pé ante pé, e debruçados sobre o hombro do gentil mancebo, sigamos com elle a leitura d'esse papel que parece impressional-o tão profundamente.



XVIII

MEMORIAS D'UM GUARDA-MARINHA

P MANUSCRIPTO dizia assim :

«Estou preso, accusado de um crime atroz que deshonrará a minha memoria, se não puder justificar-me... E, comtudo, estou innocente. Eis-ahi como é o mundo: as bellezas da vida... e querem-lhe, a uma vida assim, e vendem a alma para a conservar!

«Bastou a accusação de alguns malvados, que eu venci lealmente na peleja, e o depoimento equivoco de um infeliz, a quem feri involuntariamente, para me arremessarem a esta solidão, incommunicavel, com uma sentinella á vista, como réo de lesa-magestade!

«E não observaram esses homens qual foi o meu comportamento na occasião do perigo? Não viram que fui o primeiro a offerecer-me para atacar os sublevados? que fui eu quem prostrou um dos chefes da revolta, transformado hoje em meu accusador?



«Não vêem que é uma vingança ignobil dos scelerados esta inverosimil arguição, e que o pobre soldado ferido apenas conta o facto, sem affirmar que houve premeditação?

«Porém, que defeza tenho eu? que provas a meu favor? Além da coragem com que me bati, resta-me apenas o testemunho da propria consciencia.

«E a consciencia não se pesa na balança da justiça... a justiça não vê, só attende ás provas palpaveis!

«Serei condemnado. Estou certo d'isso.

«E não será a morte... a uma morte digna de um militar que hão-de votar-me, mas serei demittido com infamia; talvez degredado!

«Não resistirei de certo á affronta. É natural que fique sepultado n'essa ilha de Gôa, onde dormem o ultimo somno, coroados de palmas, tantos dos nossos velhos cavalleiros; e não tornarei a vêr o meu honrado pai, a minha boa mãe, a minha terna irmã... Se esta gente nem me deixa vêr estas novas irmãs, que estão tão perto de mim... Gabriella... Carlota!... E sinto-lhes os passos, ouço as suas vozes, quasi que aspiro seus halitos perfumados através d'estas invejosas táboas!

«Oh! mas eu sou muito criminoso!... Amo-as, esses dous anjos!... e não posso esquecer-me de Victoria, nem devo olvidal-a! Desejava que me sentenciassem á morte; supportaria o golpe com coragem, porque ficava livre d'este coração que me pesa... que me pesa muito... mais do que compor-



tam as forças de um só homem, pois contém em si tres amores!

«Oh! meu coração, quem te formou assim? Sou eu com effeito criminoso, ou simplesmente desgraçado?

«Porque me haviam impressionar com tal força aquelles olhos azues celestes, limpidos, transparentes como o céu da primavera, como o mar em bonança?... São assim os lindos olhos de Victoria!... E aquelle corpo, tão alto e senhoril como o da Venus de Medicis, terminando por dous pés, não pequeninos e cheios, á castelhana, mas compridos e estreitos como os da mesma estatua.

«Oh! eu amava-a muito... foi a minha primeira afeição! e ainda a adoro, adoral-a-hei sempre!

«Como hei-de esquecer aquelle feliz momento em que a vi pela primeira vez, se tenho aqui, junto ao peito, a escaldar-me, a flôr que ella então me deu! E esta trança de cabellos que cortou para mim na hora da despedida... ainda a sinto humida das suas lagrimas, e das minhas tambem a repassar-me o coração!

«E Gabriella?

«Porque me appareceu este outra fada de tão differente typo?... Como me seduziu o contrario do que eu admirava em Victoria? A alvura glacial de uma, contrasta com o moreno dourado da outra... os olhos de Gabriella mandam, despedem fogo, não supplicam, não se humedecem como os de Victoria! o seu corpo é pequeno e flexivel, o seu pé fecha-se na mão de um homem! Oh! estas recordações es-

caldam-me o sangue, morro por ella, como pela primeira... E Carlota?...

«Oh! Carlota, tu és filha do crime, talvez!... Tu mesma, pobre anjo precipitado do céu da innocencia no abysmo da corrupção humana... tu, infeliz, estás polluida aos olhos do mundo de pedanteria e escarneo. Oh! mas eu não sou um hypocrita da civilisação, creado nas cidades, não puz a mascara dos seus habitantes... Eu aprecio a tua abnegação... adoro-te como se fosses a mais nobre donzella, uma virgem immaculada!...

«E não é a formosura um reflexo da Divindade? E não és tu formosa como as Madonas de Raphael? Quem o negará? Quem poderá vêr-te a sangue frio?

«Não param a admirar-te, quando tu passas, modesta mas airosa, quantos homens ha ahi a bordo? Oh! cada vez os odeio mais, esses homens, não tanto por seu natural intratavel, não pelo mal que me hão feito... mas porque olham para ti com vistas cheias de desejos impuros; porque gozam a cada hora da tua presença, em quanto eu definho na solidão e na angustia; porque se regosijam em mirar esses olhos negros, sombreados por um docel de fartas pestanas, e esses anneis de cabellos, ainda curtos como os usava o pagem Carlos, mas que já começam a deflorar-te o alvo pescoço... essa cintura sylphidica, que eu já vi desfigurada pela camisola do marujo... esse formoso pé... oh! todas estas lembranças me assassinam!

«Victoria! Gabriella! Carlota! amo-vos igualmen-



te!... Como desposarei pois uma de vós, se me não é possível escolher?... Vivo, sou um obstáculo á vossa felicidade... e morto, que legado vos deixo? Uma saudade, mais nada!

«Esquecia-me que estava n'este mundo de hypocrisia e esquecimento... Pobre louco que sou!... Se morrer, nem uma flôr ireis lançar-me sobre o sepulchro, e talvez que o riso vos assome aos labios folheando estas paginas desconnexas!

«Será melhor não continuar, rasgar mesmo o que está escripto... O riso do escarneo será a corôa do meu martyrio! Não!... Ellas hão-de humedecer de lagrimas estas linhas, se algum dia lhes passarem ante os olhos, ellas, pobres crianças como eu, desgraçadas como eu, com o coração trasbordando de amor... ainda como eu!

«Porém Gabriella amou, e talvez ame ainda, esse aprendiz de diplomata... esse Adam Peel; Carlota será, por ventura, fiel ás cinzas do pobre Frederico... E Victoria?... Póde ser que a loura filha do Norte tenha já esquecido n'este momento o triste peninsular!

«E eu... eu!... queixo-me d'ellas, da sua infidelidade, e não sou fiel a nenhuma!.....

«Até aqui escrevi a historia do meu coração... ;e que mais ha-de conter a biographia d'um pobre guarda-marinha?... O mundo nada lhe importa que elle viva ou morra, que fosse um criminoso ou um martyr... tambem não pretendo justificar-me para com



elle; sei que as apparencias são tudo para o geral dos homens, e não me abaixarei a desculpar-me ante essa raça maldita, que o não merece. Porém devo á minha familia algumas palavras de explicação... sei que este phenomeno da minha prisão ha-de aterral-a, e quero, ao menos, que cáia uma lagrima sincera sobre a minha campa.

«Mal pensava eu, quando me despedia de vós para emprehender a minha primeira viagem, para encetar uma carreira honrosa, que ao cabo de tão poucos annos me veria accusado do mais feio crime que pôde commetter um militar, deshonorado talvez para sempre!

«Oh! minhas recordações d'infancia! Meus paes, minha querida irmã, que sempre me guiaste na senda da virtude... legar-vos-hei eu um nome infamado!?

«Quando me vi, pela primeira vez, entre o céu e o mar, como desejei transpôr o espaço e lançar-me nos vossos braços! Agora, que o habito me fazia mais supportavel a ausencia, que a ambição da gloria me dourava esse pezar, que, finalmente, me identificára com este viver anomalo do oceano... é agora que uma calumnia atroz vem cortar-me a carreira e deslustrar o honrado nome que me herdaste!

«E ha aqui bastantes homens que me conhecem; officiaes que serviram commigo em outras commissões; que tinham obrigação de lembrar-se como eu fôra sempre activo no desempenho dos meus deveres militares, irreprehensivel no meu comportamento ci-



vil... tudo esqueceram, porque alguns assassinos me chamaram seu cúmplice, porque ferí involuntariamente um bom soldado no ardor da peleja!

«Um guarda-marinha não tem passado... nem presente também, porque occupa na milícia um posto inqualificavel: é, e não é official ao mesmo tempo! Usa dragonas e não tem patente, e pôde ser demittido pelo mero capricho de qualquer leigo que exerça o cargo de ministro da marinha!

«De que serviu o não me deixar corromper pelos negreiros na estação d'Angola, como outros se deixaram? Não deslustrar o nome portuguez nos paizes estrangeiros? Não commetter nunca genero algum de villeza? Pobre guarda-marinha, bradas no deserto!...

«No deserto, não, porque é a vós que eu me dirijo, meu pai, minha boa mãe, minha pequena Julia... Para vós sei eu que a minha memoria será sagrada, porque vos juro que estou innocente de toda a culpa... ; de toda? sim!... das culpas que as leis dos homens condemnham.

«Aos meus juizes fraca defeza poderei apresentar; as provas que tinha a dar, dei-as antes da accusação: foram os perigos que corri para debellar a revolta. Adeus! adeus, vós todos que eu amei no mundo... que ainda amarei debaixo da lousa!...

«*Fernando d'Athayde.*

«Bordo da ADAMASTOR, á véla, 29 de junho de 183...»



Acabando de relêr o manuscripto que deixámos copiado, o joven official ficou por alguns momentos sepultado em profunda lethargia; depois, sentindo surro á porta do alojamento, ergueu-se com olhar desvairado, soltou um riso convulsiivo e desfez em mil pedaços o papel que tinha na mão.

Ninguem hoje saberia o que continham aquellas paginas, se a curiosidade nos não levasse a espreitar o que fazia o pobre prisioneiro. Nem a *Chronica da Adamastor*, nem os *Mysterios de uma charrua da India*, principaes fontes d'esta verdadeira historia, fallam em tal manuscripto.

A pequena bulha que Fernando sentira era o gemer da chave girando na fechadura; ainda elle rasgava os papeis e já a porta estava aberta.

A sentinella do alojamento entrou cautelosamente, e disse algumas palavras em voz muito baixa ao guarda-marinha.

O preso pareceu respirar mais livre ao cabo d'essa confidencia, e apertou a mão do soldado que se retirou em seguida, fechando de novo a porta sem estrondo.

Este correio de boas novas era o n.º 217 da 8.ª



XIX

O BARCO VAI N'AGUA — ANDAR ASSIM !

JEMOS faltado a todas as costumeiras do romance marítimo. Passámos a *Linha* sem fallar da festa de Neptuno; e agora que estamos na altura do Cabo Tormentorio apresentamos a charrua ADAMASTOR, de cutelos e varredouras fóra, navegando á pôpa com optimo tempo, quando os leitores esperavam de certo n'estas paragens vêr a charrua assaltada por feia tempestade, a braços com o gigante de negra catadura que tão bem pintou o nosso Camões. Nem ao menos aproveitaremos a coincidência de ser ADAMASTOR o nome allegorico, tanto do navio como do promontorio, para arranjar um trocadilho — cousa que está hoje tanto em moda. Decididamente temos o gosto estragado !

— O barco vai n'agua — diz a maruja da nau de



viagem, contentissima por salvar sem trabalho este grande barranco da carreira da India — andar assim! andar assim! — acrescenta satisfeita a chusma.

— Estamos sobre o parcel das Agulhas — diz um velho indiatico — mas, segundo os calculos do tenente Ribeiro, que é o official em que me eu fio, não avistaremos o Cabo, vamos muito ao largo.

— Podemos dormir descansados — acrescenta outro — terra não apparece, o vento é certo, e o mar está *padre e madre*.

— Qual dormir, gente do quarto! — atalha o Agoureiro — agacha aqui p'r'ó bailéo, e toca a contar uma historia.

— E venha a *banzara* — brada um grumete fadista — queremos vêr quem trova melhor.

— Vá, vá, rapazes! — repetem em côro algumas vozes — rêma lá p'r'ó bailéo!

E obra de vinte marinheiros e grumetes se dirigiram para o bailéo de bombordo; uns sentados no chão, outros sobre as antenas, deram principio ao seu innocente folguedo.

— *Só Madeira*, afine a bandurra e vamos a vêr quem trova melhor ao desafio.

— Comece o *Pópa e próa*, que é quem arranja melhor essa fatia.

— Ora vá, toca a musica.

E o tocador começou a dedilhar na sua pequena guitarra, aquelle singelo estylo do *Fado*.

O *Pópa e próa*, feio grumete ainda imberbe, mas tido pelo primeiro sabio do mastro grande para



vante, começou a cantar assim, abraçando-se com um preto também da tripulação:

Muito me faz azoar
Ver um preto com botins;
O preto é rei dos macacos,
Imperador dos saguins.

Mas o *paisinho* não lhe ficou atrás e, pegando no ultimo verso, como é de estylo n'estes duellos poeticos, sahiu-se com esta quadra:

Imperador dos saguins
É vossê, só *Pôpa e prôa*;
Pensa que mais ninguém trova?...
Deixe caçar a furôa.

O reptador, porém, não lhe deu folga e replicou-lhe:

Deixe caçar a furôa,
Só macaco do Gabão,
Hei-de amarral-o pela cinta,
Vendel-o no Maranhão.

O filho de Guiné não se achou com forças de responder, faltou-lhe a musa; mas logo appareceu quem o substituisse n'este certame poetico; e o desafio continuou, sendo sempre proclamado vencedor o *Pôpa e prôa*.

É de notar que apparecem ás vezes bellos pensamentos — entre mil semsaborias, já se vê — n'estas trovas dos marinheiros. Não apresento como modelos as que acima ficam estampadas; são apenas

uma velha recordação minha, para servir de amostra no genero.

Passaram mais de meia hora n'este folguedo; e como a noite se ia adiantando mandou o commandante recolher os cutelos e varredouras, o que fez interromper a cantoria. Depois da manobra tornou o Agoureiro a propôr que se contasse uma historia.

— Que historia ha-de ser? — perguntou um mulato de Cabo-Verde, que exercia o *alto* emprego de gageiro grande — só se querem a da *Nau Gatrineta*.

— Essa mesma — respondeu o *sota de prôa* — bem me lembro de a vêr sahir; já levava a prôa fóra do cabo da Roca, e ainda a pôpa não chegava a Belem.

— Que dizes tu? — atalhou outro — se fosse assim era pequena. Só a altura da mastreação?... subia um pagem sem barba pela enxarcia de bombordo, e voltava cheio de brancas por estibordo. Vejam lá quanto tempo gastava em subir e descer uma vez só!

Já n'este ponto se tinha reunido mais gente em volta dos cantores e historiadores; até mesmo alguns soldados, posto que estes se não costumem dar bem com os marinheiros.

O 217, já restabelecido do seu ferimento, tambem se tinha chegado para o rancho; porém d'este soldado todos gostavam — officiaes e marujos. Disse pois com liberdade:

— Essas historias não tem graça, já são muito sabidas e a novidade é que entretêm.



— Fallou bem, camarada — respondeu o Agoureiro — lá vou eu contar uma verdadeira, succedida em minha companhia.

— Isso hão-de ser *pálas* — disse d'alli um rapaz — vossê é um *pachola*...

— Que patrão! — acrescentou outro — aquillo tem dous assobios!...

— Ora calem-se — atalhou o 217 — deixem contar o homem a sua historia.

— Venda lá o seu peixe, mas não as metta tão gordas que se não possam engulir.

— Por esta — respondeu o Agoureiro cruzando na bocca os dedos indicadores — juro por esta que é verdade o que vou contar. Ainda eu andava no mercante, e o mais é que tinha então mais *cheta* do que cá nos barcos do rei... mas isso são outros contos; vamos ao caso. Sahi de Lisboa n'uma escuna para a ilha da Madeira; o capitão era um tal Perdigão... perdeu a penna, não ha mal que lhe não venha! Bem se podia applicar este ditado ao pobre do capitão! Piloto não havia a bordo e o contra-mestre não *observava o sol*; mas nós, os companheiros, iamos descansados... se iriamos?! para a Madeira, viagem de tres dias com vento certo... nós cá todos homens marinheiros de cabos a dentro!... Vai se não quando diz o Perdigão que estava cheia a latitude, e que iamos correr no paralelo em procura da ilha... Andámos cinco dias n'esta faina, bordo n'um lado, bordo no outro; nós, como o outro que diz, já estavamos marfados com tanta volta, e perdendo um

*



bello vento, um nordeste claro, tanto monta! Vai d'ahi, sahe-se o Perdigão a dizer que a ilha se submergira, porque já tinha passado tres vezes pelo lugar onde ella devia estar e que para lá ia outra vez, e que havia de prumar n'aquella paragem. Nós logo vimos que o homem não estava bom da bola; mas elle não quiz saber de desgraças, e zás! pranta-se a largar o prumo no meio do mar... e nós a rir; correram cincoenta braças de filame, e nada de fundo; porém o capitão embirrou que sim, que tocára, e nós a alar pela sundureza p'ra dentro. O Perdigão estava á borda, apenas avistou o prumo lançou-se a elle com unhas e dentes, e achou pegados ao sebo do fundo uns poucos de feijões... Aqui se pranta elle a gritar: «Então não lh'o dizia eu? submergiu-se a ilha da Madeira, e aqui aonde eu prumei era a alfandega; cá vieram feijões pegados ao prumo. Vamos depressa p'ra Lisboa com esta noticia». Sabidas as contas, aquillo era feijão que tinha vindo do paiol agarrado ao sebo — ou talvez marosca do contra-mestre p'ra caçoar o capitão.

— Esse maranhão é de marca grossa — disse o 217.

— Esse, tio Agoureiro, já lá vai pela pôpa fóra.

— Ora ouçam, que tambem eu vou contar uma historia — disse o moço das luzes.

— Nada, nada, dispensamos! — gritaram umas poucas de vozes — outro officio, que por esse não fazes fortuna.

— Olhem que é bem bonita — replicou o estu-



pido moço, asquerosa figura besuntada de azeite e morrões de candêa — ora verão como gostam.

— Eu cá me vou safando — respondeu o 217 — os mais que façam o mesmo, e tu conta a historia ás amuradas.

Assim succedeu; quando o narrador chegou á catastrophe do seu conto, só viu em roda de si as antenas, a amurada e a lancha.

Cada ouvinte seguiu seu rumo.

O 217 encaminhou-se para a prôa, e reconhecendo um grupo de tres pessoas que conversavam sobre o castello, dirigiu-se a elle.

— A estas horas por aqui, Tição? não tem medo que lhe faça mal este ar frio e humido? E tu, Fornos, que ainda estás convalescente... Boa noite, Dolores!

— Foste mais feliz do que eu com a tua cutilada; vieram ambas da mesma mão, mas a minha foi puxada mais d'alma... Não tem duvida, nós pagámos-lhe menos mal.

— Não fallem em tal villania — disse o Tição — envergonho-me de ter condescendido com vossés em criminar esse valente rapaz, nosso leal inimigo.

— Já te não sangram as costas, Tição? pois bem, sangra-me a mim o pescoço; e lembro-me do Aguas-Santas e dos outros nossos companheiros mortos á falta d'ar e no combate.

— E que teve que vêr o guarda-marinha com tudo isso? a sua obrigação é obedecer cegamente; nada mais fez.



— O que eu queria era beber o sangue a todos os juizes — acrescentou a Dolores — os lá de terra e os d'aqui, e dormir sobre as suas pelles; mas ao pobre guarda-marinha não tenho odio.

— Pois meus amigos — concluiu o 217 — tenho uma interessante noticia a dar-lhes. Fernando é muito sanguineo e a prisão fez-lhe muito mal. Sobreveio-lhe uma congestão cerebral e está ás portas da morte. D'aqui a algumas horas terá cessado de existir o nosso assassino, Fornos.

— Quando elle morrer eu proclamarei a sua innocencia — disse o Fornos.

— E eu tambem — acrescentou o 217.

— Pois eu iria já declarar toda a verdade se soubesse que o salvava.

— Ninguem te acreditaria, Tição; além de que era atraíçoar os teus companheiros.

— Não fallemos mais em tal; vamos p'ra baixo, Dolores.

— Tambem os acompanho; adeus, camarada.

— Adeus, amigos — disse o 217 com gesto risinho.

Mas apenas os viu sumir pela escotilha apresentou um rosto inteiramente diverso: dirigiu-se para a pôpa, desceu os dous lanços da escada que conduziam ao alojamento dos officiaes e entrou no camarote do cirurgião.



XX

O N.º 217 DA 8.ª

JÁ estava montado o Cabo da Boa-Esperança, mas as furiosas correntes da costa de Natal ainda retardavam a chegada da charrua a Moçambique. Escaceava a agua dôce e os mantimentos; e alguns casos de escorbuto começavam a apparecer a bordo pela corrupção d'esses poucos comestiveis que restavam. Os passageiros e os officiaes, principalmente, estavam fatigadissimos d'esta longa viagem que já excedia a cem dias, posto que nenhum grande temporal houvessem supportado.

Tambem á marinhagem, que ainda na vespera cantava alegremente ao desafio, chegou a sua vez de tristeza; porque essa boa gente estimava muito o guarda-marinha Fernando d'Athaide, que sempre os tratára como homens, e vieram dizer-lhes que se vestissem com os seus fatos domingueiros para assisti-



rem a um enterro, e esse enterro era o do guarda-marinha que se havia finado de desesperação.

Todos queriam vêr ainda uma vez o pobre mancebo que ia ser sepultado nas ondas, e as proximidades do alojamento que lhe servira de prisão atulharam-se de marinhagem; porém a sentinella d'aquella porta não deixava passar ninguem para dentro, que assim lh'o tinham ordenado.

O doutor e o capellão que successivamente deviam ter prestado os seus soccorros ao desgraçado, eram as unicas pessoas que alli permaneciam, quando se tratou do sahimento.

A sentinella era o n.º 217.

Por volta das sete horas poz-se o prestito funebre em movimento.

Abriam a marcha os pagens divididos em duas fileiras; seguiam-se os grumetes e marinheiros na mesma formatura e depois em grupo o mestre, guardiões, carpinteiro e tanoeiro, precedendo um toscos caixão levado por quatro officiaes e coberto com uma bandeira nacional, solemne e usual mortalha dos homens de mar. Logo atraz do caixão ia o padre rezando as orações dos finados; seguiam-se o commandante, o resto dos officiaes, aspirante e passageiros cobertos de luto, e fechavam o acompanhamento os soldados do batalhão naval, commandados por um alferes.

Subiram os dous lanços d'escada que conduziam do alojamento dos guardas-marinhas á tolda, marcharam vagarosamente pelo bailéo de estibordo, deram



volta pela prôa e vieram para o portaló de bombordo. O capellão fez as suas ultimas rezas, e tudo estava acabado; o caixão resvalou pela borda, levantou ao ar uma columna d'agua e desapareceu no abysmo. Tres descargas de fuzilaria completaram as honras funebres devidas ao posto do finado.

Alguns dos degredados vieram assistir a este acto e, excepto o Tição, não pareciam commovidos. Pelo contrario, o Fornos estava satisfeitissimo.

O soldado n.º 217 acercou-se d'este ultimo apenas findou a cerimonia e disse-lhe a meia voz :

— Está bem morto, não torna a dar-nos cutiladas. Antes de o metterem no caixão ainda eu lhe enterrei a baioneta no peito, mas já não deitava sangue.

— Cão! — bradou o malvado com voz de stentor — no inferno acabaremos a nossa conta. Hei-de rir na tua cara da mangação que aqui te fizemos.

— Mangação! — disse o doutor, chegando-se para o Tição, em companhia do Ribeiro e do Jacintho — que mangação foi essa?

O 217 parecia estar sobre brazas; movia-se convulsivamente.

— Uma optima caçoada, na verdade!

E o Fornos riu estrondosamente.

O Tição chegou-se a elle e apertou-lhe com força um dos braços.

O 217 deu um pulo como se o mordesse uma cobra.

Mas o Fornos desprezou o aviso do Tição, e virando-se para o Rosado, perguntou-lhe:



— Posso eu ser chibatado em quanto esta ferida sangrar como sangra e estas ligaduras forem necessarias?

— Não, por certo, que o não consinto eu; e n'estes casos o medico só cede o passo a Deus, que da authoridade dos homens zomba elle.

Já se tinham aproximado alguns marinheiros a este grupo de figuras heterogeneas.

O Tição tornou a apertar o braço do Fornos. O soldado estremeceu novamente; mas o loaz scelerado que tinha pressa de completar a sua vingança, disse:

— Pois se isso é assim, senhor doutor, vou fazer uma declaração e apoio-a com o testemunho de alguns dos meus companheiros. Cheguem-se para mim, rapazes.

Quatro ou cinco degredados se aproximaram d'elle. A anciedade dos officiaes, esperando a confidencia, patenteava-se em seus rostos, porém ao Fornos cegava-o o rancor; nada notou e proseguiu n'estes termos:

— Fui eu que accusei falsamente o guarda-marinha de cumplicidade connosco e que obriguei estes homens pela ameaça a deporem o mesmo no conselho; agora restituam-lhe a vida!

— És tu que lh'a restitués — bradou o 217 ébrio de alegria — repica o sino, rapaz!

Com effeito, o sino vibrou immediatamente sons festivaes. Era um signal convencionado.

E o guarda-marinha sahiu vivo e alegre da cama-ra do commandante.



Tudo estava a postos á espera d'este desfecho.

Officiaes, marinheiros, passageiros, mulheres corriam a abraçar Fernando. Carlota e Gabriella não foram das ultimas a dar este signal de afeição ao mancebo.

Porém o Fornos, allucinado pelo rancor e envergonhado por se deixar illudir como uma criança, lançou a mão á faca de um marinheiro e precipitou-se sobre Fernando.

Ouviram-se muitas vozes soltar unisonas um *ah!*

Crêram morto o guarda-marinha. Porém o 217, que previa este attentado, estava bem álerta. Ao primeiro passo do monstro alçou a espingarda, e antes que a faca roçasse o peito de Fernando, tinha elle enterrado a fecharia da arma pela cabeça do Fornos.

O degredado, cahindo, olhou para o soldado com o gesto da mais infernal desesperação:

— Judas! — bradou elle com voz rouca — lá te espero no inferno, já que não posso vingar-me aqui! Sinto-me morrer...

A figura do Fornos tornára-se hedionda! O craneo despedaçado deixava sahir o sangue a jorros; como, porém, ainda a morte se demorava despedaçou osapparelhos do pescoço, e acabou, dizendo com voz já difficil de perceber:

— Companheiros... legolhes o meu odio a estes homens!...

A sua alma estava no inferno.

.....
Agora duas palavras de explicação.

O leitor já compreendeu que foi o 217 o instrumento da salvação de Fernando. Contar-lhe-hemos laconicamente como chegou a este resultado.

Mas antes da narração fallemos do heroe, o soldado.

Era o n.º 217 da 8.ª companhia do batalhão naval; o nome não lh'o sei, porque o soldado só é conhecido pelo numero. O soldado é uma peça de um edificio regular chamado regimento ou batalhão, numerada da mesma maneira que o estão as partes componentes de um castello ou um palacio de pau, com que brincam as crianças, ora construindo, ora desfazendo.

Não sei pois o nome do meu heroe, mas posso assegurar-te, amigo leitor, que era um corajoso mancebo, de coração nobre e vontade tenaz.

Nunca elle acreditou, ao certo, que Fernando o ferira voluntariamente; mas algumas das apparencias eram contra o guarda-marinha. Foi por acaso que descobriu a innocencia d'este, surprehendendo algumas palavras de uma conversação dos degredados.

Tratou logo de prevenir Fernando, e com esse intento o vimos entrar cautelosamente na prisão; depois dedicou-se todo a captar a amizade dos facinoras e a fazer persuadir o Fornos de que depuzera como elle no conselho contra o guarda-marinha por vingança particular de uma injuria, aggravada pelo ferimento que soffrera.

A justiça de Deus não dorme! O malvado cahiu no laço que lhe preparava o generoso mancebo.

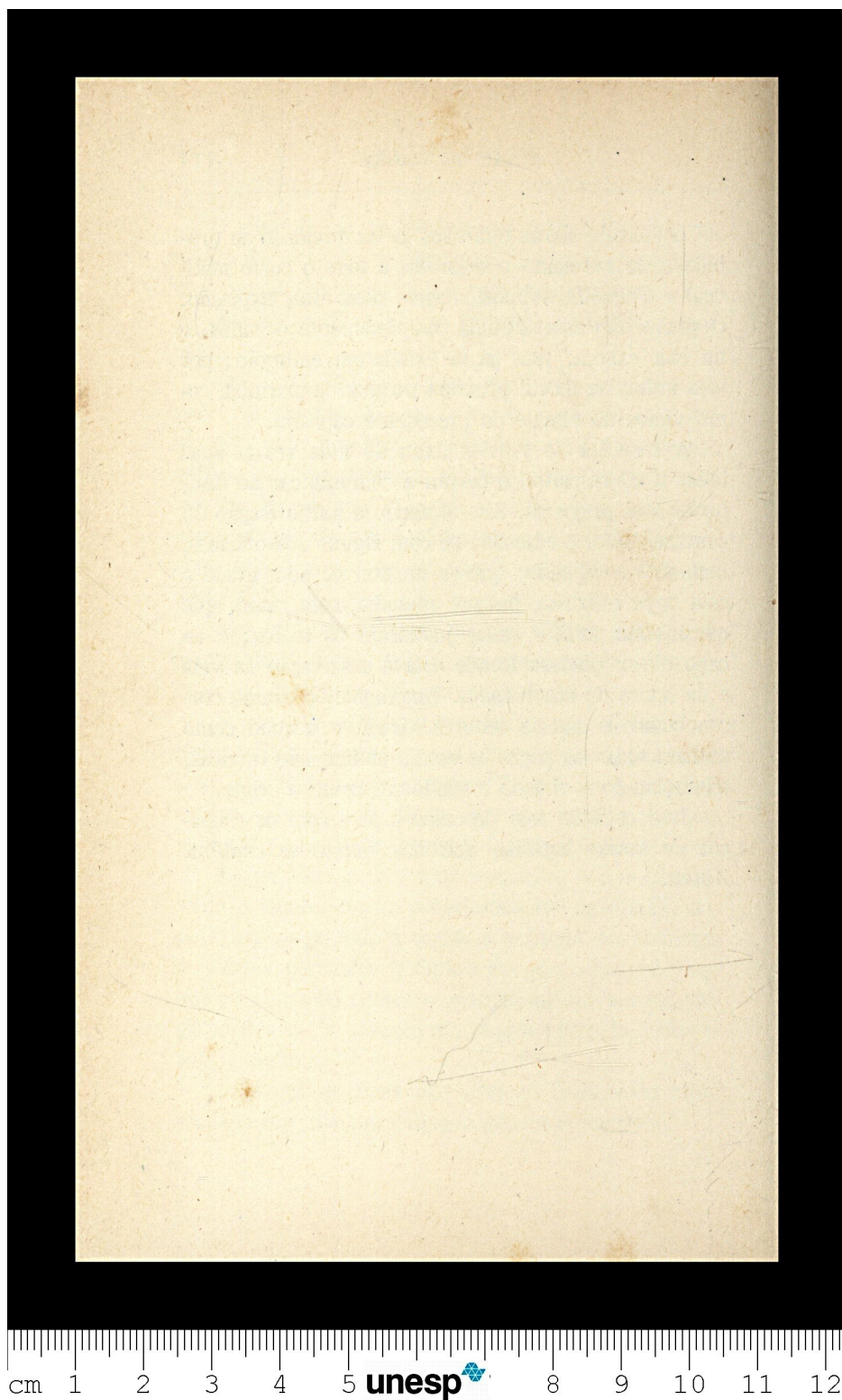


O soldado sentia remorsos de ter duvidado da probidade de Fernando e resolvera a todo o custo justificá-lo d'aquelle supposto crime como uma expiação. O plano não estava ainda completamente organizado na sua cabeça, mas já lá existia em embrião; por isso fallou na morte proxima do guarda-marinha, como vimos no remate do precedente capitulo.

A resposta do Fornos fixou de uma vez as suas idéas a tal respeito; e correu a communicar ao doutor os seus projectos. Este alcançou a authorisação do commandante, e entendeu-se com alguns dos officiaes, inclusivê o capellão, que se prestou de bom grado a esta farça religiosa, porque entendia, com razão, que os fins em muitos casos justificam os meios; e ao cabo d'esta piedosa fraude estava a salvação da vida e da honra de um homem. Finalmente, o drama correu como os nossos leitores viram, e acabou como acabam todas as peças da escola antiga, não tragicas, triumphando a virtude e sendo castigado o crime.

Este capitulo nos desculpará para com os classicos de tantas heresias que nos outros se contém.
Amen.





XXI

TERRA PELA PRÔA!

Ao cabo de cento e vinte e cinco dias de viagem, ouviu-se esse brado consolador, que faz pulsar com mais força o coração do navegante: *Terra pela prôa!*

Terra! repetem cem vozes, como outros tantos echos d'aquella primeira voz que, lá do tópe, soltou a boa nova.

Até para os degredados era salutar aquella noticia. Peor do que estavam a bordo, nem no inferno podiam estar.

A charrua içou a sua bandeira e flammula, apenas avistou o pau da bandeira da ilha de Moçambique, e deu dous tiros de peça, como signal de precisar práctico; algum tempo depois appareceu o escaler do piloto-mór *Nize-Zamodim*, e tratou-se de ir fundear no



canal grande, ao mar da fortaleza. Em seguida deu a nau de viagem a sua salva de vinte e um tiros, como homenagem ao porto, e a bella fortaleza de S. Sebastião respondeu com igual numero de tiros, a agradecer o cumprimento.

Tinha pois chegado ao limite da sua viagem na ADAMASTOR, uma parte dos passageiros e degredados. O major Barros, sua esposa e sogra, desembarcaram no dia immediato, e em breve seguiram para Quilimane, ficando assim interrompido o romance amoroso de Gonçalo e Dona Perpetua.

Quanto a Dona Amalia havia esquecido o cirurgião, apenas este se mostrara indifferente para com ella, reservando-se para encontrar em Moçambique um namorado mais leal.

Não occuparemos a attenção do leitor com a minuciosa descripção da cidade e ilha de Moçambique, tão prospera outr'ora, quanto decahida hoje da sua antiga riqueza. Esse pequeno e insalubre torrão, que já foi a principal escala do commercio do Oriente, é agora uma mesquinha povoação, destituida de importancia.

A charrua demorou-se alli apenas vinte dias; antes, porém, de levantar ferro, no dia em que deviam desembarcar os degredados, desapareceu de bordo o *Agoureiro*: ninguem soube se cahira ao mar ou fugira; e succedeu outro estranho caso que, como historiador fiel, passo a narrar.

Lembra-se o leitor de um dialogo entre Dona Candida e Mauricio, que relatámos no capitulo xvii, no



qual o segundo prometteu á primeira salvar-lhe o filho do degredo de Moçambique?... Lembra-se; e, se não se lembrar, recorra ao supracitado capitulo. Pois bem: o padre apanhou á pobre mulher quanto ouro amoeado ella possuia, e tratou de comprar tres soldados, para, trocando o serviço, se arranjam todos de sentinella na madrugada do dia destinado para o desembarque dos degredados. Succedeu, porém, estar de *quarto d'alva*, n'esse dia, o nosso esperto Ribeiro, o que contrariou muito o capellão, mas como não podia dilatar a fuga do preso, ordenou ao *Pé-de-dança* que se lançasse ao mar em todo o silencio, pouco antes de nascer o sol, e que atracasse a um navio negreiro, que alli se achava perto, e onde elle já tinha preparado ao sobrinho uma optima recepção.

O *Pé-de-dança* sabia nadar, e bem, mas a agua não era o seu elemento favorito; dava-se muito melhor em terra: o mar nunca tinha sido theatro das suas façanhas. Todavia, o homem desejava muito esquivar-se ao desembarque entre os degredados, e á farda, calculando bem qual seria a informação que o acompanharia de bordo: a idéa de se vêr livre, deu-lhe coragem; lançou-se ás ondas, mas não em tanto silencio, como lhe recommendára o padre.

O tenente, que passeava na tolda, sentiu aquelle estranho baque na agua, e correu logo a um dos portálós. Ainda não era dia claro, mas já começavam a distinguir-se os objectos; o Ribeiro enxergou um vulto no mar, e ouviu o susurro que faz um nadador; gritou n'aquella direcção, mandando parar, mas o



vulto não respondia e afastava-se; então, voltando-se para a sentinella:

— Atire-lhe — disse elle — a chegar; seja homem, baleia ou tubarão, é o mesmo... fogo!

O soldado estava tremulo, e não acertava com a cassoleta; porém o 217, que tambem estava de guarda, e que por acaso viera a cima, lançou a mão á espingarda do seu camarada, e mettendo-a á cara:

— Meu tenente — disse — em que direcção atiro?

— Alli, áquelle vulto negro, em roda do qual se vê a espuma.

— Bem... eu nunca errei alvos menores ainda... Lá vai.

A bala sibilou nos ares, e quasi ao mesmo tempo, se ouviu um grito doloroso. Tinha-se empregado de certo!

Arreou-se ao mar um escaler e procuraram na direcção do vulto, mas só recolheram um cadaver!

— Ainda uma morte! — dirá o leitor compassivo — se o author vai matando assim, não lhe fica gente com que acabar com a novella!

— Não lhe dê cuidado, amigo leitor — respondo eu — não fica aqui ainda a mortandade, mas o conto hade ir ao fim; o que eu não quero é fugir á verdade historica: hei-de cingir-me a ella, como o bom jogador de florete cinge o seu ferro ao ferro do adversario.

Dona Candida sentiu muito a morte do filho, e teria feito alguma loucura se não lhe valessem os prudentes conselhos de frei Mauricio. Este amigo pré-gou-lhe a resignação, mas não com o exemplo; não



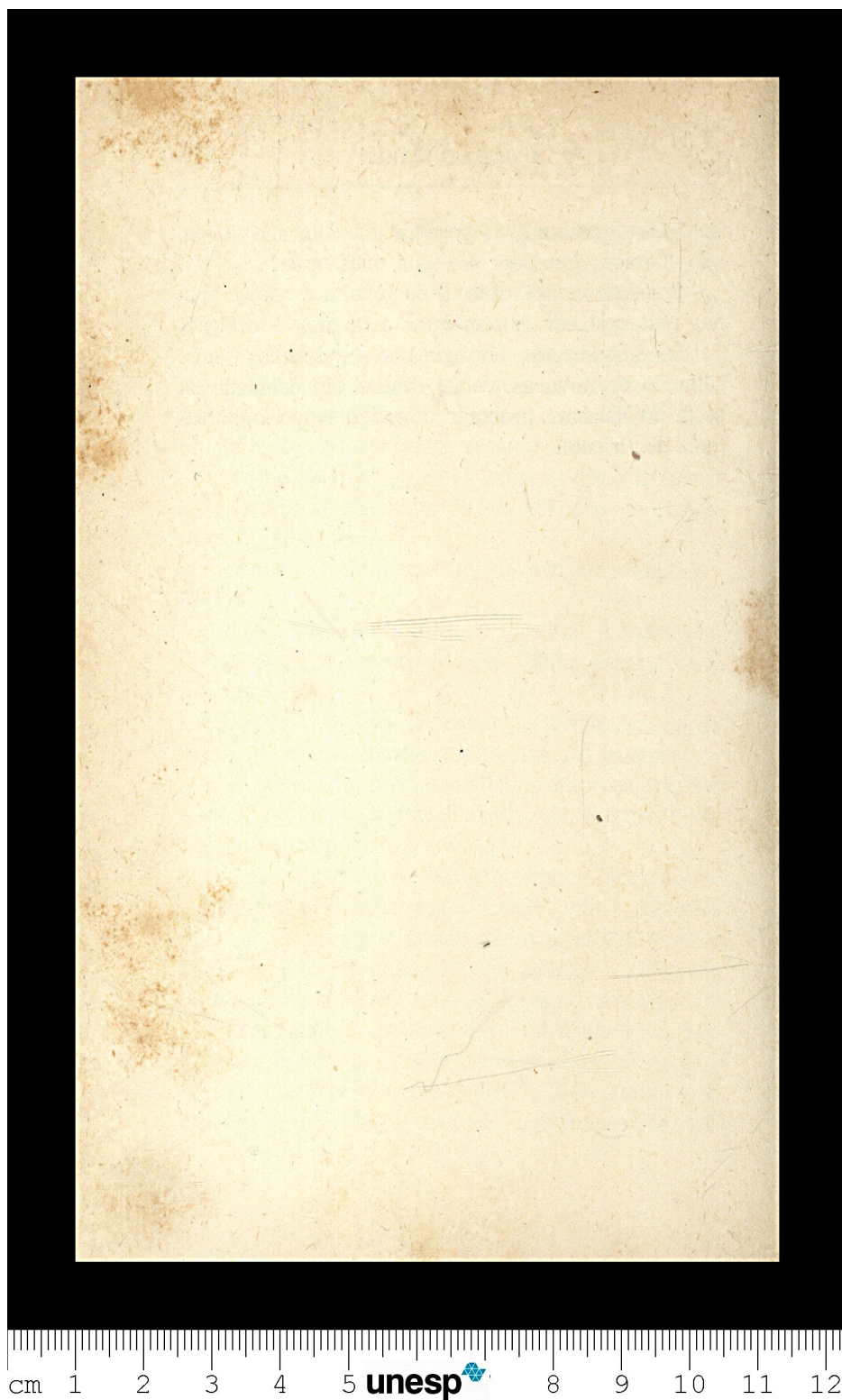
lhe disse que também perdêra um sobrinho e que não chorava; guardou isso para mais tarde...

Finalmente, dos cabeças da revolta a bordo, apenas saltaram em Moçambique a Dolores e o Tição.

Largal-os-hemos, entregues ao seu destino; e nós, soltando de novo as vélas, iremos em demanda da costa do Malabar, procurar o antigo emporiô português do Oriente.

*





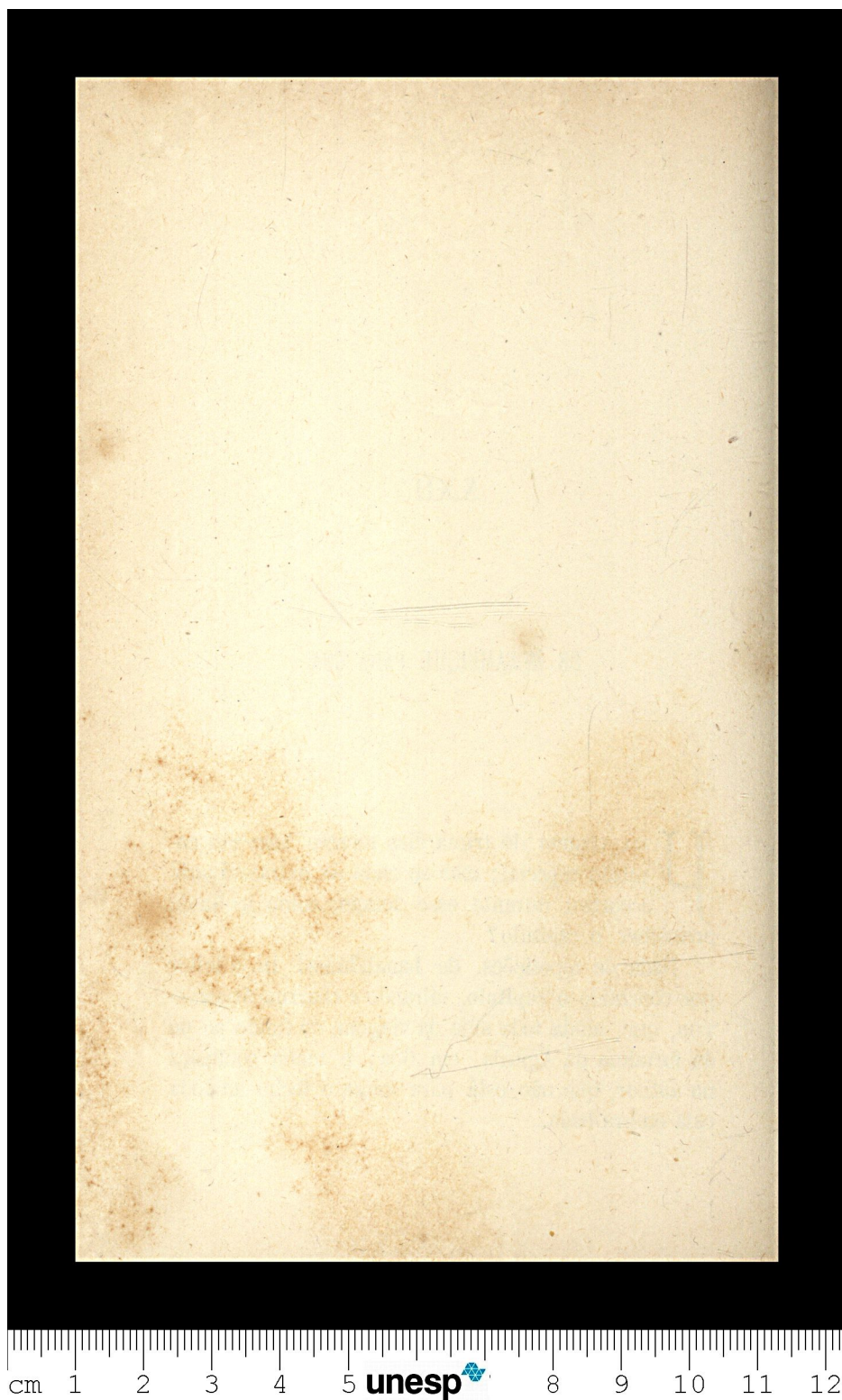
XXII

DE MOÇAMBIQUE PARA GÔA

PMA viagem de trinta dias merece bem um capítulo especial; mas se nada de extraordinário ocorreu durante esse tempo, como se ha-de preencher o capítulo?

Nada de repetições, de banalidades! Dê o leitor por concluído o capítulo, mirando a charrua ADAMASTOR, que, ainda toda suja da viagem, dá fundo ao pé da fortaleza da Aguada, em Gôa; e tenha confiança no author, que não está para longe o fecho de toda esta embrulhada.





XXIII

QUADROS DE FAMILIA

POR largo espaço tivemos a attenção do leitor circumscripção ao ambito da charrua, nem mais lhe promettia o titulo d'este livro; mas depois de tão longa viagem justo é que saltemos em terra e vamos espairecer um pouco por entre os verdejantes palmares do Oriente. Desembarquemos, pois, em Pangim (hoje *Nova Gôa*), e vamos hospedar-nos em casa do secretario geral, que é o ponto de reunião dos nossos amigos, em quanto a ADAMASTOR descarrega o vinho de Portugal, e recebe em troca o arroz da India.

Faça de conta o amavel leitor, que já está em Gôa ha dous mezes, que tem assistido com os officiaes da charrua a muitos jantares, saraus, passeios e representações n'um lindo theatro de curiosos; porém não esqueça que é na casa do secretario que



mais frequentemente se reúnem os rapazes, atraídos pela graça e delicadeza de Gabriella, pela formosura e sinceridade de Carlota.

Entremos pois na sala de recepção do senhor Azevedo, adereçada meio á oriental meio á europêa, e ahí encontraremos uma alegre sociedade; jovial sem grosseria, comedida sem etiqueta.

A um lado jogam o *whist* quatro velhos, já nossos conhecidos: o dono da casa, Epiphanio, o desembargador e o capellão: cercam a mesa do jogo alguns outros parceiros da mesma idade, que esperam a sua vez de entrar n'um *robber*. Mais além vê-se Dona Candida, sentada n'uma cadeira de balouço, dando attenção ao que lhe diz o tenente Costa, e fingindo prestar a mesma consideração ás palavras de Gonçalo Mathias, que ri sempre, como um possessor, das proprias babozeiras. Aqui, está uma bonita mesinha de charão, sustentando um taboleiro de xadrez, que serve de distracção a Dona Gabriella e a Ribeiro; e ao lado, sobre um divan, enxergam-se Fernando e Carlota, mollemente recostados, conversando á pureza, mas aventurando, de tempo a tempo, alguma reflexão ácerca do jogo.

N'esta sala não ha constrangimento de parte a parte; não ha esse requinte de obsequio que incomoda. Sobre uma mesa estão variados refrescos, doces e cigarrilhas do paiz; cada qual serve-se do que appetece, e homens e senhoras fumam sem cerimonia.

Assim passam as horas, até que sôa a meia noi-



te; então, por uma convenção tacita, as visitas despedem-se e os hospedes recolhem-se aos seus aposentos.

Todos os officiaes viviam na cidade, á excepção do segundo commandante, a quem chamavam o *cão do navio*; e além d'isso, Jacintho Carlos soubera ligar-se de tal fôrma com o secretario, que estava morando em um quarto baixo da mesma casa, a instancias do proprio Militão.

Como, porém, nada se pôde occultar, para sempre, aos olhos de um marido ciumento, e nós sabemos que o senhor Azevedo tinha esse fraco, o homem desconfiou que era atraído pelo seu amigo e hospede, surprehendeu um ajuste de entrevista, e resolveu vingar-se estrondosamente.

Deixaremos pois retirar-se a chusma das visitas, e recolherem-se as meninas aos seus quartos, para ouvirmos o dialogo que tiveram entre si Dona Candida e Militão.

— Senhora! isto é de mais! — bradou com voz forte o secretario, apenas se achou só com sua esposa.

— Que tem, Militão? quem lhe fez mal?

— A paciência tem limites! — continuou Azevedo, encolerisando-se progressivamente — até aqui tenho sido paciente, tenho devorado em silencio todas as affrontas com que a senhora tem pago o meu louco amor... Hoje, porém, que eu occupo um lugar eminente n'este paiz, e que vejo a senhora, apesar de não ser criança, nem mesmo rapariga, distribuir sorrisos e ternos olhares a um novo apaixonado... ain-



da um!... Oh! hoje, senhora, juro-lhe que o cordeiro ha-de transformar-se em tigre, ha-de beber todo o sangue das pessoas que o atraçoam... todo, senhora... todo, lembre-se bem d'esta promessa!

E ia a retirar-se furioso, quando Dona Candida lhe segurou uma das mãos. Esta mulher costumada a ter um imperio absoluto sobre o coração de seu marido, via bem que o throno baqueára n'este momento, e que Militão era capaz de fazer algum escandalo, ou mesmo de assassinal-a, n'um instante de ciumento furor. Quiz vêr se o socegava.

— Militão, meu esposo — lhe disse ella com a mais dôce voz — que novas suspeitas são estas? que nôvo intrigante...

— Não me disseram cousa alguma... fui eu que vi, com os meus olhos... que ouvi, com os meus ouvidos...

— As apparencias enganam...

— Sou eu que me tenho deixado enganar muitas vezes... mas agora não será assim! O encanto quebrou-se!... sômos velhos, senhora; já era tempo de termos juizo.

Dona Candida ainda tentaria uma vez recuperar o seu poder, se não fosse os mil desgostos que experimentára a bordo da ADAMASTOR, que lhe haviam quebrado aquelle animo varonil. Nem já se achava com coragem para adubar a comida do senhor Militão, como fizera em outro tempo ao soldado Ezequiel. Começava, n'este mundo, o castigo da mulher devassa, inconstante e envenenadora, resvalava por um



plano inclinado para a beira do abysmo... só a mão de Deus a poderia sustentar! mas essa mão já de ha muito a repellira de si!

— Porém, explica-te, Militão — disse apenas Dona Candida.

— São desnecessarias palavras, quando a obra se vai consummar. Entre para o seu quarto, que eu fico aqui esperando as suas visitas nocturnas.

A mulher tentou resistir a esta ordem, porém Militão empurrou-a brutalmente para fóra da sala; ficando só, apagou as luzes, sentou-se proximo da porta, sacou da algibeira um punhal, e esperou em silencio a chegada d'alguem, por mais de meia hora.

Esse alguem chegou em fim.

O senhor Militão sentiu abrir de mansinho a porta que communicava para o gabinete de espera, depois fechar-se com o mesmo cuidado, e soarem passos pela sala, só perceptíveis para quem estivesse em cilada, como elle. Ergueu-se, sem fazer bulha tambem, segurou com força o punhal, e procurou nas trevas o seu adversario...

— Ladrão! — bradou furioso o secretario geral, quando lançou a mão ao invisivel inimigo — quem quer que sejas, é chegada a tua ultima hora!

— Soccorro! — clamou o outro com voz tremula.

— Ah! é o senhor Costa? sempre assim o supuz... Vai explicar-me o que fazia aqui ás escuras. Chegue-se para esta janella, que abre sobre o palmar... é sitio de muito silencio a estas horas... Venha.



Dizendo isto, foi conduzindo o pobre tenente, sempre seguro, para junto de uma janella.

A voz do senhor Militão denunciava um profundo rancor e tenções sinistras; por isso Jacintho Carlos, apanhado em flagrante e desarmado, se reputou um homem morto. Não lhe occorria uma piedosa mentira para açaimar aquella fera, nem um meio de lhe escapar das mãos; estava a ponto de confessar a verdade, quando a porta que dava para o quarto de Dona Candida se abriu repentinamente, e o reflexo de uma luz veio alumiar a sala.

— Quem vem ahi? bradou Azevedo indignado, mas sem largar a presa.

— Somos nós — respondeu Dona Candida, assoando ao limiar, em companhia de Carlota.

— Saíam, saíam immediatamente!

— Pois não vês as lagrimas d'esta pobre menina?... É a ella que o senhor Jacintho Carlos vinha fallar...

— Eu!!!

— Escusa de negar, que a menina confessou-me tudo. — Então que vinha vossa senhoria buscar aqui a taes deshoras?

— Sim, diga a que vinha? — acrescentou Militão, com o punhal erguido.

O homem começava a duvidar dos seus proprios olhos e ouvidos! Já lhe parecia razoavel que fosse a Carlota, e não a Dona Candida que se dirigissem as vistas do mancebo, e que sua esposa, só por amizade pela pequena, aceitasse as confidencias do senhor

Costa, e ajustasse com elle as horas de entrevista... Sempre é muito opáca a venda que usa o amor!... O Jacintho Carlos esse não via meio de sahir airosamente d'este embaraço: admirava a desfaçatez de Dona Candida, que se atrevia a interrogar-o face a face, e não tinha coragem para a desmentir; confessar um amor supposto parecia-lhe ridiculo, ainda que gostava muito da Carlotinha, mas sem pretensões a ser seu esposo; finalmente, depois de interrogado segunda e terceira vez, resolveu-se a apoiar a declaração de Dona Candida, com um pensamento reservado.

— Pois bem: surprehendi a vossa senhoria fóra do seu quarto, e com direcção aos aposentos das senhoras por alta noite; exijo uma reparação; ha-de casar com minha filha adoptiva.

— Estou prompto, senhor, logo que conheça seus paes.

Jacintho julgou parar assim o golpe; mas Dona Candida que receava esta noite a cólera de seu marido, apressou-se a acrescentar:

— Amanhã conhecerá seu pai: é um honrado militar, um velho soldado.

Carlota, Militão e Jacintho olharam espantados para Dona Candida, mulher extraordinaria, que resolvía todas as questões. Os olhos suppriam a falla n'um gesto de estupefacção, e pareciam pedir o resto da revelação, o nome do pai.

— Amanhã — continuou aquella atrevida mulher — nos reuniremos n'esta sala para assignar as escri-

pturas; o pai de Carlota estará presente, ou um procurador seu. Boa noite, senhor Costa.

E fazendo uma mesura ao tenente, tornou a pegar na mão de Carlota, e retirou-se com a infeliz menina que chorava e soluçava sempre.

Militão seguiu o exemplo de sua esposa, e retirou-se também, dizendo:

— Boa noite.

E Jacintho, depois de alguns momentos de estúpido silencio, sahiu, repetindo ás paredes, maquinalmente, as ultimas palavras que ouvira:

— Boa noite... boa noite...

.....

O leitor não entendeu, nem podia entender esta charada! Pois bem, agora vai decifral-a. Para isso basta-lhe ouvir o que se passava no quarto de Dona Candida, em quanto Militão mudo, e em trevas, aflagava o seu punhal, no salão.

Nós vimos como a mulher do secretario foi, de repellão, posta fóra da sala pelo senhor seu marido, e sabemos que n'essa hora ella tremia ante o desusado furor e a expressão de raiva, de odio e de ciúme que Militão apresentava; fertil, porém, em recursos, esta Megera traçou um plano de salvação; era uma idéa infernal... mas convinha-lhe: adoptou-a logo!

Correu ao quarto de Carlota, e sem mais preambulos, desfechou-lhe estas palavras:

— Carlota, eu sou tua mãe!... estou perdida... e só tu me podes salvar!...



— A senhora?... minha mãe!?... E perdida!... e eu?... — tal foi a balbuciante resposta da menina.

— Sim, sim; sou tua mãe; a tua historia, que tantas vezes me tens contado, coincide precisamente com a confissão de teu pai... e as tuas feições são exactamente as minhas, quando eu tinha a tua idade!... Ó minha Angelica, minha filha!... Salva-me!

— Oh! eu acredito que sou sua filha... sinto aqui — acrescentou Carlota, pondo a mão sobre o coração — alguma cousa que me confirma essa felicidade... mas como hei-de salvá-la? Estou prompta a fazer todos os sacrificios por minha mãe... minha boa mãe!

E a criança abraçava e beijava aquella infernal mulher, tão indigna de ser mãe, que ia sacrificar sua filha!

— Angelica!... Carlota, o teu coração está livre?

A pobre menina còrou desusadamente, e sentiu perturbar-se-lhe a cabeça com uma tal pergunta, mas teve animo de responder:

— Sim, minha mãe; está livre.

— Então, minha filha, é necessario consentires em desposar um homeém decente, que não tarda a apparecer no salão, e contra o qual meu marido está armado de um punhal... Esse homem, minha filha, vem procurar-me...

E Dona Candida ajoelhou, com as mãos erguidas para a joven, e chorou, ou fingiu chorar...

— Nas tuas mãos está a honra de tua mãe... Salva-me, filha!...



— É o mais tremendo sacrificio que se me poderia exigir... mas devo tudo a minha mãe no dia em que a reconheço!... Sim, desposarei quem quizer...

E chorando, e soluçando, continuou em voz mais baixa:

— É pois bem negro o peccado de meus paes, que assim passa terrivel o castigo a sua filha!... Meu Deus... meu Deus... que mal fiz eu? Porque não apagas esta tenue luz de vida, que não é mais que a lampada de um sepulchro?.....

.....
A menina ergueu sua mãe nos braços, e voltaram á sala... Dona Candida não tinha mentido: o bello pagem, a formosa rapariga não era Carlos, nem tão pouco Carlota... tinha sido baptisada em Moçambique com o nome de Angelica, e era filha de Ezequiel e da viuva do degredado.



XXIV

O MARIDO DE DUAS MULHERES

A PENAS rompeu o dia mandou Dona Candida chamar o padre Mauricio que habitava na Feitoria dos officiaes. A pobre mulher não pudera dormir, mas a noite traz bom conselho. Recordou-se que o capellão era avarento, que para salvar seu filho a primeira cousa em que lhe fallára fôra *dinheiro*; e que de facto lhe não dera conta de cem peças que havia recebido para esse fim. Demais o padre sabia todos os seus segredos, era ladino e hypocrita. Tinha achado o seu homem! Contava com o reverendo para sahir d'aquelle apuro.

Mauricio acudiu logo á chamada e Dona Candida recebeu-o com uma bolsa cheia d'ouro e com estas decisivas palavras:

— O reverendo sabe que a Carlota é filha de Ezequiel.



— Até sei que o seu verdadeiro nome é Angelica.

— Se não fosse a corôa diria que estava fallando com Satanaz! *

— Isso é lisonja, minha senhora.

— Vamos ao que importa. Pedro morreu, não tem remedio. Mas é necessario salvar-me a mim.

— Estou ás ordens de vossa excellencia.

— Aquí tem esta bolsa, contém trinta onças d'ouro; se fôr preciso mais...

— Para que é tanto dinheiro?

— É necessario convencer o soldado que se acha moribundo no hospital de que é esta a sua filha perdida.

— Não ha-de ser difficil.

— Bem. Depois obrigar-o a dar o seu consentimento para ella casar com o tenente Costa.

— Já nós lá vamos! mas para que é preciso esse consorcio?

— O padre já sabe muito; não queira saber mais por ora.

— Oh! eu sou a discrição personificada!

— Melhor. Esse dinheiro servirá para aplanar qualquer pequena difficuldade. Parta.

— Ainda uma palavra. Eu sei o que se passou esta noite em casa, aqui na sala.

— O senhor!

— Desconfio mesmo que era capaz de adivinhar mais alguma cousa. Por exemplo — um dialogo entre vossa excellencia e a menina Angelica.



— Jesus! Será vossê verdadeiramente o demonio?

— Nada, mas pareço-me alguma cousa com elle; ainda temos parentesco. Agora que estou seguro da sua discrição posso dizer-lhe quem sou e esboçar-lhe os meus projectos.

— Estamos a perder tempo.

— Não tenha susto; o negocio corre por minha conta. Mas diga-me vossa excellencia, não está aborrecido de viver com o senhor Militão?

— Eu...

— Percebo. Pois hoje mesmo hão-de ser desunidos por mim, o sacerdote.

— Nós desunidos, mas como?

— Logo o verá. Por ora fique sabendo que o meu primeiro nome n'esta peregrinação do mundo era Ambrosio Garcia.

— O caléceiro?

— Esse mesmo, e a senhora já esteve a ponto de o adivinhar.

— Oh! sim, agora compreendo o seu interesse pelo pequeno Pedro; era sangue seu!

— Acredito por vossa excellencia o dizer. Ainda outra pergunta, mas não, isso ficará para depois.

— Diga, diga.

— Fallaremos depois de descasada.

E o padre cortejou Dona Candida e sahiu, antes que ella pudesse interrogar-o ácerca d'este novo enigma.

Acompanharemos o ex-caléceiro á enfermaria do hospital onde jazia moribundo o velho Ezequiel.

*



O pobre fiel de artilheria estava com effeito em vespas de deixar este valle de lagrimas, mas teve forças para se sentar na misera enxerga quando ouviu a boa nova que lhe trazia o capellão. Ouviu da bocca do padre a historia que o pagem-fêmea contára aos officiaes e que coincidia perfeitamente com a verdade dos factos. Elle entregára a pequena a uma velha chamada Joanna que regressava a Portugal por lhe ter morrido o marido em Moçambique, para afastar a filha d'aquella perversa mãi cuja vingança temia. Dera-lhe quanto dinheiro possuia, recommendando á boa mulher que não contasse a propria historia a Angelica, até que elle voltasse a Lisboa. Demorando-se porém mais do que pensára longe da patria, graças ás intrigas de Dona Candida e Militão, chegou a Portugal depois da morte de Joanna, e nunca pôde encontrar a filha.

Todavia, apesar de convencido pelas palavras do capellão, negou-se a dar o seu consentimento para o consorcio da menina em quanto não verificasse com os proprios olhos a identidade da pessoa.

Mauricio, que via correr tão bem o negocio, não perdeu um instante. Voltou a casa do secretario geral, e em menos de meia hora estava no hospital acompanhado por Dona Candida e Angelica.

O velho não teve mais duvidas. Assignou diante de testemunhas quantos papeis lhe apresentaram relativos a Angelica, e morreu feliz abraçando a sua querida filha que já reputava morta!.....

.....



Foi oppressa com mais esta dôr que Angelica, tão moça e tão formosa, appareceu no salão do secretario geral, para assignar a escriptura do seu casamento com um homem de quem não gostava!

Afflicções d'estas não avalia o mundo!

O tenente Jacintho Carlos tambem assignou contrangido aquelle papel, que elle entendia ser a sua deshonra.

Quanto ás testemunhas estavam satisfeitissimas, á excepção de Fernando que nada comprehendia d'aquelle estranho mysterio. O resto do auditorio tambem nada percebia, mas que lhe importava? era mais um dia de folia, mais um objecto de conversação; é o que se leva d'este mundo, dizia a rapaziada entre estrondosas gargalhadas, quasi á vista das lagrimas de Angelica e da pallidez de Jacintho.

Á noite houve sarau em casa do secretario geral. Todas as notabilidades de Gôa concorreram a elle. Promettia ser uma funcção esplendida.

Angelica estava linda com o seu vestido de noivado e comtudo as lagrimas bailavam-lhe nos olhos, apesar de todas as recommendações de sua mãe. Gabriella não occultava o prazer que sentia com aquella estranha união; era uma rival de menos. Jacintho e Fernando estavam pensativos por bem diversas razões. O Ribeiro sempre folgazão, e Gonçalo Mathias cada vez mais tolo.

Só o padre capellão ainda não tinha apparecido!

Dona Candida, que se lembrava da extravagante



promessa que elle lhe fizera, estremecia á entrada de cada convidado, pensando sempre encontrar o ex-calleiro munido de algum estranho documento que viesse causar escandalo entre aquella boa sociedade.

Finalmente appareceu o homem e seguia-o um phantasma.

Tocava-se uma alegre contradança e a mocidade folgava n'este innocente passatempo, quando o capellão avançou até ao meio da sala e bradou com voz solemne :

— Attenção, senhores ; a dona d'esta casa vem fazer-vos os seus cumprimentos.

A musica parou, suspendeu-se a dança, e todos olharam para o objecto que o padre designava com o dedo.

Era uma preta de meia idade, coberta d'andrajos e que chorava como uma Magdalena.

Mauricio continuou :

— Eis-aqui a senhora Dona Isabel de Flôr de Laranja, parenta d'el-rei do Congo, e esposa legitima e unica do senhor Militão José d'Azevedo.

Todo o auditorio riu estrondosamente ao ouvir aquellas palavras que tomára por uma farça ; porém o secretario geral correu a reconhecer a preta, soltou o grito da desesperação e sahiu sem chapéo pela porta fóra.

Não faltou quem o seguisse, mas ninguem o alcançou. Militão correu como um possesso até á ponte de Ribandar e lançou-se ao Mandovi.

O seu cadaver veio ter á praia no dia immediato.



Mas ainda ahi não terminaram os acontecimentos extraordinarios d'essa noite.

Dona Candida tinha ficado aterrada com aquelle novo golpe que lhe fazia perder a sua posição social, e sem olhar para um só dos convidados fugiu para o seu quarto. Mauricio, porém, queria tirar as *legitimas consequencias* d'aquelle seu *golpe d'estado*. Entrou pois na alcova da viuva e com o maior sangue frio lhe dirigiu estas fallas:

— Não se deve desesperar da felicidade em nenhum lance da vida, isto é evangelico! Permittiu Deus que viesse a Gôa a primeira mulher do Militão — que o Senhor tenha em santa gloria! — e fez-me seu instrumento para descobrir esta peccaminosa bigamia. Porém a senhora Dona Candida ainda tem um recurso, um só, mas excellente! Ora ouça. Os conventos foram roubados e transformados em habitações profanas, por consequencia tornar a ser frade em Portugal ha-de ser difficil! isto de marinha de guerra é uma historia, mesmo para um padre capellão! por tanto vou missionar para as possessões inglezas, unir-me á propaganda contra o padroado real. Se me quer acompanhar é juntar todas as joias e dinheiro que por ahi haja; tenho uma *tôna* prompta, e quando derem pela nossa falta já estaremos acobertados pelo pavilhão da Grã-Bertanha.

Para não fatigar o leitor com prolixidades, passaremos em claro o resto da conversa que deu em resultado partirem para Vingorlá estas duas boas almas, deixando só e desamparada a pobre Gabriella



entre quatro paredes e alguns moveis, porque objectos de valor portateis, levaram-n'os todos o caléceiro e a taberneira.

Quando este abandono da infeliz Gabriella chegou ao conhecimento de Fernando por via do Ribeiro, estava elle abrindo uma carta de Lisboa de um amigo seu muito intimo, na qual lhe dava parte de haver assistido ao casamento de Victoria Smith com Adam Peel! Acabando esta leitura, o guarda-marinha correu á morada da encantadora menina, contou-lhe o que havia, como ambos haviam sido atraíçoados, e offereceu-lhe a sua mão.

Effectuou-se em breves dias este casamento por vingança.

Acompanharemos os noivos para bordo da ADAMASTOR, que já nos faz mal o ar da terra. Voltemos ao oceano que é o nosso elemento, o elemento d'este genero de composições... meu, não!



XXV

DE GÔA PARA MOÇAMBIQUE

UMA bella manhã de fevereiro despontava sobre a capital da India portugueza quando a charrua ADAMASTOR, largando todo o seu pano, dava uma salva de artilheria, como o derradeiro adeus áquelle paiz; e aproava de novo a Portugal, d'onde se achava longe depois de nove mezes.

Não voltavam a bordo da ADAMASTOR nem cem das duzentas pessoas com que largára de Lisboa no dia 5 de maio do anno precedente. Bem o dizia o Agoureiro: — Quantos irão que não tornarão! E ainda os que ficaram no caminho!

Os primeiros dias de viagem passaram sem novidade. Começou-se, porém, a notar que o velho commandante ia enfraquecendo muito a ponto de só apparecer na tolda encostado a uma bengala, mas nunca



se queixou ao cirurgião, e este pouco lhe importava com a saúde do commandante. Até mesmo se conhecia que havia desarranjo nas suas faculdades intellectuaes, faculdades, aliás, não muito bem organisadas de si: isto dava cuidado á guarnição, porque o homem era quem mandava a bordo, e podia emprender uma navegação extravagante e até mesmo perigosa.

Já perto de Moçambique deu parte a vigia de apparecer uma vela pela prôa. Este acontecimento tão natural deu serios cuidados ao commandante. Imaginou que fosse um audacioso pirata, como esses que nos pintam as novellas e as poesias da modernissima escola; ou um corsario argelino, cousa já então anachronica. Não se desviou, todavia, do seu rumo, mas mandou tocar a postos, accender morrões e firmar com um tiro a bandeira nacional que içou. O outro navio tambem mostrou logo a fluctuar no tópe o pavilhão de Inglaterra. Conheceu-se immediatamente que era um d'estes grandes navios de carga, pertencentes á companhia das Indias.

As duas embarcações navegavam a rumos diametralmente oppostos, de tal sorte que pareciam um só os tres mastros da galera; o vento favorecia ambas, porque era da perpendicular ou de oito quartas. Vinham, porém, já muito perto uma da outra, e nenhum movimento se fazia de parte a parte para se não chocarem.

O nosso Epiphanio de Sousa estava ao catavento e dizia de vez em quando:



— Andar assim! Ah meu *beef*, que te hei-de bater bem batido com esta bengala!

E meneava a bengala na direcção do inglez.

O orgulho bretão cedeu finalmente o lugar á prudência; e a galera começou a arribar; mas o nosso Sousa gritou logo para o timoneiro:

— Cheio! cheio! quer-nos fugir, o ladrão! Contra todo! Olha se os morrões estão accesos!

E a charrua a aproar á galera, como se fosse abordal-a.

O tenente Ribeiro, que estava á prôa, correu immediatamente á tolda, e não duvidou dizer ao commandante:

— Nós vamos atracar com aquelle navio se continuarmos assim, o que será uma desgraça. Veja vossa senhoria o que faz.

— O que faço, senhor tenente? eu lh'o digo. Hei-de reconhecer aquella embarcação bem de perto; o senhor não sabe o que são manobras finas!

Entretanto o inglez, que vira arribar a ADAMASTOR, persuadiu-se que esta pretendia passar-lhe por sotavento, posto que sem causa fundada. Resolveu-se pois a orçar novamente, mas foi com espanto que viu o portuguez orçar também.

A tripulação da galera chegou a persuadir-se que aquelle vaso de guerra a queria tomar ou pelo menos registrar em fôrma, e já tratava de se pôr ao largo para atravessar; era, porém, perseguida pela implacavel prôa da charrua.

O bretão orçou, orçou quanto pôde; já as velas



do seu navio tocavam em vento, não podia mais; e o portuguez, orçando tambem, de tal fôrma que enfiou o *pau da giba* pela enxarcia do traquete do inglez, quebrou este pau e o da bujarrona, e prolongou costado com costado, porque a charrua tinha dado *por d'avante*. Todos correram á borda de um e outro navio, qual cortava um cabo que ainda ficava preso, qual desviava um pedaço de madeira que se desprendia com ruido da peça principal. O senhor Epiphanio de Sousa, que todos então reconheceram como louco, teve a ajuda de custo de um moitão, que lhe cahiua na cabeça, e foi levado em braços para a camara, completamente variado.

Fernando pareceu-lhe vêr no meio d'aquella confusão a sombra de uma pessoa conhecida; mas quem podia ser, a bordo d'um navio das Indias?... Apesar d'esta reflexão ficou seriamente preocupado. Todo o resto da gente de ambas as embarcações pensava sómente em reparar a grossa avaria que soffreram.

A galera ficára mais maltratada. Rebentára-lhe toda a enxarcia real onde se enredára o gurupés da charrua; resolveu, pois, arribar a Moçambique em conserva d'esta que soffrera menos e que, como culpada que foi na atracação, havia de pagar a despeza do reparo, ou o cofre da provincia por ella, melhor ainda, pelo commandante!

Afastaram-se, pois, a conveniente distancia, começaram a navegar ao mesmo rumo pelo canal abaixo. Ao cabo de alguns dias davam fundo em Moçambique.

Antes, porém, de soltarmos a ancora, preciso de



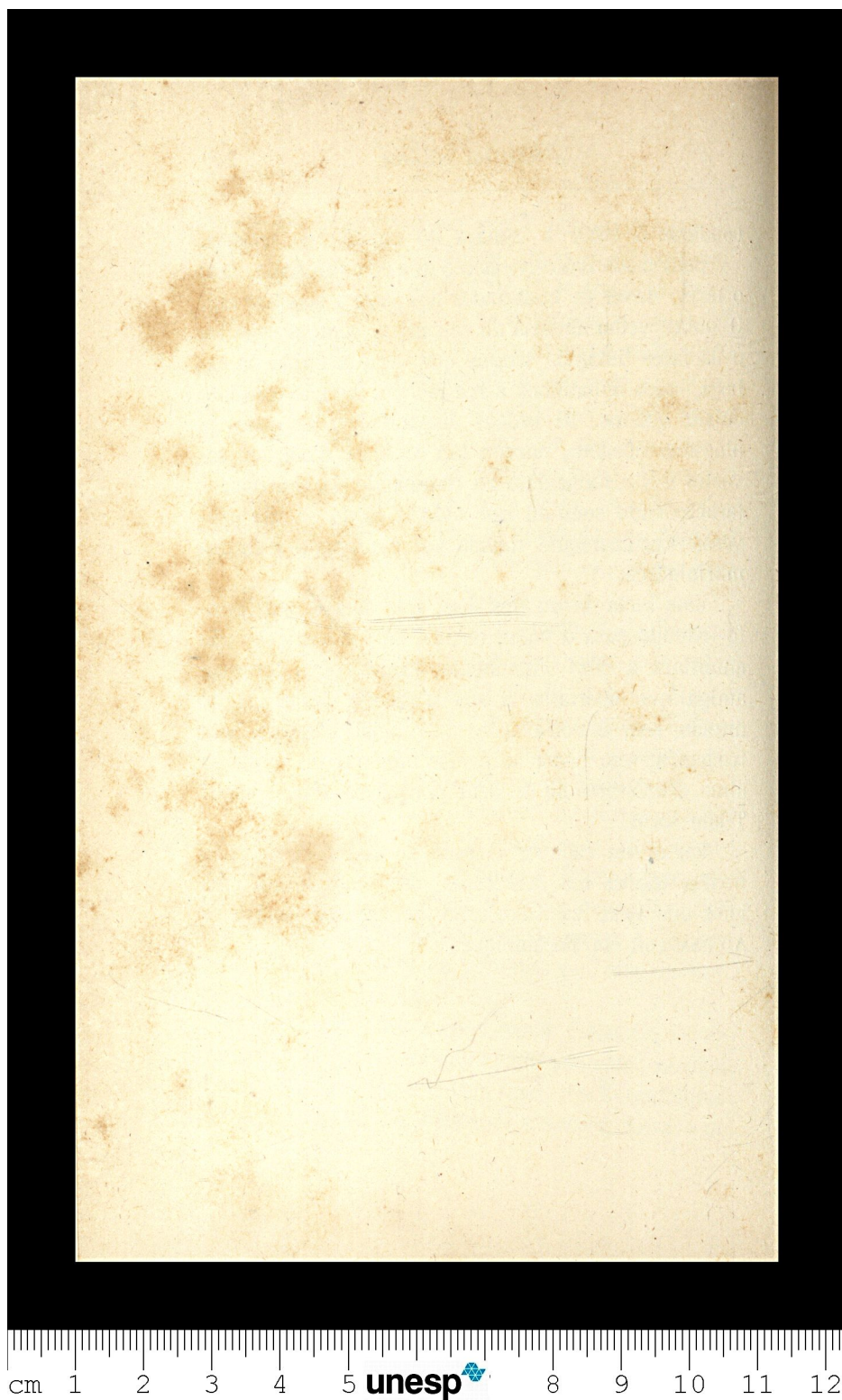
conduzir o leitor á camara do capitão de fragata.

Bem triste é o espectáculo que ella apresenta, mas o nosso dever de historiador nos força a penetrar ahi. O pobre velho agonisa no seu catre, com os cabellos e as faces tintas de sangue que verte a ferida da cabeça, cujosapparelhos a sua loucura lhe não consente deixar quietos. Dá ordens disparatadas, ás quaes já ninguém obedece, porque um conselho d'officiaes investiu o seu immediato no commando da charrua; e teria corrido semi-nú por todo o navio se não estivesse continuamente vigiado por um tenente e alguns marinheiros.

Esta lucta durou tres dias, tres dias de soffrimento inaudito para o pobre ancião, sé a loucura lhe não annullára a dôr! Finalmente, expirou sem ter mão amiga que apertasse a sua n'aquella despedida do mundo, sem as consolações da religião n'aquella hora tremenda, sem poder ao menos impetrar do fundo da alma a misericordia de Deus porque perdêra o juizo! Triste sorte!

Foi o, seu cadaver lançado ao mar com todas as honras usadas em taes casos, de que já demos uma idéa em outro capitulo, e no dia seguinte fundeou a ADAMASTOR em Moçambique.





XXVI

DESENGANOS

Logo que os navios descansaram no porto e se soube a bordo da ADAMASTOR que vinham algumas senhoras de passagem na galera ingleza (*King-Lear* este era o seu nome) resolveram as damas portuguezas fazer uma visita ás senhoras estrangeiras e offerecer-lhes toda a hospitalidade n'esta colonia nossa. Com effeito, embarcaram em um escaler as meninas Gabriella e Carlota, já reconciliadas em amizade, e seus esposos, os senhores Athaide e Costa; vogaram para o *King-Lear*, e em poucos minutos estavam a bordo d'aquella galera.

As inglezas, já avisadas de antemão, esperavam na tolda em companhia de seus maridos — as que os tinham — ou de seus paes, irmãos, etc., pela visita das portuguezas; e umas e outras se preparavam para travarem uma sincera amizade, ainda que por



pouco tempo, visto que o destino as reunira alli por acaso.

Carlota e Jacintho subiram primeiro: e em quanto este apertava as mãos a alguns inglezes, aquella era recebida nos braços das senhoras. Depois foi a vez de Gabriella, a quem seguiu Fernando, porém esta ia-se precipitando do portaló abaixo quando reconheceu o homem que lhe offerecia a mão da parte de dentro da galera. Fernando não adivinhou o que se passava e entrou resolutamente na tolda; foi ainda o mesmo homem que lhe estendeu a mão, a qual elle cerrou cordialmente: porém, olhando para a senhora que apertava nos braços sua esposa, esteve a ponto de cahir fulminado alli mesmo; havia-a reconhecido, era Victoria Smith, ou antes Victoria Peel!

— Minha esposa — disse a Fernando o homem que lhe estendera a mão, designando agora Victoria.

— O senhor é então...?

— Adam Peel, vosso criado.

E o inglez virando-se para Gabriella acrescentou:

— Oh! eu conheci esta linda senhora em Lisboa. Está casada?

— Sou seu esposo, senhor — respondeu apressadamente Fernando; mas córou, encontrando o olhar da ingeza que não estava menos córada.

Gabriella tinha igualmente as faces tintas de rubor. Em Mr. Adam é que se não conhecia acanhamento; apresentava, como sempre, umas bochechas avinhadas e uns olhos pequeninos e redondos, quasi sumidos na gordura da cara.



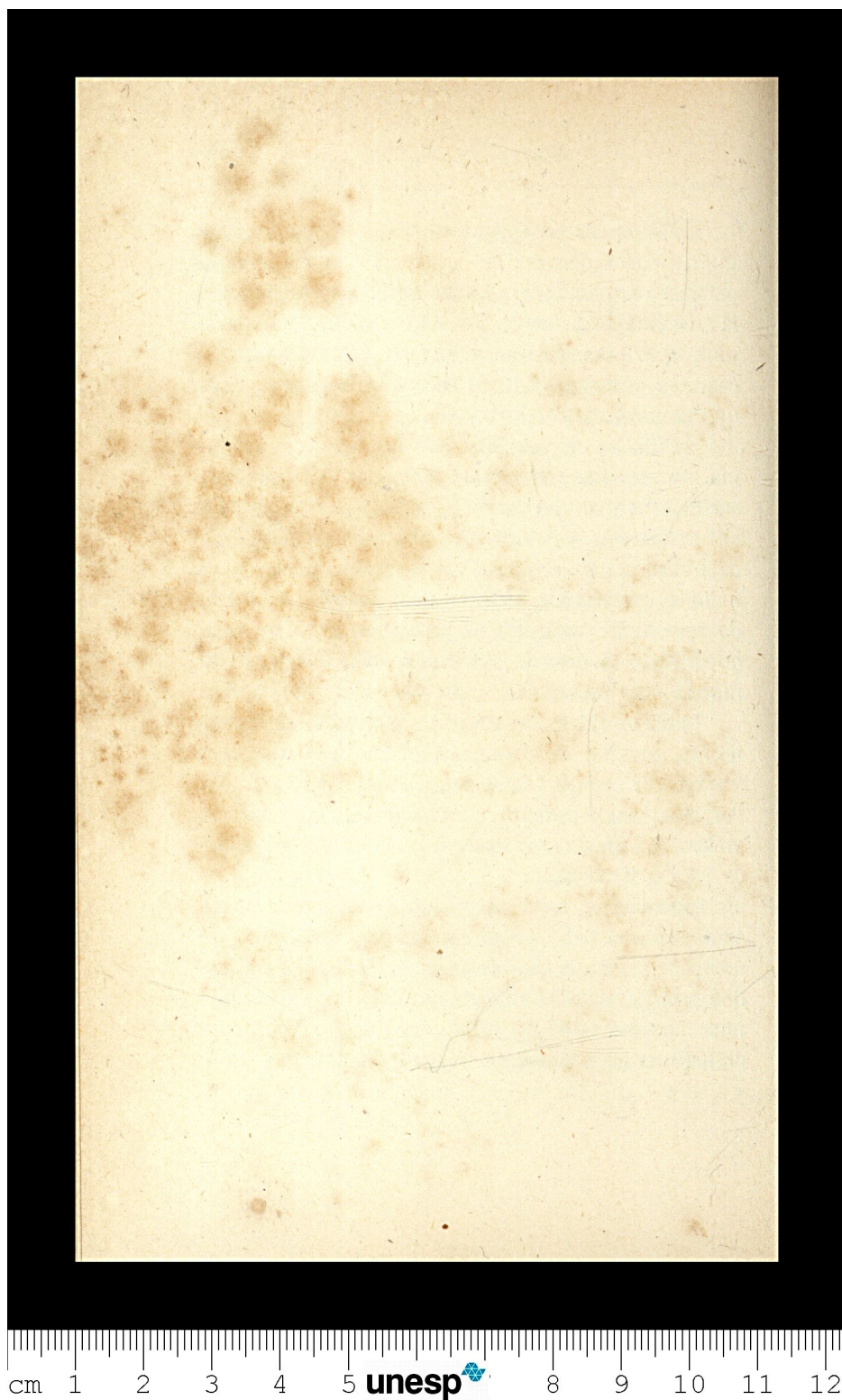
Estavam em parte transtornados os planos de algumas das senhoras; ao passo que varias inglezas partiam para terra em companhia de Carlota, Gabriella recolhia-se a bordo da ADAMASTOR pretextando uma ligeira indisposição, e Victoria fechava-se no seu camarote envergonhada de encontrar Fernando, ainda que tambem casado como ella!

Na ilha de Moçambique não ha distracção nenhuma. As senhoras resolveram regressar a bordo, apesar das vivas instancias de algumas familias européas alli residentes, que lhes offereceram cordial hospitalidade. Carlota trouxe para bordo uma novidade que a todos surpreendeu: tinha visto a Dolores, a amásia do degredado, installada no palacio do governo, como governanta da casa de sua excellencia. O Tição tinha morrido em Inhambane, para onde fôra de castigo.

Tambem ahi souberam do passamento de Barros no seu governo de Quilimane e como a Amaliasinha viajava em companhia de um *volante*. Quanto a Dona Perpetua, ainda tornára a Moçambique com vida e voltava a Lisboa na charrua, a concluir o seu romance com o Mentecapto.

Soltemos de novo as velas á ADAMASTOR; torne-se a dobrar o Cabo da Boa Esperança; fundeemos sem novidade em Benguela e Loanda; e, finalmente, deixados pela pôpa esses climas abrasadores, vamos por uma formosa tarde de julho ancorar no Tejo, concluindo assim a missão da NAU DE VIAGEM.





EPILOGO

AINDA NOS resta contar como acabaram as principaes personagens d'este drama escapadas com vida até ao final do precedente capitulo. Assim ninguem dirá que este romance não tem fim.

Já nada resta, nem da ADAMASTOR, nem da sua tripolação, nem dos seus passageiros, n'esta longa viagem! Em tão poucos annos tudo expirou!

A charrua, um anno depois de ancorada no Tejo e novamente condemnada, ardeu uma bella noite sem que nunca se soubesse como lhe pegára o fogo. Aquelle velho casco apresentava um espectáculo mais brilhante na sua ultima agonia do que nunca mostrára nos seus dias de robustez. Era bello vêr como as chammassas se enredavam pelos mastros e enxarcias erguendo labaredas que pareciam ir queimar as nu-

*



vens! E quando a prôa se despegou, submergindo-se com as amarras, vêr o resto do navio em fogo, deslizar sobre as aguas a bel-prazer da corrente, pondo em alarma a gente dos navios por onde passava como se fosse um burlote!

Finalmente, com a maré vasa, a ADAMASTOR sahiu pela barra fóra e foi largar a ossada ao oceano, digna sepultura de um navio de guerra.

Eis o fim da *navi de viagem*! Agora, quanto a gente que figurou n'esta historia, relataremos o que nos consta a seu respeito:

Fernando, poucas semanas depois de chegar a Lisboa, foi mandado para a estação naval de Angola, onde já estivera tres annos e morreu alli de *carneirada* (prosaico fim para um romantico!) no mesmo dia em que sua esposa (Gabriella) expirava em Lisboa, dando á luz uma criança já morta tambem!

Carlota morreu de uma gastro-enterite e seu marido de uma anasarca: — isto não são mortes de romance; mas eu só digo a verdade.

Perpetua morreu de velha e Gonçalo Mathias de *cocegas*, resultado de uma brincadeira do Ribeiro e outros patuscos.

O *immediato* morreu de uma indigestão; o *doutor* de uma esquinencia; o *aspirante* afogou-se no Tejo por se virar o escaler em que ia; e o *folgazão* foi-se com uma apoplexia fulminante.

O capellão e D. Candida foram assassinados pelos indios no meio de uma revolta contra os inglezes.

O navio que reconduzia á Europa Victoria e Adam,



sahiu de Calcuttá ha seis annos e ainda não chegou a nenhum ponto conhecido do globo.

Maria Amalia lá se finou ao desamparo em Rios de Senna; a Dolores succumbiu a uma *ithaca* e ao 217 da 8.^a deu-lhe cabo da pelle uma molestia occulta.

O Agoureiro *matou-se para não morrer*. Vendo o seu navio em perigo de sossobrar, enforcou-se com a corda do sino.

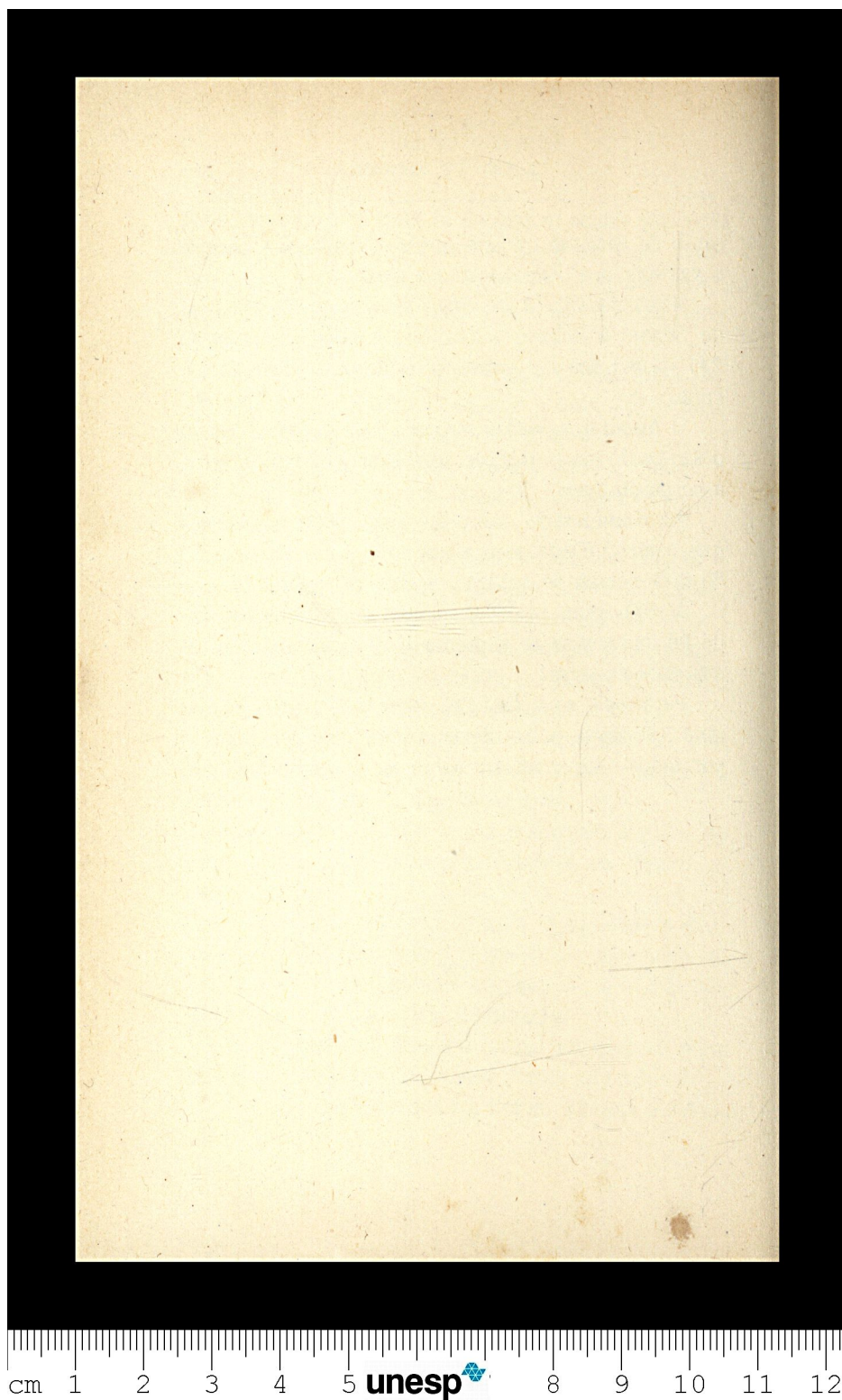
Ao commissario cahiu-lhe uma telha na cabeça que o virou d'esta para a outra; e o juiz da Relação de Gôa morreu de bexigas, apesar de velho.

Marinhagem, soldados, degredados, mulheres, tudo foi dar contas ao supremo Juiz; nada resta de todos elles na terra!

Peço pois ao leitor que reze um padre-nosso e uma Ave-Maria pelas almas d'estes nossos irmãos e por todos os que andam sobre as aguas do mar.

FIM





O GALEÃO ENXOBREGAS





I

TORMENTA E REVOLTA

EM uma quinta-feira da Ascensão, que se contavam treze dias do mez de maio do anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de 1649, reuniu-se muito povo na praia de Belem para vêr desaferrar do Tejo o galeão ENXOBREGAS, uma das maiores naus do seu tempo, que por effeito de grossas avarias não seguira para a India com o mais da frota d'esse anno, em 15 d'abril; mas que por ser veleiro e seguro esperavam chegasse a Gôa adiante d'aquelles que lhe tomaram a dianteira. A referida armada compunha-se apenas de dous galeões; já não eram aquellas grandes frotas do tempo de D. João III! Por capitania da viagem ia a nau *S. Lourenço*, construida na ribeira de Gôa, a qual se perdeu logo a 3 de setembro nos baixos de Moxincal, como mui las-



timosamente conta o jesuita Antonio Francisco Cardim, que era seu capellão; e por almirante um galeão novo, denominado *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo*, que tambem se perdeu, cinco dias depois, perto das ilhas de Angoxa, no quarto da moderna, com vento em pôpa, amarras telingadas e vigias na sobre-cevadeira, como igualmente conta o reverendo padre da Companhia de Jesus. Com vento fresco e de feição, ao repontar da maré, desceu airoso o Tejo o nosso galeão ENXOBREGAS, levando por seu capitão a Bastião de Moraes, *o dos olhos*, acanhado da vista mas desembaraçado do pulso. Por piloto ia Pero Dourado, velho navegador da India. Duarte Fernandes era o mestre da nau; e Pantaleão Vaz, *o cheira-dinheiro*, seu contra-mestre. De passagem levava varios fidalgos, officiaes e soldados, que iam a servir el-rei no ultramar; alguns missionarios da Companhia de Jesus e da Ordem do seraphico S. Francisco; e duas senhoras de distincção, uma esposa outra filha de Ruy da Cunha, provido com a fortaleza de Cananor.

Ao pôr do sol do mesmo dia da sahida, já estes navegantes não viam terra da patria; e engolfando-se nas solidões do oceano procuravam o caminho da frondosa ilha da Madeira.

Viagem de rosas tiveram, não só até á altura de Porto Santo que enxergaram de perto, e da Madeira que avistaram ao longe, mas além da ilha de Santo Antão, uma das de Cabo-Verde, que marcaram ao cabo da decima oitava singradura.



Depois começaram-lhe a dar as trovoadas de Guiné, e no paralelo da Serra Leôa viu-se o galeão perdido, com os ventos furiosos e desencontrados que o assaltaram, com o mar bravio que se levantava em pyramides, e com os raios que cahiam em roda do navio, fazendo horrivel estrondo, cegando com o brilho dos relampagos e ameaçando de o incendiar.

Os timoratos já pediam confissão ao capellão da nau, padre Jeronymo da Conceição, e aos demais frades passageiros; porém os homens experimentados nas cousas do mar trataram de metter dentro, primeiro as gaveas, depois os papafigos, a mezena e a cevadeira; arriaram, como puderam, os mastaréos; e em arvore secca, offerecendo o cadaste á furia do mar, lá foi correndo o galeão a Deus e á ventura, rociado pelas vagas, até que abonançou a tormenta.

Seguiram-se alguns dias de enfadonha calma na *Linha*, e afinal dobrando os abrolhos, seguiu a nau ENXOBREGAS, desviando-se da costa do Brazil, até se internar pelo sul dentro, muito além da latitude do Cabo.

Já um impertinente frio entrava com a maruja, que mal a deixava acudir á manobra, quando o vento virou de feição, para deixar que a nau aproasse ao Cabo da Boa Esperança; visto que o capitão, contra o regimento d'el-rei queria ir fundear em Moçambique, para fazer veniaga, em vez de seguir as ordens que o mandavam ir por fóra de Madagascar.

Entrava já o mez d'agosto; o galeão fazia alguma agua pelos altos, não cousa de cuidado, é verda-



de, mas que o embaraçava de puxar com todo o pano; e o piloto questionava com o sota-piloto sobre ter-se passado ou não o Adamastor, quando as *man-gas de velludo* começando a cruzar por sobre os mastaréos, vieram dar testemunho de que estavam além do Cabo.

A vista do *Cabo Falso* confirmou no mesmo dia a alegre presumpção dos nautas. N'esse dia houve missa, banquete e dança a bordo.

Mas logo depois, correndo ao longo da costa de Natal, cahiu tão dura refrega sobre a nau, e tão subita, que o mastro do traquete, já de si inclinado para vante, parecia querer ir beijar o gurupés; e o conseguira, se a vela se não rasgára em mil pedaços. Os mastros grande e da mezena, que cahiam para ré, conforme a construcção do tempo, quasi que se puzeram a prumo; e as respectivas vergas soltaram de si as velas com a violencia da borrasca. O gurupés rendeu, e a verga da cevadeira partiu pela estagadura, ou, como hoje diríamos, pelo terço, se é que ainda ha navio que use de cevadeira!

O padre Jeronymo da Conceição acudiu ao chapitéo da pôpa, armado de um crucifixo, para exorcismar a tempestade, e os moços de primeira viagem, de envolta com os soldados bisonhos, segurando-se ás roupetas dos filhos de Loyola e aos habitos dos franciscanos, clamavam, vós em grita: Misericordia! O capitão, que nada entendia de nautica, ouvia os conselhos do piloto e sota-piloto, mestre, contra-mestre e guardião, e até dos marinheiros que sabiam to-



mar a altura do sol, não achando meio de conciliar os disparatados pareceres d'estes velhos navegadores. E a nau arfando, sem governo, porque os timoneiros mal podiam subjugar o leme, apesar das valentes talhas que lhe haviam dado.

A cerração era completa. O *cheira-dinheiro*, meneando um calabre, zurzia de pôpa á prôa os grumetes que não andavam lestos. Um velho marinheiro que em 1593 vira de perto a morte no galeão *Santo Alberto*, encalhando no penedo das Fontes, repassava na mente a triste historia d'aquelle naufragio, e os trabalhos que se lhe seguiram, supportados então com a coragem de mancebo imberbe, mas a que o ancião não resistiria agora; e cria já ouvir as pancadas que o galeão estava dando sobre o baixio. O piloto e o sota-piloto eram concordes (cousa rara n'aquelles tempos!) em que a nau de sua magestade estava mais amarada, apesar de não verem o sol havia tres dias e n'estas paragens correrem as aguas *como sangue*, segundo a expressão favorita dos marinheiros.

A agua crescia no porão, e começava a invadir a coberta. As bombas, meio entupidas, não lhe davam vasão, apesar de trabalharem sem descanso, tocando a ellas os proprios fidalgos, e mais gente grauda que ia a bordo. Os escravos passavam de continuo gamotes cheios de agua do porão para a tolda, a qual voltava ao oceano d'onde viera.

A situação tornava-se de momento para momento mais assustadora. Não obstante a falta das velas, que poderiam fazer pendor ao navio se fossem largas, o



galeão adornou a estibordo, sorvendo um grande mar, com o que augmentou a desordem e terror a bordo.

Novos gritos de afflicção echoaram pelas amuradas do ENXOBREGAS; novos brados de misericórdia subiram ao céu, entre o fulgor dos relampagos, ao estampido dos raios, contra torrentes de chuva no meio da escuridão da noite.

— Alija! alija tudo ao mar! — bramou do chapitêo de prôa o mestre Fernandes.

E a maruja acudiu immediatamente a executar a ordem de salvação. Foi uma *safa-rascada*! Ricos estofos, trem de artilheria, bahús de senhores, caixas de marinheiros, foram de companhia para o incommensuravel abysmo do oceano; e tal era a pressa que o capellão do navio lançou por descuido ao mar o seu Breviario.

O capitão-mór partiu os oculos, ficando, como dizem os maritimos, a *vér navios*. O piloto, apesar de ser um *velho lobo do mar*, perdeu a tramontana; e se não fôra a coragem estoica dos officiaes de prôa, feito era da nau d'el-rei que não tornaria a endireitar-se.

Foi Deus servido, porém, guardar estes peccadores para outras tribulações, e não lhes acabar logo alli com a mesquinha existencia. Um jesuita, que ia missionar no Japão, tratou de confessar em publico os que pretendiam a absolvição; e tão grande foi o numero de crimes e erros que os penitentes manifestaram, que começou a clamar:

— Este temporal é castigo de Deus contra os re-



provados que vão a bordo da nau e os justos pagarão, como se fossem peccadores, pela má companhia em que se acham !

Assim passou esta noite de agonia, sem luzir no tope o esperançoso lume de santelmo. E quando alvoreceu o novo dia, se bem que o mar estivesse mais aplacado, e menos furioso o vento, enxergavam-se melhor as avarias da embarcação, e á claridade do sol desenganaram-se de que não estavam em proximidade de terra, pois que a nenhum rumo se avistava.

Então principiou uma scena de outro genero, não promovida já pela natureza, mas pelos homens, e talvez mais horrorosa ainda. Declarou-se a insubordinação nos mosqueteiros que iam a servir na India, e o medo dos perigos do mar arrastou-os a tornarem ainda maiores esses temerosos perigos.

Quando a tempestade já começava a abonançar, e que se podia apresentar ao vento um bolso do traquete, armaram-se alguns soldados, e invadindo o chapeote da pôpa, intimaram o capitão da nau para que mandasse arribar sobre a terra.

Debálde o piloto lhes explicava que não tinham pelo través nenhum porto onde pudessem reparar as avarias da viagem, o que só poderiam conseguir em Moçambique, a cujo rumo navegavam; a estúpida soldadesca, coadjuvada por alguns marujos de má-morte, gritava cada vez mais alto :

—Vamos para terra! aproemos a terra!

Ruy da Cunha, o capitão de Cananor, pretendeu impôr-lhes respeito; mas não o attenderam. Sua es-



posa, D. Leonor, offereceu-lhes as joias que lhe restavam depois do alijamento, e nada conseguiu. A joven e formosa filha d'estes conjuges, a encantadora Magdalena, em vão tentou com lagrimas enternecer os sublevados; e baldadas foram tambem as diligencias dos padres, que invocavam o nome do Redemptor. O capitão e os seus bons homens do mar seguiram outro caminho.

Bastião de Moraes lançou mão da sua boa espada de Toledo e atirou-se aos revoltosos como Santiago a mouros; de cada cutilada fazia um profundo gilvaz e, quando Deus queria, uma amputação. Mestre Fernandes, com um velho chanfalho, fazia o que podia. O *cheira-dinheiro* armou-se com um pé de cabra. Pero Dourado servia-se do astrolabio como de um ariete. O sota-piloto arremmessava contra os insurgentes as balas que achava pelas chaleiras. Um estrinqueiro atirava ao monte com o poleame que encontrava á mão, tornando em projectis de guerra moitões, cadernaes, polés, sapatas e caçoilos. O condestavel distribuiu á pressa algumas espadas e chugos pela marinhagem, e a revolta foi suffocada em sangue.

Imaginem os leitores que horrivel não seria esta lucta no acanhado ambito de um navio, no isolamento do mar e em vista dos estragos produzidos pela tormenta! Em vez de louvarem a Deus pela bonança que lhes mandava, estes peccadores endurecidos confundiam o sangue de seus irmãos com as aguas do oceano, e escapados milagrosamente de um gran-

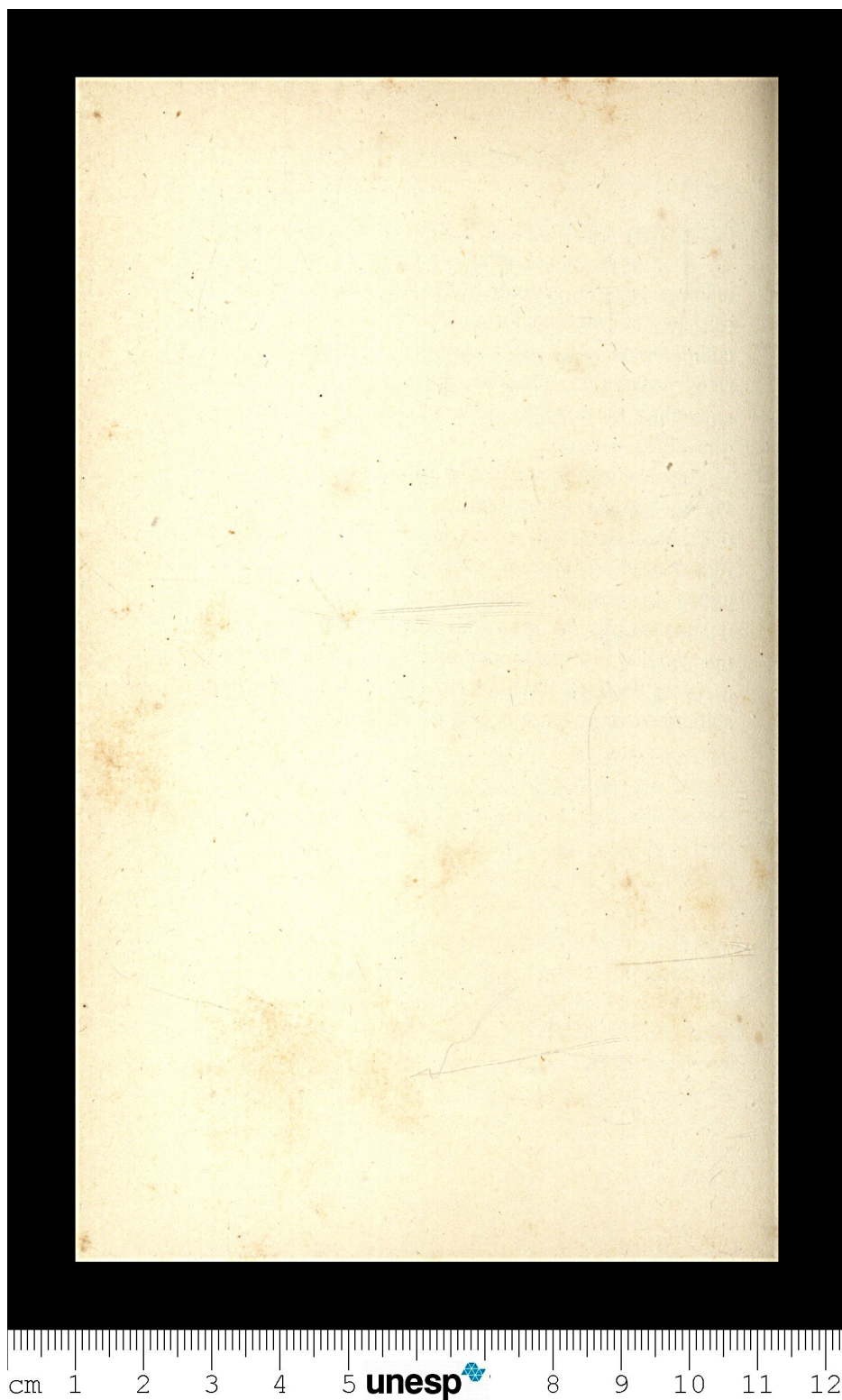


de perigo, buscavam por suas mãos outro maior!

A golilha e as algemas adornaram os pescoços, mãos e pés dos delinquentes que o ferro poupou na refrega; os mortos foram lançados ao mar com os competentes pelouros amarrados às pernas; e os feridos passaram a habitar nos catres da enfermaria, entregues ao cuidado de uma especie de licenciado que vinha a bordo.

Livre d'este obstaculo, o capitão-mór, que já havia encontrado outros oculos, chamou o carpinteiro e o calafate para lhes encarregar a faina de atamancarem o melhor possivel o navio, a vêr se estancava a agua; ao mestre recommendou o concerto do velame e substituição do massame arrebetado e do poleame rendido; e encommendando-se mui devotamente a Nossa Senhora da Nazareth, ordenou ao piloto que soltasse o rumo para a ilha de Moçambique.





II

NOVOS PERSONAGENS

YENCENDO com grande custo as indomitas correntes do canal de Moçambique e bordejando a todo o pano entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço, foi o galeão ENXOBREGAS aproximando-se a pouco e pouco do lugar que demandava, não sem grande mágoa dos seus tripolantes, que não tinham já negocio que fazer na ilha, visto que as mercadorias haviam todas ido ao mar e não poderiam passar esse anno á India por ir adiantada a monção; ficando assim expostos ao malefico clima de Moçambique, sem especie alguma de compensação.

Entretanto o calafate tinha conseguido vedar a agua dos altos e calafetar o arruinado trincaniz da nau, bem como desobstruir a casa das bombas para se *tocar redondo* e esgotar continuamente a agua que lhe entrava pelas obras vivas. O carpinteiro concer-

*



tou como pôde a abita que soffrêra com o temporal, arranjou novos pés de carneiro para substituir os que renderam, fez novas bonecras para o lugar das que se partiram e cuidou em tudo o mais da sua obrigação com verdadeiro zelo. Tambem o mestre Fernando se não descuidou da sua parte, e ajudado pelo laborioso *cheira-dinheiro* (que apesar de toda a sua actividade nunca chegou a tomar-lhe o *gosto*) arrotou o gurupés e passou-lhe uma *contra-trinca*; substituiu a cevadeira quebrada por uma verga da gávea grande, que era pouco menor; botou a riba os mastaréos, envergou novas gáveas e com as betas passadas *de longo* levou as vergas ao seu lugar. Depois amurou-lhe os papafigos, caçou-lhe as gáveas e a mezena, largou-lhe a cevadeira e deixou ir o barco n'agua.

O piloto e sota-piloto consultavam os astros e as cartas, a côr da agua e os horisontes, e não pareciam desanimados.

O condestavel tratou de pôr em boa ordem as armas de mão e safar a artilheria para combate ou para salva, como necessario fosse; e o guardião encarregou-se de pintar as alcaixas da nau com a ajuda de tres moços que tinham manha de borradores.

Os gageiros andavam sempre lá por cima a vêr se enxergavam terra: os padres passavam a vida em devotas occupações; e o capitão, curvado ao peso da responsabilidade que pesava sobre elle, dava-se a perros por terprehendido esta viagem da India, podendo estar na fronteira portugueza a bater-se com os castelhanos.



Já tocava quasi o seu fim o mez de setembro quando do galeão avistaram a *Mesa*, alta montanha das proximidades de Moçambique; porém como era noite resolveram deixar para a seguinte manhã o investimento do porto.

Appareceu-lhes então uma véla... Se seria de holandezes que viessem vingar n'estes portuguezes a perda de Loanda, que Salvador Corrêa lhes arrebatára das mãos havia um anno!

Em quanto a gente de guerra se apparelhava para combate, os padres tiravam esmolas para confrarias e aceitavam os votos dos timoratos a todos os santos da côrte do céu, para que não houvesse perigo.

A embarcação aproximou-se; era ingleza. Já então tremulava o pavilhão de Santo André por estes mares!

Passou por gilavento do ENXOBREGAS e saudou os nossos com suas trombetas; mas não obteve resposta, porque estes não estavam agora para cumprimentos, e então a inglezes!

A nau lá se foi a rumo do Cabo, e a nossa pairou no canal á espera da manhã e enfadada de repetidos aguaceiros.

Ao alvorecer do novo dia entestou com a costa, cerrando á bolina a rastear com a ilha de Gôa; e perpassando rente da magestosa fortaleza de S. Sebastião, foi lançar ancora em seis braças de fundo ao nor-noroeste da mesma fortaleza.

No porto não estava uma só embarcação de alto bordo; apenas alguns pangaio cosidos com a terra,



e as ligeiras almadias que sulcavam as aguas dirigindo-se algumas d'ellas para o galeão.

O ENXOBREGAS tinha má sina : não se salvava de um perigo senão para se espetar em outro! Assim bramavam os matalotes que o guarneciam. A amarra que arriaram para o fundo estava dada ao cabrestante da xareta, e com a força do esticão no fundear levou consigo o cabrestante! Não estava outra amarra te-lingada, e em quanto a alavam a cima tinha tempo a nau de se fazer em pedaços na Cabeceira para onde as aguas a empurravam. Valeu o batel e o esquife que ajudados das almadias tomaram viradores e ostaxas de bordo com que rebocaram o galeão para fóra da costa. A final largou outra ancora com mais cuidado, e o navio segurou de vez.

Como dissemos, não estava nenhuma nau no ancoradouro, mas appareceu, com geral espanto, a bordo do ENXOBREGAS, o capitão-mór do galeão *S. Lourenço*, sahido de Lisboa um mez antes d'aquelle, e que, como dissemos, se perdera nos baixos de Moxincale, com grande extravio de pessoas e cabedal. Este cabo, por nome Diogo Leite Pereira, commendador de Alegrete na Ordem de Christo, vinha acompanhado pelo inquisidor apostolico Paulo Castellino de Freitas e outras pessoas de distincção, das que escaparam ao naufragio. Não sabiam porém novas do que devera ser seu companheiro toda a viagem, e que se apartou d'elles na altura de Guiné, o galeão novo *Nossa Senhora do Bom Successo*, de que era almirante Vasco d'Azevedo. Esta duvida poucos dias durou; porque a



14 d'outubro seguinte chegaram a Moçambique dous homens d'aquelle galeão que se perdera, como também já dissemos, abaixo das ilhas de Angoxa, morrendo trezentas pessoas que iam a seu bordo, escapando só com vida cento e dez; durante a viagem já haviam fallecido de molestia ou accidente cento e cinco homens, incluindo n'este numero o almirante.

Assim, pois, em quanto se corrigiam as avarias do galeão ENXOBREGAS, internava a gente das tres naus n'esta doentia ilha de Moçambique, succumbindo muita d'ella ás febres da *carneirada*, e outra mesmo á falta de alimentos sadios. Os marinheiros ainda lá resistiam, mas os soldados *reinoes* cahiam como tor-

dos.

O fidalgo, que servia de governador na ausencia de Alvaro de Sousa de Tavora, que estava na terra firme, hospedou em sua casa o capitão do ENXOBREGAS e alguns passageiros de prol, como Ruy da Cunha e sua familia, do mesmo modo que o fizera já a Diogo Leite, ao inquisidor e a outros. Este hospede era mancebo ainda, de grandes brios, de gentil presença e bem fallante. Chamava-se Luiz de Brito.

Com a vista quotidiana do formoso rosto e gracioso ademan de Dona Magdalena da Cunha, accendeu-se no coração do novo governador interino uma invencivel paixão pela donzella; e resolvendo-se a pedir-a ao pai em casamento, obteve a sua mão, pois lhe não era inferior em fidalguia.

Foi um dia de festa para Moçambique o d'esse consorcio, que se celebrou a 10 de março de 1650;



e logo passados cinco dias se partiu a nau ENXOBREGAS para Gôa, aproveitando a monção pequena e deixando em Moçambique a filha de Ruy da Cunha, que com mui grandes prantos se despediu de seus paes.

Não pense, porém, o leitor que perde de vista para sempre a formosissima Magdalena. Apesar de estarmos escrevendo uma veridica historia e não fabulosa novella, não podendo assim preparar surprehen-tes peripecias, succede que a realidade teve n'este caso seus visos de romance, e que os principaes personagens que mencionamos voltam todos a encontrar-se, depois de separados em diferentes pontos.

Largou pois a nau do porto de Moçambique a 15 de março, pela manhã, com o terreno; e deitando de barra fóra governou ao nordeste-meio-léste em gáveas e papafigos, encontrando o mar de leite, algumas correntes a léste, vento do quadrante sueste e céu quasi sempre nublado.

Levava a seu bordo alguns dos naufragos dos galeões *S. Lourenço* e *Bom Successo*; outros d'estes infelizes seguiram logo a 10 d'abril para Gôa no patacho do capitão de Diu; e o resto só deixou Moçambique na monção de setembro. De mil e trezentos homens que n'estes dous navios sahiram de Lisboa, só chegaram duzentos á India!

Tendo avistado a ilha do Comoro, continuaram sua derrota com cautela os do galeão ENXOBREGAS, para se desviarem dos baixos de S. Lazaro e do Patrão; montado este, metteram á orça para léste quanto puderam para afastar da costa da Deserta, aonde as



aguas encostam com forte correnteza; e sempre com bom tempo foram navegando até avistar os *Ilhéos queimados*, a melhor conhecida da proximidade de Gôa.

Já antes haviam encontrado no mar as cobras como enguias, de que fallam os roteiros, e que se afastam até cem leguas da costa, ás vezes; os bandos de corvas pretas e nedias, cascas de siba alvas e aquellas escumas redondas, desovamento de peixe, a que chamam *tostões* e *vintens*, e que, segundo o nosso Pimentel, são signaes certos da proximidade da costa.

A 13 d'abril avistaram com effeito o pharol da *Aguada*, a fortaleza da mesma denominação, a igreja de S. Lourenço, edificada poucos annos antes pelo vice-rei conde de Linhares, o convento de capuchos de Nossa Senhora do Cabo, e emfim o rio Mandovi que conduz á cidade. O galeão surgiu proximo do morro de Bardez, a um tiro de mosquete da terra.

Chegados felizmente á desejada India, os reinos embarcaram-se em *tónas* para a cidade, já com a mira nas *bailadeiras*, de que lhes fallavam a miude os velhos navegadores do Malabar; em quanto estes observavam com tristeza o abatimento d'aquelle estado, que definhava a olhos vistos de anno para anno, de dia para dia!

O vice-rei Dom Philippe Mascarenhas acolheu bem a todos; e Dona Leonor da Cunha, á parte a saudade da filha, pôde emfim descansar em melhor clima, e com os regalos que ha muito lhe faltavam.



O galeão foi para a Ribeira das Naus a forrar de novo, depois de prompto de toda a obra de carpintaria e calafeto. Passou-se-lhe uma rigorosa vistoria, e apesar de muito alquebrado e de se lhe encontrarem partidos muitos vaus, curvas de convez e de revez, dormentes, entremixas, braços e hasteas, não o condemnaram; e a verdade é que ficou como novo, e que fazia uma linda vista quando appareceu de verga d'alto.

Não mui distante, porém, do lugar em que jazia a nau, se deu um lamentavel espectáculo por esse tempo. Com barão e pregão foi conduzido á margem do Mandovi o mestre Domingos Henriques, do galeão *S. Lourenço*, e enforcado ahi como culpado da perda d'aquelle navio, por não ter as amarras telingadas quando foi o naufragio, o que contribuiu para se não poder salvar a embarcação, e outras culpas que lhe carregaram.

O piloto do mesmo galeão, de nome Diogo Tavares, foi condemnado em dez annos de galés; e outros officiaes soffreram prisões e incommodos. Desgraças sobre desgraças!

Em consequencia do grande naufragio que soffreram no porto de Gôa em 1647 os navios que se destinavam para a China, e que todos se afundaram sem remedio, determinou agora o vice-rei de enviar o galeão ENXOBREGAS áquellas partes com o resto da preciosa carga que ainda para alli não havia sido possível transportar.

Achando-se lesta a nau e tripolada com os mes-



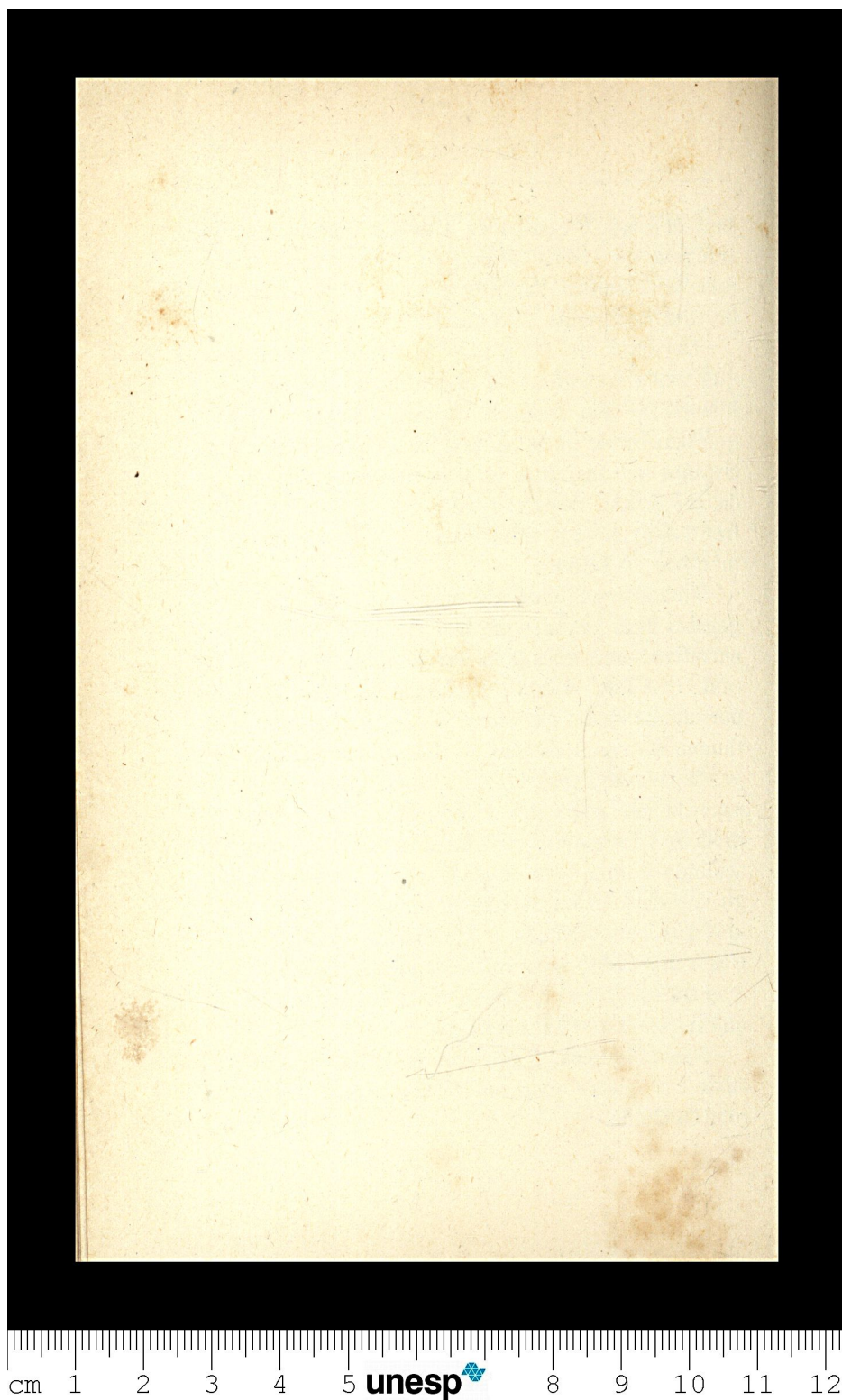
mos officiaes, e quasi toda a mesma marinhagem que trouxera de Lisboa, abalou de Gôa aos nove dias do mez de setembro d'aquelle anno de 1650, abarrotada de mui importante carregamento para Macau.

Lá ficava na India Ruy da Cunha e sua esposa, que ainda tornaremos a encontrar no decurso d'esta historia; e bem assim os fidalgos, officiaes e soldados que iam servir na India, bem como os jesuitas e franciscanos que iam para os seus conventos d'aquelle cidade e estado. Seguiu, porém, na nau o seu capellão frei Jeronymo e o missionario que se destinava ao martyrio do Japão.

Embarcaram mais, de passagem para a China no galeão, duas pessoas que tem ainda de figurar n'esta narrativa: eram ellas Dom Martinho, principe de Arracam, que fôra creado e baptisado na India, servindo por alguns annos nas armadas d'aquelle estado, e ultimamente como capitão de Gôa; e sua esposa, uma gentil chineza, convertida ao christianismo, que fôra roubada em pequenina a seus paes pelos nossos catholicos navegadores e trazida a Cochim, onde foi acolhida e mui bem educada por um fidalgo portuguez. Esta formosa menina ia vêr se descobria vestigios dos seus parentes, e seu marido acompanhava-a n'esta digressão, para voltarem juntos na mesma nau e se transportarem a Lisboa, onde Dom Martinho vinha requerer por seus serviços.

Deixemos, pois, a nau amurar-se da costa do Malabar em quanto tomamos folego para a seguir na rota da China.





III

FOME E SÊDE!

HOJE é quasi um prazer o navegar. Prazer inteiro nunca direi que seja, porque sempre se soffrem algumas privações a bordo. Mas agora encontra-se o conforto, a velocidade, e até certo ponto a segurança que não havia no seculo xvii, e que ainda muito tempo depois não houve. A relação das perdas de naus portuguezas nas carreiras da Índia, da China e do Japão, da Arabia e Sino Persico, do Brazil, Guiné e Congo, é tão volumosa e tão horri-velmente tragica, que custa a crêr como tantos de nossos avós, nobres e plebeus, ecclesiasticos e secu-lares, velhos e moços e até mulheres se arriscavam aos perigos de temerosos mares nos mal construidos, ronceiros e incommodos galeões, caravellas, zavras, patachos e galés d'aquelles rudes tempos, em per-manente risco d'uma morte dolorosa.



Desde que começaram as descobertas dos nossos conterraneos por todas as partes do mundo, não se passou talvez um anno, até á época a que se refere esta historia, sem que algum navio portuguez se perdesse e com elle a vida de muitos homens e preciosos cabedaes. A principio, a coragem dos nossos em se expôr ás fúrias do oceano, poder-se-hia explicar por um vehemente desejo de gloria, de ganhar nome honroso devassando novos mundos; porém no seculo xvii já não era mais do que a ambição que arrastava aos mares os filhos dos Gamas e dos Pachecos. Ao guerreiro substituiu-se o negociante, ao descobridor o especulador, e até ao missionario já se ia substituindo o rico prebendado. O nosso imperio maritimo tinha de cahir finalmente; e já se desmantelava por diferentes partes em 1650, quando o galeão ENXOBREGAS, alongando-se do Malabar, perdia o cheiro da pimenta, que diziam os marinheiros lisonjear o olfato por toda aquella costa, e procurava vêr a outr'ora nossa, ilha de Ceylão, aonde melhor aroma, o da canella, embalsama os ares até grande distancia da terra.

A 20 de setembro, depois de terem apanhado bastantes trovoadas mas poucas calmarias por irem afastados da costa, enxergaram o Cabo Comorim; e fugindo do golfo que separa o dito Cabo da ilha de Ceylão, por causa da força das correntes que ahi se encontram, guinaram para fóra de Ponta de Galle, desviando-se assim do celebrado *Pico de Adão*, tão respeitado dos indianos.



Com viagem regular, sem agua de mais na bomba nem de menos nos toneis, foram navegando por aquelle extenso golfo de Bengala, governando de modo a passar pelo canal das ilhas de Nicobar, onde tencionavam tomar alguns refrescos. D'ahi singrando pelo canal do *Sombreiro*, já com vento mais frescalhão e que promettia crescer, diligenciaram abrigar-se no optimo porto de léste da ilha da *Pimenta* e fazer ahi mais aguada, em quanto passava a maior força da borrasca.

Andados já dias d'outubro, embocaram pelo estreito de Malaca, deixando pela pôpa o então insignificante *Pulo Pinão*, hoje importante *Pinang* ou ilha do *Principe de Galles* dos bretões; e encostando-se mais á terra de Achem do que á península malaia, para não avistarem aquelle soberbo emporio avassalado por Albuquerque e que ha mais de dez annos jazia em poder dos holandezes, surgiram ao cabo de alguns dias em face da ilha de Singapura, lugar quasi deserto então, humilde valhacouto de miseraveis pescadores, e hoje assento d'uma das mais formosas e commerciaes cidades do mundo.

As decantadas *samatras* d'estas paragens não haviam affrontado muito os nossos navegantes no tracto entre as duas portas do estreito de Malaca, cujas chaves guardam cuidadosamente hoje os nossos *antigos e mais fieis alliados*, modernos herdeiros d'este vinculo portuguez, instituido por Diogo Lopes de Sequeira, Fernão de Magalhães e outros.

D'aqui para o mar da China sahe-se por um de



tres estreitos, que se denominam: do *Governador*, de *Salete-Baró*, ou *Singapura a velha*, e de *Singapura*. Este ultimo preferiu 'o piloto da nau ENXOBREGAS para passar ávante, e governando a léste enxergou o alvo cume da *Pedra Branca*, aonde hoje existe um pharol. D'ahi navegando ao norte-quartade-nordeste, procurou reconhecer *Pulo Laor*. Com vento favoravel seguiu o galeão, prumando de meia em meia hora, á vista da enseada de Siam.

Quando porém se acercava de *Pulo Condor*, ante-manhã, e que o prumo marcava dezoito braças de fundo, arêa branca com caramujos e conchinhas, tratou o piloto de orçar, buscando maior fundo, para não ir por dentro dos ilhotes encostar-se á terra de Camboja, onde, quasi um seculo antes, se perdera Camões; mas de repente cahiu sobre o navio tão rija samatra, que parecia acabar-se o mundo.

O mestre, muito pratico d'esta navegação, gritou logo da prôa:

— Amaina tudo! Amaina! E ligeiro, que não é para graças esta trovoadá!

— Andar com a mão, camaradas! — bradou em seguida o contra-mestre fazendo tomar as velas menos um bolso do traquete, e distribuindo alguns pesos aos moços para activar a manobra.

Quando o capitão appareceu no chapitêo da pôpa para dar força moral á tripolação, já o mar andava revoltó, como se a borrasca durasse ha muitos dias; o céu negro e pesado achatava-se sobre os topos dos mastaréos a chuva cahia em grossas gotas sobre o



convés da nau; e o vento, assobiando horivelmente por entre os cabos e antenas, parecia querer derribar todos os obstaculos que encontrava.

Era um quadro medonho! E posto que repetido mais d'uma vez n'esta viagem e contemplado mil vezes pela maruja e officialidade do ENXOBREGAS em outras occasiões, nem por isso deixava de aterrar.

As scenas da tormenta são sempre originaes! Os seus aspectos, peripecias e resultados variam d'um para outro ponto do globo, de uma para outra estação do anno, e estão em parte sujeitos á qualidade das embarcações, e á pericia dos seus mareantes.

Não houve remedio senão dar a pôpa ao vento, e correr, sem norte, talvez a caminho da perdição!

O leme dava horriveis pancadas, e nem passando-lhe novos aldroles eram bastantes dez homens para o subjugar! A final, tão grande mar rebentou na pôpa do galeão, que os machos do leme partiram e ficou sem governo o barco!

Começava a alvorada. O contra-mestre com alguns marinheiros mais experientes no seu officio, improvisava uma *esparrella*, com tóros de amarra e uma antena, afim de substituir o perdido timão; e o mestre carpinteiro, com ajuda de alguns mancebos, tratava de concertar o *coice* da pôpa, e o *cadaste*, aruinados pelas pancadas que lhe dera o leme, quando se despegou d'elles. Mestre Duarte Fernandes corria a uma e outra parte do navio, *safando rascada*, e examinando se estava rebentado algum óvem da enxarcia, algum brandal ou estái, e se os cabos de



laborar estavam claros para a manobra. O condestavel e o calafate fechavam, pregavam e calafetavam as portinholas das peças, em quanto os soldados de mar passavam contra-vergueiros á artilheria.

O sol raiou brilhante. A samatra havia fugido; mas, como uma maldição de Deus, deixára signaes indeleveis da sua passagem!

A nau pôde largar as gáveas; a esparella foi collocada na pôpa, e governava com talhas dobradas, que passavam pelas portinholas dos guarda-lemes; porém Macau ainda estava muito longe!... Arribar, para onde? Seguir, e a tormenta?... Se lhe cahe um tempo duro, sem leme!... O padre Jeronymo resolveu a questão, fazendo voto, em nome de todos os mareantes e passageiros presentes, de levarem a gávea do traquete em devota procissão aos pés de Nossa Senhora da Conceição, no seu altar de Macau, se Deus, por intercessão da Virgem, os conduzisse a salvamento á China, e que continuassem a navegar ao seu destino. Approvada, por maioria, a moção, como hoje se diria, seguiu a nau a esteira do Oriente.

O tempo foi abonçando de hora para hora, porque o vento não era já de arrancar pinheiros, e só o balouçar das vagas fazia enjoar a nau.

Achando com a sonda fundo de arêa preta, entendeu o sota-piloto estar com a *lagem de Matheus de Brito*, e posto que o piloto se fizesse já ao mar de *Pulo Cecir*, sempre foram deitando ao nordeste para *segurar a manobra*, e mesmo por desviar da costa de Champá, que se dizia andar suja de cor-



sarios. Bom estava agora o galeão para combates!

Passando a léste da *corôa de Santo Antonio*, e indo em demanda das primeiras ilhas da China, começou o vento léste a fustigar a nau, de modo que tornou a abrir agua. Ora n'um bordo, ora no outro, emfim, com as bombas na mão, lá iam barlaventeando para o seu caminho, em quanto elle durou; mas por dezoito graus de latitude septentrional entraram umas impertinentes calmas com a embarcação, como se estivesse na Linha. Tomava-se o sol ao meio dia e achava-se a mesma altura da vespera! A *barquinha* não trabalhava, e o pano, para se não romper, estava debaixo da gaxêta. Pairavam por força maior, não como o *hollandez d'espera do bom tempo*.

Porém uma desgraça, maior do que todas as ocorridas n'esta malfadada derrota, esperava ainda os miseraveis tripolantes da nau ENXOBREGAS, e seus passageiros!... Era a fome, com o dedo carcomido, apontando para as agonias d'uma morte lenta... Era a sêde, mil vezes mais horrivel do que a fome, acenando com os delirios da febre a esta turba desesperada!...

Desde que haviam fugido da barra de Champá vinha a gente da nau a dous terços de ração e tres quartilhos de agua para beber, e meia canada para cozinhar em cada dia; porém vieram denuncias ao capitão de que o despenseiro, um tal Gil Corrêa, lavava a sua roupa em agua dôce, e banqueteara os seus amigos todos os domingos e dias santos. Vendo

*



pois Bastião de Moraes que continuavam as calmas, sem se poder adivinhar quando teriam termo, mandou tomar contas ao despenseiro, tanto da aguada como dos mantimentos, por um conselho de officiaes e passageiros, assim composto: o principe Dom Martinho, o sota-piloto, o missionario do Japão, o *cheira-dinheiro*, e o calafate. Mas qual não foi o terror d'estes homens, e em seguida o de toda a gente de bordo, quando por toda a virtualha encontraram um barril de biscouto, já encetado, e algumas gulodices que o despenseiro reservava para si! Duplicado horror, pasmo, e logo desesperação, achando apenas meio tonel de agua dôce, e esvaziados todos os outros cascos da aguada!

E a calma na vela! E agua na bomba! E a terra distante! Com os paioes e a despensa vazios!

O capitão lançou logo um bando em que ordenava, que quem quer que tivesse nos seus camarins ou beliches alguma quartola de agua, e qualquer mantimento, marmeladas e confeitos que fosse, viesse entregar tudo sem demora aos cinco commissiionados, que haviam estabelecido a sua administração junto ao cabrestante de ré, entre o mastro grande e o da mezena. E assim se fez; todos contribuíram para o monte grande, e desde esse momento repartiu-se igualmente o mantimento e a agua, em porções tenuissimas, por quantos vinham a bordo.

Porém a ultima moinha de bolacha estava engulida, depois de comidos todos os ratos, gatos, macacos e passarinhos que iam no galeão; a ultima sêde



de agua fôra esgotada, de companhia com a que produzira uma copiosa chuva de algumas horas; e as pranchadas de chumbo da artilheria, cortadas em pedaços, serviam de unico refrigerio áquellas boccas escaldadas pela febre... E o vento sem chegar!

Ora pintava d'um lado, ora apontava do outro, mas nunca passando de ligeira bafagem. Os bateis que rebocavam a nau, pouco a faziam adiantar; nem os marinheiros já tinham força para puxar dos remos.

Todos se admiravam, principalmente os velhos navegadores d'estes mares, de achar tal constancia de calma em tão grande altura, e n'esta estação do anno; e só attribuiam este phenomeno a castigo de seus peccados.

Dous dias completos se passaram sem nada se comer nem beber a bordo do galeão. Um marinheiro, desvairado pela sêde, lançou-se ao mar a afogar; outro, aguilhoado pela fome, seguiu-o nas aguas para aproveitar o seu cadaver. Depois verificou-se na prôa uma horrivel scena de canibalismo! Disputava-se ás facadas a posse de qualquer sevandija, que por acaso se descobria nas cobertas e porão!

A authoridade tinha-se annullado de todo n'aquelle microcosmo naval: a fome e a sêde faziam mais contra a disciplina do que a tormenta e a revolta!

Quando emfim uma aragem mais fresca e de feição veio galvanisar aquelles cadaveres, encontrou a joven chineza prostrada, sem côr nem falla, no seu leito de agonia, tendo de joelhos a seus pés o extre-



moso principe de Arracam, e á cabeceira o padre Jeronymo que lhe lançava a absolvição.

Porém o vento refrescou pelo sueste, e o galeão fazendo força de vela, começou a deitar seis milhas por hora.

Era a salvação que chegava! Quasi que esqueceu a fome... a sede é que era difficil de olvidar!

Porém o céu, condoido alfim dos mesquinhos nautas, mandou-lhes abundante chuva.

No dia seguinte pescaram algum peixe, que foi devorado mesmo crú! E, finalmente, no ultimo de dezembro, avistaram em distancia de quinze milhas a ilha dos *Ladrões*, e tomaram pratico, mantimentos e agua d'uma lorcha chinesa.

No primeiro dia do novo anno do Senhor, de 1651, ancoraram a salvamento no porto de Macau, dando muitas graças a Deus de se acharem felizmente em terra de amigos.

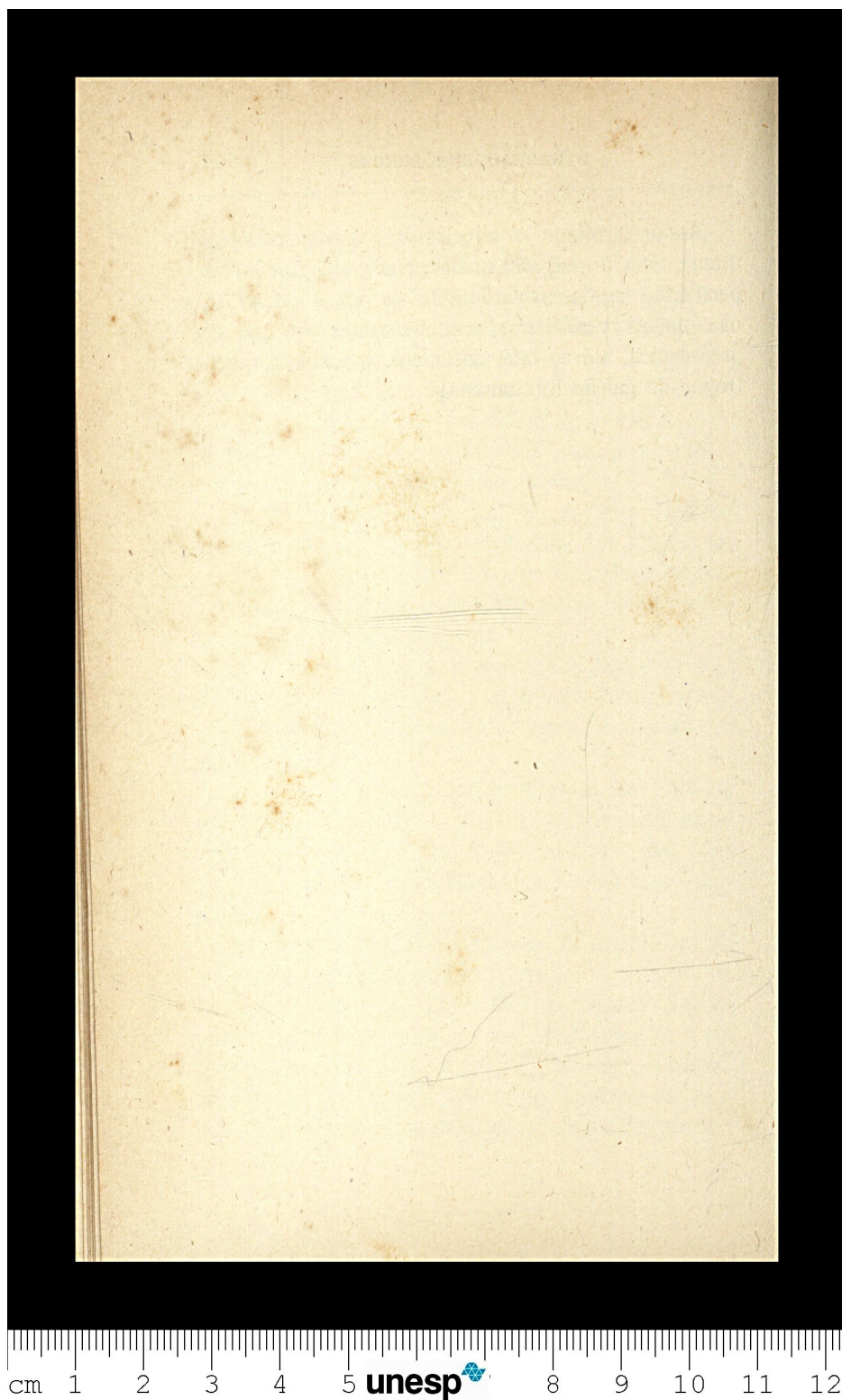
Tratou-se logo de cumprir a promessa feita na occasião da tormenta; e aquelles que podiam arrastar-se, sahiram em terra n'essa mesma tarde, conduzindo a gávea promettida a Nossa Senhora da Conceição.

Esperava-os na *Praia Grande* o capitão geral, os membros do leal senado, cleresia, e povo da cidade, assim christãos como chins; e tomando a dianteira o missionario com a cruz alçada, poz-se a caminho o prestito para o templo catholico, a pequena ermida de S. Lazaro, onde mui devotamente rezaram, com choros de alegria, os miseros aventureiros.



Assim terminou o terceiro acto d'este medonho drama, com o qual não finalisa ainda a acção. Novas peripecias se desenrolarão ante os olhos do leitor, não menos verdadeiras e interessantes do que as precedentes, até ao fatal desenlace, a pasmosa catástrophe do galeão ENXOBREGAS.





IV

TORNA-VIAGEM

REINAVA a paz em Macau. Depois dos soccorros militares que haviam prestado os seus habitantes ao imperio chinez, adquirindo assim a complacencia dos mandarins, e já desassombrada a cidade de todo o receio das invasões de hollandezes, que bem escarmentados haviam sido em duas tentativas de conquista alguns annos antes, tratavam unicamente agora os macaenses da sua labutação commercial, e não negavam gasalhado a quem quer que alli aportasse carecendo de protecção e abrigo.

Dona Catharina, a joven esposa do principe de Ar-



racam, não chegára a succumbir á fome, á sêde e aos trabalhos de todo o genero d'aquella horrivel viagem, e encontrou com seu marido todas as commodidades para se restabelecer, sob o tecto hospitaleiro d'um dos vereadores do senado de Macau, o velho Thomaz Vieira que já fôra o terror dos batavos.

O missionario do Japão foi alojar-se com os seus irmãos da Companhia de Jesus, em quanto não seguia a estrada do martyrio; Bastião de Moraes foi hospedado pelo capitão geral; o despenseiro Gil Corrêa foi recebido no tronco pelo carcereiro, que lhe fez lançar grossas algemas segundo a ordem que recebera do senado; e o resto da tripolação da nau continuou a viver a bordo, salvo uma ou outra excursão que faziam até á *Pedra da Paciencia*.

O galeão, ancorado no porto interior de Macau, corrigia de novo as avarias, seu invariavel destino em todos os portos que aferrava!

Deixemos porém momentaneamente as ribas do mar cuja vista talvez já fatigue de mais os nossos caros leitores, e caminhando terra a dentro (não para muito longe, porque o circuito de Macau é assás limitado!) demos entrada na opulenta casa do nosso Thomaz Vieira.

Que é isto! Lagrimas de naufragos no porto de salvação!

Ah! são choros de alegria!

Como o filho prodigo, menos as culpas d'aquel-



le, a formosa Dona Catharina apparecera sem ser esperada na casa paterna. Apenas contára a sua singela historia como a ouvira em Cochim, de haver sido arrebatada de Macau por um capitão de navios que a levára á India para a fazer christã, repetindo o seu primitivo nome chinês que trocára na pia do baptismo pelo de Catharina, ergueu-se o ancião, o bom Vieira, apertando-a nos braços e exclamando:

— *Aton!* *Aton* é o teu nome? Minha querida filha perdida!

E uma *tancar* de meia idade, com seu alto penteado e sua cabaia azul, sahiu ao mesmo tempo d'um aposento interior, e lançando-se aos pés da joven chinesa, bradou tambem beijando-lhe as mãos:

— *Aton!* Minha filha achada!

Dom Martinho contemplava em religioso silencio este bello quadro de familia.

Tão inesperado encontro parecerá phantasia de novelleiro, mas não é; o caso passou-se assim como o estamos contando.

Depois dos abraços e beijos correspondentes a tão feliz achado, o honrado Vieira tratou de reconhecer legalmente Aton como sua filha, e destinou logo o dia em que havia de casar com *Athoy*, a mãe de Dona Catharina para que esta se não envergonhasse do seu nascimento e fosse sua natural e legitima herdeira. A china mãe já era christã, mas não mudára ainda o trajo nacional pelo europeu o que fez agora, para ir á igreja contrahir o sacramento do matrimo-



nio, levando pela mão a sua Aton, a filha querida das suas entranhas.

A 28 de fevereiro do mesmo anno de 1651, estando de todo descarregado o galeão ENXOBREGAS das preciosas mercadorias que trouxera da India, e abarrotado de não menos importante carga de sêdas, charões e artefactos de marfim e madre-perola, soltou as velas ao vento (que para aquella gente era quasi sempre o vento da adversidade!) e largou do porto de Macau, conduzindo de novo a seu bordo os conjuges Dom Martinho e Dona Catharina, que com muitas lagrimas dirigiam um derradeiro olhar para a cidade d'onde lhes acenavam com os lenços o bom Vieira e sua esposa, desejando-lhes de coração a *boa viagem*.

Se por um lado a joven Aton ia satisfeita por haver encontrado a sua familia e por pai um honrado commerciante, por outro lado sentia a dôr da ausencia depois de tão breve estado no lar paterno. Tambem Dom Martinho desejava ir vêr as plagas onde nascera, porém o reino de Arracam ficava fôra da derrota da nau que voltava directamente a Gôa. Entre tristes e satisfeitos, os dous esposos contemplavam em silencio a amplidão dos mares, quando a noite estendeu sobre elles o seu funereo crepe; e invocando a Virgem:

Ave, maris stella!

foram repousar, confiados na sua protecção.



Com alternativas de melhor e peor tempo, veio o galeão navegando por aquelle amplo mar da China; quasi sempre com vento do quadrante nordeste e vagalhão, até avistar a *Pedra Branca* e penetrar no estreito de Malaca.

D'ahi por diante foi apanhando algumas samatras de pouco peso, e com mais ou menos pano sempre á *trinca* por achar ventos escassos, galgou finalmente o *Pulo Pinão*.

A navegação que continuou a fazer até Gôa, foi aproximadamente pelas mesmas paragens da ida para Macau; e sem notavel accidente surgiu no ancoradouro da *Aguada* a 12 d'abril do mesmo anno.

Desembarcou alli grande parte do carregamento da China, e não carecendo de concerto algum o galeão (cousa rara!) abarrotaram-lhe o porão com tres mil quintaes de pimenta, e ficou de novo *lestes* a navegar.

Por esses dias chegou a Gôa a noticia de que o conde de Aveiras, João da Silva Tello de Menezes, que voltava segunda vez á India como viso-rei, havia fallecido na viagem; e, achando-se Dom Philippe Mascarenhas a governar aquelle estado desde 30 de dezembro de 1645 e já mui alquebrado pela doença, resolveu abrir a via de successão, que vinha do reino com o novo viso-rei, onde se acharam designados para lhe succeder na governança o arcebispo primaz do Oriente, Dom Francisco dos Martyres, e dous fidalgos que serviam na India, Antonio de Sousa Coutinho e Francisco de Mello e Castro. Então o velho Dom Fi-



lippe não hesitou em fazer entrega do mando aos tres homens designados por el-rei para substituirem a falta do conde de Aveiras; o que teve lugar em Gôa com toda a solemnidade, no dia 1.º de junho, embarcando-se em seguida o ex-viso-rei para bordo da nau ENXOBREGAS.

O nosso antigo conhecido Ruy da Cunha tambem embarcou no mesmo galeão, preso por causa de certos capitulos que levantára contra elle o feitor da capitania de Cananor, e seguia-o sua esposa a fiel companheira de seus prazeres e desditas.

No outro dia, por volta das oito horas da manhã, suspendeu do porto de Gôa a nau d'el-rei ao som da artilheria das fortalezas que saudava o antigo governador na despedida, e da artilheria do navio que agradecia em seu nome os cumprimentos da cidade.

Ao pavoroso som da artilheria
A nautica celeuma se mistura,
Em negro rolo o fumo ao ar subia,
Tapando a luz ao sol brilhante e pura:
Da reconcava, agreste penedia
Se repercut o echo, o mar murmura;
Incha as velas o vento, a chusma exulta,
E fica a terra no horisonte occulta ¹.

O galeão vinha muito carregado e avolumado por causa da ambição dos officiaes de mar e dos pas-

¹ J. A. de Macedo. O ORIENTE, poema.

sageiros, e por não haver n'aquella monção outra nau que trouxesse especiaria para o reino. Tambem inclinava para estibordo pelo mal alastrado da carga, o que tudo o fazia pouco boiante, ronceiro e de mau governo.

Logo á sahida de Gôa começaram a dividir-se as opiniões sobre a derrota a seguir: uns queriam trilhar a carreira velha por fóra de S. Lourenço, outros a nova pelo canal de Moçambique.

Esta ultima é que prevaleceu, porque o visorei vinha muito doente e desejava tocar em todos os portos de escala, para comprar refrescos.

Dando pois resguardo aos baixos de que são muito sujos aquelles mares, veio o galeão ENXOBREGAS avistar *Cabo Delgado*; e correndo ao longo da costa na conveniente distancia lançou ferro na barra de Moçambique.

Depois d'uma demora de alguns dias e tomando os necessarios refrescos, fez-se de novo ao largo a embarcação em demanda do sempre temeroso Cabo das Tormentas.

A lista dos passageiros havia sido augmentada em Moçambique com a formosa Magdalena e o gentil Luiz de Brito, que já tencionavam voltar ao reino aquelle anno e que muito satisfeitos ficaram de ir em companhia de Ruy da Cunha e Dona Leonor.

Escusado é dizer que se travaram intimas relações de amizade entre estas senhoras e Dona Catharina, pois que na estreiteza d'um navio não póde



haver pessoas desconhecidas umas das outras ou indifferentes entre si. A bordo reina sempre ou a amizade ou o odio de individuo para individuo.

Logo veremos que funestos resultados teve aquella intimidade entre as duas familias.

Sigamos por ora a esteira do Cabo acompanhando o galeão por entre o *baixo da Judia*; e, afastando os olhos do interior do navio, contemplemos o céu que se apresenta escuro e pesado, e os horisontes que se rasgam em fusis.

O vento salta com furia de quadrante em quadrante; tomam-se as velas, e um rijo furacão do noroeste traz o galeão em arvore secca a dar vista do *Cabo das Correntes*.

Aproveitando depois um salto de vento ao nordeste, o piloto que não desamparava a *cadeira*, foi-se amarrando com a nau para ir tomar a altura do Cabo da Boa Esperança em grande distancia da costa, visto que os hollandezes se haviam apoderado da *Aguada de Saldanha*, depois que o ENXOBREGAS por alli havia passado na vinda para a India.

Com este vendaval appareceu alguma agua na bomba e pequenas avarias na mastreação; a mais importante foi render o gurupés pelo *papa-mosca*, mas lá a atamancaram como puderam. Na fórma do costume de todas as naus da India, alijou-se ao mar muita carga e o navio ficou mais boieiro e dóce de leme.

Emfim a 16 de julho ao meio dia, achavam-se na latitude das ilhas de Tristão da Cunha, porém



muito a léste; d'ahi soltaram o rumo direito a *Cabo Negro*.

Em quanto se aproxima lentamente o galeão dos socegados mares tropicaes, vamos nós informar o leitor do que se passa n'aquelle recinto tão acanhado para tanta gente, e que tantos peccados albergava!

Ninguém está contente com a sua sorte n'este mundo de enganos e tribulações. O mandamento da lei de Deus que prohibe desejar a mulher do proximo, foi duplamente violado a bordo do galeão com publico escandalo, e quem sabe tambem quantas vezes o foi em particular! Porém o castigo do Senhor severo e prompto, não se fez esperar; cahiu logo sobre a cabeça dos peccadores como uma espada de justiça, applicando-lhes a pena de Talião.

Luiz de Brito, que casára por paixão com Dona Magdalena, começou agora a achar mais graça nos olhos pequenos, mas negros e vivos de Aton, do que no meigo olhar das azuladas pupillas de sua esposa; mais donaire no talhe esbelto porém breve de Catharina, do que na figura alta e magestosa da sua consorte; mais encanto no pésinho acanhado da chinesa, do que no pé comprido e estreito (como o da Venus antiga) da filha de Ruy da Cunha.

Mas em compensação Dom Martinho, que desposára Catharina sem nome de familia, sem dote, sem protectores, captivado unicamente da sua belleza, tambem descobria agora mais formosura no rosto oval de Magdalena do que nas faces proeminentes da



filha de Vieira; mais formosura nos cabellos louros cendrados da esposa de Brito do que nas bastas e negras madeixas da sua propria mulher; mais mimo na alva cutis da portugueza do que no gracioso moreno da oriental.

E sem se aperceber de tal, Magdalena de Brito encontrava um prazer novo para ella na conversação do principe de Arracam, que lhe referia as façanhas cavalleirosas de seus reaes avós, e as proprias no mar e na terra; em quanto seu marido, desde que passára a lua de mel só lhe fallava do resgate do ouro e do marfim, do preço da pimenta e da cannella: contemplava o rosto bronzeado de Dom Martinho com todo o brilho do sol oriental, e mau grado seu achava-o mais varonil e franco do que o do negociante-guerreiro, outr'ora branco de neve, mas hoje amarellecido ou antes esverdeado pelas febres de Moçambique e Sofala: emfim lastimava no intimo do seu coração aquelle principe indiano por haver desposado a filha de uma *tancar* (barqueira), pois sempre ouvira dizer a seus parentes navegadores que era aquella a ultima raça das mulheres chinezas.

Ai! tambem Catharina fazia comparações entre Luiz e Martinho, e não eram ellas nada favoraveis ao seu consorte!

O orgulho do principe humilhava a descendente dos marinheiros tornados negociantes em Macau, ao passo que considerando-se europêa por seu pai, sentia em si uma certa superioridade sobre o indio, em-



bora elle fosse neto de reis. Brito era portuguez de sangue puro; e esta lembrança seduzia Aton, que se sentia attrahida para elle por um iman desconhecido.

Era amor, amor adultero o que sentiam estes quatro entes?

Talvez. Quem o poderá dizer hoje, quando nada resta dos seus cadaveres?

Só Deus o sabe.

Porém cada um dos quatro comprehendeu o que se passava no coração ou, pelo menos, no espirito dos outros tres.

Desde esse dia as mulheres odiaram-se com todo o rancor de duas rivaes, com o torpe rancor de adúlteras! Os homens mediram-se com furor, e sem dizerem de parte a parte uma palavra levaram a mão ao punho das espadas!

Dona Leonor, por sua prudencia, pôde evitar um conflicto vergonhoso entre Catharina e Magdalena. O viso-rei impediu que as espadas sahisses das bainhas e que houvesse a bordo um duello de morte entre Dom Martinho e Brito.

Já então o mez de julho tocava o seu termo, e ao descahir de uma calmosa tarde dos tropicos, bradou da gávea do traquete o sota-gageiro:

— Terra por barlavento da prôa!

Era o focinho do *Cabo Negro* onde jaz o ultimo padrão das descobertas africanas de Diogo Cam.

Todos ficaram contentes a bordo, que vinham lassos da viagem, almejando repousar alguns dias e refazer-se de mantimentos e aguada.

*



Pouco porém durou a alegria, porque o mesmo marinheiro tornou a bradar da gávea, annunciando outra nova bem diversa:

— Duas velas por gilavento!

— Grandes ou pequenos barcos? — perguntou o capitão.

— Grandes e veleiros; parecem-me naus de *ingrezes* ou *framengos*.

— Toca a postos! — gritou o capitão-mór.

— A minha espada! tragam-me a minha espada! — disse o visorrei que mal podia ter-se nas pernas, por effeito da doença.

— As nossas espadas! — acrescentaram os dous cavalleiros rivaes, esquecendo momentaneamente os seus aggravos para se unirem na defeza do pavilhão nacional.

As dez peças (cinco por banda) da tolda, foram logo guarnecidas com soldados e moços; outras tantas que havia na coberta foram confiadas aos passageiros e escravos; e as duas meias-esperas da pôpa (guarda-lemes) ficaram confiadas exclusivamente aos fidalgos. Os pagens conduziam a polvora do paiol para a bateria; e as mulheres, inclusivê as de alta nobreza, encarregaram-se de acudir com agua aos combatentes sequiosos.

Em menos de meia hora tudo estava a postos e lestes; e já se enxergavam distinctamente os cascos dos dous navios e as boccas das suas peças: eram naus de guerra e procuravam o galeão.



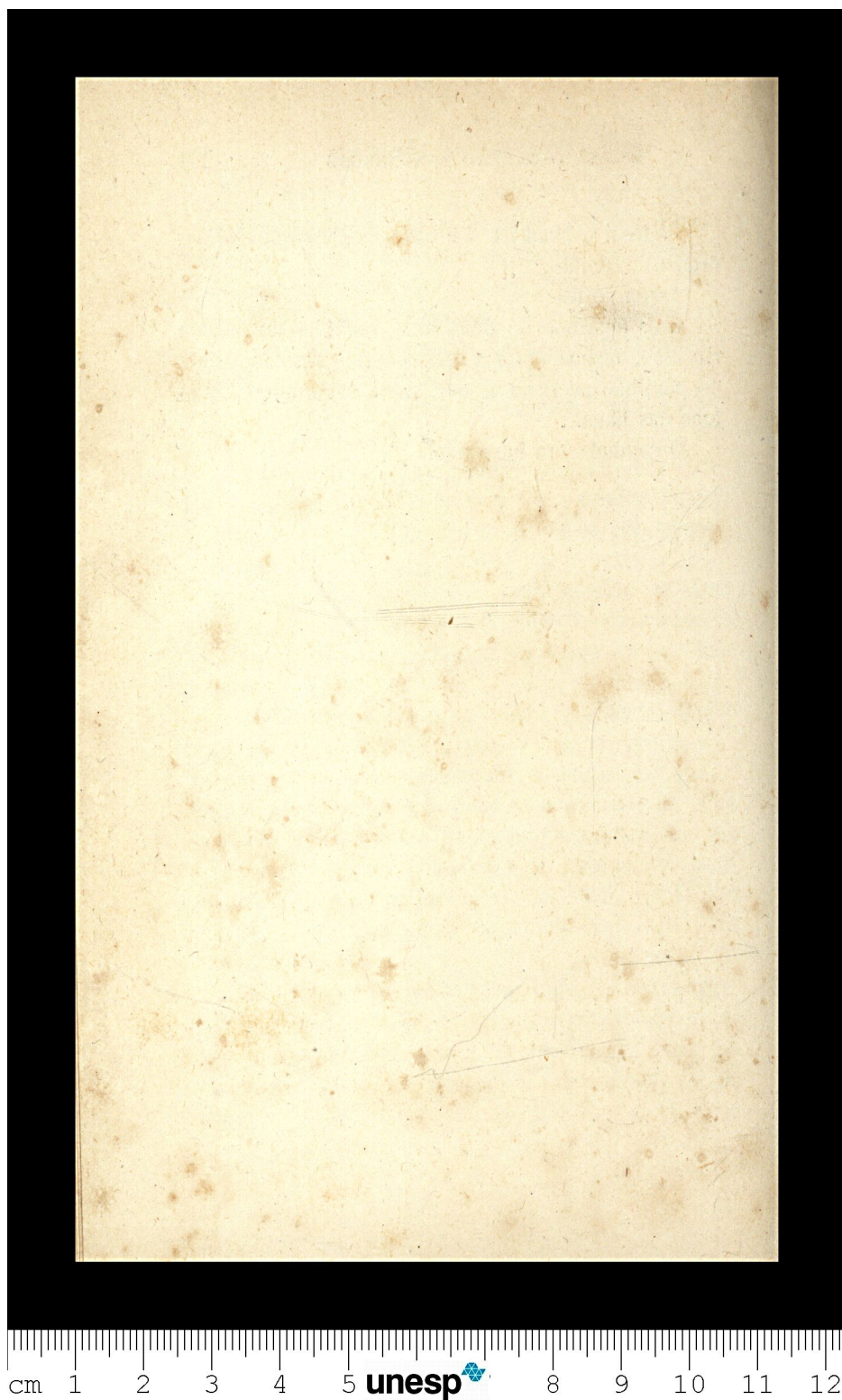
— Icem a bandeira e firmem-na com um tiro! —
bradou o capitão.

Assim se fez.

E os fogachos de dous tiros, seguidos do fumo e
ribombo, responderam a este convite, em companhia
do pavilhão neerlandez, que subia vagarosamente ao
tope das naus.

O combate era inevitavel!





V

GUERRA E PESTE

AS DUAS naus hollandezas, mais solidas, mais veleiras e mais bem artilhadas do que a nossa, chegaram com todo o pano largo á prôa do ENXOBREGAS; e manobrando com acerto, passou uma d'ellas a rastejar com o gurupés do galeão, que também as procurava, e prolongou-se-lhe com o costado de estibordo, em quanto a outra passando por bombordo lhe deu uma banda, e metteu em seguida a *virar*.

O ENXOBREGAS achava-se entre dous fogos, e conhecia a vantagem que lhe levavam os contrarios; mas também contava muito com o valor da sua gente, principalmente se chegassem á abordagem em que a valentia pessoal se podia experimentar nas armas brancas.



O capitão Moraes mandou pois diminuir de pano, o que se executou sem confusão, á voz de Pero Dourado, que estava á cadeira. O galeão ficou só em gáveas, e desembaraçado o convez das escotas e amuras dos papafigos. Em seguida ordenou bandas de fogo por um e outro bordo contra as naus inimigas, mas estas respondiam-lhe com outras bandas, e em seguida furtavam-lhe o costado virando por *d'avante*, com o que aproveitavam toda a sua artilheria, e não recebiam em cheio a metralha dos portuguezes. Ligeiras, com todo o seu velame largo, executavam esta manobra com presteza, em quanto o ENXOBREGAS apenas guinava a um lado e a outro, com pesados movimentos; porém a guarda da sua bandeira estava confiada ao braço e ao estoque do viso-rei; a defeza da varanda e chapitéo da pôpa a cargo do ex-capitão de Cananor; promptos os primeiros a abordar, estavam no castello de prôa, de espadas na mão, Dom Martinho e Luiz de Brito. Os outros fidalgos conservavam-se na tolda, para defeza d'aquelle lugar e serviço dos guarda-lemes. O mestre e o contra-mestre vigiavam os portalós; e os artifices tapavam os rombos que fazia no costado a artilheria inimiga, e acudiam a atalhar qualquer incendio que se ateava em alguns dos muitos combustiveis de bordo.

Vendo, porém, o capitão, depois de meia hora de combate, que o plano dos contrarios era metter-lhe o galeão a pique, sem nunca se chegarem á abordagem, mandou içar de novo as velas que amainára, e ainda metter monetas; porém um tiro certo do ini-



migo cortou as ostagas do traquete, e veio a baixo a verga, que se partiu em dous pedaços, ficando *empachada* a artilheria da prôa com a vela e os respectivos cabos. Estava pois perdida a ultima esperança de dar caça aos holandezes.

A noite, entretanto, tinha fechado de todo, e a cacimba tornava opaca a atmosphera; mas os contendores ainda se viam, e o capitão formando á pressa conselho com os mais prudentes e authorisados officiaes e passageiros do galeão, propôz-lhes deitar direito á costa, para reparar a avaria na *Angra do Negro* ou em Benguela, visto que os batavos se não chegavam á abordagem, e não era possível caçal-os!

Assim se resolveu, e o piloto mandou arribar para o norte.

Não tardou que os holandezes percebessem a manobra; e julgando que os nossos lhe fugiam por medo, fizeram força de vela nas suas aguas, e em pouco tempo estavam na albeta do ENXOBREGAS.

Então trabalharam devéras as *meias-esperas* da pôpa, e com acerto, que um pelouro seu quebrou o gurupés da nau que vinha mais proxima. Deixando esta para ré, a outra nau hollandesa veio prolongar-se com o galeão, tentando, talvez, abordal-o finalmente.

Porém succedeu-lhe um horrivel sinistro! Ateou-se-lhe o fogo a bordo com uma rapidez e intensidade pasmosas, e em breves instantes toda a nau era chammas! O ENXOBREGAS deitou á pôpa arrasada, para fugir do contacto d'este inimigo, agora perigo-



sissimo; e a sua gente sentiu uma temerosa explosão, e observou com espanto fazer-se em pedaços o valente navio contrario, ao som dos gritos de desesperação que soltavam na derradeira agonia os seus tripolantes.

Os maritimos são sempre generosos. Qualquer acreditaria facilmente que o primeiro movimento do galeão ENXOBREGAS seria dirigido sobre a nau holandeza, que com a perda do gurupés, chave da mastreação, perdera os outros mastros, ficando rasa, e por tanto impossibilitada de navegar. Seria uma conquista facil. Mas não se tratou d'isso, em vista da perda da outra nau; pelo contrario, toda a guarnição portugueza, a uma voz, requereu que se lançassem ao mar os bateis, e que se salvassem da agua os inimigos que houvessem escapado do fogo.

Não succedeu assim aos nossos da nau *Chagas*, em 1591, pois que ardendo-lhe a embarcação, quando combatiam com tres vasos inglezes, foram recebidos nas pontas das lanças britannicas, e muitos d'elles assassinados, entre as vagas do oceano!

O esquife e os bateis desceram com effeito ao mar, e os marinheiros á porfia se lançaram a elles para irem salvar os naufragos. Com grande trabalho ainda conseguiram trazer para bordo do galeão uma duzia de infelizes, mas todos elles mutilados, e dos quaes nem um só escapou á morte, proveniente das feridas. Depois dirigiram-se, seguidos do galeão, para a outra nau, arvorando bandeira branca, e sem resistencia se apossaram d'ella, desarvorada, e que já



se ia a pique, com a muita agua que fazia. Cento e doze prisioneiros, entre officiaes, soldados e maruja, entraram a bordo do ENXOBREGAS, e foram ahi mui bem tratados, principalmente os feridos.

A perda dos portuguezes fôra pequena, em relação ao encarniçamento do combate. Dous mortos e onze feridos, tudo marinheiros e escravos. Dos holandezes perdera-se o almirante, e mais de duzentos tripolantes da frota. Quanto ás suas embarcações, se uma se espalhára em pedaços sobre as ondas, como vimos, a outra não tardou em submergir-se nas aguas!

Assim terminou esta renhida peleja; e o galeão seguiu a sua derrota directamente para Angola, pois que, desassombrado de inimigos, tinha occasião de *deitar acima* uma nova verga de traquete, em lugar da que partira.

Seguindo ao longo da costa d'Africa, em distancia de cinco leguas d'ella, avistaram as barreiras escalvadas, onde o mar rebenta com furia ao sul da *Angra do Negro* (hoje chamada bahia de Mossamedes); depois o morro do *Sombreiro*, extremidade meridional da bahia de Benguela, onde começava a prosperar uma colonia portugueza, fundada ahi em 1617, e que se tornou em cidade muito commercial, mas assás doentia; em seguida enxergaram o morro de *Benguela a velha*, que dá idéa do Cabo do Espichel, na nossa costa, após o Cabo *Ledo* (bem pouco ledado que elle é!) E logo a ponta da *Palmeirinha*, e a ilha de *Loanda*, e a cidade de S. Paulo.



Bordejando dobraram a ponta da ilha, e surgiram em frente da feitoria, aonde então se despachavam os negros para o Brazil.

Do outro lado via-se a cidade, adornada de bandeiras e galhardetes, por ser o dia 15 de agosto, terceiro anniversario da restauração de Loanda, do poder dos hollandezes, por Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

A mór parte da tripolação e passageiros, escoltando os captivos hollandezes, desembarcou pouco depois de amarrado o navio, e dirigiu-se ao palacio do governo, d'onde em companhia d'este, do veneravel bispo, conegos e mais ecclesiasticos da sé d'Angola e Congo, com acompanhamento tambem de muito povo curioso, foram render graças a Deus e á Virgem Santa de os trazer até alli a salvamento, e com perda dos inimigos da religião catholica, ante o altar de Nossa Senhora da Assumpção, que se festejava n'esse dia, e que déra sobrenome á cidade.

A noite passou-se em folgaes; mas logo na manhã seguinte se tratou de reparar o galeão, para seguir melhor apparelhado na volta de Lisboa, do que viera até alli, tanto no que dizia respeito á navegação, como ao encontro de inimigos; porém a *carneirada*, que n'esse anno cahiu com immensa força sobre Angola, começou a dizimar a gente da nau, a tal ponto que, uns mortos, outros doentes, tiveram que deixar todo o carregio das obras de bordo aos artifices da cidade e gente das lanchas costeiras. Todavia o fabrico progrediu, Deus sabe como, é verdade! e



por meados de outubro estava a nau aparelhada, alcatroada e pintada.

Parece-nos que o leitor já terá notado, com desprazer, que abandonassemos por tanto tempo os personagens d'esta veracissima chronica por quem, seguramente, mais se interessa. Não é assim?

É, de certo! Mas não os esqueceu o chronista... Elles é que dissimularam, os quatro adulteros, seus peccaminosos desejos, e os criminosos planos, até á chegada a terra.

Logo que desembarcaram em Loanda mostraram todavia que não havia esquecimento de injuria, nem menos odio de parte a parte; porém o velho Mascarenhas fazia vigiar de continuo os dous mancebos, e Dona Leonor não perdia de vista as jovens rivaes. Além d'isto, Magdalena enfermou com o mal da terra, e como o seu estado dava serios cuidados, tiveram ainda de se reprimir por mais algum tempo os dous implacaveis inimigos.

Aton, a chineza nascida sob o tropico e habituada a viver nos climas não menos ardentes da India, era talvez a unica pessoa, das que aportaram a Angola no galeão ENXOBREGAS, isenta do menor ameaço de carneirada; pelo contrario estava nutrida, rosada, muito mais formosa, em quanto a sua rival pallida, abatida, se consumia presa a uma febre lenta mas terrivel.

Luiz de Brito, o ingrato, o infiel, esquecia a esposa que agonisava n'um leito de dôres, para só se lembrar do seu amor e da sua vingança... mas já



menos d'esta do que d'aquelle! Era cavalleiro e brioso, sim; mas a causa da projectada vingança estava prestes a sumir-se, e o alvo do amor cada vez mais bello, mais esplendido de attractivos!

Dom Martinho é que estava mais do que nunca empenhado em arrancar a vida ao fidalgo portuguez, porque a sua paixão por Magdalena esfriára, vendo-a no leito da morte, sem côr, sem falla, sem movimento — sempre era amor de um indio! — e voltava de novo a adorar a ultrajada esposa, que o repellia com desprezo, e amava ternamente o quasi viuvo da sua rival.

A febre do amor e da vingança, junta á febre endemica do paiz, havia prostrado tambem no leito os dous cavalleiros, quando Magdalena deu o ultimo suspiro.

A quem achar prosaica esta morte da filha de Ruy da Cunha, lembraremos que não foi mais poetica a do apaixonado poeta da *Menina e Moça*, que tambem se finou da *carneirada* em S. Jorge da Mina.

Ruy da Cunha e Leonor, desesperados pela morte da sua filha querida, instaram com o governador de Angola para que obrigasse a ficar na terra o que elles chamavam assassino de sua filha; porém aquelle, apesar de amigo velho da familia Cunha, só lhe prometteu cumprir os seus desejos, no caso que Luiz de Brito dêsse algum pretexto para se fazer tal violencia.

O pretexto, e grave, não se fez esperar por parte do recente viuvo. Nas vesperas da partida do galeão,



e achando-se já restabelecido das febres que soffrera, encontrou no *largo do Palacio* o seu rival e a sua amante, que vinham de visitar o governador; e furioso de ciúme, de raiva, acommettido de subito delirio, arremessa-se a Dom Martinho, separa-o da esposa, arranca-lhe a gorra, rasga-lhe o peitilho, e sacode-o pelas pontas de seus compridos bigodes!

Isto foi rapido como o pensamento, e portanto impossivel de prever e de evitar.

O governador, que estava no balcão central do palacio, gritou para a sua guarda que prendesse o aggressor; e antes que Dom Martinho tivesse tempo de desembainhar a espada, estava Luiz de Brito manieta-do e interpunha-se entre ambos uma barreira de corpos humanos.

— Sangue! sangue! — bradava o principe indio, de espada em punho, diante das janellas do palacio.

— Justiça se fará! — respondeu energicamente o governador.

A moda dos duellos já tinha acabado n'esse tempo entre os portuguezes; e nunca mais voltou, a *serio*, até hoje. Deus louvado!

Como se vê estava achado o pretexto e mais, do que pretexto, para reter em Angola a Luiz de Brito. Ruy da Cunha e sua esposa criam haver vingado a morte de uma filha querida; e posto que enfermos, como a maior parte dos seus companheiros de viagem, embarcaram mais satisfeitos do que o fariam a par d'aquelle odiado genro.

Dom Martinho é que não tornou a vê um sorri-



so nos lábios de sua esposa. Cada vez mais fria para com elle, a chinesa, que escapára á carneirada, não evitou o *spleen* (como hoje se diria) e tornou-se quasi uma estatua. Ao principe, injuriado pelo rival e desprezado pela mulher, lembrou-lhe o suicidio, mas esse meio ainda não era então moda tambem! Quem escapou á febre, embarcou por fim no galeão, em dia de Finados, 2 de novembro de 1651, mas quasi toda a gente mais para morrer do que para trabalhar! Quanto a Luiz de Brito, segundo dizia o governador, iria dar um passeio, pouco hygienico, pelas margens do Coanza, e demorar-se em Massangano por algum tempo, onde provavelmente se finaria de doença.

Postas as ancoras em cima, soltas as velas e dando e recebendo o costumado *Boa viagem*, lá se foram os nautas afastando de Loanda no malfadado galeão ENXOBREGAS, que singrava quatro a cinco milhas por hora, aproando ao nornoroeste e noroeste, com vento largo do quadrante sudoeste, e amura a bombordo.

Á vista da ilha da Ascensão lançaram ao mar com todas as solemnidades militares e religiosas o cadaver do velho Dom Filippe Mascarenhas, a quem Deus já destinára que não tornasse a vêr a patria, depois de seis annos d'ausencia! Melhor foi assim, que evitou os trabalhos que ainda estavam reservados para os seus companheiros de viagem.

Até ao Equador tiveram bom tempo e vento na vela; mas ahí começaram-lhe as calmas, depois as trovoadas; e quando principiavam a convalescer das



febres d'Angola, entrou com elles o escorbuto, fructo da ruindade do mantimento, e da má agua que apodrecia nos toneis, a ponto de fazer algumas victimas e deixar muitos estropeados.

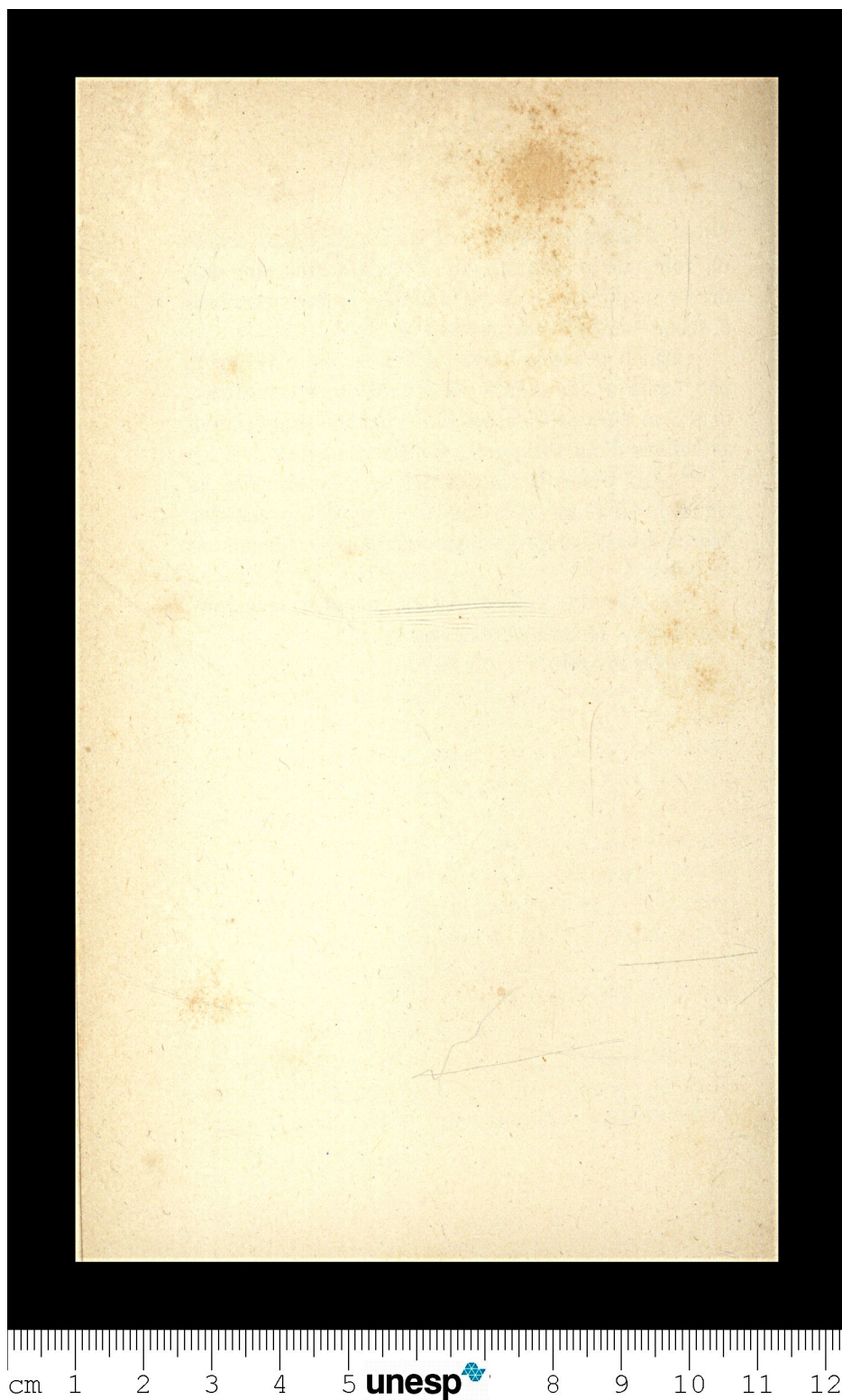
Quando chegaram pela altura de Cabo Verde, já não havia a bordo mais do que cento e dez almas, mas nem cincoenta corpos em estado de supportarem as fadigas d'um temporal ou d'um combate!

N'estas tristes circumstancias se aventuravam, no rigor do inverno, a demandar o procelloso mar dos Açores, quasi sempre salteado de naus de herejes ou de infieis!

Que valentias se praticam cá em terra, comparaveis a estas temeridades navaes?

Vereis o resto.





VI

CATASTROPHE !

PMAR dos Açores não affrontou o galeão, nem os piratas do Norte o insultaram n'aquellas paragens, pouco seguras então.

Já as ilhas ficavam pela pôpa depois de dez singraduras, e os pilotos se faziam com a costa de Portugal, quando ao anoitecer do dia 13 de janeiro de 1652, a gente do ENXOBREGAS viu com assombro e terror um corpo luminoso, cuja extremidade inferior se agitava no espaço como se fosse balouçada pelo vento.

— Senhor Jesus, misericórdia ! — bradaram os marinheiros, cahindo de joelhos no convés.

— Misericórdia, que se acaba o mundo !

O padre Jeronymo da Conceição dispunha-se a dar absolvição geral áquelles peccadores, quando Pero



Dourado acudiu, rindo, a socegar os espiritos da marinhagem.

O velho piloto era sabedor da sua arte, e não supersticioso.

— Amigos — disse elle com voz segura — aquillo é um cometa; não faz damno aos homens do mar. Anda longe, e não se mette connosco.

Pantaleão Vaz, ainda moço, posto que já bom contra-mestre, tambem não cria em contos de bruxas, e achegando-se dos timoratos com uma boa *rôta*, ás chibatadas lhes acabou de sacudir o medo, que as palavras do piloto tinham começado a dissipar.

Havelius notou n'este cometa, e depois no de 1661, fortes ondulações na cauda, como antes e depois outros astrônomos affirmaram ter observado em diferentes cometas.

A noite passou sem novidade, e ao primeiro alvor da manhã uma tarja negra que se enxergou no horisonte, pela prôa, veio alegrar os nautas, patenteando-lhes a terra da patria.

Como é dôce, ao cabo de trinta e dous mezes de ausencia, tendo arrostado com toda a sorte de perigos e trabalhos, avistar o paiz natal!

E que dôr, quando um contratempo protrahe ou aniquila a suave esperança de pisar esse sólo querido, e abraçar os parentes e os amigos!

Que alegria reinava n'esse momento a bordo do galeão! Quem diria que em poucas horas se ia transformar em profunda tristeza!

Uma vela, duas, quatro, oito, doze, vinte appa-



receram successivamente pela prôa do galeão, sahindo detraz do Cabo da Roca! E o ENXOBREGAS estava tão perto d'esse Cabo que, a serem inimigos, não era possível fugir-lhes.

E eram inimigos e crueis! As meias luas de prata destacavam no fundo vermelho das bandeiras que aquelles navios arvoravam.

Naus de turcos, inimigos da cruz de Christo que hasteava o galeão portuguez, cercavam aquella pobre gente, morta de cansaço, extenuada pelas privações.

— Oh! o cometa! — exclamaram então os supersticiosos marinheiros — vejam se elle não annunciava desgracia!

E o seu primeiro desejo foi lançarem ao mar o piloto e o contra-mestre, que não criam em preságios.

Porém o inimigo aproximava-se ao alcance da artilheria, mais em tom de festa do que de guerra, ao que parecia, pois vinham embandeiradas todas as naus, e na capitania ou almiranta se tangiam ruidosamente varios instrumentos musicos.

A peleja era inevitavel, e o seu resultado pouco duvidoso.

Vinte contra um e aquelles robustos, e este enfraquecido, taes eram as proporções da lucta que se apresentava.

Alli, tão perto, a patria, a salvação: aqui, quasi certa, a morte ou o captiveiro!

Bastião de Moraes, *o dos olhos*, o de forte coração, dirigiu-se á sua gente n'estas concisas palavras:



— Quem prefere a deshonra a uma morte gloriosa, arrie o batel e vá entregar-se áquelles perros descridos. O resto ponha lestes a artilheria, as lanças ao alcance do braço e fogo e ferro sobre os infieis.

— Viva o nosso capitão-mór! — bradou unisona toda a tripolação.

— Viva Portugal, e morramos todos com honra pelo serviço de Deus e d'el-rei!

— Eis-aqui quem ha-de ajudar-nos — acrescentou o capellão alçando no ar um crucifixo.

— Elle morreu por nós; dêmos pois a vida pela sua santa religião!

— A elles, que a capitania inimiga já está pelo nosso través!

— Fogo!

E o galeão ENXOBREGAS, aquebrado, fazendo agua, com uma guarnição diminuta, foi o primeiro a travar tão desigual batalha!

É que os seus tripolantes e passageiros sacudiram de si n'esse momento solemne e decisivo a doença, a debilidade, o temor da morte, e tornaram-se gigantes. As proprias mulheres, esquecendo a fraqueza do seu sexo, armaram-se para o combate. Em poucos momentos tudo estava a postos, e um bem sustentado fogo vomitava sobre o inimigo uma chuva de pelouros.

Gil Corrêa, o despenseiro imprevidente, que vinha em ferros no porão para ser sentenciado em Lisboa, quebrou as algemas e apparecendo na tolda, de espada em punho, pediu ao capitão-mór, pelas chagas de



Christo e por sua Mãi Maria Santissima, que o deixasse morrer pelejando contra os inimigos da fé, ao lado dos seus camaradas. Todos louvaram o nobre proceder do despenseiro, e a licença foi concedida sem delonga.

Dona Catharina, empunhando tambem um montante, e chispando fogo dos negros e brilhantes olhos, parecia o anjo do exterminio alçado sobre o chapitéo do galeão. Alguns passos distante d'ella, o principe Dom Martinho dirigia o fogo das *esperas* da tolda e mostrava amplo prazer, contemplando o quadro de destruição que se desenrolava ante seus olhos. Ruy da Cunha estava á bandeira, e Dona Leonor acompanhava-o, não com lagrimas que enfraquecessem o animo do esforçado cavalleiro, mas com palavras de consolação e esperança, e brandindo igualmente uma espada.

O capitão corria o navio de pópa a prôa, d'um bordo a outro, visitando ora o convés, ora a coberta e determinando fogo continuo em ambas as baterias, a bombordo e a estibordo ao mesmo tempo, porque as galés e as naus dos turcos estreitavam o galeão em um circulo infernal.

Todos faziam o seu dever; mais do que o seu dever, prodigios de heroicidade! Velhos, moços, livres, escravos, crianças, mulheres rivalisavam em coragem! Porém o combate não podia ser de longa dura, pela differença numerica dos contendores e das boccas de fogo.

Uma das maiores naus inimigas lançou os arpéos da abordagem ao galeão, e a gente do ENXOBREGAS



deixando de responder ao fogo dos outros vasos contrarios, correu toda á borda a que se encostára o turco; e em quanto os mahometanos, de alfange na mão, saltavam ás enxarcias e ao convés da nau portugueza, os nossos abriam com a espada e com a lança, caminho para a embarcação inimiga, pelas portinholas da sua artilheria; e davam um combate na cobertura inferior d'aquelle alteroso navio, ao mesmo tempo que não menos cruenta batalha se pelejava na tolda do ENXOBREGAS.

— Rende-te !

Era o grito furioso que se escutava n'aquelles recintos, ora proferidos em arabe, ora em portuguez.

Aquelles encarniçados inimigos não poupavam mutuamente nenhum meio de se hostilisarem, por mais horrivel que fosse. Os turcos buscavam incendiar o galeão, que não suppunham facil de apresar, em vista da tenaz resistencia que lhe oppunham os nossos; e os portuguezes, contando com a morte certa, faziam iguaes diligencias com relação á nau dos infleis, pois queriam, á semelhança de Samsão, envolver na propria ruina a destruição dos contrarios.

Mouros e christãos realisaram os seus desejos. O fogo appareceu simultaneamente nas duas naus, rompendo pelas escotilhas em espadanas de fogo, lambendo os mastros, e enredando-se nos óvens da enxarcia.

Nem a presença de tão horrivel quadro fez abrandar o combate. Em quanto alguns turcos acudiam a apagar o incendio da sua embarcação, diligenciando



separar-se da nossa, os portuguezes, sem lhe importar com a propria ruína, perseguiram os inimigos em retirada, e obstavam á desunião dos dous vasos. Entretanto a capitania, atravessada a pouca distancia da pôpa do ENXOBREGAS, começava a metter-lhe balas de coxia, que varriam o convés e a coberta.

Um pelouro de trabuco varou o peito de Ruy da Cunha, que vibrava a espada com a mão direita e segurava com a esquerda a driça da bandeira nacional. Baqueando sobre a varanda, e sentindo-se morrer, abraçou a querida esposa, e só teve força para lhe dizer estas palavras :

— Não te deixes aprisionar pelos infieis.

E acabou !

Dona Leonor, vendo o navio em chammas, abraçou-se com o cadaver do marido, e lançando-se com elle no mar, foi acompanhar no fundo das aguas e por toda a eternidade, aquelle de quem nunca se separára em vida.

Já não restava a menor esperança de salvação, nem para os nossos, nem para aquelles que tiveram a imprudencia de se aproximar tanto de homens desesperados. Banhado em sangue, no seu posto, jazia o velho piloto ; e o padre Jeronymo depois de o ouvir de confissão, absolveu-o em nome de Deus, correndo em seguida a prestar as ultimas consolações a mestre Fernandes, que acabava de cahir tambem, mortalmente ferido.

D'ahi vendo abaterem-se os mastros de que o fogo se apossára e conhecendo bem que era chegada



a ultima hora para todos aquelles peccadores, o padre subiu á borda, lançou a absolvição sobre todos os seus companheiros de viagem, e com a nobre abnegação de um martyr do christianismo, passou á nau contraria a metter-se no meio da refrega, com a cabeça inclinada sobre o peito, e abraçado á cruz do Redemptor, achando alli poucos instantes depois a morte que buscava da mão dos infieis.

O capellão não chegou a vêr o ultimo acto d'este sanguinolento drama. Sem esperanças de parte a parte, os contendores pelejavam não já como homens, nem como leões, mas como demonios !

Bastião de Moraes, mal ferido, ensanguentado, defendia-se só, e com a espada quebrada, contra vinte alfanges que lhe vibravam não interrompidos golpes. Dom Martinho cobria com o seu o corpo de Catharina, disputando aos sabres mauritanos o resto de vida que ainda animava aquella heroína, horivelmente mutilada no combate. Era um quadro medonho !

As naus turcas não vinham em auxilio d'aquella que aferrára o galeão, porque temiam o contacto do incendio que lavrava a olhos vistos, e receavam mais ainda alguma explosão dos paioes da polvora. Tinham-se amarrado algum tanto, porque o vento e a corrente arrastavam para a enseada de Cascaes os dous vasos incendiados. O povo acudia á praia, armado de chuços, velhos mosquetes e espadas, para soccorrer, sendo possivel, os seus compatriotas do galeão, que luctavam com coragem heroica nos ultimos transe da vida ; porém nenhum auxilio lhes pu-



deram prestar, porque, antes de chegarem á terra as duas naus, que successivamente se iam afundando, mergulharam de todo, e foram a pique.

Ainda entre as vagas, nadando com o braço esquerdo, e esgrimindo a espada com a mão direita, alguns dos contendores pelejavam um combate sem igual nos fastos da guerra; e um só d'estes desgraçados, cortado de mil golpes, rolava para a praia, seguro a um madeiro.

Os esquifes turcos que se aproximaram do lugar d'aquella estranha batalha, já não recolheram senão cadáveres.

Pouco depois a armada do sultão fez-se ao largo, em busca de mais facil presa.

O homem arrojado á praia era um portuguez, o *cheira-dinheiro*, unico que escapou do galeão ENXOBREGAS. Foi elle que contou os pormenores da viagem e successos do mesmo galeão a um frade da terceira Ordem de S. Francisco, o qual deixou escripta, mas não impressa, uma relação dos referidos acontecimentos, que por acaso nos veio á mão, vasculhando nas ruínas d'um convento da Ordem, e que fielmente transportamos para este livro.

FIM





INDICE

A NAU DE VIAGEM

	<i>Pag.</i>
I — O larga-véla.....	7
II — Uma apparição.....	17
III — Distribuição de papeis para a representa- ção d'uma comedia.....	25
IV — Á prôa.....	33
V — Scenas dramaticas e comicas.....	41
VI — Peripecias de melodrama.....	51
VII — Tragedia.....	61
VIII — Historia do pagem-femea.....	69
IX — Uma ponta de cigarro.....	75
X — Commentarios.....	83
XI — Militão e Gabriella.....	89
XII — Um quarto das oito á meia noite.....	99
XIII — Ainda o quarto das oito á meia noite....	107
XIV — Certezas, suspeitas e odios.....	119
XV — Assassinato militar.....	127
XVI — Um homem e uma mulher — Homens e mulheres.....	135
XVII — Esclarecimentos.....	143
XVIII — Memorias d'um guarda-marinha.....	151



	<i>Pag.</i>
XIX — O barco vai n'agua — andar assim!.....	159
XX — O n.º 217 da 8.ª.....	167
XXI — Terra pela prôa!.....	175
XXII — De Moçambique para Gôa.....	181
XXIII — Quadros de familia.....	183
XXIV — O marido de duas mulheres.....	193
XXV — De Gôa para Moçambique.....	201
XXVI — Desenganos.....	207

O GALEÃO ENXOBREGAS

	<i>Pag.</i>
I — Tormenta e revolta.....	217
II — Novos personagens.....	227
III — Fome e sede.....	237
IV — Torna-viagem.....	251
V — Guerra e peste.....	263
VI — Catastrophe!.....	275

A CIVILISAÇÃO CATHOLICA

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDIGIDA PELO DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS

Lente cathedratico da faculdade de theologia
na Universidade de Coimbra

Segundo anno de publicação

Ao passo que a imprensa impia prospéra e se desenvolve com a criminosa cooperação dos catholicos, a imprensa religiosa definha de dia a dia por falta de meios.

Com muito sacrificio se sustentou a *Civilização Catholica* durante o curto periodo de sua existencia, e terá de suspender a sua publicação se os catholicos portuguezes a não auxiliarem. Pedimos pois aos bons catholicos, não em nome de interesses mesquinhos, mas em nome dos interesses da religião e da patria gravemente compromettidos pelas doutrinas da imprensa impia, que nos auxiliem n'esta empresa eminentemente social, a fim de que a *Civilização Catholica* não se veja na dura necessidade de suspender a sua publicação.

Este jornal é de immensa vantagem especialmente para o clero. Responde a consultas sobre pon-

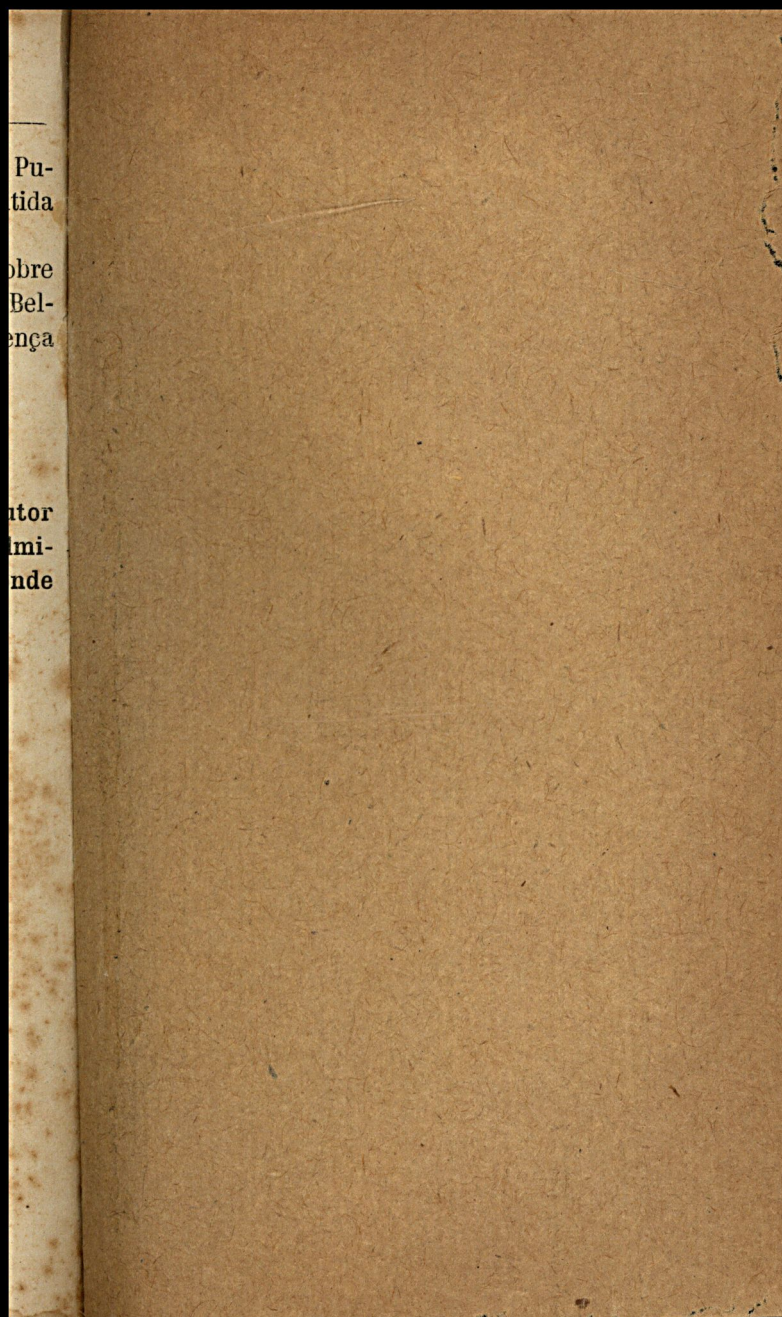


tos dogmaticos, moraes, liturgicos e canonicos. Publica-se uma vez cada mez, em bom papel e nitida impressão, de 32 paginas em 4.º grande.

Temos a satisfação de dizer que a nossa pobre revista tem sido muito bem recebida na França, Belgica, Italia e Hespanha. Será olhada com indiferença em Portugal? Não o esperamos.

Os negocios de redacção pertencem ao doutor Luiz Maria da Silva Ramos, Coimbra; os de administração a Ernesto Chardron, editor, Porto, aonde se recebem assignaturas.





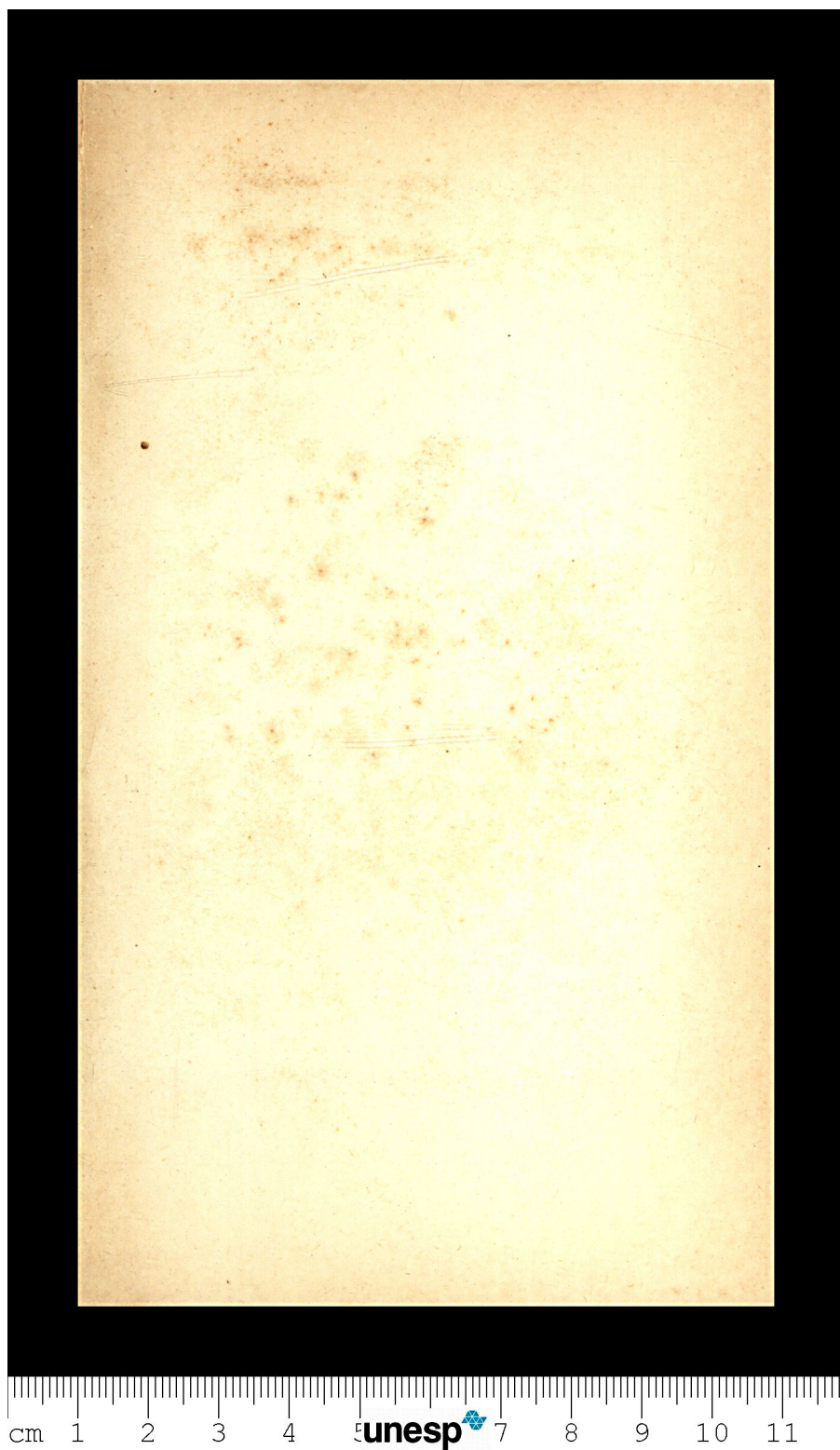
Pu-
tida

obre
Bel-
ença

tor
mi-
nde







5-1-74

[illegible]

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

CTA-4-5-8

Tomos 2.002 - v.1.

Autor Bordallo, Francisco M.

Título Romances Marítimos.

Classificação 869.3

N.º do Leitor B727r

Data

TOMBO: 2.002 - v.1

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não fôr devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000

